ATRAVÉS DO DESCONHECIDO

STEWART EDWARD WHITE

TRADUÇÃO: AMADEU ANTÓNIO

ATRAVÉS DO DESCONHECIDO

Stewart Edward White e Harwood White

2005

"É essencial permanecer frequentemente na fronteira

das próprias limitações, olhando ansiosamente para o desconhecido."

NOTA DO AUTOR

O presente volume, tal como o seu antecessor *O Livro de Betty*, é fruto de uma colaboração na qual tantas pessoas estiveram envolvidas que se torna difícil apontar um autor para a sua página de rosto. Houve, claro está, aqueles que nos transmitiram o material em que este se baseia — os Invisíveis; anónimos e provavelmente numerosos. Houve a Betty, que o transmitiu. Houve eu, que o anotei, dactilografei e arquivei em livros de folhas soltas. E houve, finalmente, o meu irmão Harwood, que se juntou a nós para selecionar, organizar, digerir e apresentar tudo numa forma aceitável e valiosa para outros fora do nosso pequeno grupo. Nenhuma tarefa insignificante, esta última, pois pela altura em que lhe deitámos a mão, tínhamos mais de duas mil páginas em espaço simples das quais extrair cerca de trezentas páginas de texto em espaço duplo. É pela forma, portanto, que nós, na página de rosto, assumimos a responsabilidade.

Para fins de clareza, deve mencionar-se que, sempre que o pronome da primeira pessoa surge na narrativa, este se refere a mim próprio. A razão para tal é que pareceu sensato, a todos nós, ilustrar ocasionalmente através de uma experiência individual real.

STEWART EDWARD WHITE

ÍNDICE

PARTE I – EXPLORAÇÃO
Cap. 1. O EQUIPAMENTO
Cap. 2. TERRENO FAMILIAR

Cap. 3. ZONA FRONTEIRIÇA
Cap. 4. MÉTODOS DE PIONEIRO
Cap. 5. O PONTO DE PARTIDA
Cap. 6. PONTOS DE REFERÊNCIA
Cap. 7. O INTERIOR DO PAÍS
Cap. 8. A CONFIGURAÇÃO DO TERRENO
Cap. 9. TRANSPORTE
Cap. 10. A GRANDE AVENTURA
PARTE II – DESENVOLVIMENTO
Cap. 1. CORDILHEIRAS DISTANTES
Cap. 2. O MAU DA FITA
Cap. 3. ACAMPAMENTO PERMANENTE
Cap. 4. TRILHO MARCADO
Cap. 5. PASTAGEM
Cap. 6. EXCURSÕES
Cap. 7. A PROPRIEDADE
Cap. 8. ETAPAS FÁCEIS
PARTE III – UTILIZAÇÃO
Cap. 1. PRODUÇÃO
Cap. 2. RECURSOS NATURAIS
Cap. 3. DISTRIBUIÇÃO
Cap. 4. FABRICO
Cap. 5. SUPERVISÃO
Cap. 6. TÉCNICA
Cap. 7. NOVO TERRITÓRIO
Cap. 8. O PAÍS ALÉM
Cap. 9. EU DOU TESTEMUNHO

Os atos dos vossos dias após dias fazem de vós uma criatura com uma determinada forma. Depois, no ritmo da vida, as influências demasiado grandes para controlo desferem um golpe nítido, ou um toque, ou uma influência, ou uma vibração de algum tipo, que supera o vosso próprio plano ou sentido de direção. E este mesmo toque organiza os vossos relacionamentos de forma inteiramente automática. De repente, encaixais no lugar onde a criatura que moldastes entrará com uma precisão matemática. É como se uma profusão de coisas dispersas andasse a dançar de um lado para o outro; e PUM! ficassem todas integradas num padrão.

Chamais-lhe fado, ou sorte, ou destino, mas todo o tempo não passa da preparação dos vossos dias após dias, da vossa própria e deliberada obra. É como se fôssemos todos passados por crivos graduados que subitamente nos revelam os nossos tamanhos a nós próprios; onde habitualmente estamos todos tão misturados que não nos conseguiríamos medir. Nenhuma quantidade de sacudidelas vos conseguiria fazer cair num lugar onde não encaixásseis, para o qual não vos tivésseis moldado. Apenas quando sois demasiado inertes para vos moldardes a vós próprios ficais à mercê do Criador do Padrão.

ALÉM DO DESCONHECIDO

PARTE I – EXPLORAÇÃO

A luta de cada geração é a interpretação da quota de sabedoria sussurrada para o vernáculo corrente. Vós estais na viragem de uma grande maré. Quem haverá para oferecer orientação na técnica da vida testada pelo tempo e, contudo, apontar adiante para as regiões que estamos indigitados a explorar? Nós responsabilizamos a vossa geração pela sua falha em estabelecer a fé nas leis provadas da vida. Não quereis dar-lhe voz neste vosso livro? Deixai ecoar uma convicção honesta; e tocai uma nova nota de responsabilidade.

Que terrível região de palavras a que cheguei! Não gosto delas; não passam de conchas de amêijoa vazias que representam coisas que não estão lá!

Estou grandemente prejudicada por ver o assunto. Ver o assunto torna-o demasiado grande para as palavras, e elas tropeçam.

CAPÍTULO I

O Equipamento

Estamos aqui a recomendar-vos um país além. Pensamos que considerareis a sua exploração compensadora. Mas não seremos capazes de ir convosco. Devemos meramente falar-vos dele; e assim, talvez, ajudar-vos a encontrar o vosso próprio caminho.

Este país não é algo inteiramente novo que tenhamos sido os primeiros a descobrir. Outros passaram por este caminho antes de nós. Mas têm sido demasiado poucos. A topografia não é ainda bem compreendida, nem a viagem por lá é segura. Não existem trilhos seguros e bem feitos — apenas passagens através das quais os predecessores aqui e ali ergueram marcos. E estas rotas destinam-se apenas a quem tem o passo firme, pois são escorregadias e perigosas. A sua exploração não é uma excursão turística, mas uma aventura.

Isto é um facto. Mas penso que muitas vezes nos dizem isso da forma errada. Na maioria das vezes, somos avisados para nos afastarmos. "Ficai de fora", é o grito, "pois esta é uma terra de papões!". Alguns dos avisos, especialmente em simbolismo, são aterrorizadores. E, a meu ver, de certo modo enganadores. Entidades astrais, dugpas, íncubos e súcubos, diabolismos obsessivos, magias negras de todos os géneros — se escutarmos o Oriente; estranheza, excentricidade, isolamento, ilusão, dupla personalidade, todas as aberrações mentais até à loucura real — se escutarmos o Ocidente: estes são os perigos que devemos assumir se ousarmos aventurar-nos. Parai e considerai, dizem-nos eles solenemente; não precisais de vos aventurar, mas se o fizerdes, preparai a vossa mente para enfrentar estes inimigos e perigos.

Os perigos são suficientemente reais, creio eu, independentemente dos termos em que sejam expressos. Mas não deveriam ser aterrorizadores e, com certeza, não dissuasores.

Alguma vez leu um livro de pilotagem da Costa Noroeste do Pacífico? Foi escrito por um pessimista. A sua frase favorita é "não deve ser tentado sem conhecimento local". Espalhados pelas suas páginas encontram-se tesouros de descrição que falam das massas de gelo "a triturarem-se mutuamente em remoinhos de maré de grande velocidade". Uma leitura de inverno à lareira poderia facilmente convencer um

homem sugestionável de que apenas um milagre o poderia livrar do desastre. E o autor diz a verdade. Estes perigos de recifes submersos e correntes traiçoeiras, remoinhos de maré irresistíveis, gelo em confronto, estão todos lá. Mas para um homem com uma previdência e senso comum comuns representam uma ameaça ligeira — desde que os enfrente bem informado e bem preparado.

Exatamente assim, concebo eu, estes grandes e muito reais perigos para os irresponsáveis, neste país além, não são do género no meio do qual se deva caminhar com pavor — desde que se esteja convenientemente equipado para a jornada. Terá sido Stefansson quem definiu a "aventura" habitual como meramente uma falta de preparação? É isso que estou a tentar sublinhar aqui: a importância de uma pequena preparação cuidadosa.

Antes de prosseguirmos, devemos antes de mais concordar na questão das palavras. Infelizmente, algumas das palavras que temos de usar estão bastante gastas pelo uso descuidado. Desfizeram-se em numerosos farrapos de conotação. Foram estendidas ao limite para cobrir demasiados aspetos, cada um dos quais deveria na verdade ter uma palavra própria. Se pudéssemos encontrar, ou criar, palavras novas, avançaríamos muito melhor. Mas não há nenhuma; e os resultados do nosso fabrico são tanto desajeitados como frios. Portanto, devemos fazer o nosso melhor a renovar, definir, limitar.

Primeiro, devemos recauchutar o termo "psíquico". Essa tornou-se uma palavra muito escorregadia; mas é a única que temos.

Pois esta aventura noutra região de consciência é psíquica; e utiliza faculdades psíquicas. Apenas, infelizmente, o termo cobre demasiadas coisas. Com algumas delas não temos qualquer preocupação. Algumas delas utilizamo-las como um meio para o fim que perseguimos. Todas elas são mais ou menos território disputado.

Em termos amplos, elas apresentam dois aspetos. Numa classificação geral podemos aglomerar essa grande massa de fenómenos surpreendentes e debatidos: o ectoplasma e todas as suas variadas manifestações, a clarividência, a telepatia, a voz direta, o aporte, o espiritismo, la clariaudiência, a levitação e coisas do género. Pela maioria de nós estes foram sempre encarados com suspeita ou frontal

descrença. Não obstante, acumulou-se tal peso de provas que já não podem ser descartados por um mero aceno desdenhoso da mão cética.

No segundo aspeto incluímos uma série de coisas de tolerância talvez mais geral. Contudo, o homem médio continua a agrupá-las como sendo pelo menos estranhas ou impraticáveis: a concentração, a meditação, a oração, a comunhão, os exercícios de Ioga, a consciência cósmica — até a intuição, a inspiração e o génio. Os nomes associados a muitas destas são infelizes na conotação. "Religião" é um deles. Para muitos, de alguma forma, passou a fazer descer a cortina de ferro. Por sorte podemos esquivar-nos a esse ponto difícil: a nossa abordagem segue uma rota diferente. "Ocultismo" é outro; mas isso também não nos deve alarmar. Oculto significa meramente escondido — a coisa além do que sabemos. E esse é em si o campo da nossa projetada exploração.

Correspondendo a traços largos a estes dois aspetos do psiquismo existem duas classes gerais de "escolas". Numa encontramos literalmente dezenas de sistemas cujo propósito é declaradamente o desenvolvimento de "poderes psíquicos". Isso significa meramente um grau de controlo mecânico sobre certas faculdades latentes em todos nós, mas ainda pouco compreendidas. Nestas escolas particulares os "poderes" são o objetivo principal: — a comunhão com os mortos, as visões do futuro, a obtenção de benefícios materiais e coisas semelhantes.

Existem também dezenas de sistemas de um segundo tipo, alguns deles assemelhando-se superficialmente ao primeiro, mas diferindo num aspeto importante: o seu objetivo declarado é o desenvolvimento do indivíduo como um todo até ao ponto em que possa entrar naquilo que equivale a outra região de consciência. Pouco importa como se chama a esta região — o Universal, consciência cósmica, Samadhi, Deus — ou como é abordada. O objetivo não são vários "poderes" separados pelo seu próprio valor, mas um único estado de espírito.

A maioria deste último grupo vai mesmo um passo mais além e condena qualquer intromissão com o "psiquismo" como perigosa. Num passado não muito distante esta atitude era provavelmente justificada. Hoje em dia é extrema. Certamente que até os mais rudimentares fenómenos psíquicos são, pelo menos, materiais legítimos para um

estudo científico objetivo. Nesse caso, como é óbvio, não se lhes deveria permitir mais conteúdo espiritual do que aos raios cósmicos, ou às nebulosas em expansão, ou aos vírus filtráveis. A tarefa do cientista é meramente estabelecer a sua veracidade, compreender a sua natureza, construir uma hipótese da sua ação.

Em relação a este aspeto do "psiquismo", deve reconhecer-se, qualquer outra atitude é propensa a ser perigosa. Muitas vezes se provou assim. O curioso obtém resultados. Muitos deles são desconcertantes. Muitos desviam quem procura para atalhos à margem da vida, que conduzem às excentricidades de teorias e cultos impraticáveis, por vezes insanos. E mesmo as melhores intenções do mundo parecem não ser salvaguarda nenhuma. Tão verdadeiro é isto que, num isolamento misericordioso, o humano médio está protegido por uma repulsa instintiva em relação a todo o assunto.

Não obstante, é perfeitamente possível partir confortavelmente e com sucesso com o que são na realidade atividades "psíquicas". Isto também foi provado. Para alguns, inclusivamente, este pode ser o único método eficaz. E o facto mantém-se, qualquer que seja a rota que elejamos para a nossa abordagem ao país alto, mais cedo ou mais tarde damo-nos conta de que estamos a utilizar algum tipo de "psiquismo". Chegamos a uma altitude onde os nossos sentidos habituais de trabalho não são adequados. Elevámo-nos das solidezes familiares do vale para um novo tipo de país. Estamos a lidar com intangíveis e, para lidar com intangíveis, somos forçados a trabalhar com faculdades psíquicas. Isto é verdade em todos os casos. É verdade mesmo no caso daquelas filosofias e daqueles indivíduos que estão convencidos de que o "psiquismo" é perigoso e dissuasor e deve ser evitado. Os seus avisos são bem fundamentados. Mas estão a falar de outra coisa. Ao início podem evitar a abordagem direta através de métodos declaradamente "psíquicos"; mas, à medida que ganhamos altitude e nos aproximamos do desfiladeiro, os trilhos juntam-se.

Num volume anterior — *O Livro de Betty* — falei dos primeiros passos da Betty neste país além. Nas páginas seguintes surgirão *algumas* das suas explorações posteriores, juntamente com os meus próprios primeiros passos ao longo do trilho. Até ao momento fomos suficientemente afortunados para evitar perigos graves ou aflições. E na

jornada entrámos na posse de uma bússola — uma que sentimos poder ser da confiança de outros que sigam este trilho.

A diferença básica entre a segurança e o perigo, entre a ansiedade e o conforto, entre a certeza e a perplexidade é muito simples. É o objetivo. Há outros fatores ao longo do caminho que devemos antecipar e contra os quais nos devemos precaver, como surgirá mais tarde. Mas não o podemos fazer a menos que, antes de mais, saibamos o que perseguimos e para onde queremos ir. E devemos recusar ser desviados. Devemos manter o objetivo único.

A natureza primária deste objetivo, também, é muito simples: estamos rumo ao país alto da consciência. Se existem coisas como "poderes psíquicos" e se cedo entramos na sua posse, deve ser para utilização na nossa jornada e para mais nada. Se deliberadamente empreendemos certas práticas iniciais que conduzem a qualquer chamado "estado psíquico", será apenas como uma ajuda à nossa intenção maior e para nenhum outro propósito, não importa quantas outras utilizações possíveis para eles pareçam oferecer-se.

À medida que penetramos no país além, muitos destes poderes e condições chegarão até nós de forma natural e segura como um subproduto do nosso progresso. Outros cairão com a mesma naturalidade em desuso, por serem rudimentares e já não serem necessários ou eficazes. Mas, entretanto, devemos estar vigilantes tanto para não nos esforçarmos pela sua aquisição, como para não abusarmos do privilégio da sua posse. Pois é quando fazemos deles fins em si mesmos, e os colecionamos ou desenvolvemos pelo valor do seu poder, que eles se tornam perigosos. São cajados para as nossas mãos, não proezas para a nossa gratificação.

Os mesmos começos simples são comuns a qualquer dos objetivos. O trilho bifurca-se. Há um caminho da esquerda e um da direita. Que os expedientes que usamos ao início possam conduzir tanto para o trilho errado como para o trilho certo está fora de questão. O mesmo pode acontecer com qualquer outro expediente, incluindo a forma mais direta de comunhão possível para o místico. Temos a nossa escolha. E uma boa bússola; que é o nosso Objetivo.

Agora debrucemo-nos sobre a vossa atitude em relação às coisas que não conseguis compreender. Qual é a vossa primeira reação? Troçar delas. Isso está muito bem: ninguém quer que não vos divirtais. Mas seria uma ideia melhor se pudésseis fazer dessa a vossa segunda, ou a vossa terceira, ou a vossa quarta reação, em vez da vossa primeira; desde que a vossa primeira fosse que quereis compreendê-la. Isso seria de grande ajuda.

Mais uma coisa: cada dia fortalecei o vosso DESEJO de compreensão; cada dia tornai fértil a vossa compreensão por momentos de admissão de coisas eternas na vossa consciência.

CAPÍTULO II

Terreno Familiar

As criaturas jovens são indefesas. Devem ser alimentadas, cuidadas, protegidas até que amadureçam através do crescimento natural. Depois devem cuidar de si próprias: se não forem autorizadas a fazê-lo, deterioram-se num parasitismo gordo.

No mundo animal um instinto irresistível empurra a ave implume para fora do ninho assim que lhe crescem as penas, corta os laços filiais assim que a besta aprendeu a usar os dentes e as garras. Se ocasionalmente, ou com certas espécies, jovens e seniores permanecem juntos por algum tempo, não é como uma família, mas antes como uma unidade cooperativa na qual cada um, sénior e jovem, desempenha o seu papel igual e adulto.

O homem serve a mesma necessidade. Mas no seu caso o instinto não obriga. Ele pode inibi-lo ou negá-lo. Como progenitor pode apegar-se ao seu filho muito além do tempo, movido sentimentalmente por um afeto mal direcionado — e egoísta —, ou de forma mais severa por uma exigência egocêntrica de obrigação filial. Ou pode ser o filho que se demora, retido por um sentido de “dever” totalmente falso. Há algo a dizer a favor dele; mas pouco a favor do jovem que se demora porque ama o seu conforto seguro, ou desconfia da sua capacidade de fazer o seu próprio caminho. Há imensos assim. Não seriam permitidos no

funcionamento seguro e limpo do mundo animal. A ave empurra o laggard relutante para além da borda do ninho.

A HORA DA MATURIDADE

1.

É uma lei, e uma lei simples: a da maturidade. Quando uma semente — ou um animal — ou um homem — está maduro, tem de evoluir para a sua fase seguinte. Ou apodrecer.

A força impulsionadora por detrás dessa evolução é igualmente simples. É o descontentamento. Quando o ser jovem amadureceu, ele torna-se descontente, quer sair. Com demasiada frequência é censurado por ingrato, e é uma aflição para os pais que "fizeram tudo por ele". Isso é tolo, pois este não é o descontentamento da capciosidade, o descontentamento contra pormenores. É algo mais nobre; antes uma insatisfação com as coisas como são, consigo mesmo como é. Quando percebemos claramente o seu significado, viramos a palavra do avesso e renomeamo-la ambição. Então torna-se admirável: mas é descontentamento na mesma. E pode sempre ser reconhecido porque o seu estado é de desconforto. Ressentidamente, sempre, tateamos em busca de conforto. Ainda temos de aprender que o conforto não é estável, mas deve ser constantemente recuperado.

Enquanto raça, seguimos esse instinto razoavelmente bem. Quer o expressemos a nós próprios quer não, reconhecemos que a família acorrentada é patológica. Aprovamos a inquietação da juventude ambiciosa. Mas, curiosamente, não reconhecemos exatamente a mesma coisa quando ela atua em nós em anos mais tardios. Quando, nessa altura, a velha inquietação sem forma volta a agitar os nossos espíritos — aparentemente sem causa —, ressentimo-la, ou suportamo-la. Não aprendemos esta lição da juventude, que é a de que os nossos descontentamentos estão entre os nossos mais valiosos dons da vida.

Não devem ser ressentidos nem suportados. Devem ser examinados. E o exame, se formos vitalmente inteligentes, resulta em fazermos algo a respeito. O que, por sua vez, significa uma nova aventura. Curioso que só consigamos ver isto em retrospetiva. Curioso que sejamos capazes de

sorrir com tanta indulgência para as rebeliões cegas e febris da nossa adolescência, vendo-as claramente pelo que foram, e no entanto não consigamos ver que o nosso caso presente não é diferente.

Essa foi a nossa emergência da nossa adolescência física e mental. Esta pode ser a nossa emergência da nossa adolescência espiritual. Pode ser um momento perigoso — ou inspirador. Pode fechar a porta, ou abri-la para uma vasta terra nova.

2

Isto aconteceu-me há alguns anos. Não via sentido nisso. O meu mundo pessoal e material deveria ter sido satisfatório. Era feliz no casamento; tinha uma profissão interessante, na qual era bem-sucedido; gozava de excelente saúde, tinha meios independentes, amigos agradáveis em todas as camadas sociais. Por fim — o mais essencial — via claramente muito trabalho pela frente e muita aventura a abrir-se em certas excursões projetadas para uma selva nova para mim. Certamente que tinha todos os ingredientes para a felicidade. E era feliz, dizia a mim mesmo, totalmente! Se, perguntava a mim mesmo, me fosse dada carta branca para moldar uma vida desejável para mim, como poderia melhorar o que já tinha? No entanto, uma vaga inquietação inquieta — a inquietação que nos encontra do outro lado da novidade — começara a sussurrar no meu ouvido. *Cui bono?* [para que fim?] aquela miserável pergunta zombeteira que nos espera a cada um de nós algures ao longo da jornada.

Felizmente para mim, neste ponto fui conduzido a uma nova empreitada. Esta experiência tentei descrevê-la noutro livro,* tanto como uma história factual, como uma exposição de coisas aprendidas através de certos ensinamentos. Estes últimos pareceram-nos verdadeiros e importantes a alguns de nós, e de valor geral. No entanto, desejávamos ter a certeza disso. Tínhamos de experimentá-los para ver se funcionavam. Pragmatismo. Como disse Dooley: "Se funciona, é verdade." A única maneira de o saber era dar-lhes tempo para funcionar. Por isso adiámos a publicação — durante dezassete anos.

- *The Betty Book.*

A propósito, eu, pessoalmente, tive de ser levado a certas conclusões quanto à sua origem. Eles pretendiam ser dados, através de

Betty, por Inteligências exteriores. Nós apelidámo-las de Invisíveis, em grande parte devido à sua insistência em permanecer anónimas.

Para mim, isso era uma ordem bastante grande. Sinceramente, não consegui, durante muito tempo, aceitá-las pelo que pretendiam ser. Mas *levado* é a palavra: acabei por ser levado a isso. Demorou muito tempo, e uma acumulação gradual de pequenas lógicas em vez de grandes evidências — embora estas não faltassem. Por fim, não pude rejeitá-las, simplesmente porque a rejeição se tornou ridícula. Para cada objeção, tinha de adotar outra explicação, e estas, por força, tornaram-se tão numerosas e tão diferentes que, por sua vez, exigiam uma explicação mais abrangente.

E, no final, encontrava-me a usar artifícios mentais tão engenhosos que se tornavam mais inacreditáveis do que a própria coisa. Justamente quando tinha o meu ceticismo devidamente cauteloso perfeitamente arrumado, surgia algum outro pequeno facto que não se encaixava em lado nenhum. Esse também tinha de ser explicado, ou todo o castelo ruiria como um monte de fósforos. E explicá-lo alterava as explicações de muitos dos outros; e as novas explicações tinham de ser cada vez mais engenhosas ou não se encaixariam, até que tudo se tornou tão complicado que o raciocínio mais caseiro de qualquer um o consideraria absurdo. Era magnífico, mas tinha sentido?

Assim, finalmente, esse ponto foi resolvido. Estava disposto a aceitar, como um facto, que estávamos a receber através de Betty, do exterior, e aparentemente de inteligências descarnadas, uma instrução graduada, progressiva e logicamente aceitável sobre como nos orientar na vida.

3

A maioria das ideias oferecidas por estas inteligências era estranha ao meu hábito de pensamento. Resumirei aqui, a partir de *The Betty Book,* o suficiente para o propósito dos seus conceitos básicos.

Preenchendo todo o espaço, disseram eles, existe um grande mar de força indiferenciada. Podemos chamar-lhe vida, ou espírito, ou o Universal — o que quisermos. Mas é aquilo em virtude do qual todas as coisas vivas existem, através da sua capacidade de transmutar esta força geral em algo individual. Por outras palavras, eles — e nós — somos

transformadores vitais. Segue-se que estamos vivos e desenvolvidos na proporção da quantidade desta força que conseguimos aceitar, e de quão livremente ela flui através de nós. Quanto melhor fizermos isto, mais elevado é o grau que ocupamos, e mais vivos, contentes e eficazes nos tornamos.

Normalmente, disseram os Invisíveis, isto acontece inconscientemente, e de forma mais ou menos ineficiente. Somos autossuficientes. Estamos incrustados numa casca dura. Um certo fluxo através de nós persiste apesar disso. Caso contrário, não estaríamos vivos de todo. Mas, com demasiada frequência, é apenas o mais ténue fio de água: não mais do que o suficiente para manter penosamente um progresso lento e uma existência torpida.

Na fase verde da imaturidade, pouco se pode fazer para alterar estes processos naturais. Mas chega um momento, para todos, em que podemos, se quisermos, assumir uma direção consciente e inteligente. Então, estes processos até agora automáticos funcionarão não só melhor e mais rapidamente, mas de forma menos dolorosa. Em *The Betty Book* registei a filosofia e a técnica de como isto pode ser feito. É desnecessário repetir aqui mais do que os princípios básicos. Enunciá-los-ei tão brevemente quanto possível.

Um deles é que cada um de nós ocupa não só o corpo físico que vemos, mas um segundo corpo, ou espiritual. Este último continuará a conter-nos após a morte física. Embora impercetível aos nossos sentidos comuns, o corpo espiritual não é uma aparição vaga de sombra insubstancial. É perfeitamente real, feito de substância definida, e funcionará num mundo que lhe corresponde. Esse mundo também é de substância definida.

Na verdade, tão longe de ser difuso ou fantasmagórico é este mundo que, num certo sentido, a sua matéria é ainda mais substancial do que a do universo físico, pois interpenetra — preenche os interstícios — deste último. Nele, as realidades da consciência terão um âmbito mais vívido do que conhecemos na nossa fase presente. Através dele, a força vital do universo atua de forma mais poderosa e direta do que connosco.

Mas — e aqui está o ponto importante — esse mundo não está separado do nosso por uma muralha de ferro inflexível do tempo.

Podemos, de certas maneiras, começar a funcionar nele agora. Na verdade, no momento da maturidade, é o que devemos fazer se quisermos continuar eficientes e em desenvolvimento. Se ganharmos conscientemente e mantivermos continuamente o nosso contacto com ele, os nossos reservatórios beberão de uma abundância inesgotável. A diferença entre isso e o nosso estado comum seria a diferença entre uma linha de alta tensão e uma bateria.

Ao fazer isto, o nosso objetivo final é desenvolver um núcleo definido e coeso de si mesmo, no qual possamos ter confiança como uma unidade indestrutível. Pois só assim podemos ter a certeza de um núcleo permanente de individualidade que se manterá coeso nas provações da vida — e da morte.

Estes são os mais nus ossos que sustentaram o corpo dos ensinamentos que recebemos. O seu registo preenche agora mais de duas mil páginas. Cobrem um vasto primeiro plano de pormenores — sobre como esta força atua na vida quotidiana; como procurá-la conscientemente, e apropriar-se dela, e aplicá-la eficazmente. Acompanhando a colocação desses pormenores, há um pano de fundo abrangente de cosmologia. Todo o quadro, pano de fundo e primeiro plano, é coerente; é intelectualmente satisfatório; progride tanto para a frente como para cima até escapar ao alcance das nossas mais elevadas capacidades de imaginação. E mantém-se por si só, de modo que, no final, não importa minimamente de onde nem de quem veio.

TENS de brincar com a ideia antes de a fazeres funcionar, porque não estás a operar na tua substância habitual. Estás a empregar uma forma criativa superior que não sabes usar, exceto inconsciente e relaxadamente.

CAPÍTULO III

TERRA DE FRONTEIRA

1

Só um homem muito insensível poderia receber tal corpo de ideias sem uma grande mudança no seu ponto de vista. Certamente que eu não era assim tão insensível. Por um lado, deu-me uma razão de ser. Silenciou o meu vago descontentamento. Aqui estava uma razão suficiente para existir. Tinha um lugar confortável. Só isso já valia a pena.

Mas foi mais longe do que isso. Comecei a ver as coisas como um todo, a discernir — não muito claramente no início — um esquema geral. As coisas encaixavam-se. Certas delas perderam importância; tais como a morte, os ódios, as irritações, os conflitos, as antagonismos, para mencionar alguns ao acaso. Certas outras ganharam importância — os pequenos atos, esforços e decisões dos minutos e horas de cada dia. Como não haviam de ganhar, se nos é MOSTRADO que as causas e efeitos da vida não são isolados, mas suavemente contínuos? Que não chegam a becos sem saída, que não há becos sem saída, nem sequer a própria morte?

Isso foi todo para o bem. Organizou-me mentalmente. Segue-se em frente com mais confiança se não tivermos de andar às cegas. Na verdade, este pequeno item de compreensão intelectual animou-me tanto que durante algum tempo fiquei bastante contente. Isto demonstrou, no meu caso, que a coisa funcionava, e que, por causa dela, me estava a sair melhor na vida, com maior satisfação.

Mas rapidamente me apercebi de que o mental era apenas uma parte. Betty, e alguns outros, estavam a obter algo mais com isso. Tinham a mesma compreensão mental que eu, mas também algo mais, uma relação de algum tipo que, até então, me tinha escapado.

2

Tinha discernimento suficiente para reconhecer nisto uma ligação com todos os outros "sistemas" de iluminação e avanço para os quais o instinto humano tem tateado. Houve muitos. Por vezes foram dignificados em religiões. Por vezes foram reduzidos a filosofias, ou meramente a seitas. Mas fossem o que fossem, os seus adeptos dividem-se invariavelmente em duas classes: os que deram assentimento mental e que, em troca, ganharam uma certa — muitas vezes valiosa —

compreensão; e os que entraram numa relação mais estreita que lhes trouxe algo mais. E não importa qual era o "sistema", funcionava e perdurava, se essa relação fosse estabelecida. Permanecia meramente uma filosofia interessante se essa relação fosse omitida.

O meu discernimento penetrou apenas até aqui, e não mais fundo. O que era esta relação peculiar, e como se entrava nela? Era o que eu tinha de tentar descobrir.

Toda a minha formação estava contra mim. Eu estava, ainda, interessado apenas em ideias definidas e nítidas. Toda a minha experiência, até agora, parecia ter provado que elas eram os guias mais fiáveis. Em todo o caso, eram as menos propensas a conduzir alguém a nevoeiros perigosos. Orgulhava-me um pouco de ser prático, de cabeça dura e "intelectual". O que eu queria eram afirmações diretas, ideias, factos científicos. E exigia-os. Pus-me a tentar fixar estes supostos Invisíveis.

Bem, obtive afirmações definidas por vezes, especialmente no início. Mas de alguma forma sentia-me descontente, embora não conseguisse pôr o dedo no porquê. Era como se estas pessoas tivessem alguma ideia ou propósito que continuassem a ocultar, algo abaixo da superfície aparentemente simples do que diziam. Sentia-o constantemente, como se sente o zumbido por detrás de uma conversa à distância. Era subtil, e desconcertante, e finalmente começou a irritar-me. Exigi um confronto. Porque é que não dizem, em palavras claras, o que querem dizer? — disse eu. Sou um ser humano inteligente; compreendo linguagem clara. Aqui, do registo, está a discussão textual: *

> • *Para benefício daqueles que não leram The Betty Book, deve explicar-se que estes registos me eram ditados por Betty enquanto ela se encontrava num estado de certo modo dissociado — não, no entanto, ao ponto de inconsciência. Por vezes ela falava em sua própria pessoa; por vezes um dos Invisíveis falava através dela, sendo a mudança assinalada por uma alteração na voz, dicção e estilo.*

INVISÍVEL: Por favor, note: não obterá explicação científica como espera. Obterá a realidade como conseguirmos dá-la, da qual poderá

deduzir teoria mais tarde. Não podemos dizer-lhe em palavras que lhe transmitissem algo aquilo que temos de realizar moldando-o à própria coisa. Torna-se cada vez mais difícil colocar as coisas de modo a serem facilmente aceitáveis pelo seu intelecto. A compreensão só pode ser adquirida pela participação real na realidade. Presentemente, não há reação de experiência às palavras que representam essa realidade.

S E W: No entanto, as palavras serão necessárias para explicar a outros que não experimentaram a realidade.

INVISÍVEL: Essa será a sua parte, depois de a perceção ser sua — depois de ser capaz de nela entrar em realidade. Só através da sua capacidade de compreensão pode a verdade ser produzida em símbolo escrito. É-nos impossível fazê-lo sozinhos. Desde o início, isso tem sido difícil para si perceber. Conte com as afirmações tão aproximadas quanto somos capazes de as fazer; mas apenas como um acompanhamento para a aquisição da própria coisa. Sem esta última, as explicações seriam estéreis.

S E W: Tal como entendo, então, é-lhes impossível expressar verdades maiores em palavras; mas depois de nos conduzirem à realidade, está ao nosso alcance encontrar as palavras que a expressarão e provarão.

INVISÍVEL: Isso é melhor; isso é muito melhor. Você meio que rompeu então. Isso esclareceu consideravelmente as coisas.

S E W: Não vejo bem porque é que não disseram isso antes.

INVISÍVEL: Você adquiriu-o — produziu-o você mesmo.

S E W: Mas parece uma ideia intelectual suficientemente simples...

INVISÍVEL: Não; não é uma ideia intelectual. É um crescimento em si mesmo. Teria permanecido uma ideia intelectual estéril, como lhe chama, a menos que o tivéssemos forçado a produzi-la você mesmo.

S E W: Mas poderia ter sido afirmado...

INVISÍVEL: Porque insiste em ter apenas uma dimensão! Mas tenha paciência com os nossos métodos. São mais previdentes nos resultados do que imagina. Por agora, não tente adquirir uma fórmula demasiado definida no seu meio, mas trabalhe para a compreensão da

coisa no nosso. A diferença está entre tomar conceitos destacados, intelectuais, ocasionalmente contemplados, e tê-los como uma parte constante e integral da sua consciência. Esta diferença é a mais difícil de apresentar simplesmente aos instruídos. Mentes que estão firmemente estabelecidas na sua própria esfera de ação nem sequer param para contemplar outra. É a pedra angular de todo o benefício a derivar de qualquer um destes ensinamentos, e é sempre reconhecida com impaciência e imediatamente rejeitada porque destrona a soberania do instrumento menor que recebe a mensagem.

BETTY: Como as palavras são rígidas! Só têm um plano — como bonecos de papel em vez de pessoas. São precisas tantas delas. Deixem isso: está a ficar todo borrado com palavras. Portanto, deixamos isso.

Isto abalou-me um pouco para a frente. Pelo menos tinha uma nova conceção intelectual. Tinha uma nova sequência, um novo Padrão: que embora a razão pura tenha a sua função neste tipo de exploração, não é uma função ORIGINADORA. Atua DEPOIS do facto, em vez de antes. Não encontra nada por si mesma; pensa sobre as coisas depois de serem encontradas. Então pode avaliar, aceitar ou rejeitar, utilizar, aplicar — mas apenas o que lhe é trazido por outros, e talvez superiores, aspetos da mente.

3

Isso foi um avanço. Mas devo ter sido, posso ver agora, um tipo de aluno exasperante. Ainda não tinha decidido quão literalmente as experiências de Betty deveriam ser tomadas. Alguém tinha de manter os pés solidamente no chão! E eu tinha de ser esse alguém. Portanto, como o via, não podia deixar de lado as minhas capacidades de raciocínio testadas e comprovadas em favor de algo que me parecia bastante vago e nebuloso. E assim o disse.

"Não se acanhe", aconselharam os Invisíveis, "com a sua mente ponderável, mais do que se acanha com pessoas ponderáveis. Há, como sabe, um certo tipo de pessoas excessivamente sãs, excessivamente cautelosas, que nunca sentiram verdades intangíveis; que preferem ocupar-se exclusivamente com os ponderáveis mais limitados; tal como há os infelizes que nunca sentiram o êxtase de um perfume ou a euforia de uma harmonia de cores. Fuja frequentemente das limitações da sua

mente ponderável, e capture o prazer de um rapazinho em construir para si uma casa na árvore, bem acima da sua morada quotidiana."

"O seu conselho agrada-me", concordei, "mas lembra-me um pouco o Livro de Etiqueta: 'Ao conhecer novas pessoas, assuma sempre um comportamento fácil e inconsciente.' Suponha que tem uma ideia no fundo da mente de que talvez só vá fazer figura de parvo. Como recomenda que se contorne isso?"

"Pode", responderam eles de modo curioso, "começar a ganhar esta realidade sem acreditar nela de todo! Tudo o que pedimos a alguém no início é uma atitude de recetividade. A atitude intelectual não importa, nem de leve. Considere uma flor a precisar de luz solar — uma flor dotada de inteligência pensante. Não consegue ter luz solar no seu coração a menos que abra as suas pétalas. Se abrir as suas pétalas, recebe luz solar, e a luz solar tem o seu efeito.

Ora, porque é que um jardineiro, interessado principalmente no crescimento das flores, haveria de se importar se a teoria dessa flor sobre porque é que se abriu é que possui um sol subconsciente e ilusório, ou não? Quer imagine que um jardineiro existe ou não, desde que abra as suas pétalas?

"Ora, nós não nos importamos se somos rotulados de Subconsciente Segundo ou Subconsciente Terceiro; ou se alguém pensa que alguma parte da sua personalidade evoca estas experiências, ou que elas são uma realidade independente. Se acolher numa atitude de recetividade o que lhe chega, está a receber a luz solar, e isso tem de ter o seu efeito no desenvolvimento. O que de poeira e palha lhe chegar ao mesmo tempo será descartado e desaparecerá. Mantendo a disposição para receber — não para criticar no início — o que é intrinsecamente verdadeiro tornar-se-á insensivelmente parte de si, e acabará por, e de modo mais inesperado, se encontrar na posse de uma crença que será uma certeza.

"Isto não significa que se deva tentar aceitar inquestionavelmente, nem que se recuse inanemente o exame intelectual. Significa apenas a já mencionada disposição para receber e arquivar para referência futura, por assim dizer, o que não pode ser imediatamente aceite. Implica uma disposição para deixar a questão em aberto; nem procurar explicações rebuscadas nem tentar uma crença prematura.

"Se, com toda a honestidade, se pode fazer isto — com total honestidade para consigo mesmo — o evento pode ser deixado em segurança ao — ia dizer 'nós', mas direi ao tempo. Vê, 'nós' podemos ser o Subconsciente Sub-um ou Sub-dois."

TENHO um grande apelo a fazer. Quero que venham comigo, todos vós que estais prontos. Quero que deixeis de lado todo o esforço de compreensão e interpretação, e venhais para o grande exterior. Há apenas uma maneira de o fazer. Dizei simplesmente a vós mesmos: Deixarei de lado os símbolos pela realidade. Serei como uma mera planta, responsiva a influências inenarráveis. O pequeno eu ocupado e míope deve ser aquietado, posto de lado para o propósito de expandir uma grande faculdade adormecida dentro de mim. Esta faculdade é fraca; mal regista ainda impressões; mas através dela pulsa tudo o que é duradouro.

CAPÍTULO IV
MÉTODOS DE PIONEIRO

1

Curioso como adquirimos sabedoria! Uma e outra vez, a mesma verdade é empurrada debaixo do nosso nariz. Encontramo-la em ação; somos advertidos dela; lemo-la na palavra escrita. Sofremos a experiência, assentimos graciosamente ao conselho; aprovamos, intelectualmente, a palavra escrita. Mas nada acontece dentro de nós.

Então, um dia, alguma experiência ou palavra ou encontro banal faz-nos parar em seco. Um lampejo de iluminação penetra a profundeza da nossa consciência. Vemos! Geralmente é apenas um vislumbre; mas, em raras ocasiões, um clarão brilhante revela a verdade plenamente formada. E maravilhamo-nos de que esta compreensão nos tenha escapado durante tanto tempo.

Durante meses, literalmente, os Invisíveis martelaram a minha obtusidade. Não que eu ocupasse todo o palco da sua atenção! Tinham a educação de Betty a que atender; e havia também a estrutura dos

ensinamentos a definir. Mas eu fazia parte do trabalho; e insistiam comigo. E sempre a mesma linha de ataque.

"Faça o salto", instavam. "Atreva-se a fazê-lo. Arrisque-se a que estejamos certos. Não consegue ligar-se, numa série ininterrupta de passos, com o que sabe. Esta realidade não está nos arredores; há um vão que deve ser transposto. Deixe de lado, de tempos a tempos, a régua de medir da sua mente. É muito necessário empregar a régua de medir normalmente; mas deixe-a de lado intermitentemente. Atire-se ao espaço, por assim dizer. Não lhe fará mal ir corajosamente buscar uma ou duas pistas. Tem tentado aproximar-se das coisas pelo lado científico, mas elas têm de ser tomadas audaciosamente, artisticamente, no presente caso. O conservadorismo viaja tão devagar. O radicalismo sofre pelos seus erros, mas chega com força."

Aqui Betty retomou o discurso: "Qualquer coisa deslumbrante e maravilhosa poderia acontecer-lhe se ao menos tivesse a coragem de ignorar e ultrapassar o seu eu comum e restrito. Todo aquele que foi pioneiro atirou de lado a rotina habitual e lançou-se a um ideal inspirado.

"A maneira como quero abordar isto parece tão oposta àquela sensação científica de carga lenta. Não creio que se pudesse fazer o mundo dar crédito a alguém que andasse por aí a lançar-se em direção às coisas; mas o salto é um ingrediente, e não se pode avançar sem o fazer. Quando se omite o salto, não se está a trabalhar na natureza da substância. Está-se a tentar trabalhar na nova substância com a natureza da antiga. Não se consegue, exceto lenta e dolorosamente.

"Essa é a nova grande conceção em torno da qual temos de crescer — esta ideia de trabalhar na natureza da substância. Eles estão a tentar infiltrar-nos isto. É a próxima fase do nosso trabalho. Já fomos tão longe quanto podemos sem a adquirir.

"Julgo que há uma maneira marcante e sensata de o dizer, porque consigo SENTIR a explicação mecânica disso. Há, sem dúvida, uma explicação mecânica que lhe corresponde. Não percebo de mecânica."

Ela fez uma pausa, depois soltou uma risadinha. "Tão infantil! Põem pernas numa máquina voadora e fazem-na andar por aí!"

"Estamos a tentar", continuou o Invisível, "arrastá-lo para fora do seu elemento restrito, para lhe mostrar o processo de descolagem: como planar. Não se pode conquistar o ar manejando as alavancas no chão. É apenas utilizando os atributos da nova substância que se pode ter êxito. Esta próxima grande conceção de como funcionar espiritualmente só pode ser realizada levando a sério este processo de salto."

Esta foi a altura em que acordei. Essa expressão "trabalhar na natureza da substância" fez soar uma campainha algures no fundo da minha mente.

2

Aconteceu que, precisamente nesta altura, dava os meus primeiros passos na aprendizagem do grande jogo do golfe. Cedo descobri que há muitos bons livros sobre como jogá-lo. E que, todos os meses, várias revistas o contam de novo. Nada foi mais cuidadosamente dissecado e descrito do que a mecânica da pancada no golfe. E não há dúvida de que toda esta análise cuidadosa é uma grande ajuda. Um homem pelo menos sabe o que há de procurar, e isso é muito melhor do que andar completamente às cegas. Mas ninguém aprendeu a jogar golfe na sua poltrona. Temos de ir e fazê-lo.

Simples e óbvio! Mas foi a minha iluminação pessoal neste assunto. Ler sobre golfe coloca a coisa apenas na mente. Mas quando saí para a zona de treino e brandi um taco, estava a traduzir esta ideia em material objetivo real — estava a trazê-la à existência na substância física do meu corpo. Num caso tinha apenas uma ideia, no outro tinha uma SENSAÇÃO real: um SENTIMENTO subjetivo: dentro de mim mesmo. Era algo como a diferença entre a planta de uma casa e a própria casa.

Sair e fazer: essa era a resposta. Não pensar nisso; mas fazê-lo e sentir a sensação — seja qual fosse esta realidade de que os Invisíveis

tanto falavam. E, de repente, ocorreu-me que é certamente mais divertido sair e jogar golfe do que ficar em casa a ler sobre isso.

3

Concordado. Mas como começar? É preciso ter instrumentos, ferramentas, algum tipo de instruções que as acompanhem. Os Invisíveis forneceram-nos; mas de modo algum com um conjunto completo. Nunca o fazem. Mas deram-me, pelo menos, uma pega.

"Tem de a ganhar primeiro na imaginação", disseram eles, "e depois trabalhar de volta, através de passos lentos, para a ligar com factos observados. Analise o processo de educação através da mentalidade, a formação gradual e progressiva, dentro das mentes das crianças, do conhecimento acumulado da raça. Tome, por exemplo, a apreensão da ideia de evolução, ou do que se conhece como sistema solar. Tais coisas só podem ser apresentadas com êxito através da imaginação — a única função que alcança os reinos que são intangíveis, mas que são, no entanto, factos da civilização. Tendo analisado este processo, aplique-o à educação espiritual. Alcançe com a imaginação a realidade que apresentamos. Só pode ser tornada tangível, estabelecida dentro de si, por este tipo de experimentação pessoal."

"Não me parece", interjetou Betty, "que seja uma palavra muito boa — imaginação. É demasiado teia de aranha com irrealidades."

"Imaginação?", exclamaram eles, admirados. "Ora essa, essa é o próprio PORTÃO para a realidade! A imaginação é o Poder de Transporte — que ultrapassa o espaço e o tempo! A imaginação permite-lhe colocar-se EM QUALQUER LUGAR. É o poder de justaposição, que junta coisas que nunca foram juntas antes, em pontos de contacto em que ninguém mais pensou. É o poder de ver o Padrão.

"Chamam-lhe um brinquedo. Sempre lhe chamaram um brinquedo. Mas, na verdade, é a única coisa que possuem que os liga à substância seguinte. É um produto químico transmutador. Procuraremos uma palavra que seja mais solidamente respeitável do que imaginação.

Chame-lhe filosofia especulativa, se preferir. Dê-lhe qualquer vestimenta de dignidade, mas utilize-a para se ligar ao que está para além da sua experiência, para além dos limites das suas conceções atuais."

"Parece-me", objetei, "que imaginar coisas tem metido muita gente em sarilhos."

"Os fracassos não afetam a lei", assinalaram eles. "Não tema a força do dom porque foi mal utilizado. Ao olhar para os fracassos, tome-os como avisos valiosos; mas como negativos, não como positivos."

Houve uma pausa, e então Betty disse: "Bem, enquanto estou de lado, que mais? Tenho uma sensação de desengate assim."

Ficou em silêncio um momento, como à espera de ordens. Depois, num tom perplexo: "Tal massa de lei não reconhecida!"

Durante vários minutos pareceu estudar isto. Por fim: "Posso entrar nessa massa: aparentemente posso sentir-me bastante confortável perto dela e à volta dela, mas não há compreensão na minha mente disso, exceto aos bocados. Sei muitas coisas, mas não posso ensiná-las a mim mesma. Quero ir agora com o meu eu que sabe coisas. É agradável não tentar compreender — apenas saber."

SOU o herdeiro da expansão eterna e vestido do meu direito de participar dela. Ó, não me deixes nunca mais ser de espírito pobre, ou desbotado, ou retorcido na forma! Quero a vida ricamente padronizada. Quero ser de espírito esplêndido, quero a beleza cerimonial e a fragrância do espírito. Quero a liberdade da sua força. Quero o sussurro calmo da sua sabedoria. Quero a simplicidade do seu amor. Ó ajuda-me à plenitude da vida! Rezo pela plenitude da vida com um coração indiviso, para que possa descansar absorvendo força, não me esvaziando de vida!

CAPÍTULO V
O PONTO DE SALTO

1

Ocupamos habitualmente apenas uma porção limitada da consciência que já possuímos. Há não muito tempo, não estávamos dispostos a admitir que tais áreas desabitadas existissem sequer. A maioria de nós ocupava apenas os territórios comuns dos nossos pensamentos, emoções e sensações, e ficava satisfeita por deixar as coisas assim. Mas, ultimamente, até os cientistas cautelosos têm reconhecido e estudado o subconsciente, o superconsciente, a intuição, a inspiração, o hipnotismo — muitas coisas para além da paliçada acolhedora do nosso hábito confortável. Certamente, a maioria destas áreas periféricas, e os seus habitantes, ainda têm uma reputação algo má. E possivelmente algumas delas merecem-na. No entanto, estão a ser cada vez mais reconhecidas como uma vasta terra de fronteira, já ao nosso alcance, estendendo-se para o desconhecido muito para além da marca estabelecida pelas nossas "limitações" habituais.

"O grande valor de um interesse por estas coisas", disseram os Invisíveis, "de pelo menos admitir a sua possibilidade, é que proporciona uma fronteira extensível. A inspiração para explorar, adquirir e administrar novos territórios da vida está sempre à frente como um atrativo.

"A juventude vive inteiramente nesta fronteira, embora mais na sua contrapartida física, explorando as possibilidades sensuais. Esse é um dos segredos do seu entusiasmo e rápido desenvolvimento. Ilesa por mau uso, esta faculdade deveria persistir, chegando à maturidade com um apetite saudável para a etapa seguinte — o desenvolvimento espiritual. Fronteiras rígidas e fixas, como as estabelecidas pela fase por que passa a interpretação científica popular — o seu verdadeiro cientista não é assim — são muito restritivas e desalentadoras. Como resultado, não fazem qualquer esforço para a libertação para as sensações superiores que conduzem à realidade última. Ficam achatados no topo, confinados pela mecânica das suas mentes."

Afinal, somos nós que estabelecemos esses marcos fronteiriços, arbitrariamente. Colocamo-los nos limites da visibilidade, tão longe quanto podíamos ver da nossa atual paliçada de vida habitual. E abandonamo-los, tomando como certo que estão colocados com precisão.

Isso é peculiar, visto que a mera curiosidade nos leva para lá da maioria dos horizontes. Mas, por alguma razão, isto parece-nos duvidoso. Podemos olhar para trás e ver claramente o nosso caminho de evolução, como uma grande estrada atrás de nós. Mas névoas rolam sobre o futuro, e as suas formas são meio entrevistas. Talvez tenhamos um pouco de medo da aventura.

No entanto, é nessa direção que temos de viajar. Estas atuais sedes confortáveis não são permanentes. Em última análise, temos de estar lá fora, algures, na penumbra. Pareceria apenas senso comum, então, explorar o novo local. Talvez gostemos dele. Talvez até queiramos subir e ocupá-lo. Podemos sempre voltar atrás.

2

Estas ideias chegaram-me gradualmente, algumas de cada vez. Foi a sua compreensão que finalmente me convenceu a explorar este país de fronteira eu próprio, em pessoa. Só assim, decidi, poderia convencer-me do que se tratava. Então estaria em condições de formar a minha própria opinião, em vez de depender de rumores e suposições.

Mas a partida efetiva, quando finalmente a enfrentei a sério, apresentou uma série de problemas inesperados. A dificuldade não estava em obter conselhos — encontrei muitos guias cheios deles — mas em perceber o que não levar. O desenvolvimento espiritual, tinha chegado a perceber, é individual. Não há dois homens iguais, desde a impressão digital até à alma imortal. Não há receitas universais, sejam de seita, filosofia ou religião. Não podemos ser ajudados por regimes rígidos. Precisamos de direção, não de instruções. O que é desejável? Para que lado aponta a nossa bússola? O que, numa definição mais clara, procuramos? Isso é praticamente tudo o que nos pode ser dito. Podem

ser colocados para nós marcos reconhecíveis em direção ao terreno elevado, mas só nós temos de encontrar os nossos próprios caminhos. E se esperarmos uma orientação mais pormenorizada, estamos a preparar-nos para a confusão.

Os meus próprios marcos foram-me revelados pelos relatos de Betty sobre as suas explorações. Logo no início, admito, alguns deles eram de encher o olho. Grandes extensões de esplendor nunca foram a minha praia. Gosto de coisas presas a algo sólido — pelo menos por uma ponta. Mas mantive-me esperançoso e, ao fim de algum tempo, as coisas começaram a fazer sentido. Entretanto, o meu gosto pelo mistério e pela aventura foram enormemente estimulados.

No próximo capítulo, citarei alguns destes relatos. Tomados em conjunto, creio, eles combinam-se para colocar as principais características do território mais acessível neste novo país. Isto não significa que sejam as únicas características; ou mesmo que sejam as que discerniremos primeiro. Dão uma pista do que, mais cedo ou mais tarde, todos podemos esperar encontrar lá — mas não necessariamente uma promessa.

"Não adianta", avisaram os Invisíveis, "prever ou predizer o que esta consciência superior irá realizar ou perceber. Isso é inteiramente individual e temperamental. Uma indicação das coisas que se podem adquirir é tudo o que pode ser dado de um para outro."

Que graus de "realidade", no sentido em que usamos a palavra, representavam as experiências relatadas por Betty, é difícil dizer. Por vezes parecem ter sido excursões reais a outra condição de vida. Por vezes eram obviamente simbólicas, tecendo uma riqueza deslumbrante e sustentadora, como uma orquestração colorida, por baixo do tema simples e puro da realidade. Mas fossem "reais" ou não, estas experiências combinavam-se todas para conduzir com segurança e definitivamente à realidade. E durante vinte anos essa realidade resistiu à prova da vida quotidiana.

3

As minhas instruções, até este momento, resumiam-se realmente a uma coisa: para me aproximar da nova "substância" ou região de consciência de Betty, ou seja lá o que fosse, devia usar a minha imaginação como uma espécie de tapete mágico. Ao imaginar com toda a sinceridade as condições gerais descritas por Betty, aproximar-me-ia da própria coisa — preparar-me-ia, por assim dizer, para uma participação eventual. Também, como uma espécie de corolário, devia fazer uma pausa do intelecto e das suas críticas. Uma pausa, não um divórcio. Por enquanto, devia ser completamente irresponsável pelo que o intelecto pudesse ter a dizer sobre o assunto; ser — por enquanto — completamente selvagem e extravagante; disposto a aceitar coisas que não conhecia como se fossem realmente verdadeiras.

"É curioso como temos de tomar as coisas que eles dão", disse Betty. "Seguro uma ideia de forma bastante solta quando a recebo. Tomo-a como tomaria a beleza do arco-íris. Sei que não posso segurá-la nem alcançá-la nem sequer olhar para ela de perto. Sei que não posso, e por isso não tento. É assim que tomo estas grandes ideias no início — um pouco como o arco-íris. Lembro-me delas por inteiro; mas estão fora do meu alcance na análise, no desmontá-las para as explicar.

"Sabe, o primeiro impulso de uma criança, quando lhe damos uma bela flor, é despedaçá-la. Isso é natural, mas uma flor não deve ser manuseada assim. Deve ser apreciada por inteiro, como uma coisa inspiradora. Estas ideias pressagiadas também são coisas delicadas, coisas em flor. Devem ter mais efeito no lado inspirador, e menos na concentração em despedaçá-las para compreender. A sua dissecação só é permitida depois de a influência da flor, ou a influência do arco-íris, ter entrado em si.

"Tantas coisas belas são colocadas no mundo unicamente para o ajudar a fazer o ponto de salto. Tomei o arco-íris porque parece tão obviamente inacessível que ninguém poderia sonhar em estragá-lo agarrando-o e analisando-o. Não deve deixar morrer esse lado do arco-íris. É mais prático do que pensa. É o mecanismo da libertação."

COMO funciono na força universal? Como se mantém uma ave no ar, repousando as suas asas confiantemente nas correntes de ar? Como se mantém na água, abandonando-se ao seu suporte? Como me mantenho aqui? Pela amalgamação do desejo do meu coração com a força que é eu e não eu. Permaneço individualmente quiescente nela, como alguém paira contente no grande oceano.

CAPÍTULO VI
MARCOS

1

Num país novo, um homem tem de encontrar o seu próprio caminho. Os marcos colocados pelos seus antecessores, tem de os descobrir por si mesmo. Quando os alcança, sente-se animado pela evidência de que outros passaram por ali e acharam o caminho fiável. Essa é a principal razão para colocar marcos, para quando alguém deles precisar.

Mas também há valor nos relatos de viajantes. Despertam interesse. Respirem a atmosfera de aventura em terras estranhas. Despertam o romance do inexplorado e do desconhecido, incitando-nos a aventurar-nos.

Antes de começar os registos das explorações de Betty, devo enfatizar uma coisa que todo o escritor sabe. Nenhum relato faz mais do que um crédito insignificante ao original. E isto parece ser particularmente verdade quando lidamos com os confins longínquos da mente. Uma espécie de penumbra de iluminação acompanha a própria coisa, que falta ao registo do tipo frio. Suponho que isto é inevitável quando nos ocupamos de uma realidade cuja maior parte é intangível, para além da capacidade de medição do cérebro. Não posso sublinhar suficientemente esta afirmação aparentemente óbvia. Só a experiência pessoal pode realizar o seu significado.

Esta penumbra, portanto, deve ser deixada à imaginação do leitor, juntamente com o cenário físico real: Betty está deitada no sofá com os

olhos vendados; eu sento-me à minha mesa, com o lápis na mão, a tomar nota das suas palavras.

2

BETTY: Estou num jardim com uma sebe aparada à volta, e um portão em arco. Não sei porque estou aqui...

Agora estou a passar pelo portão, deixando para trás o jardim verde e florido. Diante de mim há um país desértico, mas o solo é rico e não cultivado. Só precisa de um jardineiro, é tudo, para estender o território cultivado, tornando-o belo e apreciado e desejado pelo homem...

Vamos trazer esta nova região à vida, para que possa ser ocupada e estendida por outros. Não terá nenhuma sebe no seu extremo. Vai estender-se para as sombras pausadas de árvores ruminantes, que serão os limites da contemplação em volta do nosso jardim. As pessoas virão a ele em contemplação para entrar e dominar a selva para além. Será um belo lugar inspirador; não como uma sebe aparada nos limites do pensamento...

Isso é uma pena, penso eu, porque sempre gostei de sebes aparadas, e da sensação de viver por detrás delas, abrigado e contente. Mas não importa: é apenas um farrapo de pesar por algo confortável e habitual...

Já tudo desapareceu.

(pausa)

INVISÍVEL: Suponha que durante toda a sua vida consciente esteve aprisionado numa caixa, e tudo o que conhecia era o interior dessa caixa; e de repente fosse libertado e descobrisse que podia misturar-se com o mundo que a rodeava. Como o explicaria aos ocupantes do interior? Não tentaria fazê-los expandir-se na imaginação, rodear em compreensão as suas atuais limitações em preparação para a libertação?

(pausa)

BETTY: Agora parece que contenho o meu antigo eu como algo que engoli... Estou completamente fora da caixa... Tenho de ceder a este sentimento, e ele explicar-se-á com o tempo.

INVISÍVEL: É muito simples. É como ser chocada.

(pausa)

BETTY: Estou a lutar com a compreensão.

INVISÍVEL: O vórtice do relaxamento está simplesmente a quebrar a sua casca e a libertá-la na vida circundante. Não vê a diferença de condições? Como é que os poderes maiores da vida circundante não são obviamente para os seus como o mundo é para o interior de um ovo? É inútil comprimir e reduzir isso para si. Temos de a libertar nele para que ele se possa explicar a si mesmo.

BETTY: Não sou livre para funcionar nele. Só o posso sentir; a tentar lutar para a consciência no novo elemento.

INVISÍVEL: Lembre-se de que este é um trabalho árduo de pioneiro, passo a passo, uma luta para conquistar a selva da falta de compreensão. Mesmo que lhe pareça fantástico, ou óbvio, ou improdutivo, viva com esta ideia de se rodear. Guarde-a para amadurecer. Ela assentar-se-á no seu lugar.

(pausa)

BETTY: Os renascimentos estão a acontecer por toda a parte à nossa volta, e não lhes prestamos atenção. São tão banais. Mosquitos a partir de larvas, que ganham as suas asas no topo da água — todos os tipos de metamorfoses. Não sei porque me deveria surpreender tanto espetar a cabeça para cima num mundo novo, e perceber que posso gradualmente puxar-me para cima até ficar inteiramente nele. É bastante natural.

3

BETTY: Trabalho arduamente, e depois descubro que sou de alguma forma elevada a um superestado, e estou em contacto com algo que não tinha antes; e vejo-o vagamente e olho para trás e conto-lhe sobre isso. Mas faço-o, seja o que for que esteja a fazer. É por isso que trabalho tanto e fico calada tanto tempo. Estou a ganhar um sentido de realidade, a experienciar, a fazer; em vez de apenas refletir. Isso significa que tenho de trabalhar efetivamente nesta vivência de para-além e absorver no inconsciente, como lhe chamam, até ter algo para produzir no consciente...

Agora estou aqui; e o outro é vago e insubstancial... Estou a funcionar como uma coisa recém-nascida meio consciente, mas num mundo suficientemente real para pisar, para me expandir definitivamente com os estranhos poderes novos que estão a urgir dentro de mim. No silêncio, ainda vagamente percebido, o meu eu estendido sente grandes desejos. As novas funções e satisfações da Beleza estão a rodear-me. Sou demasiado fraca para as agarrar. Nem sequer posso contar-lhe o que agarro: é demasiado delicado para ser formulado...

Sabe quais são a extensão e as possibilidades da vida intelectual. As suas vastas alegrias e descobertas são os ossos secos desta outra região da vida. Esta é a personificação vibrante do que a imaginação intelectual sombreia vagamente. Inspiraria o respeito de qualquer ângulo do saber: do erudito, do intelectualista, do psicólogo, dos observadores e buscadores em qualquer área. A grandeza das suas possibilidades é intraduzível. É tão impossível pô-las em palavras como pôr o oceano num balde. No entanto, tenho de trazer de volta algo disso de alguma maneira. Se fosse visitar alguém e tivesse uma grande experiência, tentaria contar-lhe...

Agora quero desfrutar um pouco do ritmo contínuo disso. É tão belo: é tudo como música.

Disse música, não disse? Mas não tenho a certeza do que é que entra em mim e reorganiza as minhas partículas e transmuta e fortalece e me faz tão feliz. Tem uma tal reorganização e ordenação de nós...

Seria ridículo se dissesse com o que se parece: é tão tremendo. Diria que é a ordem perfeita de todos os elementos, uma alegria requintada de participar na harmonia. A minha própria pequena alegria de viver está soldada à de todos os outros seres harmonizados. Esqueci a minha parte individual: estou num grande coro. Penso que sentiria a sua ondulação.

(risadinha)

Sinto-me como um sem-abrigo a apanhar boleia debaixo de um carro e de repente convidado para um Pullman... Maravilhoso, ser uma parte, mesmo uma pequena parte de qualquer coisa que avança com tanta majestade, beleza e poder...

Mas tenho de me despedir... Diverti-me tanto. Hoje foi mais como ser homenageada do que instruída. Gostaria de ser mais suscetível àquele ritmo ordenador a que chamei música. Há tantas coisas nesta consciência que são belas — tantas coisas em que participo sem compreender. Algo como ser um cão: as suas associações com seres superiores são muito satisfatórias e intensamente desejáveis, mas ele não as compreende totalmente. Apenas as desfruta.

4

BETTY: Vou ficar quieta e perceber isto agora... A adormecer-me... Estou a viajar... Há pessoas à minha volta...

Descobri uma coisa... um método de viagem; tropecei nele... Já estive nesta sala antes; cozinha e sala de jantar... Agora estou a ir embora. Estou numa varanda... Estou com a M....

Ugh! Isso parece tão desconfortável, como um crescimento de fungo. É uma coisa de aspeto horrível. Ela alimentou-o durante tanto tempo; agora ele come-a...

Isso é curioso; é a coisa que acompanha toda a gente. Suponha que tudo o que fez ou pensou, a TENDÊNCIA da sua vida, tivesse uma forma; como se os seus dias fossem tijolos e tivesse construído algo. E suponha que os seus olhos estivessem ajustados para que pudesse ver o que cada um construiu. É vagamente isso que quero dizer quando digo que as pessoas andam por aí com uma coisa que as acompanha: é assim que vejo as pessoas aqui. É um prazer vê-las quando têm um crescimento equilibrado e reto, em vez de um daqueles crescimentos de fungo.

S E W: O que era aquela história da sala de jantar, da cozinha e da varanda?

BETTY: Foi para onde viajei. Ao esticar o meu corpo espiritual, tropecei numa saída.

S E W: Porque viajar para lá?

BETTY: Aconteceu apenas. Parece louco ver as pessoas assim; e viajar para as ver, mas foi o que fiz.

Isso faz o mundo parecer tão pequeno quando estendemos a mão para as pessoas, e o espaço entre elas de alguma forma se fecha como um telescópio. Não compreendo isso. Tenho de fazer algumas experiências. Não vejo como se pode esticar e encolher o espaço assim...

Ora, quão surpreendentemente perto isso aproxima as coisas! Não é surpreendente! Ora, não é surpreendente! Até a distância para a outra consciência não é distância de espaço; é uma lentidão ou torpor em penetrar. É apenas a falta da combinação certa que a faz parecer distante. Está tão PERTO quando se limpa aquela densidade interposta que não é espaço...

Como posso contar isto? Suponha que estava num quarto escuro, e depois acenderam uma luz brilhante. A escuridão e a luz ocupam a mesma área, não ocupam? Uma sobrepõe-se à outra e revela o que a

outra não revelava. Bem, em vez de estar na substância escura da consciência, estou na mais brilhante e reveladora. A densidade desapareceu. Estou no mesmo lugar em que estava, mas com maior visão.

É tudo Um; Aqui; Agora — todos os céus e infernos e universos sobrepostos. Ora, isso é perfeitamente tremendo! Aproxima-se cada vez mais até parecer estar mesmo em cima de mim! Luz cada vez mais reveladora!...

Não posso penetrar mais longe. Não sou suficientemente grande: isso dominar-me-ia e rebentar-me-ia. Não posso fazê-lo...

Estou um pouco cansada e abalada com esse grande esforço. Foi como se me tivesse tornado meramente um recipiente para algo que entrou. Foi uma sensação curiosamente poderosa, mas não a agarrei completamente...

Estou a voltar agora. Sinto-me como uma lâmpada elétrica quando é desligada: toda vazia e escura!

5

BETTY: Não creio que seja possível contar-lhe ainda sobre a dimensão em que estou: compreendo tão pouco...

Suponha que, para começar, lha pressinto como uma atmosfera inteiramente nova. Nela sou perfeitamente vigorosa, forte e consciente, mas sou toda simpática. Isto é, tenho um sentido universal, não apenas de mim sozinha, mas como se todos os outros fizessem parte da atmosfera. A nossa atmosfera habitual é um monte de pequenas células separadas — do Tom, do Dick e do Harry — todas mais ou menos a atrair, a repelir ou a buscar-se a si próprias. Esta nova atmosfera contém-nas todas dissolvidas, por assim dizer, numa substância fluida única. É como possuir um corpo maior, em vez de ser um átomo separado de um corpo. Vejo como se contrai a visão na proporção em que nos tornamos uma pequena célula Tom-Dick-ou-Harry; ou como se expande na

proporção em que vivemos na atmosfera que as contém a todas como parte de uma grande vida universal.

Fiz uma confusão terrível a tentar contar-lhe. Disse-o mal porque dei a impressão de uma fusão de individualidades. Não é isso. São distintas; mas é a fusão da substância possuída por todas elas que produz a magia...

Está a afastar-se de mim agora. Estou a escorregar de volta para a consciência egotista e restrita, a atmosfera da visão diminuída. Pouco a pouco deslizo para baixo, vendo aspetos cada vez mais pequenos, observando a cegueira, a doença e o esforço de baixo grau de cada pessoa a magnificarem-se até às proporções de um mundo murado de si mesmo.

Que coisa estúpida!

6

BETTY: Estou a ter um tempo delicioso e misterioso a desfrutar de novas sensações. Alguém me está a fazer fazer coisas; coisas que são uma grande euforia. Brevemente as compreenderei e contarei. Mas não posso contá-las em linguagem de ponto-cruz; posso apenas trabalhar em grandes influências — a maneira como as nuvens viajam...

Toda a densidade e isolamento da vida comum estão dispersos. Estou despojada de algo que me separa da participação na vida que tudo rodeia; e, por mais fantástico que possa parecer, sou tão suscetível, capaz de intercâmbio, que é como se fosse feita de papel mata-borrão, mas com um poder de rejeição se assim o escolher. É muito real, e muito agradável estar tão solta no cosmos. É apenas o pequeno e mesquinho medo mundano que me faria preocupar com a individualidade. Não me preocupo. Há apenas um farrapo de ideia de que a individualidade deveria ser cuidada...

Ora! Isso é uma ideia nova! Só que não a consigo explicar. A palavra "amor" não serve as minhas necessidades; vou deixá-la passar.

Tenho de recolher algo que exprima uma ação mais vigorosa, menos confusa com individualidade...

Estou a fazer algo bastante surpreendente. Há influências à minha volta a irradiar o calor da afeição humana, mas com um poder muito maior. Dissolvo-me no seu amor; envolvo-os como eles me envolvem, a embebedar-me na expansão do coração de cada um. É tão transformador, de cortar a respiração, e não posso dizê-lo em palavras.

Agora, o estranho é que estendo a mão e espalho à volta de cada um por quem me importo esta atmosfera. E à medida que mais e mais pessoas são trazidas e cada uma acrescenta a sua contribuição para a atmosfera, ela amplia-se e torna-se mais forte e firme, como um continente num oceano circundante.

Não compreendo muito bem o resto. Pareço efetivamente SER esse corpo firme — sinto-o em todas as suas partes e no entanto é composto por muitas pessoas. Como pode ser?

INVISÍVEL: Não é fácil sentarmo-nos para uma compreensão da universalidade. Só confusamente a pode sentir como o grande oceano que liga todas as ilhas e continentes. A este elemento dos interstícios chamaremos universal num esforço para o registar simplesmente. Todas as coisas objetivas compartimentadas, por maior que seja a sua magnitude, são apenas as ilhas e continentes entre os quais e em volta dos quais flui o grande portador comum do espírito universal.

BETTY: Tenho de recomeçar com outras palavras. Espere um minuto. Vou começar do outro lado: serei o oceano...

Agora sou. Sou o oceano, o éter, a substância que tudo rodeia na qual os indivíduos estão suspensos. É como uma contribuição universal de todos os corações. Não é que eu, mais poderosa, envolva as várias personalidades a flutuar no grande oceano, mas que cada uma me encontra lá. Cada uma, através das funções do seu ser, emite uma qualidade capaz, digna de entrar nesta substância, neste oceano universal. Pode retirá-la; continua a ser um indivíduo. Mas quando a

emite, é a sua mais alta potencialidade. Toda a consciência lhe está aberta. Ele passa para o que só podemos chamar de divindade. Só reunindo um grupo dos seus mais queridos, avançando com o seu coração entre eles, cimentando, por assim dizer, uma entidade coletiva, e continuamente ampliando-a, emitindo a substância entre vocês, é que podem começar a caminhar para a compreensão da Consciência Universal.

INVISÍVEL: Como podemos fazer-vos desejar, estar ansiosos pelas delícias desta consciência conetiva? É tão inútil como tentar dizer a uma criancinha na sua caixa de areia o quão divertido é ser adulto e casado. E no entanto não há outra aquisição da vida em termos de crescimento que se compare com esta faculdade.

BETTY: (após uma pausa) Estou a tentar transformá-la num mecanismo que a estabilize como uma realidade para si: um processo adquirível definido, não uma mera imagem...

Cada vez que me uno a alguém ou a algo com ânsia de admiração e afeição — por esse processo, fundi-me momentaneamente com o Universal. Isso é claro. Mas também parecem haver passos definidos que conduzem ao uso consciente deste processo universal: resposta, admiração, adoração, até à unidade. Esta diminuição gradual da separação da coisa admirada torna eventualmente possível extrair dela a sua essência espiritual, alimentando-se dela, por assim dizer. Então pode produzir a sua própria interpretação, a sua própria personificação dessa essência...

De qualquer forma, agora sei o que significa aquela frase: Deus é amor. Sempre me soou tão forçada e afetada. Ainda não gosto dela; mas isso é estupidez minha. Pelo menos sei o que significa. Há tantas sementes-palavra que não sabemos como plantar e fazer crescer em coisas vivificantes!

7

BETTY: (após um longo intervalo) Estou a tentar crescer até ao tamanho do lugar a que cheguei...

Quando se está com muito frio e se entra numa sala quente, dizemos a nós mesmos que estamos numa atmosfera diferente, e expandimo-nos para ela. Essa é a diferença entre a vida comum e o elemento em que estou.

INVISÍVEL: Suponha que sempre tivesse tido a flutuabilidade geral de um ferro de engomar, e de repente alguém lhe mostrasse como, abrindo-se continuamente, se poderia tornar mais parecido com um balão. Muito pouca diferença, vê, entre si e o ar. Tornou-se simplesmente um invólucro para ele, contendo a certa quantidade dele que o diferencia.

Agora substitua por essa substância contida dentro do balão — que também o sustenta no exterior — a qualidade universal da vida. Sente-a em todo o lado, nos bosques e nas águas, as infinitas manifestações de vitalidade, pulsando e vibrando em contraste com as coisas inanimadas que manuseia tão constantemente. Tente ver como esta vida é realmente em essência, e não nas suas formas variadas. Depois perceba isto: quando se conseguir associar suficientemente a esta qualidade conscientemente para descansar nela, depender dela, como o balão — então o grande segredo destes ensinamentos é seu.

A mais ampla felicidade e o maior vigor são obtidos ao adquirir esta fé na substância da vida. Dá-lhe um conceito simples de suporte e dotação.

(pausa)

BETTY: Quão deliciosa é esta substância vital que sustenta! É tão maravilhosamente feliz e natural. Penso que é principalmente a liberdade dela que me impressiona. Estende-se em todas as direções que existem — e parece haver algumas novas direções. Não há tensão nem luta santimonial por um sentimento unificado: é apenas grandeza e simplicidade. Não consigo sair dela; não consigo contorná-la; não

consigo cair; não consigo estar sobre ela. É uma coisa universal de suporte para além da nossa conceção...

Suponho que por um momento estou a ser mantida num perfeito equilíbrio de algum tipo; inatingível normalmente, mas permitido como um ideal...

No momento em que paro, o que me impressiona é a vitalidade vibrante dela. Não há nada passivo nela; não se poderia ficar para trás nela. Poder-se-ia estar em perfeito repouso, mas não se poderia estar morto nela...

Mantenho-me quieta, e expiro as barreiras entre as duas consciências, e penso que seguro a própria essência dourada desta vitalidade com que compramos a nossa felicidade; mas não a posso trazer de volta. Escapa-me pelos dedos. Não sou construída de modo a poder segurá-la. É como gasolina a passar por uma pele de camurça.

8

BETTY: Estou de volta onde estive no outro dia, só que estou a vê-lo um pouco mais claramente.

(longa pausa)

Nunca soube que existissem tal repouso, tal poder e tal êxtase autoproduzido, tal liberdade, tamanha imensidão de felicidade. Digo 'autoproduzido' porque não precisa de ser encontrado cegamente, espasmodicamente, numa condição fugaz. As suas leis podem ser compreendidas, tornando possível continuar a viver nele. A minha própria compreensão dessas leis começou há muito com o relaxamento físico. Esse foi o primeiro passo. Isso libertou a tensão e permitiu que os meus poderes superiores crescessem e se expandissem e adquirissem conhecimento de si mesmos. E agora hesito em usar a palavra relaxamento em ligação com esta grande consciência e energia de vida.

Sou como uma máquina poderosa em perfeito estado de funcionamento, mas naquilo a que os mecânicos chamam "ao ralenti". O que estou a tentar alcançar é a ideia da condição que estou a experienciar. Preguiça não é; tem uma preparação e prontidão demasiado perfeitas. No entanto, também não está em tensão, mas em equilíbrio. Estou tão consciente do repouso e da recetividade, mas o efeito é inteiramente diferente, na sua sensação de força, de todas as palavras que conheço, tais como relaxamento, descanso, férias...

Enquanto vibro com este poder, nada de natureza prejudicial me pode afetar. Posso lidar com isso sem ser contaminada ou permeada por isso. O que seriam graves perturbações para mim em níveis mais baixos, agora parecem meramente oportunidades para uma seleção de vida. Não posso efetivamente descartar as perturbações, mas envolvo-as com uma salubridade que as torna inócuas.

INVISÍVEL: Este controlo, esta aquisição de vibrações elevadas — seja o que for que escolha chamar-lhe — está absolutamente ao alcance do desejo do indivíduo. Se o quiser realmente, nada do exterior pode mais do que distraí-lo momentaneamente. É uma coisa que se constrói ou não se constrói, de acordo com o seu calibre.

(pausa)

BETTY: Sou compadecida pelas minhas lutas de transição. É um dilema. Nenhuma das consciências tem o meu apoio indiviso. Só confusamente, para além, consigo ver o fim do túnel em que estou. No entanto, quase gosto da dor da compreensão, porque pelo menos é vida aguda. Um dia transformá-la-ei numa existência harmoniosa sem a luta de condições contrastantes...

É como se estivesse confortavelmente de chita, e alguém me pusesse arminho e eu tivesse de estar à altura disso.

AQUI VEM uma nova ideia. Ainda não lhe foram atribuídas palavras. Uma coisa tão grande e bela; gostaria de a poder abranger. É terrível ter algo tão grande, tão irremediavelmente sem nome. Não

consigo capturá-la. É algo tão brilhante que não projeta sombra. É uma coisa de fronteira. Assim que se começa a senti-la, somos membros de uma fraternidade diferente.

CAPÍTULO VII
TERRITÓRIO INTERIOR

1

À MEDIDA que o tempo passava, as explorações de Betty levavam-na cada vez mais longe para estas regiões sem trilhos da consciência superior. Não creio que muitos de nós possam esperar duplicá-las, exceto fugazmente e talvez em fragmento. Foram, penso eu, especiais para Betty, e para um propósito especial; cuidadosamente guiadas e controladas, destinadas principalmente a experimentação e demonstração. Também não sinto que devêssemos tentar duplicá-las. Isso levaria à deceção e talvez a uma grave derrota.

No entanto, vale a pena continuar a citá-las. Para mim, preenchem o pano de fundo e povoam o espaço de uma forma singularmente esclarecedora e reconfortante. Abrem vastas perspetivas, mesmo que para campos que não são propriamente nossos. Pelo menos há país para além. Aos nossos pés não há abismo para o esquecimento.

2

BETTY: Ora, hoje consigo deslizar para trás e para a frente facilmente! É muito estranho! O vento varreu-me enquanto entrava. Saudei-o, não me encolhi diante dele, e ele atravessou-me como o sol vos atravessa. Gosto de deslizar para trás e para a frente assim. Não vejo porque não é uma performance tão interessante, e vastamente mais desejável, do que aprender a nadar num elemento que não é o nosso. É realmente tão natural. Salto simplesmente para fora de mim mesma, e dou um mergulho num elemento mais livre, mais estimulante. Cada vez que o faço, torna-se mais fácil; sinto-me mais em casa nele; e mais estimulada por ele. Não sou extraordinariamente boa nisso: mas é tão simples como isso.

Estou a receber uma demonstração real, uma prova, de uma existência espiritual tal como é aqui, não numa vida futura. É uma consciência alada muito definida; nada de adiado ou impossível de alcançar nela. É absolutamente o próximo passo que temos de dar.

Agora, enquanto estou inteiramente possuída por ela, devo tentar transmitir-lhe um método simples da sua aquisição. Não quero dizer nada enigmático, mas devo mostrar-lhe esta saída, porque esta saída para uma vida maior é a glória suprema da nossa existência aqui. Significa a transfiguração num ser eletrificado e eterno. Tenho de lhe falar disso gradualmente, porque a saída é através das portas do eu.

Agora, sair de si mesmo significa efetivamente a prática de fazer própria, na imaginação, as condições da hora da morte. Odiei dizer isto porque lança um arrepio sobre a coisa. Vou recomeçar...

Suponha que chegasse o dia da Grande Aventura de partir daqui. Até um piquenique, ou férias, ou uma viagem de negócios exige alguma preparação. É-se propenso a dar este passo tremendo bastante subitamente. Como vai ser? Porque desviar a nossa imaginação dele tão piedosamente — ou será covardemente? Porque não nos entretermos com a leveza da antecipação? É um passatempo tão especulativo como contemplar uma viagem ao Tibete, ou ler o que os astrónomos dizem sobre Marte, ou qualquer outra viagem de fantasia favorita. Isto tem a vantagem de que estamos efetivamente marcados para ela...

As crianças jogam belos jogos de expansão da consciência, supondo gigantes e poderosos superlativos. Estou a ter precisamente uma imagem imaginativa tão alegre de quando partimos daqui. É como se tudo me tivesse sido tirado, exceto o resíduo de mim, tal como permaneceria se eu morresse agora. É tudo o que tenho para me orientar neste mundo novo em que sou apenas um ser embrionário. Todas as circunstâncias da vida se foram. Estou tão inconsciente do meu corpo como jamais poderia estar. A mais ténue sombra da sua existência está sobre mim...

Faz-me sentir que eu, pessoalmente, nunca posso ser aniquilada. Se o meu corpo me fosse realmente tirado por completo, e eu deixada no espaço, sinto que deveria continuar a manter-me unida, uma entidade vigorosamente determinada. Poderia estar temporariamente inativa, talvez, mas estaria convencida da minha capacidade de participar numa existência que estaria ao meu alcance pelo esforço de a tomar.

Embora pudesse ser privada de tudo pelo caminho, não poderia por coisa alguma concebível ser vencida ou aniquilada. Sei que o desenvolvimento de uma faísca, mesmo uma pequena faísca, de poder individual não pode morrer. Ela procurará e encontrará a sua progressão adequada através da sua própria vitalidade. O que fazer é levar consigo uma faísca viva quando partir...

Agora parece ser um símbolo militar. Reuni e organizei as minhas posses para a grande Inspeção — o que me é permitido levar dos meus interesses acarinhados. Estão a dominar-me pela ordem do seu ardor. Tenho o privilégio de ter uma prévia, por assim dizer: de as considerar com crescente impessoalidade, e reavaliá-las, se assim o desejar. Esse é um processo muito esclarecedor. Não posso ir mais longe até ter tomado decisões satisfatórias sobre o que escolho para o meu equipamento para a viagem que se segue; o que oferecerei tão confidentemente quanto possível ao grande Inspetor. Este é o primeiro jogo que jogo; a prática preliminar no jogo do eu.

Estou a tentar mostrar-lhe um método real, definido e possível de controlar a primeira maturação, natural e alegremente, desta vida para a

seguinte, ocupando experimentalmente os graus superiores, enquanto continuamos a existir aqui. Pode fazer isto deixando cair periodicamente a sua aquiescência com as impertinências do corpo e o seu cenário de necessidades fabricadas, as suas casas e parques e mercados e todas as suas complicações: deixando-as cair deliberadamente da sua consciência, e ao mesmo tempo sendo vigorosamente você mesmo; traduzindo como para outra língua a mesma ordem dos seus ardores e buscas. Isto espelha a sua alma em segredo para si mesmo...

Agora estou apenas a repousar no séquito da vitalidade. Pergunto-me se é a condição real de um lugar para onde vou, ou uma figuração da imaginação como símbolo. Não consigo perceber; mas é real, como se tivesse partido para ele. Vê, estou totalmente afastada de mim mesma; estou afastada de todas as coisas a que gosto de me agarrar como craca...

Estou a voltar agora através dos portões do eu. Vejo os pormenores a entrarem em foco; as coisas expandidas contraíram-se todas. Resta apenas maior poder na manipulação delas para os propósitos decididos nas minhas cortes superiores.

3

BETTY: (após meia hora) Todo o trabalho que se segue é a libertação do eu; o meu eu compartimentado tornou-se uma restrição demasiado grande para mim. Descobri como desabrochar a partir dele, mas não consigo estabelecer-me na nova atmosfera. Sinto-me curiosamente como uma ligação elétrica a arrastar um fio comigo para todo o lado: não sou livre. É um campo claro, à frente, do que tenho de fazer; e estou a trabalhar numa compreensão disso...

As minhas experiências são como o que alguém chamou de "corda bamba da fé." Esta consciência para além do eu é apenas a elevação precária acima do que é normalmente nosso. O equilíbrio e o progresso dependem inteiramente da minha capacidade de regular e controlar a mim mesma, de ser segura, equilibrada, confiante e audaz num novo elemento. Vejo longa prática nisso à frente...

Pareço estar muito longe hoje. Mal consigo ver a parte de mim que anda lá em baixo. As coisas pelas quais as pessoas viajam — lojas, atrativos e coisas — são inexistentes para mim. Sinto-me mais aparentada com a fumaça das chaminés a experimentar a sua libertação. Estou mais consciente do movimento dos elementos viajantes de horizonte a horizonte, de país para país, do que das brisas que vagueiam pelas ruas.

(Longa pausa)

Agora estou bastante bem morta. Não foi grande operação afinal! Foi uma libertação prazerosa, bastante diferente da ideia da agonia da morte. Esta deve ser encarada simplesmente como as dores de parto do corpo espiritual.

Estou aqui, sim, e bastante contente, mas sou como um bebé que se pôs de pé segurando-se numa cadeira: não sei o que fazer a seguir. Se ao menos fosse um pouco mais forte e mais vigorosa, isso por-me-ia mais em contacto com a ajuda e afeição que sinto à minha volta. Graças ao céu tenho a sua proteção. Agora tenho de ficar quieta e ver quais são os meus instintos e emoções...

Pareço estar apenas semiconsciente. Há tanto à minha volta agora que antes eu era cega e surda para... Oh, forcei-me a abrir o que deveriam ser os meus olhos terrestres e tocar com os meus dedos terrestres, e não é possível!... Pessoas ajudantes e amáveis estão à minha volta, a instar-me a fazer algo. Retribuo-lhes o amor por me ajudarem, e fica mais fácil.

É terrível estar assim sem mais vitalidade e forma. Devia tomar forma imediatamente e começar, mas sou desajeitada. Posso ter grandes possibilidades e grandes poderes, mas como hei de agarrá-los? Gostaria de algum conselho sobre o que fazer. Gostaria de começar já e experimentar os meus músculos e ver o que tenho, mas tenho a sensação de que poderia cair e não me levantar — mas sei que não posso fazer isso; não estou nesse tipo de mundo...

Pareço ter um impulso, algum tipo de urgência, para fazer este meu eu fraco e desajeitado avançar valentemente e com ímpeto. Não é agressão: isso é uma coisa teimosa. Não é exatamente força: essa é uma palavra demasiado fria e de aço. São palavras de músculos rígidos; não sustentam a ideia de todo. Não encontro melhor do que a velha palavra "volição". Tentei "fé", mas essa é uma plataforma estranha onde as pessoas põem coisas; foi estragada. Por isso tive de voltar a uma palavra suspensa que pudesse viajar vigorosamente.

Bem, consegui a volição, e comecei imediatamente, para não estar ligada a nada. Não queria estar amontoada num canto. E ganhei forma muito mais firme imediatamente — como ser moldada numa roda de oleiro. Depois consegui algo com bastante facilidade, sem dificuldade nenhuma. Veio imediatamente assim que comecei: uma sensação agradável, quente e amorosa. Não sei como lhe chamar, mas ainda bem que a tenho. Faz-me sentir ligeiramente cintilante...

Parece-me que terei de me deixar ali um tempo, apenas a meditar. Vou continuar com o corpo eterno, no entanto; tenho de descobrir como o moldo e o energizo.

Tenho de voltar agora... Estou a regressar como uma folha de outono, em ziguezague.

4

BETTY: Tenho de sair agora. Estou consciente apenas de uma manipulação cuidadosa. Sinto-me como uma pequenina coisa planetária desprendida de um corpo a que estava aderindo para amadurecer. E agora estou imbuída de planetaridade real. Lembra-se de que antes era como algo elétrico com um fio que arrastava para preservar a minha corrente. Agora estou desligada e dotada da capacidade de criar o meu

próprio brilho, a minha própria corrente. Não sei como explicar como o faço; ainda é uma coisa instintiva.

Posso obtê-la muito como se obtivéssemos eletricidade por rádio. Sou uma pequenina unidade de poder por mim mesma. Chamo-lhe brilho, porque significa calor e luz ao mesmo tempo. É uma sensação retida e uma radiação ao mesmo tempo, que parece ser a qualidade mais característica desta extensão ideal de mim mesma. Por estranho que pareça, é o meu corpo de vida real a partir de agora, e estou contente que assim seja...

Não se pode bater numa sombra e mutilá-la, por mais nítida e definida que seja. Não se pode engarrafar uma mancha solar e retê-la para si. Não se podem misturar os meios dessa maneira. Ora, isto é apenas para varrer a sua mente das suas limitações sensoriais e ajudá-lo a pensar em si mesmo, no seu verdadeiro eu eterno, como sendo de uma substância inteiramente diferente...

Meu Deus! Estou a ir fundo!... Ainda mais longe? Agora!

É uma experiência direta de substância espiritual. Estou a olhar para ela, mas sou incapaz de a compreender; é tão diferente da matéria de pele e ossos que temos como corpos. Digo-lhe isto para que saiba o quão perplexa estou. Tenho de ficar aqui e trabalhar nisto até o compreender. Quando vestir um corpo disto, estou tão mudada que não sei o que fazer nem o que lhe dizer...

Pronto: já o vesti! Mas a piada é que o que estava a fazer era despir o outro. AGORA! Aqui estou!...

Sou exatamente a mesma pessoa, mas sou inteiramente feita desta estranha substância nova, que é sem corpo mas que parece ao mesmo tempo manter-se a si mesma. Não se dissipa simplesmente com o resto do ar. Posso ocupá-la temporariamente, mas ainda não consigo utilizá-la nem viajar nela...

Tem as possibilidades mais divertidas. Suponha que é feito disto: é mais como o poder de separação e recoagulação do mercúrio do que qualquer coisa que conheça. Se quiser atravessar uma coisa material, simplesmente flui através dela, passo-me por ela como um crivo. Não há nada sólido que se conheça, realmente. Tenho tanto medo de deixar parte de mim para trás do outro lado. Não sou muito boa nisso, mas sei que consigo. Confrontada com o que parecia uma coisa sólida como uma parede, sei perfeitamente bem que posso atravessá-la...

Suponha que pegava na figura de um homem feita de pequenos pontos, como uma imagem de rádio. É uma imagem perfeitamente boa; mas se separasse todos esses pontos suficientemente, deixaria de o ser. Foi o que me surpreendeu tanto: perdi o meu corpo — libertei-me do que mantinha todos os pontos unidos — e descobri que estava a ocupar os espaços, mantida unida de alguma forma pelo corpo espiritual. É muito desconcertante...

Não consigo, de maneira nenhuma, habituar-me o suficiente para continuar. Continuo a tentar obter a sensação de realidade cristalizando novamente a figura de pontos: volto a juntar todos os pequenos pontos, juntos, apertados; e digo: "Aqui está o que estou habituada a ver e a ser." E depois expande-se tudo, e digo: "Aqui está o que sou agora." Então sou feita de algo que estava no meio, de uma substância inteiramente diferente — mantida unida apenas pelo que, há muito adormecido e não desenvolvido, havia de espírito dentro de mim quando estava cristalizada.

Tenho de descobrir; tenho de intensificar a minha diferenciação, o que me torna Eu no meu novo corpo, em vez de reverter para a substância universal: estou tão preocupada com medo de rebentar de alguma forma, de não me manter unida. Os meus contornos são meio frágeis; não são suficientemente fortes para se manterem bem unidos. Sou espiritualmente de pele muito fina.

5

BETTY: Estou a aprender muito: este meu corpo libertado tem de ser treinado. Já não recebo muita ajuda em suporte efetivo; sustento-me a mim mesma. Para fazer isto, tenho de compreender a ação de utilizar este corpo libertado. Teria medo de o explicar minuciosamente, sou tão nova, tão ignorante e experimental. Estou a agir instintivamente, e não inteligentemente...

Quão curiosas são aquelas ondas! Têm uma qualidade de elevação que quase nos sustenta, e no entanto têm uma qualidade de atração que traz sustento. Como é maravilhoso e fascinante! Creio que há um grande princípio ali, quando o compreender. É exatamente como um peixe faz passar água pelas suas brânquias para se sustentar. Assim, este meu corpo libertado, por meio desta pulsação, mantém-se numa forma superior de ambiência, fazendo-a passar através de si mesmo. Sou diferente dela e menor do que ela, mas também sou inteiramente sustentada e alimentada por ela, vivificada por ela. Não alimentada no sentido de comer, mas no sentido de ganhar compreensões progressivas.

Tudo funciona da mesma maneira — o bater dos corações, sístole e diástole; mas é o instante em que passa através de si que é o seu momento de divindade, de unidade absoluta. Assim a vida individual é alimentada. Penso que tudo o que recebo é a soma destes instantes de unidade. Com o tempo, eles desenham uma imagem, algo como uma imagem sem fios. Estas pulsações mantenedoras vêm inteiramente da região do sentimento, que simbolizamos pelo coração. O cérebro é um membro distante, como uma mão ou um pé...

Este negócio da pulsação é tão importante. Lembra-se do outro dia, quando não conseguia fazer funcionar bem o meu novo corpo? Descobri então que tudo o que podia fazer era reunir cada bocadinho de poder-desejo interior e força-do-coração que possuía e atirá-lo para fora de mim num grande estiramento exuberante. Foi quando descobri que esta ação pulsante é o grande movimento da vida que se transforma e adapta para produzir as nossas próprias variações individuais. Vê, ele reconstrói de acordo com o que se leva para ele de desejo modelador...

Uma coisa que quero que saiba: que a pulsação é uma ação involuntária. Não a fazemos nós mesmos; apenas criamos um tipo de condição de anseio que é uma sucção que a chama à existência. Não deve pensar que poderia PULSAR a si mesmo, porque não pode.

6

BETTY: Agora livro-me do meu corpo com bastante facilidade; como tirar uma bota... Sabe bastante bem, mas penso que tenho de ir mais fundo...

Estou a olhar para um tipo de qualidade descarnada, a tentar compreendê-la para si. Estou no lado do poder, e a ser assistida temporariamente por grande força e sabedoria. Sob o seu encanto, estou a virar-me para olhar para baixo para ver porque é que não recebo mais dela normalmente. É devido à falta desta qualidade descarnada de que estou a falar. Em breve lhe arranjarei um nome. Temos de a incorporar no nosso trabalho.

Todos nós — o nosso grupo — tivemos uma conceção vaga de que existem tais coisas como forças superiores que funcionam tão bem como as nossas aplicações físicas de força, apenas superlativamente. Todos as admitimos — como generalizações fracas. Mas ainda assim as nossas mãos, olhos, pernas e ouvidos são de muito maior utilidade para nós. Ora, esta qualidade descarnada que estou a observar é o que nos daria a posse efetiva da capacidade de trabalho destas forças superiores. Estou ao lado daqueles que têm tudo isto para dar, e é tremendamente importante obter o seu ponto de vista sobre porque não estamos a utilizá-lo. Eles dizem que não posso obter muito disso; apenas um pequeno começo, uma pequena pista sobre como começar a crescer para isso.

É a mesma coisa que tentei adquirir no outro dia, quando o meu corpo fraco e desajeitado não queria funcionar. Trouxe todas as qualidades que me ocorreram e experimentei-as para o fazer funcionar. A força de vontade apenas lhe dava uma espécie de solavanco; e a energia concentrada, e todas aquelas aplicações duras e apertadas, apenas o moviam um pouco, principalmente no mesmo lugar. Esta

qualidade não é muito reconhecida. Na verdade, é apenas A CERTEZA DA SUA CRENÇA NA EXISTÊNCIA DESTA FORÇA MAIOR. Essa é a principal coisa para começar.

Tome um exemplo das forças físicas naturais. Não teria a coragem ou a idiotice de tentar andar sobre a água; mas pisa no gelo com perfeita confiança. Na vida quotidiana, chega a associar a sua mente tão natural, prazerosa e habitualmente com as grandes forças que controlam o nosso universo físico que elas se tornam mensuravelmente firmes sob os pés, por assim dizer. Tome a gravitação, que funciona sempre; a atração magnética ou o poder da eletricidade quando o controlo é estabelecido; a flutuabilidade da colocação na água — qualquer uma das leis naturais que lhe agradem. As nossas mentes conscientes aprovam e abandonam todo o teste delas.

Mas estas forças superiores só as sentimos como generalizações fracas. Temos de as tornar nas nossas mentes conscientes o mesmo que as forças naturais que mencionei, e que aceitamos como natural. Temos de nos associar a elas, experimentá-las, tão constante e interessadamente como as pessoas fizeram ao adquirir as leis que controlam as outras forças.

É a coisa que fará os nossos corpos espirituais funcionarem. É a primeira coisa com que seremos confrontados quando "partirmos daqui". Tudo a que estávamos habituados ter-se-á afastado de nós. Se não tivermos construído esta extensão de confiança em forças conhecidas, ficaremos perdidos. Esta atitude particular da mente, certeza, confiança, é ELA MESMA uma força: é uma força superlativa.

INVISÍVEL: O que estamos a contornar é para evitar o uso da palavra "fé". Não a queremos usar até a termos renovado. Tornou-se respeitável chamando-lhe sugestão: todos conhecem o poder disso. Só que esta é a sua realidade genuína, a sua ESSÊNCIA.

(pausa)

BETTY: Disseram-me que não podia obter muito disso, apenas o suficiente para começar a adquirir esta força. Vou contar-lhe como o estou a fazer.

Fiz uma espécie de berço de confiança das marés, das luas e das oscilações planetárias; e disse: não há razão para que eu não descanse este meu espírito com segurança nestas forças infalíveis. Senti-me deliciosamente em suspensão, repousante com o repouso de braços eternos. Esta extensão da minha personalidade, a realidade a que chamo eu, pelo meu nome, aventurou-se com bastante razão a associar-se a realidades invisíveis mas completamente testadas. Esse é o começo: é assim que começamos a crescer para as forças superiores.

Tenho uma maneira engraçada de trabalhar. Vario todos os tipos de testes. Salto para cima e para baixo sobre leis naturais para sentir a sua realidade. Mentalmente, viro-as e torço-as todas, e agito-as, e elas continuam a segurar-me com uma certeza de causa e efeito.

Agora vou deixar esse lado por um minuto e procurar a sociedade das forças maiores.

INVISÍVEL: Vê, trouxemo-lo do seu eu menor para o seu eu maior.

(Longa pausa)

BETTY: Sinto-me como uma pessoa cega a caminhar. Sinto quando entro numa mancha solar de poder, e tento manter-me nela, e quando me desvio dela, tento voltar. Sei que está lá, e tenho apenas de tornar os meus sentidos tão aguçados que possa manter-me nela ou regressar a ela se me desviar.

Cada pessoa deve jogar o seu próprio jogo mental nesta questão. Estou apenas a sugerir o meu...

Tudo isto é um esforço para nos estabelecermos firmemente no espiritual, para que possamos utilizar os seus maiores poderes ao fazer as coisas físicas que vemos que valem a pena fazer. Esta crença definitiva

numa força que assiste os nossos melhores esforços, e a nossa contagem com a sua ajuda infalível; o estabelecimento deste princípio do movimento construtivo, diretivo, para a frente, a que chamamos evolução — esta condição de fé, deve, em algum momento ou outro da nossa progressão, ser permanentemente aceite pelo nosso ser unificado. É uma pedra de toque mágica, tornando os nossos esforços positivos, em vez de os negativar constantemente com dúvidas e hesitações.

Há apenas uma condição importante: não podemos depender desta lei para realizar mais do que o complemento dos nossos próprios esforços. Cada um deve depender de si mesmo para construir a sua coluna aspirante, sabendo que, no ponto mais alto das suas esperanças e esforços, será colocado um capitel para além do poder de conceber.

VIDA! vida! vida! A vida é tão fascinante! Persigo-a enquanto ela ri em cada forma. Firme na minha fé, posso seguir o meu caminho tortuoso, porque conheço a fonte, e posso regressar a ela, e escavar os meus pequenos pedaços de verdade. Vida, vida, vida! Quero vivê-la! Mas não se pode vivê-la feliz, humorosa e poderosamente até se estar primeiro firme na fé e na perceção com a realidade. Sinto-me ansiosa e amorosa em relação à vida — é um belo padrão, mas não tenho matéria suficiente em mim para o cobrir. Quero mais matéria em mim para o cobrir. Tudo o que toca os meus sentidos deve tornar-me mais porosa a ela.

Coisas que respiram o mar, coisas subaquáticas, coisas que respiram o ar e a terra; os próprios motes de sol; as próprias sombras entre as estrelas falam eloquentemente, cada uma segundo a sua espécie, no grande cortejo da vida. Não quero ser um erudito, nem um cortesão, nem um soldado, nem nada disso no cortejo. Quero usar roupas coloridas. Quero ser o Tolo, e assim aproximar-me de todos os tipos. Quero receber e devolver a verdade na forma fértil da brincadeira ligeira. Quero viver nesta condição fluida, flexível, porque é feliz e se dissemina facilmente.

CAPÍTULO VIII
A CONFIGURAÇÃO DO TERRENO

1

Embora os Invisíveis tivessem o propósito definido de nos conduzir à consciência superior, não nos mantinham continuamente na ponta dos pés. Pareciam ser pessoas muito sábias, e compreendiam bem a necessidade de tempos de respiração ocasionais num ar menos rarefeito. E opunham-se sempre a qualquer atitude, em qualquer altura, de solenidade silenciosa e reverente. No início, era difícil para nós, espectadores, não sermos solenes. Ficávamos impressionados com a importância do que nos era dado; e não tínhamos aprendido a distinguir entre importância e solenidade. A deles é uma filosofia risonha.

Concordavam com Stevenson, que disse da religião: "Se te deixa triste, podes ter a certeza de que está errada." Não tinham medo de ser engraçados; de "gozar" por vezes; de contar piadas connosco; e parecia-me que eles tiravam tanto prazer destes interlúdios como nós próprios. No início, alguns de nós, por velho hábito mental, sentiam-se instintivamente acanhados, como se alguém tivesse rido alto na igreja. Porque não se haveria de rir alto na igreja? perguntavam eles com razão.

"Este assunto", disseram eles, "é de pés ligeiros; não como o passo solene de uma procissão. Tem passos de dança, e corrida pela alegria de correr, e saltos pela alegria de saltar. É tão natural e alegre como um bebé a brincar com os dedos dos pés, a descobrir a atividade mais desejável para entretenimento. Esta é uma atuação graciosa. Não é uma criança numa sala de aula; é uma alma a entrar graciosamente na eternidade."

"Estão terrivelmente ansiosos", acrescentou Betty, "por tirar qualquer ideia eclesiástica solene de 'espiritual'. Uma vez reconhecida como significando prazer espontâneo, indulgência legítima do coração, a palavra terá roupas de caminhada práticas em vez de vestes."

Betty caía naturalmente nesta leveza de espírito. Estava sempre a chutar os calcanhares em frivolidade; uma tendência que a princípio deplorávamos. Estávamos sempre a tentar levá-la de volta ao que

considerávamos o trabalho sério, mas éramos invariavelmente gozados pelo nosso trabalho. Por vezes, de facto, os Invisíveis anunciavam uma "festa", e durante uma noite inteira nos presenteavam com histórias e poemas, versos e conversa fiada. Ao fim de algum tempo, conseguimos descontrair-nos e desfrutar sinceramente destas ocasiões. Chamávamos-lhes "festas de recuo", e reconheciamos-nas como espaços de respiração necessários.

Nestes espaços de respiração, encontrávamos ocasionalmente indulgência para a nossa curiosidade. Estávamos sempre cheios de perguntas sobre todo o tipo de coisas que nos interessavam, mas que tinham pouco ou nada a ver com o assunto. Posso ver agora que devíamos ter sido muito irritantes, pois estas pessoas tinham um plano definido, e tais perguntas apenas atrapalhavam. Como era a vida lá? O que deveríamos fazer nesta ou naquela situação? Qual poderia ser o Plano Cósmico em relação a isto ou aquilo?

Geralmente desviavam-nos, mas no final conseguimos introduzir um corpo considerável de afirmações. Demasiado grande para citar na íntegra aqui. Não se adequam mais ao nosso propósito atual do que se adequavam ao plano principal dos Invisíveis. Mas algumas delas podem servir ao leitor, como nos serviram a nós, como espaços de respiração.

2

Algumas das nossas perguntas pareciam-nos muito importantes. Que tipo de pessoas seremos quando "partirmos daqui"? Um amigo que estava connosco preocupava-se muito com isso. Queria algo sólido e definido a que se agarrar. O contacto com aparições não lhe parecia grande diversão. No início, os Invisíveis hesitaram em responder. As suas condições eram tão diferentes, e a má tradução tinha tantas vezes resultado em coisas repulsivas para o senso comum.*

** Tal como os infelizes "charutos" no *Raymond* de Sir Oliver Lodge.*

INVISÍVEL: Quando pensarem em nós, não se preocupem com a nossa forma ou substância. Ainda é uma forma viva e amorosa: nada de antinatural ou vaporoso. Não façam uma imagem tão pouco atraente da mudança. Guardem-nos nos vossos corações como éramos; está mais perto da verdade, e é mais reconfortante do que tentar compreender a diferença. Quanto mais naturalmente puderem pensar em nós, menos propensos estarão a desviar-se para fantasmas da vossa própria conceção. Meu Deus, porque se tornam tão FANTASIOSOS em relação a isso? É terrível ser amado de forma tão descarnada! Isso dificulta uma conceção de calor e resposta existindo COMO-sempre e PARA-sempre.

BETTY: Eles são tão reais, tão reais, e muito mais vibrantes. É uma pena; não é? Se ao menos tentassem dizer exatamente o que são, não cometeríamos erros tão tolos...

Oh! Estou a perceber um pouco mais das coisas como vão ser lá... Espere; quero olhar para elas...

Cada pessoa é dotada de força, força individual progressiva. Essa é a principal diferença. Eleva toda a massa para um estado diferente mais livre, claro e brilhante, desprovido de PESO! É principalmente a sensação de poder e leveza. Tão vital, leve e forte, essa vida!

Gostaria de ficar convosco e ficar assim também! Vocês são feitos de — não sei — uma matéria tão mais clara, mais fina, mais forte!...

Estou a ir; mas agora sei como vocês são.

S E W: Tenta dizer-me antes de saíres.

BETTY: Não é diferente na forma; é uma diferença de elemento, mais especialmente de clareza, luz e poder; sem a substância espessa, desajeitada e arrastada em que estamos. É uma diferença de elemento muito maior do que mergulhar na água. Não temos qualquer contraste semelhante. Sinto pessoas de substância diferente, mas INTEIRAS. Não são distintas para mim. As paredes do seu corpo são mais finas do que as nossas paredes corporais; mais aparentadas com a substância em que

estão, por isso são mais suscetíveis a ela para obter a sua energia a partir dela.

(longa pausa)

O elo de ligação não percebo. Como é que nós... Tenho de pensar nisto. Quando é que nos aproximamos mais desse estado? Esse é o ponto a trabalhar.

INVISÍVEL: Grande energia e força postas em viver elevam todo o ser acima do controlo do físico. Houve muitas demonstrações disto em tempos de grande estimulação emocional ou necessidade de ação.

Agora compare-se com formas físicas inferiores de maior densidade. Gradualmente, o afrouxamento da densidade produz seres de forma mais fina e leve na região da consciência. Estendido indefinidamente, atinge a condição que acaba de ser manifestada.

S E W: Não quero discutir por palavras, mas quero compreender quão literais são. Sou muito superior em perceção a uma tartaruga de lama; mas a minha carne real, como carne, não é tão tenra como a dela.

INVISÍVEL: O organismo físico do homem é vastamente mais refinado, sensível, menos denso do que o da tartaruga. Densidade é a diferença na QUALIDADE DE REAÇÃO.

3

Bastante razoável, disse o nosso amigo, penso que poderia dar-me bem com esse tipo de pessoa. Mas e quanto a relações individuais reais, tais como as conhecemos? E quanto aos nossos companheiros? E se não os encontrarmos aqui, encontramo-los lá? Ou existe tal coisa como o celibato eterno?

INVISÍVEL: Não, decididamente não. Rapidamente encontram os seus eus complementares. Unem-se então para uma maior harmonia de esforço e felicidade completa.

S E W: Entre aqueles assim unidos, existe alguma forma do que se poderia chamar relação privada; isto é, uma relação peculiar a eles como indivíduos, correspondendo, por mais vagamente que seja, às nossas relações físicas?

INVISÍVEL: O vosso mundo está cheio do êxtase da atração harmoniosa, começando nas meras afinidades químicas e progredindo até às relações sexuais. Esta mesma atração magnética continua, mas numa forma vastamente superior e ainda mais extática. Ocorre eventualmente através da união perfeita de metades espirituais complementares. É um pouco difícil de expor concisamente, pois há muitas ramificações e condições meio realizadas antes de ocorrer o acasalamento perfeito. Não é uma explicação muito satisfatória, mas pode ter a certeza de que a beleza do acasalamento físico não se perde, mas é intensivamente aumentada no reino espiritual.

S E W: As relações de casal aqui têm duas fases ou ângulos: a relação afetiva bastante uniforme, e a relação intensificada ocasional. Ambas existem lá de alguma forma?

INVISÍVEL: Assunto desencorajadoramente complexo, porque toda a afeição é infinitamente variada em todas as fases de aquisição. Não podemos levá-lo a condições para além da sua imaginação humana. Só podemos satisfazer vagamente com o que será o seu próximo passo.

É mais um crescendo do que espasmódico. Tal como na terra se elevam a certas alturas por bem-aventurança ocasional, aqui pela harmonia obtêm essas alturas. Talvez ocasionalmente as tenham obscurecidas por períodos de distração, mas as alturas estão sempre lá, e são passíveis de obter e de estebder. Com o tempo, podem crescer permanentemente no vosso mais alto ideal e permanecer lá, enquanto ocasionalmente escalam alturas ainda maiores. Esta é a bem-aventurança progressiva, intensificada à medida que crescem em maiores capacidades de realização.

S E W: Tudo o que é propriedade dos dois, unidos, de sexo oposto; em oposição a ser uma relação comum de todos os espíritos?

INVISÍVEIS: Sim. Mas com as vossas ideias e desejos terrenos atuais, não podem apreciar plenamente como a mudança de estrutura influenciará as vossas ideias. Não veem, estamos a tentar dizer-vos que temos algo privado entre apenas os dois, mas a mudança de estrutura e a visão mais ampla mudam o vosso desejo por uma atitude tão intensamente pessoal. É absolutamente possível. Mas tal como a criança não pode compreender o ideal do adulto, também vocês não podem agora colocar os vossos desejos terrenos como padrão para o que desejarão quando chegarem aqui.

4

Estes fragmentos são típicos da forma como aprendemos a configuração do terreno. São valiosos não tanto como afirmações de facto, mas como lampejos que revelam vislumbres para além das nossas experiências comuns. Teremos um ajuste a fazer; mas será um ajuste natural e fácil. Muitos dos nossos padrões habituais terão de ser abandonados. Estarão tão fora de lugar como um chicote de carruagem num automóvel. Tomemos o espaço, pelo qual medimos tanto de nós mesmos.

BETTY: Vejo; o espaço é apenas uma fronteira imaginária, não uma realidade definida. Como parece curioso! Não existe tal coisa como aquele padrão-palavra a que chamamos espaço. É totalmente diferente!...

Isto é demais para mim! Meu Deus! Não adianta tentar perceber isso enquanto se está vivo. Não se conseguiria reter a ideia quando se trouxesse de volta! Não creio que pudesse SUPORTAR uma ideia assim e voltar e viver sensatamente. Mas vou tentar contar-lhe. Estou ofegante com isso, e vou estragá-lo; mas vou tentar...

Ontem, quando olhei para uma pedrinha ao microscópio, olhei para um profundo canhão de espaço. Como se pode medir o espaço? Como se pode dar a algo tão elástico e mutável o nome de espaço? Posso andar

sobre essa pedrinha; e no entanto, pela magia da concentração, uma pequena fenda nela pode ser refratada para a ilusão de um verdadeiro canhão com verdadeira imensidão. Não vêem, o espaço não é real de todo. Está contido num atributo da vossa consciência.

INVISÍVEL: Considere a magnitude da vossa própria ilusão de espaço em comparação com uma pedrinha. Agora eleve-a novamente a uma magnitude incompreensível que só podem adivinhar.

BETTY: Aparentemente, todos estamos a ocupar o mesmo espaço. Não parece ser uma questão de distância de todo. Isto é bastante novo para mim e muito satisfatório; porque nunca consegui perceber como teriam espaço para tudo e todos os que já morreram. Isto é muito melhor; só que não o consigo compreender claramente...

Bem, de qualquer forma, nunca mais vou ter respeito pelo espaço, porque agora sei que é totalmente pouco fiável. Depende inteiramente de quem está a olhar para ele. Lamento não ter percebido isso inteligentemente, mas de qualquer forma foi uma grande investigação e exposição do espaço! Vê, é uma palavra que não tem qualquer estatuto, exceto connosco. Representa apenas o que pensamos sobre ele. Mas devo dizer que é bastante exaustivo lutar com ele, uma vez que parece não ter muita influência sobre ele, e tenho trabalho a fazer nele!

INVISÍVEL: O espaço não é distância: o espaço é graus de perceção. Distância é apenas lentidão em chegar lá.

TODO o progresso conduz do mais material ao menos material; até que, por fim, nos conduz a regiões onde a realidade é percebida sem o uso de qualquer estrutura material laboriosa. Vocês próprios sabem que indivíduos de mentalidade superior nem sempre têm de passar por uma experiência material. Se estão cientes da sua causa e efeito, podem compreendê-la sem a sofrer penosamente: não precisam da estrutura material laboriosa para ver a sua realidade. O mesmo acontece nos níveis ainda mais elevados para além. Estão todos a caminhar para uma consciência da realidade sem as suas sombras materiais, as suas

reflexões materiais, as suas manifestações materiais, como auxiliares da compreensão.

CAPÍTULO IX
TRANSPORTE

1

O que precede pode dar uma ideia aproximada do que foi dado a Betty para o seu próprio desenvolvimento, e como evidência da natureza da consciência superior para a qual estava a ser conduzida. A minha própria função durante este período era em grande parte a de relator; mas a seu tempo também tive a minha vez. Parte do plano parecia ser alguma forma de publicação; e a minha profissão apontava para mim como o que faria a escrita propriamente dita.

Ora, como escritor, nunca fui capaz de fazer um trabalho eficaz em segunda mão. Para mim, há pouco poder de transmissão em qualquer coisa escrita de fora. As impressões de turistas nunca são mais do que divertidas. Nunca fui capaz de sair deliberadamente à procura de cor local. Tive de trabalhar no ofício nos campos de lenhadores; andar a cavalo nas serras do Arizona atrás de gado; vaguear pelos confins da África antiga ou do Alasca, ou onde quer que fosse, fazendo o que os habitantes têm de fazer, sem motivo ulterior, porque gostava, e por nenhuma outra razão. Depois, depois de tudo vivido, descobria que tinha algo sobre que escrever.

Foi exatamente assim aqui.

Se ia fazer este trabalho de escrita, devia fazer algo mais do que relatar; devia eu mesmo viver efetivamente a vida do país.

Até este ponto, apesar de tanta admoestação em contrário, tinha-me agarrado ao meu intelecto como ao meu melhor guia. COMPREENDIA as instruções dadas em *The Betty Book*, e subsequentemente, admitia a sua verdade lógica. Como ideias, eram satisfatórias. Além disso, o meu sentido estético achava-as belas. Mas agora, abruptamente, descobri que

já não andava à procura de ideias. Andava à procura de algo por trás das ideias — algo que já não podia ser objeto de pensamento.

2

Aguardado e perturbado, percebi que se queria ir mais longe, tinha de seguir instruções — e que devia começar do princípio. Acompanhara Betty por um caminho tão longo, mentalmente, que tinha muito retrocesso prático a fazer.

Qual era o primeiro passo? Refletindo, encontrei apenas uma coisa da qual me sentia absolutamente certo: o meu objetivo. Queria entrar nesta nova região de consciência que Betty tinha descrito. Isso era claro. Também, refletindo mais, ocorreu-me que a primeira coisa que devia fazer, se queria ir para outro lugar, era aprender a afastar-me de onde estava.

Pela primeira vez, penso, compreendi porque tantas doutrinas, particularmente as orientais, insistem em exercícios de "sair do corpo". A minha mente prática ocidental há muito se opunha a este conceito. A imagem, para mim, era de algum tipo de veículo astral a flutuar, como um balão cativo, num nevoeiro psíquico beatífico — mas denso. Isso fez-me rir, mas não me convenceu.

Recentemente, no entanto, tive de mudar de ideias sobre isto. Betty certamente se afastava do seu veículo quotidiano para um ambiente que continha coisas não percetíveis aos sentidos corporais comuns. Qualquer dúvida sobre isto finalmente desmoronou sob as suas repetidas demonstrações de que ela podia até viajar alguns milhares de milhas muito terrestres e espreitar as atividades de amigos. Que ela estava lá, de alguma forma, provou para além de qualquer dúvida, relatando-me todo o tipo de pormenores — quem estava lá e o que estavam a fazer a uma determinada hora — e estes pormenores foram subsequentemente verificados, como precisos, por correspondência.

Nessas ocasiões, alguma parte da sua consciência estava indubitavelmente "fora do seu corpo"; pois o seu corpo, com os olhos

vendados, estava todo o tempo ao lado da minha mão. Além disso, o "ela-própria", a parte percetiva que podia observar, lembrar e comentar, tinha acompanhado essa porção viajante da consciência. Estava ciente de eventos em Boston, estava inconsciente — ou apenas confusamente ciente — naquele momento de Burlingame, Califórnia.

Confrontado com esta evidência, o meu ceticismo cauteloso recuou um ou dois passos, mas rapidamente se refugiou noutra defesa. Betty e essas outras pessoas, argumentei, eram diferentes. Eram dotadas; eram "psíquicas". Tudo muito bem para elas. Mas eu não me considerava "psíquico". Era apenas uma pessoa comum, como toda a gente. Este negócio de "sair do corpo" estava além de mim; e se tivesse de ser feito antes de eu poder avançar, então eu — e as pessoas comuns como eu — estava simplesmente sem sorte.

Não percebia então que "psíquico" é apenas uma palavra: que toda a gente é "psíquica", tal como toda a gente está viva; que qualquer um pode "sair do corpo" sempre que quiser; que, de facto, todos estamos a fazer exatamente isso, até certo ponto, todos os dias das nossas vidas.

"Temos uma casa com cinco portas", explicou Betty. "Há outras, mas são portas secretas. As cinco portas são os vossos sentidos. Para que pensam que os vossos sentidos vos foram dados, além de para vos impedir de cair? Não veem? — é tão suave e agradável; soa tão maravilhosamente; cheira tão bem; parece tão belo; tenho fome disso; — agora onde está o meu corpo? Só estão 'no vosso corpo' quando fecham todas as portas uma após a outra, e se encolhem dentro dele. Então têm uma cãibra nele, respiram ar envenenado nele, ficam rígidos e estúpidos nele!" Portanto, se quiserem o segredo da vida, de como viver para além do vosso conhecimento, começarão a praticar. Fá-lo-ão também de maneiras tolas. Acariciarão coisas boas. Cheirarão coisas boas. E cada vez que o fizerem, exclamarão: Há uma saída!

"Os sentidos são tão parecidos com asas do espírito que estou a fazer um belo desenho para a Porta dos Sentidos. Seriam grandes asas, cruzadas um pouco no topo, mostrando a opalescência perolada para além. Farei uma BELA Porta dos Sentidos!"

Esta foi para mim uma revelação maravilhosa, um tanto análoga à descoberta abaladora de M. Jourdain de que, todo esse tempo, tinha estado a falar em prosa. Parecia demasiado óbvio para ser verdade. No entanto, quando o considerei cuidadosamente na minha mente, pareceu resistir ao teste da lógica. Não havia dúvida: cada vez que parava a minha habitual preocupação atarefada com o que se passava dentro da minha cabeça para olhar para o mundo físico — por este pequeno gesto estava indubitavelmente a transferir uma porção da minha consciência para fora dos limites do meu eu compacto. Neste minuto, estava dentro de mim mesmo, a pensar os meus pensamentos atarefados, a fazer os meus planos, a preocupar-me com os meus sintomas, ou apenas a zumbir ociosamente de uma forma demasiado habitual e sem objetivo.

De qualquer coisa fora de mim, estava apenas suficientemente ciente para não esbarrar nela. No minuto seguinte, tinha-me movido para fora de mim mesmo para a companhia das árvores, dos pássaros, das flores, das nuvens e dos horizontes; desertando as minhas habituais preocupações interiores.

"Sair do corpo", então, no seu primeiro e simples começo pelo menos, não era uma performance tão misteriosa e oculta como as palavras implicavam. Era simplesmente uma questão de atenção. Se transferisse a minha atenção de dentro de mim para fora de mim, a minha consciência seguia. Tinha o método. Restava apenas aplicá-lo a este outro campo de atividade.

3

Antes de continuar com o que será dito sobre "sair do corpo", uma coisa deve ser esclarecida. Este processo não é nada desejável em si mesmo. O corpo não é um enteado. Em última análise, é um parceiro pleno, e a sua negligência, ou o seu ignorar, pode ser tão desastroso para toda a entidade como a sua subserviência. Qualquer coisa adquirida do espiritual, seja o que for, deve em última análise ser trazida ao físico e amalgamada com ele, antes de o processo estar completo.

No meu caso, cedo me foi mostrado que este afastamento do corpo se destinava apenas a uma libertação temporária das suas exigências, para que pudesse agir sem entraves noutra parte de mim mesmo; e também, como subproduto, para que pudesse efetivamente experienciar, por sensação, que o corpo é apenas um atributo do espírito. Como a mente. Tal como as mãos são para o próprio corpo.

Enfatizo este ponto aqui porque muitas pessoas, "inclinadas psiquicamente", parecem pensar que estão a realizar um feito meritório quando conseguem "sair do corpo". Não é meritório: é perigoso, se feito por si e para si mesmo.

4

Infelizmente, a aplicação do método revelou-se mais difícil do que parecia. Para transferir a minha atenção de dentro de mim, descobri que devia fornecer-lhe algum tipo de lugar de aterragem definido. Não podia simplesmente transferi-la para nada. A imaginação, mais as descrições de Betty do meu objetivo, ajudaram um pouco, mas os resultados permaneciam ténues e pouco convincentes na melhor das hipóteses. O problema, decidi finalmente, era que não tinha a SENSAÇÃO do que procurava. Certamente que tivera algumas pequenas experiências "psíquicas" esporádicas, como quase toda a gente. Mas estas tinham sido realmente apenas proezas externas divertidas. Nunca acontecera nada "por dentro", no sentido de visões interiores, ou sensações ou perceções "espirituais". Pelo menos nada que eu pudesse identificar como tal — e certamente nada que pudesse usar como um alvo definido.

Então, um dia, inesperadamente, os Invisíveis intervieram.

"Há pessoas à minha volta", era Betty a falar, "muitas pessoas; uma agradável multidão humana. Parece haver uma mensagem para si; mas não a consigo captar — algo agradável: um reconhecimento que lhe está a chegar...

"Vimos hoje", interrompeu o Invisível, "para fundir os nossos espíritos com os seus e fazê-lo sentir a grande expansão do coração.

Deixe o lápis, feche os olhos, e simplesmente ceda à mudança. Abra-se e acolha-a."

Fiz o que me foi dito, e experimentei imediatamente uma sensação muito peculiar "de balão", como se estivesse a ser rapidamente expandido em todas as direções. Esta foi quase imediatamente sucedida por um curioso efeito interior muito difícil de descrever. Era muito semelhante à sensação de relaxamento corporal, só que parecia ser antes um relaxamento e expansão da compactação normalmente apertada da mente recolhida. Nas minhas notas da ocasião, encontro as palavras: "Impossível de transmitir, mas um fenómeno muito definido e inesperado." Instantaneamente, nitidamente, compreendi porque os Invisíveis tinham recusado tentar explicar-me muitas coisas em palavras; as palavras simplesmente não teriam feito sentido para mim. Como transmitiria, por exemplo, uma ideia adequada da visão a uma pessoa cega de nascença?

A experiência continuou por um intervalo bastante extenso, durante o qual permaneci plenamente consciente e atento, mas retirado, por assim dizer, para uma espécie de espaço limpo no centro da minha consciência. Depois, gradualmente, emerge e tornei-me novamente ciente do meu entorno.

"Tentámos hoje", disse o Invisível, "ensinar-lhe a sensação que é o sintoma da vida em expansão, para demonstrar para seu reconhecimento a sensação real dela. Por agora, pedimos apenas que procure esta sensação, participe dela, e adquira fome dela. É a realidade de que falámos ao discutir a associação com o espírito. Esqueça as palavras e obtenha a realidade. Estabeleça-se nela, naturalmente, simplesmente, sem grande esforço, como se sentaria ao sol e se alegraria com o seu calor.

"Partimos hoje antes do declínio", concluiu o Invisível. "Desejamos preservar no seu auge a impressão da fusão dos dois elementos."

5

No dia seguinte, fui instruído a continuar a minha experiência.

"Não esteja expectante", avisou o Invisível. "Seja flexível. Também não escreva. Tem de obter controlo completo do relaxamento físico."

Após uma curta pausa, senti novamente a sensação de balão, e imediatamente a seguir, uma impressão indescritível de vibração rápida. Esta, por sua vez, foi sucedida por uma sensação combinada de flutuação e expansão de grande poder. Durou apenas alguns momentos, e depois dissipou-se.

"Descanse um momento", instruiu o Invisível. "Relaxe. Pense em qualquer coisa que deseje."

"Parece-me", disse eu, "que os meus músculos voluntários estão inteiramente relaxados. O que mais além disso?"

"Não são tanto os músculos físicos", disse o Invisível, "mas as aderências mentais que impedem o desligamento por tempo suficiente para estabelecer segurança na nova sensação. Por agora, tente apenas quebrar estas aderências. São difíceis de controlar para nós. Elevamo-lo, transmutamo-lo; mas há um arrasto. Agora, deixe o lápis e tente novamente, sem expectativa, mas com resposta de saída."

Durante talvez dez segundos, a sensação de vibração e expansão prosseguiu como antes. Então, sem qualquer aviso, uma faixa de luz branca pareceu subitamente ser desenhada sobre os meus olhos, muito como uma venda. Não era exatamente uma luz brilhante, embora fosse bastante luminosa; era mais como uma luz de vidro fosco do que qualquer coisa que me ocorra. Gradualmente, ganhou profundidade e tomou cor, até se transformar num véu de um azul ultramarino singularmente lúcido. Ao mesmo tempo, a sensação de expansão e vibração intensificou-se consideravelmente. Depois, bastante rapidamente, tudo se dissipou, e encontrei-me novamente na minha cadeira.

"Estavam todos à sua volta", disse Betty, "como se o estivessem a levantar. Mas era mais como um exercício de alongamento. Muito curioso: um alongamento do espírito."

"Se conseguisse", acrescentou o Invisível, "sentir-se seguro e natural neste elemento superior, poderia entrar nele à vontade. Entretanto, aprenda a experimentar as qualidades de relaxamento dele; ganhe apenas a técnica de se libertar ocasionalmente." "O que eram esses efeitos de luz e cor?" perguntei. "São retinianos, ou têm algo a ver com este outro elemento?"

"São um sintoma", disse o Invisível. "O seu próprio controlo e poder de receber são ainda fracos, porque a confiança ainda não está estabelecida. Portanto, procuramos um método para o trazer a si de forma mais palpável. Qualquer degrau físico torna este processo mais facilmente manejável e tangível. De alguma forma, tem de estabelecer confiança na sua capacidade de se isolar num elemento inteiramente diferente e superior.

"Isto não é fácil de alcançar; nunca é. O seu desejo é mantê-lo reduzido ao elemento a que está habituado; o nosso desejo é libertá-lo dessa compreensão restrita e forçá-lo a chegar a uma superior. Você quer traduzir de volta tudo o que damos; nós também queremos que você avance e escreva — desde que o experiencie mais frequentemente no original. Mas lembre-se de uma coisa: não pode deixar de ser vago, impraticável e intangível, se insistir em centrar o seu interesse na tradução. Explore primeiro; escreva sobre isso depois."

6

A terceira experiência desta natureza — e a última durante algum tempo — ocorreu alguns dias depois. Foi, num certo sentido, uma continuação e extensão das experiências anteriores. As sensações vibratórias começaram novamente com grande poder. Mas agora pareciam começar em algumas profundezas interiores remotas, e expandir-se constantemente para fora, levando a minha consciência com elas. O resultado final foi uma sensação totalmente nova de consciência

difundida de forma mais curiosa para além do núcleo central da vida comum.

Os "sintomas" visuais também se repetiram. A faixa de luz branca apareceu como antes, mudou gradualmente para ultramarino que se reuniu em manchas, lentamente se recolheu a um centro comum, contraiu-se num ponto e desapareceu, apenas para ser sucedida por outras. Era como se olhasse para um caleidoscópio estranho e deslumbrante. No final, a cor aprofundou-se para um roxo rico. Posso acrescentar que tentei várias vezes, experimentalmente, induzir estes efeitos de cor por mim mesmo. Tais esforços foram uniformemente infrutíferos.

Toda a experiência pode ter durado um ou dois minutos — não mais. Depois, estava novamente na minha mesa, com as palavras do Invisível a soar nos meus ouvidos.

"Tudo o que tentámos fazer", disseram eles, "foi transmitir-lhe diretamente a sensação da realidade da substância espiritual. Queríamos dar-lhe uma sensação de confiança nela como um mundo real. Este contacto é o que mais precisa neste momento. Com o tempo, não será difícil para si obter apenas a sensação; e a plena realização não é necessária para trabalhar nela.

"Não há explicação satisfatória que lhe possamos dar ainda. Por um tempo, preferimos deixá-lo à experiência. Retenha a memória da SENSAÇÃO. Fixe-a firmemente como um futuro ponto de partida. Depois de a experienciar algumas vezes, deixará de ser meramente uma série de sensações estranhas, mas uma realidade a que regressar com confiança."

7

Neste ponto, outro aviso deve ser enfatizado. O leitor não deve sentar-se a tentar reproduzir os pormenores da minha própria experiência. Nem deve medir o seu sucesso ou fracasso pela presença ou ausência da "sensação de balão", da faixa de luz, ou de qualquer um dos

outros sintomas que descrevi. Pois é exatamente isso que são — sintomas, e sintomas pessoais, além disso. São subprodutos, não fins em si mesmos; e qualquer tentativa de fazer um fim de um subproduto provavelmente resultará em desastre.

Naturalmente, algum tipo de sintomas acompanhará qualquer realização. Ocorrerão, espontaneamente, a todos os que se dirigem saudavelmente para a consciência superior. Mas nunca, nunca devem ser perseguidos conscientemente como um objetivo definido — ou mesmo antecipados na forma exata encontrada por outra pessoa.

Nos últimos anos, conversei com um grande número de pessoas a fazer esta jornada, e troquei histórias com elas sobre as nossas experiências. Geralmente, mais cedo ou mais tarde, os nossos caminhos convergiam. Mas os primeiros pormenores são muitas vezes tão surpreendentemente diferentes que se poderia ser tentado a acreditar que tínhamos objetivos diferentes. Este facto devemos enfrentá-lo e compreendê-lo. O país em que estamos a entrar é uma vasta região de variedade infinita, e se insistirmos em procurar fixamente algum pormenor particular da topografia, podemos andar a farejar de forma míope como uma toupeira até nos conseguirmos meter em território muito perigoso.

Na verdade, a importância dos sintomas é tão efémera que descobri, no meu caso, que eles desapareceram pouco depois de a sua função ter sido cumprida. Abandonei rapidamente qualquer tentativa de os recuperar, mesmo como expedientes para alcançar o estado de consciência superior descrito. Não fui instruído a fazer isto em palavras, mas alguma intuição avisou-me de que luzes e cores e tais não eram o que procurava. Até a sensação "de balão" e a sensação de expansão da consciência, percebi rapidamente, eram apenas símbolos grosseiros, quase físicos. A própria coisa era uma espécie de ESSÊNCIA destas coisas, um estado interior subtil e profundo impossível de descrever. Foi isto que acabei por aprender a praticar e em que confiar.

Porque, então, é legítimo perguntar, citei com tanto pormenor aqueles sintomas da minha própria experiência? Apenas porque espero

que possam ser reconfortantes para o indivíduo comum interessado nesta exploração. A maioria dos principiantes, se as minhas próprias reações iniciais são um critério, sente a necessidade de uma relação concreta, através dos seus próprios sentidos e sentimento subjetivo. Reconhecem este negócio da consciência superior como desejável, mas desesperadamente vago. Tem pouca solidez tangível. É, para alguém que vive uma existência tridimensional, demasiado insubstancial. Precisa de realidade, e vitalidade. Simplesmente não tem arestas.

No entanto, na verdade, é inteiramente substancial. Quando alguém finalmente transpõe para este novo país, não há suposições — nada de nebuloso ou indefinido. Ele SABE.

E SABE que não inventou a coisa toda. Muitas pessoas interessadas confrontaram-me com exatamente este ponto. Sou escritor de ficção, habituado a imaginar coisas. Sei a diferença.

8

Suponho que as experiências que acabei de descrever foram, em menor escala, o que se chama uma iluminação. Pelo menos os resultados, dentro de mim, foram suficientemente importantes para justificar essa designação. Até agora, tinha ganho, em grande parte das descrições de Betty, pelo menos uma ideia nebulosa do que era a consciência superior. De uma forma geral, talvez, COMPREENDESSE o que queria. Mas como ideia, e como compreensão, tinha sido apenas uma questão de cérebro e intelecto. Agora, por mais débil e fragmentariamente que fosse, tinha tocado numa realidade subjacente. Uma ideia fria e distante fora substituída por uma sensação íntima que sentia ser uma parte real da minha própria substância. E como resultado, já não precisava do tipo de fé descrita pelo rapazinho como "acreditar em coisas que se sabe que não são assim".

Nisto não me considero excecional ou especialmente favorecido. A forma que as minhas próprias experiências tomaram pode — ou não — ter sido mais ou menos peculiar a mim: mas alguma experiência assim,

estou convencido, acompanha sempre a chegada a uma certa etapa da jornada. É um essencial do progresso de cada pessoa.

"Pois a verdadeira iluminação", disseram os Invisíveis, "é preciso atingir não só a convicção intelectual, mas também a convicção emocional; não só a perceção da equação satisfeita, mas também a satisfação cósmica que nada tem a ver com a matemática pura do intelecto. Uma convicção intelectual obtida através do estudo, da leitura de livros, do exame experimental de evidências, tem uma função e apenas uma função: move o centro de interesse para o caminho em que a experiência pessoal tem mais probabilidade de ser encontrada.

"Além disso, ver-se-á que, quando cada indivíduo tiver atingido esse ponto de crescimento interior em que está pronto para conter a convicção emocional, a experiência pessoal a ele nunca falta. Pode não antecipar a sua vinda ou sequer procurá-la: geralmente, nas nossas próprias vidas, não conseguimos ver a ação segura da evolução a ocorrer — não conseguimos ver o mesmo amadurecimento que ocorre num ouriço de castanha.

Este mantém-se firme numa bola selada e indivisa até ao momento próprio para se fender em linhas definitivamente preparadas, para se virar e ejetar o produto do seu coração. Da mesma forma, o momento chega inevitavelmente para a culminação dos nossos esforços, quer esses esforços tenham sido consciente ou inconscientemente dirigidos ou mal dirigidos. E nesse momento, a experiência apropriada ao indivíduo é sempre fornecida. É inexorável.

"Em apoio do que digo, encontrará, se inquirir suficientemente fundo, que cada homem que tem dentro de si uma convicção verdadeira e viva pode traçar o seu início a alguma experiência psíquica pessoal, por mais pequena que seja. Isso faz parte do nosso trabalho; e isso é, em geral, um verdadeiro teste que podemos aplicar, um meio seguro de avaliar o grau em que a consciência espiritual de uma pessoa avançou.

É como uma gota de um produto químico que, ao tornar visível a cor do conteúdo de um recipiente, torna evidente quanto de outro

produto químico já está ali em suspensão. Se um segundo recipiente for assim tratado, mas não contiver nenhum do produto químico, nenhum efeito será produzido. Alguns de nós [isto é, os Invisíveis], influenciados talvez pela afeição, talvez pela inexperiência, aplicam tal teste prematuramente e, portanto, sem resultado. Quantas pessoas encontrará que, em algum momento, tiveram o que chamam de uma 'experiência estranha'?

"Este princípio da maturidade deve ser aplicado em todo o ensino. Portanto, não é nosso objetivo atual convencer o mundo em geral de nada, exceto da necessidade de um crescimento espiritual contínuo e consciente. A convicção de uma coisa ou de outra virá natural, fácil e inevitavelmente a cada indivíduo quando ele se elevar pelo seu próprio peso específico até esse ponto. Virá ao mundo apenas quando a consciência comum, pelo seu próprio peso específico, também se tiver elevado a esse ponto."

É SOBRE o amadurecimento da vida. Ela diz que a fruição da vida é tremendamente bela, se for apenas compreendida e observada. Ela está a mostrar-me muitas coisas com essa ideia, mas ninguém me está a ajudar com palavras...

É, grosso modo, sobre o que perdemos ao manter a verdura da juventude como padrão, em vez do cumprimento natural da vida, que amadurece como uma vagem de semente e se renova. A ideia de renovação da semente é realmente mais jovem do que a verdura da juventude, se for realmente a vitalidade da novidade que queremos.

CAPÍTULO X

A GRANDE AVENTURA

QUANDO FALAMOS de "Iluminação", vulgarmente, temos a ideia de algo extraordinário, reservado a uns quantos favorecidos como uma revelação direta de Deus. Existem tais casos. Contudo, o facto geral da iluminação é muito mais simples, e dele todos participamos; todos o experienciamos, e com bastante frequência. Se quiséssemos renomear isto, poderíamos chamar-lhe o complemento habitual que surge num ponto de maturação — qualquer ponto de maturação. E isso, por sua vez, pode voltar a exprimir-se numa única palavra — maturidade.

A maturidade é a culminação de pontos de maturação. Ao longo dos anos formativos acumulamos, e vamos crescendo interiormente, os vários elementos dispersos da vida. Depois, um dia, muito subitamente, as coisas encaixam-se. Podemos ter pouca compreensão, intelectualmente, do que aconteceu. Mas estamos conscientes de um novo aprumo, de um posicionamento estável na vida. Tivemos uma iluminação, atingimos a maturidade apropriada ao nosso lugar na evolução.

Felizmente, a maturidade é uma variável. Não é um ponto fixo, mas avança à medida que a espécie avança. Na Idade da Pedra, a maturidade não ia além da física. O Neanderthal sucumbia aos vinte e seis anos devido a uma fratura no crânio, porque o avanço dos anos o privara do vigor e da agilidade de que dispunha aos vinte. Se por boa sorte conseguisse durante algum tempo esquivar-se a esse tipo de sarilhos, não tinha verdadeiramente nada a esperar a não ser a mera existência. Aquilo era tudo o que havia na vida — a destreza física. Teria de passar muito tempo até que a astúcia, o engenho e a sabedoria fizessem com que a vida mais tardia valesse alguma coisa; conquistassem para o velho um pouco de tolerância dos outros — e de si mesmo. E mesmo nisso havia mais olhar para trás em arrependimentos do que satisfação presente.

Percorremos um longo caminho desde o homem primitivo — sob certos aspetos. Mas não sob outros. Muitos dos velhos padrões dos tempos das cavernas ainda persistem como uma espécie de vestígios residuais. Sem o percebermos, a maioria de nós rende uma homenagem desproporcionada às capacidades do corpo. Continuamos agarrados à ideia da energia física como um símbolo do apogeu da vida. Numa espécie de desenvolvimento interrompido, ficamos fixados no mesmo ponto que o homem de Neanderthal, gloriando-nos nas suas

exuberâncias corporais. Pois mesmo hoje, certamente, o homem idoso que atua com um vigor voltado para o futuro conta-se talvez pelas centenas, em comparação com os incalculáveis milhões que vivem na nostalgia da juventude desvanecida. O homem comum, entretanto, ocupa-se a gastar as acumulações feitas no pico da juventude, distribuindo-as escassamente ao longo dos anos, até que finalmente se encontra falido perante os seus cinzentos dias restantes, procurando sem grande convicção algum interesse suficientemente real que o faça prosseguir.

É um facto triste, mas continuamos agarrados ao culto da juventude, à superstição da juventude do homem de Neanderthal. Ao seu instinto de que a juventude é insubstituível. À falácia de que, ao esvanecer com a rosa, o manuscrito de doce perfume da vida fecha MESMO! Argumentamos o contrário para connosco. Recuamos com humorado espanto ante a ideia de ter vinte anos outra vez. Mas o instinto persiste.

Está-nos reservada, contudo, uma segunda grande maturação, uma espécie de segunda maturidade. E uma das nossas iluminações nesta altura é o reconhecimento do culto da juventude como uma superstição de Neanderthal.

Para aqueles para lá de metade do caminho que sentiram este arrasto do olhar para trás, os Invisíveis tinham um certo desdém suave.

"Imaginai", diziam eles, "uma bolota absolutamente DEVASTADA de desgosto porque rachou a casca ao deitar de fora o seu primeiro rebento em direção a ser um carvalho! A SUA convicção de impulso para a frente, mantendo o movimento da vida, não deixa qualquer pesar pelos processos naturais cumpridos. O mesmo se passa convosco; o mero hábito e o sentimentalismo não devem retardar e enfraquecer a força da continuidade. A juventude acolhe de bom grado cada mudança; o mesmo devia fazer a velhice! A velhice com imaginação, a velhice com liberdade de antevisão sem os entraves da metamorfose de um ciclo que se completa!

"Tal perspetiva não é demasiado difícil, desde que useis um pouco de compreensão. Considerai o ardente fervor de viver, os desejos fervorosos que tendes na juventude. Eles são possíveis principalmente devido à flexibilidade do mecanismo físico. O segredo desta idade de

ouro é a libertação das restrições corporais. O salto da chama é o processo natural. Na vida mais tardia esforçais-vos por reconquistar esta faculdade. Mas, embora os IDEAIS que antevedes tenham agora mais substância do que nunca, não conseguis levitá-los e vitalizá-los. Cada esforço para o fazer meramente enrijece e exaure a máquina do corpo.

"O problema é que estais a tentar traduzir o ardor e o fervor da substância intangível do pensamento em termos de tensões corporais. Isso é um erro muito grande. Se ides enfrentar um futuro grande e radioso, tendes de usar um aparelho novo e brilhante com o qual exprimir as vossas maiores capacidades. Não podeis ter pensamentos brilhantes e radiosos com um cérebro velho e cansado. Por isso, afastai-vos dele, admitindo que ele é talvez um pouco de tudo o que dizeis. Porque não haveria de o ser, e que tem isso? Agora é apenas um invólucro protetor para a coisa que conta, que é o que gera os vossos pensamentos brilhantes e radiosos — a nova consciência nascida dentro de vós.

"É uma espécie de ideia de substituição. Assim que a apreenderdes claramente, descobrireis que tendes dentro de vós uma fonte de eterna juventude. Mas tem de ser feito HONESTAMENTE. Não podeis passar a ter a sua posse se vos agarrardes a velhas ideias caducas de vos apoiar num cajado e de serdes ponderosos. No instante em que vos verdes a apoiar pesadamente nas potências declinantes do corpo, arrancai-vos dele. Na verdade, é uma ideia desajeitada, bolorenta e esbanjadora; e a ideia de substituição é a verdade. Afinal de contas, para quê saturar todo o vosso ser com uma sensação que diz respeito apenas a uma parte menor dele? Mesmo quando o corpo está cansado, já não há qualquer necessidade de VÓS viverdes no seu cansaço. Tomai apenas as medidas sensatas adequadas a um corpo cansado, e depois retirai-vos para as vossas serenidades mais elevadas.

"Com certeza que seria tolo negar que perdestes aquilo que os rapazes da faculdade possuem. Mas seria igualmente tolo da vossa parte pensar em termos desta atração meramente física, pois estais ocupados a cultivar algo mais jovem e melhor do que o que eles têm. Esta coisa para a qual estais a amadurecer é o fruto da vossa vida. Tornar-vos-á brilhantes por dentro, não importa o que sejais por fora. É uma coisa RADIOSA."

"Temos de nos ensinar a reconhecê-la", interveio a Betty. "Está ali, a aguardar o nosso reconhecimento, para nosso usufruto e desenvolvimento. É o fruto da consciência que os rapazes da faculdade não têm. Assim que deixarmos cair dele os pensamentos cansados da carne, veremos quão bonito, flutuante e maravilhoso ele é. Mas enquanto permitirmos que esses velhos pensamentos da carne fiquem por ali sentados como velhos corvos negros, a estragar a festa, nunca seremos capazes de acreditar no fruto da nossa vida. Ficará obscurecido pela idade das nossas artérias, negado pela rigidez dos nossos músculos e por qualquer outro velho estraga-prazeres do nosso corpo.

"O dom da iluminação do momento", retomaram os Invisíveis, "é saber como substituir as funções corporais pela inteligência superior e pelas intensidades vitais do ser duradouro dentro de vós. A velhice, num certo sentido, é infligida por nós próprios, um legado das gerações passadas. Mas dentro de cada um há algo que é superior à velhice. Assim que o perceberdes plenamente, não haverá qualquer tradição de velhice para manter. Ela existirá apenas como um ciclo físico, totalmente à parte do verdadeiro centro do ser.

"E com este perceber virá outro: o de que NÃO estais no declive descendente rumo à falência das qualidades da juventude quando a própria juventude termina — que há algo ainda melhor pelo qual ansiar: algo com um interesse crescente em vez de diminuído, e não apenas limitado a si mesmo, mas com perspetivas que se estendem muito para o futuro."

Outro ponto de vista vestigial de Neanderthal é a nossa atitude perante a morte. Mesmo para aqueles de nós que acreditam que a vida continua depois da morte, a nossa passagem para fora da vida terrestre parece um solavanco bastante duro, uma linha divisória nítida na continuidade. Se fosse de facto assim, a sua discussão dificilmente seria apropriada a ensinamentos como estes, pois eles pretendem tratar do viver, não do morrer.

Mas os Invisíveis não veem a questão dessa forma. Não há solavanco, não há choque. Continuamos exatamente no mesmo rumo em que íamos. Como assim? Ora, disseram eles, olhai para o que TENDES estado a fazer. Começastes completamente identificados em consciência

com o vosso corpo físico. Em bebés, mal tínheis consciência de qualquer mundo exterior. O vosso crescimento tem sido um progresso constante de afastamento dessa identificação. Tornastes-vos cada vez mais conscientes do mundo exterior. Chegastes mesmo ao ponto em que, até certo grau, deixastes de pensar no vosso corpo como sendo vós próprios. Ele é mais como uma máquina útil.

Vistes como, apenas por notar as coisas, prestando-lhes verdadeira atenção, a vossa consciência deixou o seu corpo para trás numa extensão certa e sempre crescente. A norma de crescimento é fazer essa transferência mais vezes e de forma mais completa. Vós "desenvolveis interesses exteriores". No curso normal dos acontecimentos chega uma altura em que achais mais prático e mais confortável mudar o vosso quartel-general para esses interesses exteriores. Fechais a casa velha e mudais-vos para uma habitação nova que fica mais perto do vosso trabalho. Isso é a morte.

E, acrescentaram eles, esquecei qualquer ideia de que a morte vos vai transfigurar instantaneamente em Seres Celestiais. Vós não destes um salto para a maturidade quando vos diplomastes no ensino secundário para entrar na faculdade.

"Não há nenhum salto súbito", insistiram eles, "que vos vá transformar. Vós levais convosco aquilo que sois. Essa é a verdadeira continuidade. Não é a continuidade de passar para algo mais fácil e adaptado a todas as vossas peculiaridades. É uma transição suave. Mais vale aceitá-la. Tendes de acabar com essa superstição de que as vossas limitações aqui serão instantaneamente eliminadas ali. Adaptai-vos aqui, e depois entrareis sem condições. É uma coisa suave e bonita, esta continuidade. A divisão entre as vidas é uma linha imaginária, como o equador."

Segue-se logicamente, continuaram eles, que as coisas não se cortam subitamente num beco sem saída. Aquilo que estais a fazer agora prossegue. Não importa quão temporário ou conveniente seja. É para ser terminado; e é para ser útil para qualquer outra coisa que haja para fazer. Não fiqueis com a ideia de que, só porque o trabalho do momento é evanescente, não vale a pena preocupar-vos com ele; que o podeis fazer

de qualquer maneira, que qualquer esmero que lhe dediqueis é esforço desperdiçado. Ele prossegue.

Suponde, por exemplo, que dedicámos uma enorme concentração de estudo e esforço a aprender a velejar num barco. Depois temos de nos mudar para o interior, a mil milhas da água, para o resto das nossas vidas. O que temos de pilotar agora é um avião; e quase nada do que aprendemos sobre manusear barcos se aproveita para pilotar aviões. Todo esse tempo perdido!

No entanto, seríamos de facto muito estúpidos se não percebêssemos que o tempo não foi perdido. É certo que as perícias da adriça e do lençol, do riço e do spinnaker, do bordo e da bolina são inúteis. Mas as qualidades que desenvolvemos ao adquirir essas perícias dão muito jeito. Prontidão; calmaria; discernimento; reação muscular pronta; desembaraço; coragem; cautela — aprendemo-las na água, podemos usá-las no ar. Para a nossa nova habitação trouxemos, afinal, um equipamento bastante útil. E recolhemo-lo no nosso barco, mesmo que tivéssemos de deixar o barco para trás.

Uma coisa que devemos perceber, portanto, é que exatamente isto é verdade em relação a tudo o que fazemos na vida: estamos a recolher um equipamento que será útil numa nova habitação. Há a perícia específica, que se aplica à coisa que estamos a fazer agora; e também a qualidade intangível desenvolvida pelo ganho dessa perícia. A qualidade intangível faz parte do equipamento para o país novo e estranho que vamos habitar.

"Lembrais-vos de *experimentar morrer*", disseram os Invisíveis, "e de como organizastes a vossa casa com as poucas coisas de realidade que tínheis trazido convosco — volição, paciência, perseverança, amorosidade, o quer que tivésseis de qualidades duradouras — e de como, pelo exercício delas, criastes um novo ambiente. Pois bem, não tendes de ir tão longe imaginativamente. Podeis imaginar-vos, como acontece a muitos, subitamente transplantados, um emigrante, um refugiado, qualquer exemplo de um ser subitamente desarraigado empurrado para um ambiente radicalmente alterado. Colocai-vos em imaginação em Esmirna ou na Palestina ou em Timbucto ou em qualquer outra parte do mundo — sem bagagem! O sucesso da vossa

adaptação dependerá inteiramente do capital mental e espiritual que trouxerdes convosco.

"Considerai alguém que esteja sem convicções de suporte firmemente estabelecidas, previamente desenvolvidas através do facto de ter construído as suas próprias condições firmes de sustentação noutro lugar; sem a verdade eterna do equilíbrio; sem a estabilidade envolvente da confiança no seu próprio poder de reestabelecimento através da convocação ou atração magnética para si das mesmas condições de substituição em qualquer lugar. Começará imediatamente a desintegrar e a lançar na confusão todo o seu mecanismo criativo, despedaçando-o em pequenos fragmentos de preocupação quanto à alimentação e a cada detalhe sobre as necessidades presentes e futuras, e quanto à sua falta de posse deles no momento. O seu pânico relativamente ao seu mecanismo de reconstrução da sua vida coloca-o de imediato nas condições que ele teme.

"Ora, aquilo onde quero chegar é que a vossa verdadeira riqueza e capital, que vos reabilitará em qualquer mudança que vos surja, é a medida em que desenvolvestes esta realidade interior. É isso que dá força ao caráter, o poder de convencer e influenciar os outros, a aceitação tranquila das destruições temporárias das posses e do ambiente impermanentes de cada um."

"Percebo o seu ponto de vista sobre o desabrochar do caráter", disse eu, "mas isso são coisas a longo prazo — o trabalho de uma vida inteira. Não há algo mais específico e imediato que possamos fazer para nos prepararmos?"

"A melhor salvaguarda que te posso dar", respondeu o Invisível, "é dedicares mais tempo a pensar construtivamente no teu novo corpo. Se puderes perceber claramente este cerne da vida que prossegue para lá da tua extensão presente, e cumprires todas as tuas ocupações diárias e despesas de força em relação a ele, isso ajudará enormemente."

"Pensa na vida como uma haste", continuou a Betty, "que se estende pelo céu fora até perder de vista, e em nós como estando agarrados à sua primeiríssima base. A nossa forma habitual é marcá-la em secções, como um poste de barbeiro. Mas essa é uma ideia muito limitadora. A maior coisa que podemos fazer por nós próprios é criar uma nova conceção da

vida como uma coisa contínua que se estende muito para lá da nossa extensão presente. Se fizeres isso, não podes marcar uma linha na base dessa haste e dizer: estas coisas que faço são apenas para esta extensão. Porque tudo o que fizeres que não sintas que envias progressivamente para a frente, por mais lentamente que seja — essa coisa tornar-se-á um estorvo para ti.

"Gostava que todas as pessoas neste mundo se juntassem e erguessem esta haste para representar a Vida, e olhassem para ela todos os dias e avaliassem os afazeres do dia em relação a ela. Então a opressão deste nível de consciência desapareceria, bem como os seus padrões inferiores e ideais apequenadores; e cada momento teria o equilíbrio de toda a eternidade."

Outro aspeto disto foi apresentado à Betty numa experiência simbólica tão marcante que vou concluir citando-a aqui na íntegra.

"Hoje estou a jogar um jogo tão curioso e bonito", disse ela. "Estou a juntar preciosos pedaços de perfeições de memória.... Uma mistura de coisas tão curiosa! — memórias de espaços amplos e imponentes, e cumes de montanhas, e desertos ondulantes, e a primavera jovem, e fragrâncias, e bebés rosados — todas as memórias libertadoras que tenho à mão....

"Estou a aprender como hei de usar as minhas experiências terrestres aqui deste lado, o poder criativo delas quando devidamente combinadas. São materiais de construção, tal como o tijolo e a argamassa o são aí. Empilho as minhas memórias e piso-as, por assim dizer, para subir a um estado mais elevado de perceção. As minhas preciosas sensibilidades! Não tenho nem metade das de que precisava! Procuro entre os meus sentimentos mais profundos e ternos, os meus anseios mais intensos, todas as partes de mim que estão mais vibrantes de vida. Gostava que houvesse muitos mais; fazem um material de construção tão reduzido.

"Os meus grandes anseios têm precedência; são os mais prontos para o cumprimento. Todas as minhas memórias satisfeitas os apoiam e lhes dão substância e estrutura. É tão vasto. Faço as minhas seleções de participação consciente através dos meus grandes anseios desenvolvidos na Terra, e ao satisfazê-los desenvolvo outros, ganhando assim

conhecimento de possibilidades ainda mais vastas.... Sinto-me como um cubo de fermento, ou a construção de um favo de mel, ou algo feito apenas das células de pensamento da experiência. Seria terrível vir para aqui sem nenhumas intensidades sobre as quais construir.

"Tudo isto serve para nos mostrar a forma como estamos constantemente a preparar ou a negligenciar os nossos futuros materiais de construção. A única forma de o demonstrar é através de símbolos de intensidade, que é a substância da vida eterna. Podeis continuar a vivificar-vos de forma saudável, natural, normal em cada faculdade — física, mental, espiritual —, libertando-vos a cada ano, caminhando em direção à juventude em vez de rumo à velhice, a juventude da vossa fase seguinte e mais elevada de vida. Não vem através do pensamento; não é pensar, é FAZER — como exercícios físicos, só que estes são tudo: vontade, sensorialidade, todo o tipo de participação prazenteira no viver com vitalidade.

"Sinto a diferença tal como se consegue perceber a corrente elétrica ou quando ela está desligada; tão definido como isso. Esta corrente é a intensidade que percorre os nossos prazeres, crenças e anseios: a impregnação do espírito, que é tão difícil de pôr em palavras convincentes...

Pausou alguns momentos como se contemplasse algo, e depois continuou de forma ruminativa.

"Isso é conversa de *cowboy*: estar a pé num país novo. Detestaria estar a pé nesse país novo. Uma vida de poupanças aqui deixar-me-ia a pé. Isso seria muito embaraçoso.

"Vês o que eles estão a fazer? Estão a mostrar-nos que temos de começar aqui a maquinaria que vamos usar ali, para que não sejamos imigrantes atordoados e desamparados. Pobres imigrantes: estão muito bem no seu próprio país, mas têm de descer na escala aqui porque não estão preparados. Estou certamente grata: pelo menos tenho uma máquina familiar para me fazer avançar onde quer que esteja. Estou radiante, também, por poder deslizar para o outro lado tão facilmente. Agora posso morrer com *savoir-faire*."

"Isso", comentou o Invisível, "é o que toda a educação e cultura são, não é? — tornar-te natural e em casa, detentor do controlo de ti mesmo em cada situação."

"Gostava", concluiu a Betty, "de conseguir encontrar palavras para vos dizer quão agradável, de respiração funda, natural e de vasta experiência é viver em relação constante com o futuro. Como se pode falar de 'vida para lá', quando O ALI É AQUI?"

PARTE II

DESENVOLVIMENTO

A ÚNICA coisa a que me posso agarrar hoje é a insipidez da nossa vida. Porque é que não a intensificamos? Não há espaços de respiração suficientes, como os parques numa cidade; não há momentos suficientes de suscetibilidade à felicidade e ao bem-estar. Não está pontuada; está tudo misturado com os detalhes da vida. Se ao menos conseguíssemos distribuir, cada vez mais frequentemente ao longo das nossas horas, pequenos espaços de respiração para o espírito ascender à consciência da força e do bem-estar, essa seria a preparação de que precisamos para a aquisição gradual da felicidade que não aceitamos. Mas nós bloqueamo-la por completo, exceto durante uma hora ocasional, e gradualmente a barreira espessa-se. Temos de a manter fina e fácil de atravessar. É a frequência, e não a duração do tempo, que produz esse efeito.

O ESPÍRITO e a verdade da realidade recebi-os intuitivamente e estou na sua posse mais ou menos muda. Mas isso não significa muito, exceto como um começo. É uma espécie de coisa nebulosa até ser respaldada, e não fará qualquer bem a menos que eu ganhe lentamente a força para a sustentar. Caso contrário, irá apenas entrar e sair, como a maré.

Como vê, nunca é sensato ir mais longe do que aquilo para que consegue obter a força de sustentar, de manter, de estabelecer. Mesmo a consciência mais elevada que seja puramente espiritual equivale a pouco até que a respalde.

CHAPTER I

HORIZONTES DISTANTES

APÓS crescermos até ao momento de maturação, cada um de nós tem de descobrir o seu próprio caminho para o país novo. Mas, uma vez que o tenhamos feito, podemos procurar, e encontrar, os faróis de orientação dos predecessores. São faróis, não monumentos frios, e não traçam nenhum caminho, mas consolam pela sua garantia de que temos a direção certa.

No entanto, acredito verdadeiramente que cada um irá traçar, de alguma forma, a experiência que descrevi. Receberá, de ALGUMA forma, uma iluminação súbita. Esta variará em tipo, desde a do indivíduo que meramente "vê claro finalmente", e se esmurra por ter sido tão estúpido; até ao êxtase mais elevado que se diz irradiar dos videntes e dos santos.

Esta perceção, ou "revelação", é, na sua plenitude de clareza, raramente mais do que um clarão ou um relance. Por um instante fugaz parecemos SENTIR que sabemos do que tudo isto trata. O momento passa; mas a exaltação acompanhante permanece. Começamos a pensar que é permanente. Confundimos o estado de espírito com um estado de ser permanente. A partir de agora vamos pela vida fora nas pontas dos pés e a palpitar numa exuberância vibrante. O fardo é levantado, a luta banida. E quanto mais confiantes estivermos disso, mais desconcertante, até perigosa, vai ser a reação. Pois inevitável e inexoravelmente desceremos das pontas dos pés; o nosso êxtase vai escorrer de volta ao seu nível merecido.

Aí está o ponto de perigo. A menos que compreendamos que esta exaltação de ser não é um dom gratuito e súbito que devamos guardar, mas uma antecipação, uma promessa do que poderia ser, e será a seu tempo e se o merecermos; a nossa incapacidade de permanecer lá em cima com o momento radioso é suscetível de nos atirar para uma repulsa violenta contra todo o assunto. Acusamo-nos de ilusão. Fomos

psicopáticos: ou fracos; ou indignos. Tal atitude é tola. É perigosa, pois pode fazer-nos recair no desespero. E inútil. Não falhámos: como poderíamos cair quando ainda nem sequer começámos? Estivemos num ponto de observação nos sopés das montanhas, e o dia estava límpido, e vimos picos distantes contra o céu.

Na Marinha têm uma frase que sempre me despertou o sentido do pitoresco. Ouvi-a pela primeira vez há trinta anos. Por cortesia do Departamento, ia a caminho do sul da costa da Baixa Califórnia para assistir ao exercício anual de tiro em Magdalena Bay. Era de noite. O Capitão do navio e eu conversávamos no seu camarote. Subitamente, as luzes apagara-se todas. Ficámos sentados durante um minuto ou dois na escuridão. Pouco depois ouviu-se o som da porta a abrir e depois a voz do ordenança.

"Senhor", disse este último, "as luzes estão apagadas."

"Assinalado", respondeu o oficial.

Após um breve intervalo, evidentemente a avaria foi encontrada e sanada. Novamente o ordenança apareceu e fez uma saudação militar.

"Senhor", disse ele gravemente, "as luzes estão acesas outra vez."

"Assinalado", repetiu o Capitão.

As luzes tinham estado apagadas, tínhamos ficado sentados durante alguns minutos na escuridão: as reparações tinham sido feitas, tínhamos ficado sentados durante meio minuto à luz. Mas nenhum dos intervalos, quer de luz quer de escuridão, tinha tido qualquer realidade oficial. Tinha permanecido uma mera potencialidade até que, a partir do quartel-general, o poder orientador, tivesse sido "assinalado".

Essa é uma frase excelente e útil: um regulamento excelente e útil ao qual faríamos bem em subscrever. Simboliza grandiosamente uma verdade básica. Fazer-se-assim. Literalmente, não importa quão substancial ou quão convincente seja a aparência, não tem qualquer realidade a menos que a tenhamos feito-ser-assim.

Mas no progresso pessoal há esta diferença em relação ao uso da frase na Marinha: não podemos fazer-se-assim por mera aprovação.

Parece bastante óbvio que as primeiras experiências de Betty da consciência elevada foram uma espécie de excursão organizada a tanto da região quanto ela conseguia absorver. As condições foram cuidadosamente controladas para que o seu esforço exploratório não encontrasse demasiada resistência.

Também é bastante óbvio, penso eu, que podia haver pouco *fazer-se-assim* em tais primeiras viagens. Não se obtém o título de propriedade meramente por caminhar através dela. Os Invisíveis assinalaram isto claramente. A ocupação da consciência elevada, diziam eles, exige perícia. A única forma de desenvolver uma perícia é FAZENDO, uma e outra vez — repetição, de preferência com o mínimo de ajuda possível.

Assim, foram atribuídos a Betty períodos de prática diários, durante os quais ela deu o seu melhor para retraçar os seus brilhantes voos exploratórios, mas sem ajuda, com os seus próprios meios. Com o tempo, adquiriu o que parecia ser uma proficiência considerável. Ainda assim, os Invisíveis não pareciam satisfeitos. Então, um dia, a razão foi revelada. Eis o registo:

BETTY: (após uma longa pausa) Não consigo compreender esta nova multidão de todo. Há esperas e consultas e coisas tão curiosas. Parecem estar a preparar algo diferente para eu fazer. Nunca consigo ficar onde consigo realizar com sucesso. Tenho sempre de ir mais além, e isso torna as coisas muito mais difíceis de cada vez....

Tenho de ter tanta segurança e serenidade antes de eles começarem. Não vão desperdiçar nenhum tempo ou esforço com nada que não tenha sido preparado. Não me consigo contornar. Tenho mesmo de ficar por aqui à espera....

Agora, finalmente, atingi a condição de felicidade e força confiantes em que gostaria de estar sempre.

INVISÍVEL: Isso está tudo muito bem agora, mas supõe que colocamos uma tensão sobre esse aprumo que adquiriste. Resistirias ao teste, ou irias abaixo?

(pausa)

BETTY: Eles levaram-me e puseram-me numa multidão terrível. Ugh! Que massa de humanidade! Tentei empurrá-los todos para trás para ter um pouco da minha própria atmosfera ao meu redor. Lutei tanto!

INVISÍVEL: Essa é a vida contra a qual as pessoas têm de lutar.

BETTY: Não compreendo por que hei de ser submetida a isto. Não me consigo livrar disto. Sou sempre trazida de volta à humanidade amontoada como numa estação de comboios. Tão diferente da nossa vida calma e ordenada.

INVISÍVEL: A sensibilidade capaz de absorver sabedoria através da impressão direta sofre enormemente com o mundo do combate. Pois, à medida que a consciência aumenta, o mesmo acontece ao sofrimento. Uma visão mais ampla revela não apenas o que está certo, mas também o que está terrivelmente errado. Por causa disto, infelizmente, o aspirante espiritual prefere muitas vezes procurar uma vida abrigada e tornar-se um espetador. Não querendo fazer o que lhe parecem esforços fúteis para endireitar as coisas, prefere o refúgio da passividade. Tal pessoa pode ter uma visão requintadamente sensibilizada, mas é absolutamente estéril devido à falta de contacto humano. Uma das razões pelas quais a força da falta de iluminação é galopante é este encolher da sensibilidade ao contacto com ela. O espetador provavelmente considera isso esquisitice, mas é na verdade inércia, força atrofiada, cultivo excessivo, perda de produtividade.

BETTY: Quero olhar para ele outra vez. É bastante fascinante, bastante requintado, mas inútil. Se posto em ação, tanto dele se quebraria ou esboroaria ou mudaria. Que pena ele não poder ser usado! É um espécime tão altamente desenvolvido.

INVISÍVEL: Ele tem de aprender a tirar a sua sensibilidade do caminho ou não pode ser posto a trabalhar.

O ponto essencial é: qualquer pessoa sensível é inútil no emprego da força da consciência elevada se estiver sempre vulnerável aos golpes de resposta do mundo. Supõe que ela está a tentar realizar algo, e toda a gente começa com ataques pessoais irrelevantes, obstruções de todo o tipo. No minuto em que ela se torna suscetível a isso, fica automaticamente desligada da corrente de poder que a ia AJUDAR a realizar.

Tu própria tens de ter cuidado com isto. Ganhaste acesso a uma substância brilhante. Agora tens de aprender a usá-la contra um elemento inferior superior em quantidade. O processo de endurecimento que tornará utilizável o teu pedaço de força tem de depender de ti. Pouco a pouco, em pequenas coisas ao início, tens de aprender a proteger a tua mente contra os dardos e flechas que envenenam a resolução.

(pausa)

BETTY: Sinto-me como se tivesse desenvolvido raízes muitíssimo fortes, reconhecidas como uma realização no mundo das raízes, mas com apenas um rebento visível pequenino. Agora tenho de fazer o crescimento visível equilibrar as raízes antes de poder prosseguir para a conquista duradoura. O meu lado que é visível tem de ser levado a exibir a força do meu desenvolvimento interior....

É um golpe tão duro perceber que aquilo que consegui obter não serve para ninguém! A minha fé está mais forte do que nunca, mas tem de passar por uma provação e teste terríveis — como flocos de neve a cair num pavimento molhado.

INVISÍVEL: Se puderes continuar através disto, tudo começará a correr bem. Se não, afundar-te-ás com os restantes. A grande dificuldade de toda a comunhão espiritual é a intermitência da mesma. O nosso fim depende do estabelecimento de controlo magnético a partir do teu lado. Faltando isso, sendo mal interpretado, ou empurrado para o lado pelas circunstâncias da vida, o contacto de convicção ou vivificação é gradualmente esbatido, por vezes até ao ponto de extinção.

Nenhuma sugestão é oferecida hoje. O problema é meramente exposto para a tua resolução. Estás num cruzamento de caminhos. Ou prossegues fracamente sombreada por uma experiência estranha, ou nos esforçamos para avançar em direção a um domínio sobre a vitalidade da vida espiritual que permanecerá ininterrupto mesmo nas horas mais escuras de provação. Isso, tens de perceber, é o teu objetivo final: CONSCIÊNCIA ESPIRITUAL ININTERRUPTA.

O MENOR pedacinho de um esforço para realmente realizar, o tipo mais rudimentar de uma estrutura, vale muito mais do que anos de realização intelectual atrofiada. A pequena estrutura rudimentar é uma coisa viva. Pode ser estendida e embelezada indefinidamente.

Todo aquele poder do pensamento de que falam tão cientificamente é apenas a capacidade de cada um mover os diferentes grãos do seu ego para ao sol. Pelo seu poder de selecionar os seus próprios grãos de pensamento, de decidir quais serão visíveis para si, ele determina qual se tornará o motivo condutor das suas ações. É um grande e simples poder, se pensarmos nele dessa forma — mover os nossos grãos para dentro e para fora do sol, atirando pensamentos para a sombra ou para uma existência brilhante, exatamente como quisermos. Far-nos-ia seres divinos.

CHAPTER II

A BANHO

DEPRESSA PERCEBI que Betty não estava sozinha no seu problema do *fazer-se-assim*: cabia-me a mim também. A única diferença era que, enquanto ela tinha realizações definidas para traduzir para a vida quotidiana, eu ainda tinha de passar pela escola primária. Através dos registos de Betty e de outros estudos, eu tinha obtido precocemente pelo menos uma compreensão mental razoável do meu objetivo. Muito recentemente tinha-me sido dada uma pequena sensação real daquilo que procurava. Mas submeter-me a uma experiência aparentemente espontânea e involuntária e dominar a técnica para reproduzir essa experiência à vontade são duas questões diferentes. Qualquer principiante consegue dar uma tacada longa ocasional, mas é preciso um jogador de golfe experiente para apresentar uma pontuação de qualificação.

Por outras palavras — e obviamente —, não há apenas o objetivo, mas também o método. Saber para onde se quer ir está muito bem, mas também é preciso saber a forma correta de lá chegar. A futilidade das

meras boas intenções foi transformada num provérbio. Eu tinha visto — todos nós tínhamos visto — tantas pessoas a alcançar sincera, honesta e apaixonadamente a expansão; buscando ardente e arduamente a consciência elevada. Tinham intenções inteiramente boas. As suas relações com os outros, tanto quanto as conseguiam tornar assim, eram altruístas e desprendidas. Aparentemente não havia aqui falta de intenção nem vacilação de objetivo. Contudo, de algum modo tinham conseguido falhar completamente.

Coisas estranhas aconteciam-lhes, que pareciam não merecer. Ou se tinham tornado esquisitas e visionárias; ou sem alegria num desgaste de ansiedades espirituais; ou zelosas com uma certeza de presunção moral. Tornavam-se ou vítimas indefesas de miséria espiritual, ou prosélitos moralistas de arrogância espiritual. Eram ambas solitárias e infelizes. E a busca, à qual ainda estavam inexoravelmente ligadas, tinha-se tornado frenética e tormentosa. Duplamente assim, visto que lhes parecia que tinham — como era de facto o caso — vivido unicamente na mais pura intenção.

Este estado de coisas, ao início, desconcertou bastante o meu sentido de Justiça. Tal firmeza de propósito não parecia merecer tal penalização. Mas agora começava a ver alguma razão em pelo menos alguns dos seus problemas. Nas palavras do Veterano, estavam na direção certa, sem dúvida, mas iam no sentido oposto! A ignorância não serve de desculpa. O desejo destas pessoas de chegar ao lugar certo era suficientemente sincero, mas tinham escolhido um trilho perigoso.

Ao longo das eras, literalmente dezenas de planos foram colocados sobre as nossas mesas intelectuais, cada um delineando à sua maneira algum sistema de desenvolvimento pessoal. Devidamente utilizados, cada um é eficaz. Variam grandemente no risco. Uma dessas rotas é vagamente designada como "oculta". A história está salpicada de relatos de iniciações e mistérios e exercícios de Yoga e "concentrações" e "disciplinas" esotéricas — tudo destinado a ajudar o aspirante no seu caminho. A maioria destas é bastante drástica. Possivelmente essa qualidade era exigida para os dias em que foram desenvolvidas. E por esse mesmo facto são perigosas para os não informados. O mesmo acontece com medicamentos potentes nas mãos de qualquer pessoa que não seja um médico especialista. Como os medicamentos, têm a sua

utilidade. Mas uma coisa é certa: nunca devem ser intentadas, mesmo por aqueles a quem são apropriadas, sem orientação especializada. Fazer isso é convidar ao desequilíbrio e à possível destruição.

Outra abordagem é através do chamado "psíquico", que pressupõe a orientação de Inteligência desencarnada.

Uso "chamado" deliberadamente. Como já vimos, "psíquico" é um termo geral, e pode cobrir quase tudo o que é passível de debate, desde o fazer girar mesas e escrita automática, até à mediunidade de transe. No seu uso mais puro, poderia definir-se como orientação Invisível. O seu pior lado foi tão publicado que ganhou um mau nome junto dos ortodoxos. No entanto, é uma rota eficaz para aqueles que estão adequadamente constituídos. A abordagem de Betty é "psíquica", por exemplo. Mas, tal como a rota "oculta", pode ser perigosa.

Colocar-se indiscriminadamente à disposição de forças e personalidades desconhecidas é tão tolo como entregar todo o seu dinheiro a alguém de quem não sabe absolutamente nada, e a quem nunca sequer viu. Há sempre a possibilidade de ficar sob cuidados sábios e ponderados. Mas as hipóteses são de que acordará um dia para descobrir que atraiu uma multidão de rufias e incompetentes, sem outros desejos além de o usarem para os seus próprios fins. E isso não é tudo, pois mesmo que desperte, pode por essa altura achar quase impossível libertar-se deles. E esse é um caminho rápido para a ala psicopática.

No entanto, repito, alguns indivíduos estão de tal forma constituídos que o "psíquico" oferece a forma mais eficaz de começar a viagem, possivelmente a única forma — para eles. Disso temos pouco conhecimento definitivo. Mas que é arriscado, estamos muito certos. Aquele que escolhe este trilho tem de resolver prestar atenção por onde pisa e ir com calma. Caso contrário, tem reservado um mau desastre.

Uma terceira abordagem é através da religião exotérica. Qualquer religião digna do nome proporciona àqueles especialmente constituídos um meio de atingir a consciência elevada. Visto que tratam mais de princípios gerais e menos nos detalhes de instrução e processo, como rotas são muito menos perigosas para uso pelo homem comum. Mas por essa razão são correspondentemente menos eficazes — e de modo algum totalmente seguras, quanto a isso. Muitas pessoas ficaram "esquisitas"

por causa da religião, e algumas até se tornaram violentas e tiveram de ser fechadas. Mas também se pode enlouquecer por causa de quase tudo. Eu tinha uma tia que enlouqueceu por causa de gatos!

Este vasto campo de tradição e conhecimento, portanto — juntamente com aquele delineado nas muitas centenas de páginas de instruções dos Invisíveis para Betty —, foi o que encontrei diante de mim quando enfrentei a questão do método. Era suficiente para fazer qualquer pessoa sensata pausar e ponderar.

Penso que foi Ájax quem suplicou apenas para que pudesse ver o rosto do seu inimigo. E Davy Crockett que queria estar certo antes de avançar. Sempre tive uma grande simpatia por ambos. É por isso que eu próprio rodeei este assunto tão palidamente, como um marreco velho a chegar a um lago, antes de me instalar nele.

Ao longo da preparação da Betty, como já expliquei, segui as instruções com o maior cuidado — intelectualmente. Faziam perfeitamente sentido, e tive pouca dificuldade em compreendê-las. Nem eram de todo complexas ou obscuras. Na verdade, muito pelo contrário, eram tão claras e simples que se tornavam um pouco difíceis de reter. Dei por mim a ter dificuldade em levá-las a sério.

Mais tarde, investiguei um bom número dos sistemas "ocultos" em busca de perspetivas cruzadas. Nisto fui parcialmente bem-sucedido. Pequenos fragmentos aqui e ali encaixavam-se. Ocasionalmente, horizontes até aí insuspeitos abriam-se. Como um todo, contudo, fiquei desapontado. Todos estes sistemas me pareciam resumir-se meramente a formas obscuras, misteriosas e complicadas de fazer em grande medida as mesmas coisas que tinham sido explicadas de forma mais simples à Betty. Eventualmente, os Invisíveis resumiram-mo com elegância.

"Os princípios básicos subjacentes a todas as fórmulas espirituais", disseram eles, "foram vislumbrados nestes ensinamentos. Todos começam com a folha em branco, o apagar de impressões dispersas, tais como tensões corporais e divagações da mente — a criação de um pequeno e belo espaço aberto no qual colocar algo melhor e mais bonito do que as nossas criações ordinárias. Todos começam com isto, como quer que se chame. O passo seguinte é a vitalidade para preservar esse espaço permanentemente, e amplia-lo gradualmente. O que vem a

ocupar o espaço assim adequadamente preparado é o contínuo e secreto prodígio de cada vida individual."

Comparados com as excursões mais avançadas da Betty, os meus próprios começos simples devem parecer elementares. No entanto, penso que vale a pena citá-los, como ilustrativos de uma abordagem à consciência elevada que é relativamente segura. Isso não significa que seja à prova de erro: não há tal coisa. Mas deverá revelar-se razoavelmente praticável, acredito, para o indivíduo comum com estabilidade e senso comum ordinários.

Relativamente ao primeiro passo no sentido de "sair do corpo", tinha achado praticamente todas as instruções unânimes; deve-se começar com o relaxamento físico. Muitos dos sistemas que eu tinha investigado davam indicações pormenorizadas. Uma delas era percorrer o corpo músculo a músculo, suavizando conscientemente as tensões de cada um. Com o tempo e com prática suficiente, supunha-se que desta forma se alcançava a libertação completa desejada.

Não duvido de que assim seja. Até achei que tal procedimento me foi de considerável ajuda — no próprio início. Com suficiente força de vontade eu conseguia, com o tempo, fazer com que todos os meus músculos se comportassem. Mas seria isso relaxamento? Não me parecia que o fosse, logicamente. Tal como eu via a questão, a ideia era retirar a atenção do corpo, não ficar por ali vigilante a ver se ele prosseguia. E assemelhava-se demasiado a halteres. Sempre odiei halteres.

Então ocorreu-me gerir as coisas a partir do ponto de vista de um quartel-general. Os músculos não são o meu trabalho: são o trabalho do corpo. Por que não dispor do corpo de modo a que ele não pudesse ter qualquer justa causa de queixa; transmitir-lhe que eu queria ocupar-me noutro lugar e não desejava ser incomodado e que seria inútil queixar-se; — e depois simplesmente ir para lá, deixando-o obedecer ou não como lhe aprouvesse.

Não era tolo ao ponto de acreditar que este sistema funcionaria perfeitamente de imediato. Percebi que no início teria de voltar muitas vezes para repreender, ajudar, repetir instruções — para praticar. Mas, entretanto, estaria pelo menos a enfrentar o meu propósito subjacente como um todo: estaria a tentar escapar do meu corpo.

Infelizmente, isto não resolveu de todo o problema completo. Requisito adicional exigido por todos os sistemas de desenvolvimento espiritual é o varrer a mente para a deixar limpa. A imagem que me era transmitida era a de expulsar um enxame zumbidor de trivialidades, e o atirar para fora de pescoço e pontapé de quaisquer intrusos subsequentes. A maioria dos sistemas sugere uma concentração intensa em vários objetos para este fim — "fazer o vazio" com laranjas ou chamas de velas ou cristais ou o que quer que seja. A implicação de todos estes métodos parece ser um "excluir o mundo" por uma espécie de focagem drástica da mente.

Provavelmente isso funciona para alguns: descobri que não funcionaria para mim. Este trabalho de atirar fora irrelevâncias significava vigilância. E a vigilância e a concentração, por muito eficazes que pudessem ser para o propósito imediato, derrotavam o propósito final — pois, para mim pelo menos, o seu exercício significava contração. Possivelmente uma prática longa, maçadora e dolorosa ter-me-ia capacitado a fazer estas duas coisas opostas ao mesmo tempo. Como aprender a dar festas na cabeça e esfregar a barriga ao mesmo tempo. Mas, de algum modo, a perspetiva cansava-me por completo. Tinha, novamente, um sabor excessivo a halteres antes do pequeno-almoço.

Veio então a minha segunda notável explosão de iluminação. Se os halteres para o corpo não prestavam, por que haveria halteres para a mente? Possivelmente caçar cada pequeno pensamento trivial era o mesmo que perseguir cada trivial tensão muscular. Por que não usar na mente a mesma ideia brilhante que tinha funcionado com o corpo? Por que não simplesmente ABANDONAR a mente, os seus pequenos pensamentos ao acaso, e tudo? Deixá-los lá em baixo, juntamente com o meu corpo?

Desta maneira, elaborei e fui crescendo interiormente numa pequena rotina diária. Começava por me deitar de costas — de preferência no chão, por causa do seu apoio mais estável. Depois, por um breve momento, imaginava para mim próprio várias coisas relaxantes: um cão que desabou a dormir ao sol, um gato estendido diante da lareira, um casaco num cabide, a sensação de flutuar em água

morna ou de cair confortavelmente pelo espaço. Pratiquei até conseguir fazer isto prontamente.

Descobri que por vezes conseguia reduzir a técnica detalhada a um gesto momentâneo na direção geral daquilo que queria. Em certas ocasiões, se por acaso estivesse muito tenso, poderia ter de voltar aos primeiros princípios para uma breve revisão. Mas a tendência geral era para este passo se tornar cada vez mais subordinado e inconsciente, como a digestão. Podia simplesmente continuar a tratar da minha vida e confiar que ele ocorreria automaticamente.

Depois, a fuga mental; mas esta não era assim tão fácil. Por um lado, um fluxo de pensamentos bem forte não pode ser abandonado de uma só vez. Tem impulso. Não se pode saltar dele em pleno movimento, tal como não se pode saltar de um comboio em pleno movimento. Tem de ser, pelo menos, desacelerado. Ou, para mudar a figura de estilo, é melhor distrair uma criança indisciplinada do que entrar em confronto com ela.

A substituição é a resposta. Por exemplo, eu desviava repetidamente a minha atenção para pequenos ruídos desarticulados — um pássaro a cantar, o ranger da madeira, o vento a passar nas árvores. Tinha-me ocorrido que quando se olha ou escuta ou sente com toda a mente, não se pensa. Claro que o fluxo de pensamentos continuava a reafirmar-se, mas de cada vez a sua direção mudava e o seu impulso de interesse diminuía.

Por vezes usava imagens de memória como substituto: um pequeno riacho murmurando satisfeito entre os gigantescos pinheiros-açucareiros; um prado verde no silêncio encantado das profundezas da floresta; nuvens ténues e rosadas raiando um céu de pôr do sol; o cintilar do luar sobre o mar de verão. Estas coisas, e as da sua espécie, eu perseguia-as, até que a comoção e o maravilhar da beleza tivessem fechado dedos suaves ao redor da minha consciência.

O passo seguinte tinha-me sido insinuado pelos Invisíveis: através de Joan, de *Our Unseen Guest*. Eu devia agora, disseram eles, cuidadosamente, muito cuidadosamente, imaginar-me a flutuar sem âncora no espaço. Vários símbolos físicos ajudavam. Um pássaro bem alto acima do solo. Um avião no espaço, sem tocar em nada. Um balão na estratosfera. Uma imagem que parecia ser particularmente eficaz era a

do fumo subindo lentamente e pairando sob o teto. Enquanto o meu interesse estivesse centrado nestas coisas, nenhuns pensamentos bulhentos vinham perturbar-me.

Por fim, eu desligava-me cuidadosamente, muito cuidadosamente, dos meus símbolos e tentava sentir-me como um ponto de consciência desencarnado no espaço. Surpreendentemente, isto não era demasiado difícil de fazer, embora ao início o efeito ficasse comigo apenas por um instante. No momento em que o esforço se instalava, abandonava a tentativa, descendo facilmente pela minha própria gravidade específica, como um planador regressando à terra. Depois, descansar por um momento confortavelmente no meu eu habitual, contemplação de alguns pensamentos agradáveis sem relação entre si, e outra tentativa.

"Este treino", disseram eles, "está realmente a trazer o subconsciente, que tem a seu cargo as tuas ações automáticas, para sob algum tipo de disciplina responsável. Quando isto for alcançado, já não será necessário passares o teu tempo com ele no berçário.

"O subconsciente é uma coisa apenas executiva; ele cumpre. É enormemente eficiente, mas atua apenas sob estímulo e orientação. Faltando o teu estímulo e orientação inteligentes, ele aceita o que se oferece. Sem treino, a sua tendência é usurpar. Sem resistência, ele leva a mente consciente pelo seu próprio canal de interesse. Notas isto quando estás a tentar concentrar-te em alguma linha de pensamento, e és constantemente distraído e levado por linhas estranhas. O remédio não é a imposição por força de vontade, mas um desligar de bom humor, como se das mãos importunas de crianças se tratasse. A facilidade e o bom humor do desligamento dependem de as crianças com quem estás a lidar serem treinadas ou mimadas.

"Na rotina que tens estado a seguir estás também a treinar a tua mente consciente, não em detalhes específicos, mas na direção de uma associação habitual com o superconsciente em vez do subconsciente. Estando entre os dois, ela tem a sua escolha."

O SEGREDO do sucesso com o poder reforçador da consciência elevada é praticar com ele como um recreio. Então, quando chegar a altura, podes testar a sua realidade selecionando deliberadamente um momento perturbador, um momento atribulado, e aplicando-o

propositadamente. Mas antes de o poderes usar em matérias sérias, tens primeiro de o usar para teu próprio prazer. Caso contrário, não aguentará.

CHAPTER II

A BANHO

A CALIFÓRNIA hoje é uma civilização orgulhosamente organizada. As suas produções enchem longas tabelas de estatísticas. Oferece ao seu povo uma variedade de habitação e de recreio para satisfazer qualquer gosto possível; desde o Vale da Morte às Sequóias de Humboldt; desde o surf ao esqui. As suas zonas selvagens são ainda vastas, mas com trilhos marcados e patrulhadas e administradas e mantidas satisfatoriamente virgens.

Contudo, na minha própria memória e experiência, a Califórnia era ainda uma fronteira. Não havia estradas pavimentadas. As vias principais eram vagos caminhos de carroças. Estradas secundárias não existiam. Em seu lugar havia trilhos nos quais andávamos a cavalo. A Sierra, agora salpicada de estâncias, percorrida por amplos trilhos feitos por guardas florestais, entrecortada por artérias, era para ser explorada apenas por tropas de carga sobre caminhos acidentados — marcados com pedras para sua própria conveniência pelos homens dos gados e das ovelhas. E a pessoa fazia-o por si própria. Tal coisa como um guia profissional não existia. E quando se começava, fazia-se provisão para a duração toda, até para coisas como ferraduras. Não havia lojas de beira de estrada.

Ordinariamente o viajante acampava onde a noite o encontrava, improvisava o que não podia carregar, mudava de casa todos os dias e, em grande medida, "vivia do terreno". De vez em quando achava conveniente estabelecer uma base, um quartel-general, a partir do qual partir e ao qual regressar. Podia-se guardar coisas ali. Podia-se construir algo mais substancial do que um bivaque caso os elementos se tornassem demasiado agrestes. Nós fizemos isso. Até erguemos uma cabana, com uma lareira, e uma vedações de troncos fendidos, e outros arranjos vistosos. Era uma habitação substancial e confortável; mas não nos prendia. Continuávamos a vaguear para longe, entre os grandes

picos. No entanto, estava ali; algo permanente, algo muito nosso ao qual regressar.

Esse é o curso geral do desbravamento em qualquer lugar. As fronteiras variam, mas o processo do seu desenvolvimento não. O caso não é diferente, mesmo quando as fronteiras são as da consciência. Certamente a exploração delas por parte da Betty e a sua ocupação das mesmas seguiram estas linhas clássicas.

BETTY: Hoje estou num grau muito elevado de consciência e força criativa, e não sei o que vais pensar sobre isto. Há sempre um tal fosso. É uma ideia muito avançada a que eles estão a preparar.

INVISÍVEL: A sensação do ser psíquico interior é aquilo que procuramos. Ao lutar para fazer com que as palavras contenham extensões de conhecimento, temos de construir muito cuidadosamente de modo a não desorientar.

Dentro de cada indivíduo há um cerne psíquico ao qual ele pode regressar em caso de perturbação. É o seu centro duradouro, a sua semente que perdurará. Procura dentro de ti por esta constante interior. Não podes brincar nas tuas superfícies exteriores e fingir que elas são isso, porque não são. Nem o encontrarás no teu cérebro. Procura-o antes na região do coração; ou, mais precisamente, nas sensações intangíveis que não têm posição orgânica. Calor é o mais próximo que conseguimos chegar para o descrever — uma espécie de ideia de aquecimento central. Uma radiação contínua vem sempre da caldeira, mas quando chega ao exterior arrefecerá.

BETTY: O que eles querem agora é fazer-me trabalhar nisto até que eu o perceba por mim própria.

INVISÍVEL: A prática disso é um retirar dos esforços da pessoa da periferia da sua vida para o centro, e começar de novo a partir dali. Abandonas de momento todos os teus entraves e buscas e interesses e passatempos, deixando-os espalhados em redor como uma criança deixa os seus brinquedos, e entras no teu próprio eu.

BETTY: A forma como sinto é que todas as coisas do lado de fora são atiradas para uma espécie de consciência esbatida. É puxada sobre

elas como uma cobertura, e eu retirei-me para uma região de intensa radiação e bem-estar e poder.

INVISÍVEL: Esta é a grande segurança, o alicerce para qualquer superestrutura de esforço que queiras construir.

Vês, a grande questão é: Como vais estabilizar-te entre todas as buscas oscilantes do mundo, os variados pontos de vista, os conflitos e incertezas? Como vais, no meio deles, alcançar a realidade absoluta? E a única resposta é primeiro fazeres dentro de ti um pedaço individual de realidade sobre o qual tenhas jurisdição completa. Esse é o teu único método de abordagem para o alcance final da realidade absoluta.

O primeiro passo no controlo, portanto, é a posse de tal fortaleza interior para proteção e refazimento. A natureza da mesma pode ser descrita de muitas formas, mas a coisa principal com a qual te deves familiarizar é um sentimento de libertação e imersão em completa segurança e poder e calor e beleza de felicidade. Pratica continuamente sobre este núcleo ideal, ampliando-o, enriquecendo-o, intensificando a sua atmosfera com as tuas memórias acumuladas de momentos harmoniosos da vida.

Não há nada mais importante do que criar esta morada de segurança emocional, ordem espiritual e força demonstrável. A dor e a luta, a batalha da vida, são apenas metade. A outra metade da vida trabalhas a pouco e pouco por meio de pedaços iluminados de dias, meros pedaços de horas em dias, juntos até que o resultado se torne a força interior. É o estabelecimento deste santuário seguro — esta espécie de divisão do céu dentro de ti —, é o habituares-te a viver nele a tempo parcial, que te torna capaz de sair armado com uma sabedoria e poder que estão para lá da compreensão da tua mente consciente.

(pausa)

BETTY: Engraçado! Não consigo descrever isto. Mas é bastante parecido com desacelerar quando se vê um grande polícia. O sentimento de uma pessoa que está respaldada por este poder faz-te desacelerar da mesma forma, se estiveres a tentar sobrepor-te a ela ou influenciá-la.

Há um certo respeito pela lei, força superior, que regula os problemas menores automaticamente. Eles não te capturam porque não

se atrevem. Não conseguem despertar esse incómodo, essa irritação, e fazer de ti um cativo, porque tens a tua força atrás de ti. O teu grande polícia tem um aspeto competente que transmite convicção e altera o prato da balança da captura. Em vez de seres vencido, podes atuar sobre o outro indivíduo que te tenta incomodar. Mas toda a gente se mete com uma pessoa que não tem força protetora. No mundo físico é a mesma coisa....

Este sentimento de segurança e felicidade e poder que se apodera de mim eles querem chamar-lhe autoridade. Não é a palavra que eu usaria. Dizem que querem refrescar a ideia de autoridade.

INVISÍVEL: Não é a arrogância de um polícia respaldado pela lei, nem a força de um exército. É a sabedoria de um juiz justo a administrar as leis de causa e efeito.

(pausa)

S E W: A ver se apanho a ideia geral. A consciência humana existe em duas esferas e funciona em ambas. O centro da consciência está habitualmente na esfera terrestre, e funciona na outra indiretamente, por assim dizer. Mas é possível, com vantagem, estabelecer um centro diretor na outra esfera. É isso?

INVISÍVEL: Sim, sim. O objetivo é aprender a colocar a tua consciência de tal forma que ela esteja fortemente acima das arrelias terrestres. Esse é o desejável supremo. Torna-te um com as grandes forças criativas do universo, e traz uma alegria e força tais como nunca sonhaste. Perante isso, o arrelia terrestre torna-se apenas uma sombra da realidade, apenas uma sombra.

O mundo ataca tudo a partir de fora; e tu estás apto a responder a esse ataque em detalhe a partir de fora também. Isto é uma tentativa para te fazer perceber que a tua resposta tem de ser de dentro para fora. Tu retiras-te. As coisas agitam-se por baixo, picando e golpeando e esbravejando, mas não te conseguem destruir. Enquanto tiveres este poder interior não te precisas de importar com quem está a golpear-te, nem com que ferramentas ou dinamite estão a usar. Apenas podem ser um incómodo de superfície. Podem levar a casca vazia, mas tu retiraste a parte de ti que eles podem magoar.

Claro que isto é difícil de fazer ao início. No entanto essa é a ideia. Estabelece o teu desejável interior; e depois, quando os teus indesejáveis aparecerem, podes virar a tua atenção para o teu desejável já estabelecido. Este "enfrentar o inimigo" não presta para nada. IGNORA o inimigo e ele fica tão reduzido em estatura que não consegue chegar acima e arranhar-te.

BETTY: Estou a trabalhar em apenas duas coisas: como libertar-me à vontade, e como retirar-me para a minha fortaleza interior. Não consigo fazer nenhuma das duas, na verdade. Posso apenas experimentar e, ocasionalmente, conforme sou bem-sucedida, posso notar como aconteceu.

INVISÍVEL: Se queres obter verdadeira posse de ti própria, pega nos teus momentos de discórdia e emaranhamento, quando todas as irritações da ordem inferior das coisas exercem uma espécie de atração capilar que parece prender-te sem esperança a elas — pega nestes momentos como os teus momentos de prática no controlo espiritual. Em tal altura, como vais possuir-te a ti própria; reorganizar e harmonizar esta condição complicante; atuar, pela tua capacidade de te libertares dela, magistralmente sobre ela em vez de submissamente nela?

Há apenas um caminho, mas tens de o ter preparado de antemão e praticado: solta a tua preensão de tudo e retira-te para o centro prodígio de vida dentro de ti própria. É sempre possível travar as tuas reações nervosas momentaneamente ordenando subitamente um relaxamento, como fazer-te parar de tremer. Depois combina rapidamente esta libertação momentânea com um retiro veloz para a tua cidadela interior. Vai à parte nela e descansa as tensões. Permanece em paz e quietude de volição, aquiescendo em todo o teu ser ao poder rearmonizador da tua consciência elevada. Ele é para as faculdades ordinárias como uma mente adulta compreensiva para o problema de uma criança. Ajuda-te a clarificar a tua visão e a reunir força para tomares as tuas decisões e planeares as tuas ações.

Este processo deve ser considerado como uma saída de emergência que tem de ter já em ordem de funcionamento. Na confusão e no envolvimento do combate real é quase impossível improvisar. Por conseguinte, para ser eficaz, deve, através das suas capacidades

criativas, ter já experienciado tão frequentemente a mais intensa sensação de harmonia e bem-estar dentro da sua fortaleza, que possa voluntariamente reentrar na sensação mesmo em momentos de violenta irritação. A sua consciência ao serviço do hábito tem de ser de tal modo treinada que a associação de ideias reproduza instantaneamente as modificações no seu cérebro que lhe permitirão escapar à vontade até das situações mais discordantes.

BETTY: É terrivelmente importante praticar o correr para a fortaleza interior a todo o tipo de horas vagas, da mesma forma que se pratica a tacada de golfe. Ao fim de um tempo, fica marcado desse modo. Depois, quando surge um problema real, quando a bola está diante de nós, faz-se instintiva e naturalmente a coisa certa.

Claro que exige muita prática voar rapidamente da vida do mundo, quando ela fica obstruída, para a fortaleza interior. Mas pode ser feito prontamente ao fim de um tempo. Pode-se largar a vida do mundo e subir à fortaleza e olhar do alto para os assuntos do mundo, e então recupera-se a perspetiva. Quanto mais se faz, mais fácil se torna.

INVISÍVEL: Tendes de desenvolver esta segurança em vós próprios se desejais o domínio. As complicações e provações e exigências da existência corporal só podem ser superadas e direcionadas pelo génio da vossa vida estabelecida mais elevada. E uma estimativa correta das sensações temporárias do corpo só é de obter através da vossa capacidade de as observar e avaliar a partir da vossa segurança interior. Ao recriar para vós próprios, mesmo que momentaneamente, a harmonia da respiração funda e do refazimento dentro da vossa fortaleza interior, ficais capacitados para regressar vitalizados e blindados contra as discórdias. Sem esta fortaleza interior não se nasceu para a eternidade, não se germinou na vida mais elevada, não se tem a posse de si próprio, sofre-se a ação dos outros mas não se motiva.

O SUBCONSCIENTE não pode ser coagido ou intimidado. Tem de ser conduzido de forma agradável e suave. Por conseguinte, a mera determinação de fazer uma coisa, de nos reconstruirmos, é fatalmente propensa ao desânimo e ao fracasso. Temos de ter um sistema humano e aprazível de passatempos que nos ajude a ter sucesso.

CAPÍTULO IV

TRILHO MARCADO

É COMPARATIVAMENTE fácil ser um Herói de Fim de Semana; ser nobre em ocasião especial. É uma questão completamente diferente ser sequer moderadamente digno quando se avança e recua no trilho familiar das trivialidades de cada hora. Podemos estar a seguir o caminho por meio da Luz Radiosa, mas a rotina parece esbatê-la; e, quando damos por isso, estamos fora do caminho, no meio dos arbustos.

Os Invisíveis devem ter antecipado algo do género. Não deixam escapar nada. Pois mal tinham mostrado à Betty como alcançar a sua fortaleza interior, de imediato se puseram a marcar o trilho claramente. E os marcadores que usaram foram símbolos imaginativos.

Isto agradou-me. O ar rarefeito como refúgio em tempo difícil parecia-me inadequado, pelo menos para principiantes. Mas símbolos definidos estavam mais na minha linha. Pelo menos ofereciam algo mais ou menos concreto pelo qual alcançar.

Um dos primeiros destes símbolos tratava de uma fase muito elementar. A ideia parecia ser a de que, se a Betty devia escapar facilmente para o seu santuário, a resistência tinha de ser diminuída. A preensão de certas qualidades que tendiam a retê-la tinha de ser enfraquecida. A vegetação rasteira tinha de ser penetrada, e um caminho desobstruído.

Na sua forma mais simples, esta não é uma ideia nova. Sempre reconhecemos que devíamos controlar os nossos humores, livrar-nos da irritação, do pensamento não caritativo, do egocentrismo e de toda essa ninhada. O método aceite tem sido ir para a frente e lutar com o diabo, à boa e velha maneira bíblica.

Como esforço, isto é bastante louvável, e indubitavelmente adquirimos mérito ao fazê-lo. Mas é um trabalho duro, e desencorajador, e com demasiada frequência somos derrubados com perda de terreno. Os Invisíveis tinham uma sugestão melhor.

INVISÍVEL: Tendes certos traços que vos impedem de triunfar rumo à facilidade espiritual, e que tereis durante toda a vossa presente extensão de vida. São mais do que individuais — são da espécie. Quanto mais tentardes esbofeteá-los, mais tensão nervosa haverá. Mas quanto menos os combaterdes de todo, mais fortes eles ficarão. Portanto, a única coisa a fazer é encontrar um caminho ao redor deles por estratégia. Concedendo que há um método expansivo que com o tempo superará tudo, ainda assim é por vezes melhor começar com métodos mais íntimos.

Uma forma é considerar o combate como algo na natureza de um desporto privado e humorístico. Não tendes inimizade em relação aos traços a que vos opondes, apenas uma determinação de provar o vosso valor. Esta técnica dá uma certa flexibilidade ao virar de uma consciência para a outra, e evita as tensões que vêm do esforço espiritual não natural.

(pausa)

BETTY: Não sabia como abordar a questão, por isso fiz do meu eu inferior um antagonista amigo, como se faz nos desportos — no ténis, por exemplo —, um antagonista com quem se seria amigo noutros momentos. De momento, ele fornece meramente um conflito necessário ao desenvolvimento do poder da pessoa. Torna-se uma espécie de efígie. Por vezes está a zangar-se ao telefone, por vezes está a persuadir-me a despachar-me e a não tirar tempo para respirar calmamente e estar relaxada de tensões, por vezes está a fazer-me comer coisas estúpidas. É muito mais divertido do que ser esse eu.

INVISÍVEL: Todos os métodos habituais de controlo de si próprio têm uma falta de graciosidade, humor e diversão que desseca a sua seiva vital. Portanto, para explicar de forma comum um método de abordagem à segurança interior da pessoa, a esta estabilidade harmoniosa e graciosa, oferecemos o exemplo de um jogo com o antagonista amigo da pessoa, o 'eu inferior' da pessoa. É talvez um impropério usar o termo 'amigo'. A amizade está do lado do vosso eu superior, pois o inferior é bastante inferior no tipo do seu desportivismo. Está bastante inclinado à malícia em relação à sua aristocracia!

BETTY: O truque está em contemplar o eu inferior da pessoa da forma como se para treinar e brincar com um cachorro. Não sei por que razão os eus inferiores hão de ser sempre considerados viciosos. Na verdade, têm qualidades muito atraentes. Estão apenas educados por completar.

INVISÍVEL: Nesta fase de desenvolvimento, como em todas as outras, tem de se passar pela fase dos guizos, apitos e brinquedos de folha das crianças a jogar jogos. Tem de se passar por ela com serenidade, dando uma devida e adequada compreensão da necessidade de jogos em todas as idades. Com o tempo, descobrir-vos-eis capazes de pôr de parte os vossos símbolos e procurar o vosso objetivo diretamente, mas não vos precipiteis prematuramente em abstrações. Os jogos e brinquedos das crianças estão entre os seus melhores meios de aprendizagem. Os adultos não brincam com brinquedos; mas tirar os brinquedos a uma criança não faz dela um adulto.

Os Invisíveis sugeriram vários "jogos" para a Betty jogar — símbolos físicos para a ajudar a fazer a sua fuga. Um dia, recordaram uma figura familiar numa aplicação mais ampla.

INVISÍVEL: Os corrosivos humanos por vezes tornam-se tão maus que não os conseguis separar, organizar e reharmonizar por vós próprios. Eles reduziram-vos ao nível deles da forma mais satânica. Estais mentalmente todos coalhados de acidez. Mesmo que reconheçais o vosso estado e queirais abandoná-lo por uma atitude de mente melhor, ainda assim não conseguis. O que deveis fazer então?

Em tais alturas há várias formas de vos ajudardes a escapar para a vossa fortaleza interior. Por exemplo, podeis não ser capazes de ir de facto num avião, mas pelo menos podeis imaginar-vos lá. Na imaginação podeis olhar para as colinas e vales e margens e para as pequenas casas estilo capoeira por um momento. E depois podeis dizer com pena: Numa divisão dessa pequena colmeia de casa há uma alma obstinada, irritada, invertida que pensa que a vida é como ela a vê, dura e amarga. Mas é apenas a sua fraqueza e falta da respiração para dentro da vida que a tornou permeável a fermentos. Mantende o olhar nessa imagem do avião. Por graus, a vossa atenção estará tão centrada na amplitude dos

horizontes que ignorareis, e assim libertareis da sua lamentável escassez, o homem no pequeno quarto na casa estilo capoeira.

Tendes de manter um avião atado do lado de fora, como um cavalo, caso preciseis dele. Podeis não conseguir ficar lá em cima nele, talvez, mas quando desceis estais cheios de oxigénio e dos ventos do céu, e sois tolerantes em proporção. Escapastes do vosso pequeno eu, e podeis tratá-lo como a uma criança irritadiça. Tereis garantia e impermeabilidade aos fermentos dos outros.

Vedes quanto disto está nas vossas próprias mãos. Se quereis fechar a janela e ficar relaxados na irritabilidade sem oxigénio da vida menor, podeis fazê-lo. Não é pecado: é apenas a vossa própria perda. É apenas ignorância de visão, o triunfo de velhos hábitos, um atrasar deliberado do vosso progresso. Podeis sempre ficar no vosso quarto de corredor do universo e contemplar a sua falta de ar mal mobilada, fixando a vossa mente firmemente na vossa condição acanhada de vida! Essa é a vossa prerrogativa. Mas se o fizerdes, pertenceis aos iletrados espirituais.

Outro símbolo interessante foi sugerido para uso em emergências, quando tudo o resto falhasse:

BETTY: Aqui estou eu na minha cidadela. Quero ficar aqui e estabelecer-me firme e permanentemente. Mas supõe que me dá um pânico ou que fico fraca. Então não me consigo valer. Perdi o meu equilíbrio. Estou à mercê dos elementos inferiores. Estou a afundar-me....

O que posso fazer agora?...

Oh, já vejo! Vou fingir que, embora não saiba nadar, posso pôr um colete de salvação de emergência. Algo me manterá ao cume da água debaixo dos braços até que eu consiga VOLTAR A PENSAR naquilo que perdi. É um apelo a algo fora de mim para me manter ao cume da água até que possa voltar novamente. Posso depender disso. O símbolo do colete de salvação ajuda a meter a ideia DENTRO de mim. É tão importante meter estas ideias DENTRO de nós.

Há também uma ideia que vai com isto que não vejo muito claramente. Tem a ver com pagar por esse colete de salvação nalgum momento através de um grande esforço, grande empenho para manter

outra pessoa ao cume da água. Não compreendo isso muito bem. Mas não se pode obter esta ajuda por nada. Com ela obtém-se algum privilégio de ajudar outro. Privilégio? Pensei que ias dizer penalização....

Tenho estado a lutar e estou cansada. É difícil por vezes sustentarmo-nos aqui, mas é um esforço agradável. É como nadar, no sentido em que se sabe que não se está no elemento habituado, e que a sustentação depende dos esforços da pessoa....

Essa é uma boa ideia, essa de manter a pessoa a si própria como no nadar. Ajuda a evitar que se caia para trás e se afogue em todo o tipo de coisas do mundo. A paz sem esforço não vale nada. Devia ser harmonia estimulada, não paz sem esforço.

Dia após dia, durante muitas semanas, os Invisíveis continuaram a martelar nesta técnica de escapar para a fortaleza interior. As imagens são demasiado variadas para citar na íntegra aqui, mas outro exemplo ou dois podem não vir fora de propósito. O seguinte, por exemplo, lança uma perspetiva interessante sobre o tema principal.

INVISÍVEL: Há um truque na pressa — estamos a falar de pressa legítima. Uma grande parte da pressa é desnecessária, e portanto tola. Mas mesmo quando a pressa é indicada, o MÉTODO da pressa é geralmente ridículo. Dar-vos-emos um exemplo:

Estais quase no fim de um quarteirão. Por alguma razão é muito desejável que chegueis ao cruzamento antes de o sinal ficar vermelho. A vossa mente-cérebro assim informa o vosso corpo. O vosso corpo responde com um movimento mais rápido, e o fiel subconsciente ocupa-se a aumentar o ritmo cardíaco e as secreções de adrenalina e todo o resto da vossa química para responder às atividades acrescidas exigidas pela ocasião. Tudo está a ser feito por todos para vos pôr naquela esquina a tempo.

Muito bem. E depois? Em vez de deixar a coisa por aí, a vossa mente-cérebro corre então para a frente até ao cruzamento, e dança primeiro num pé e depois no outro, e grita e impele e agoniza porque não podeis estar lá antes de a totalidade de vós estar lá; e o corpo inclina-se para a frente e derrama energia e esforça-se e arrelia-se porque a sua velocidade física não consegue alcançar a velocidade do pensamento — o que devia ser evidente.

E VÓS — o vós eterno que é o vosso verdadeiro eu —, onde estais? Provavelmente estais a correr para a frente e para trás entre os dois; ou a tentar dividir-vos entre os dois, partilhando a impaciência de um e a impotência do outro; ou estendidos de forma escassa entre eles, esforçando-vos por os arrastar juntos por força de vontade. Psiquicamente estais espalhados por todo aquele quarteirão; e se isso — do nosso ponto de vista — não é uma vista ridícula, nunca vi nenhuma!

Se tendes algum controlo sobre essa vossa mente-cérebro, ides impressioná-la com o facto de que o seu papel digno é primeiro apontar a emergência, depois pôr em movimento a maquinaria, após o que deixar a maquinaria chegar lá, se conseguir. Ficai juntos — todos os três —, visto que nenhum de vós consegue chegar lá, completamente, sem os outros.

Mas mesmo que tenhais uma mente-cérebro de criança mimada ou apenas parcialmente disciplinada, não há nenhuma razão terrena para ir a correr com ela. Deplorai as suas ações de pés, e deixai-a ir. Optai por ficar com o corpo. Reclinai-vos luxuosamente e confortavelmente e permiti que ele vos carregue até alcançardes a situação. A propósito, sereis um grande consolo para o vosso subconsciente conscienciosamente trabalhador e algo perplexo. O coitado fica de outro modo todo perturbado por continuar a ser impelido e fustigado quando está a fazer o seu melhor. Após algumas experiências podeis, entre os dois, fazer com que essa vossa mente-cérebro sobressaltada tenha vergonha de si própria, para que fique para trás, no lugar a que pertence.

Este exemplo reconhecidamente frívolo carrega em si um princípio geral de vida mais poderoso do que à primeira vista parece. É o de DESCANSO NO MOVIMENTO. Todo o viver é, tem de ser, movimento de algum tipo. Mas os mecanismos adequados desse movimento, seja ele qual for, carregam consigo nos seus ombros um assento confortável no qual podeis ser transportados nessa serenidade sem tempo que é a essência eterna interior de tudo o que há.

Um ponto neste assunto do escape que me despertou a curiosidade foi o de saber exatamente até que ponto ele era eficaz. Aplicava-se a todas as ocasiões? Era o melhor curso a seguir em cada caso, ou havia alturas em que não funcionaria? A resposta do Invisível foi inequívoca:

INVISÍVEL: Ao resistir ao assalto da discórdia, o curso mais eficaz é sempre escapar das restrições do vosso eu inferior, como lhe chamais, fundindo-vos com a maior liberdade da consciência interior. Mas a linha de menor resistência é sempre o resvalar de volta para o eu inferior da pessoa, e tornar-se consciente meramente de sensações momentâneas. Este arrasto está sempre presente. Não vos rendais a ele por preguiça ou esquecimento. É uma tentação constante afundar de volta na sensação momentânea.

S E W: No entanto, a sensação momentânea por vezes força a atenção. Como é com a dor, por exemplo, dor real e absorvente?

INVISÍVEL: Apenas na saúde, no equilíbrio, no balanço de potências pode a elevação de si próprio ser alcançada. O despertar de discórdia física produz uma desorganização dolorosa quase impossível de superar sem treino prévio. Em tal altura, o esforço de tentativa de controlo por força de vontade meramente derrota o propósito. Isso é um erro grande e trágico. À dor tem de se ceder relaxando e ser atravessada num processo de inundação para fora, lavando-a para longe, aliviando-a por não resistência. A resistência sela-a das forças de cura, inibe a eliminação bem como o reabastecimento. Uma luta de força de vontade contra a dor é uma vista muito trágica. NUNCA VOS TENSIONEIS!

S E W: Dizeis que apenas na saúde pode a elevação de si próprio ser alcançada. Quereereis dizer com isso que os doentes estão impedidos de a alcançar?

INVISÍVEL: Não. Qualquer esforço em direção à consciência relacionada permite uma vivificação pela sua força superior que tende a superar a sensação momentânea. Mas a prática da mesma em tempos de equilíbrio, estabelecendo o hábito, ajudará grandemente a sua ação automática quando a desordem vier.

Não resistais à dor. Começai aí. Isto não significa desistir e deixar que a dor tome conta por completo. Mas relaxai perante ela. Permiti que ela desça sobre uma forte convicção da sua natureza transitória. Isto abre comportas que diluem a força da dor e dissolvem gradualmente o seu poder. Ver-se-á então que ela se gasta meramente na vossa consciência de superfície, por mais absorvente que essa superfície possa ter parecido anteriormente durante o sofrimento. Mas é EM TEMPOS DE SAÚDE

que deveis desenvolver a convicção da natureza transitória da dor que vos sustentará quando ela inundar e parecer tomar conta da vossa vida. Depois, quando ela vier, podeis dar-vos ao luxo de a deixar inundar, mantendo apenas abertas as comportas que em breve limparão a corrente turva.

Fundamentalmente, a vida e todas as suas experiências passam através de vós como ondas de rádio, e vós não sois afetados por elas. É apenas a vossa resistência a elas que vos danifica. Portanto, se conseguirdes apenas deixá-las passar através de vós, e afirmar-vos de substância mais elevada, podeis recebê-las em quantidade, desde as honras mais exaltadas até às mais direitas calamidades. Em si mesmas, são tão pouco desintegradoras como a sombra no vosso corpo: são apenas fenómenos fugazes. Nunca vos oponhais a quaisquer experiências se conseguirdes atingir isso. Quanto mais elas vierem, mais honrados sois na vossa seleção de aprendizagem.

Vou concluir este capítulo com um registo que me parece dar uma perspetiva particularmente íntima da experiência da Betty. Como um clarão de relâmpago distante de noite, insinua algo para lá do horizonte da nossa consciência presente.

BETTY: (após uma pausa) Está a ficar um fosso tão grande entre a forma como o ser humano comum pensa e a camada de pensamento em que estou agora. Pergunto-me se vale a pena a luta. Soa-vos tão irreal e absurdamente imaginativo. Estou um pouco desanimada ultimamente em relação a dizer isto, porque não produz efeito.

(pausa)

Estou a ter uma lição terrível sobre o desânimo, uma lição TÉRRIVEL! Deixar entrar a selva! Dizem que ninguém vai clarificar isto tudo a menos que eu lhe dê vitalidade e o tire do nevoeiro. É a força para fazer isto em que estou a trabalhar agora. Estou simplesmente a descartar tudo numa grande torrente de desejo por este melhor e mais elevado, que sinto como uma grande força. Há tão pouco reconhecimento ao meu redor deste poder que se pode obter. Ninguém o quer suficientemente para sofrer por ele, e eu quero-o tão tremendamente que faz com que eu pareça à parte, estranha e inumana.

No entanto, esta força interior é o único meio de reconhecer o eu inferior da pessoa, e por uma captação definida de inspiração erguer-me para fora dele; como o processo simples e definido de me levantar de uma cadeira ou subir escadas. Estou quase a ficar com pavor dessa imagem menor e esbatida de mim própria. Quando desço até ela, tudo se derrama sobre a minha fraqueza para me atormentar. A minha atitude côncava é um recipiente para as fraquezas dos outros....

Agora virar-me para o outro lado, por meio da minha força. Apresento uma superfície diferente à vida — convexa. Tenho apaziguamento agora; tenho facilidade. Magnifiquei aquele pedaço de força que é meu. Que coisa estranha que ele seja a grande realidade para mim, a coisa que tenho de perseguir, independentemente de qualquer outra coisa. Porque, até que mais dele seja meu, não o posso exibir nem dar.

E depois há esse mundo de coisas curiosamente sem substância ao meu redor.

S E W: Coisas sem substância?

BETTY: Na Terra. Como é que se poderia dizer a alguém que todas aquelas coisas sem substância que fazemos, e com que nos entretemos e brincamos, são apenas a sombra daquilo que estamos realmente a criar nesta grande força que não vemos? São amostras experimentais de vida que examinamos e com que brincamos para fins de seleção. Ordinariamente, são a única realidade que reconhecemos, mas a partir daqui parecem apenas sombras.

Para mim, a única realidade duradoura é o meu pedaço de força. É um pedaço tão pequenino, mas é uma cidadela em que posso viver, e a partir da qual posso sair para ambos os lados da consciência. Com o tempo, talvez, venha a estabelecê-la como um lar permanente. Depois, quando morrer, fecho simplesmente essa outra porta e movo-me livremente do outro lado.

O RECONHECIMENTO das coisas que desejas, a formação dos teus propósitos definidos, estabelece uma condição tão automaticamente química na sua ação como o estabelecer das disposições de qualquer outro processo químico, tal como a libertação de gases, a carbonização da chama ou a fervura da água. Começa imediatamente em direção ao

cumprimento do desejo em proporção com a força, o fervor e a persistência do teu esforço em relação a ele.

CAPÍTULO V

PASTAGEM

A CONQUISTA da compreensão é sempre um processo interessante. Para o principiante, a perícia parece ser uma série prolongada de passos separados, a cada um dos quais ele tem de dedicar, por sua vez, um desempenho minucioso. Mas o objeto dos seus desempenhos, como unidade final da qual eles formam as partes, escapa-lhe.

Com o tempo, contudo, ele descobre que a prática diária espreme esta separação, por assim dizer, até que finalmente os vários passos do processo se encurtam ao alcance de uma única passada.

Assim foi comigo aqui. Durante bastante tempo segui fielmente a minha rotina de principiante. Todos os dias, cuidadosamente, repetia os processos detalhados de relaxamento físico, desprendimento mental e libertação imaginativa. Então, um dia, descobri subitamente que já não precisava de passar por este triplo processo. Um único e breve gesto mental bastava para me erguer ao estado de desligamento e equilíbrio que tinha sido o meu objetivo. Esta revelação veio como um choque distinto de surpresa. Também, curiosamente, fez-me sentir de certo modo tolo. Aqui estava eu a praticar há semanas e meses, intermitentemente, e era na verdade tão simples como abrir os olhos! No entanto, percebi que tinha atingido um marco importante no caminho.

Por esta altura descobri outra característica interessante da expansão da consciência. Como a maioria das outras atividades da vida, ela procede num ritmo. Há uma pulsação nisso, uma sístole e uma diástole. Após cada aquisição definida há uma pausa para o seu estabelecimento, a sua incorporação em nós próprios, o seu uso e usufruto por si mesma. O fluxo do nosso progresso entra num poço tranquilo para clarificação nas profundezas serenas até que, em breve, cede à atração da corrente rio abaixo.

Assim, agora, por um intervalo, o progresso para a frente parecia ter parado. Continuei a tratar da tarefa de criar o meu "pequeno e belo espaço aberto", mas durante algum tempo nada de empolgante veio ocupá-lo. Isso estava bem. Estava satisfeito. A sensação de repouso e equilíbrio a que a rotina me tinha conduzido era uma recompensa suficiente em si mesma. Tinha passado a aguardá-la com expetativa ansiosa. Mas, durante um tempo, nada de novo apareceu.

Então, um dia, os Invisíveis aparentemente decidiram que eu devia ter um pouco mais de instrução pessoal. Através de Joan, eles intervieram novamente. Aconteceu na altura em que eu estava a sofrer com um ressurgimento de uma febre tropical que tinha apanhado em África. Por esta razão, talvez, a instrução se tenha centrado em redor do que parecia ser um método de cura; embora, como se verá, o aspeto da cura fosse meramente um ponto de apoio no qual toda a filosofia se podia pendurar. Por essa razão, vou citar com algum detalhe. Juntamente com o capítulo anterior, as citações ilustram bem a forma de instruir dos Invisíveis.

Quando eles quiseram conduzir-nos a algum novo campo da realidade, marcaram o caminho com símbolos imaginativos. Apenas o primeiro passo, a libertação do corpo, é em todos os casos o mesmo. Depois disso, a consciência elevada parece abrir-se para uma variedade de regiões diferentes. A região a que atingimos é determinada em grande medida pelo nosso propósito do momento e pelo tipo de símbolo que selecionamos como meio de abordagem.

"És agora capaz", começaram os Invisíveis nesta ocasião, "de mover a tua consciência temporariamente para fora do teu corpo. Nos exercícios de vivificação que estamos prestes a sugerir, já não será necessário dedicares a tua atenção inteira a este processo. Após te ergueres acima do teu corpo, deixarás nessa fase apenas o fiapo de perceção necessário para manter o motor do teu avião a funcionar.

"Descansando com facilidade neste estado, direcionarás primeiro a tua atenção para a força vital universal. Pensa nela como um rio ligado ao fluxo sanguíneo no teu corpo: uma corrente vital constante a fluir por todo o teu ser, não rápida, mas no ritmo de um rio. Tu não PENSAS ATÉ À EXISTÊNCIA o processo do fluxo vital por qualquer esforço

aplicado da vontade imaginativa. É mais como se simplesmente notasses o facto. O processo é facilitado pela tua atenção, mas não é inaugurado por ela.

"O passo seguinte tem a ver com tornar mais eficaz a tua aceitação desta corrente vital universal. O seu alimento não é absorvido da melhor forma pelo teu corpo como uma mera papa ou sopa de tudo. A tua dieta deve ser variada e criteriosa: deve ser como a tua dieta física, seletiva. A seguir, portanto, imaginarás para ti próprio alguma grande abundância, tal como pomares de fruta, vinhas, a colheita que se aproxima. Se, na imaginação empática, puderes tocar na tua parentesco com qualquer forma dada de abundância, podes participar do seu poder. E visto que, neste mundo de abundância em que pensas imaginativamente, a destilação da força vital universal é variada, és capacitado desta forma a participar dos alimentos adequados às tuas necessidades particulares."

Admitirei que as minhas primeiras reações a este conselho foram um pouco confusas. Também, para começar, fui singularmente malsucedido ao tentar levá-lo a cabo. De algum modo, as minhas tentativas para entrar em contacto com produtos agrícolas não progrediram além do tipo de parentesco uma vez descrito como "primo em primeiro grau instantaneamente afastado". Depois de me ter mantido nisso deveras por um tempo, comecei a perceber que estava a beirar o esforço excessivo. Como tinha pelo menos aprendido ESSA lição, parei imediatamente.

Enquanto descansava, a minha mente vagou ociosamente para um rio do Alasca que eu tinha uma vez explorado, e onde tinha tido uma sorte extraordinária na minha caça fotográfica ao grande urso Kodiak. Era um rio bonito, e passei muito tempo a recordar um a um os detalhes da sua topografia. Diverti-me tanto com isto que foi apenas com dificuldade que finalmente me sacudi com impaciência do que pensei ser uma indulgência demasiado longa num "sonhar acordado". De volta ao trabalho!

Mas foi logo aí que cometi o meu grande erro. Como se veio a verificar, no preciso momento em que atirei a coisa ao mar — nesse preciso momento —, eu estava a começar a ter sucesso!

"Mostrámos-te", disseram os Invisíveis mais tarde, "em detalhe minucioso de baixo-fundo e marola e travessia e poço, um dos teus rios do Alasca; e ficaste impaciente contigo próprio porque pensaste que a tua 'mente estava a vagar'. Mas isso, por um momento, e como exemplo, foi uma destilação específica de uma forma específica de abundância. O teu erro esteve em forçar pela vontade a tua imaginação em direção a alguma forma particular de abundância porque nós a tínhamos sugerido como exemplo. Na verdade, esta seleção jaz na esfera da sabedoria maior da tua própria superconsciência, e não é mais um assunto da tua mente-cérebro do que o é o uso variado dos constituintes do teu fluxo sanguíneo na nutrição do teu corpo.

"Ao prosseguir com este exercício, portanto, deve ser permitido à tua atenção PASEAR. Ela será então atraída em direção à necessidade do momento. Há, claro, uma distinção a fazer entre isto e o vagar ocioso; uma distinção que só pode ser compreendida através da experiência real. Fundamentalmente, tem de haver uma certa prontidão de apetite espiritual. Mas o assunto da tua devaneio é determinado pelo teu instinto espiritual, e não através dos teus interesses ou avaliações intelectuais."

A hora que eu estava no presente a dedicar diariamente à minha rotina tomou agora um novo fascínio. Como disse, por esta altura eu era capaz de "descolar" prontamente e com facilidade, erguendo-me rapidamente acima da atenção quer ao meu corpo quer às minhas atividades habituais de pensamento. Depois, tendo-me suspenso, por assim dizer, podia virar-me de livre vontade para o aprazível passatempo de "deixar a minha mente passear", para ver o que ela atrairia hoje. Nunca sabia o que isso ia ser, mas uma vez que se tivesse estabelecido, a minha fantasia derivava para uma contemplação particularmente agradável disso mesmo. Era muito como passar da sombra para o sol quente. Se a expressão não soar demasiado fantástica, era bastante parecido com apanhar sol numa ideia.

Um dia este apanhar sol tomou uma forma quase literal. Na ocasião em questão, o meu ponto de atração de atenção era muito simples. Estava meramente num banho daquele calor de sol particularmente penetrante que inunda os vales do interior da Califórnia logo antes dos grandes calores do verão.

"Esta", disseram eles mais tarde, "é a abundância física mais potente de todas. É a abundância na sua forma mais pura. É a origem e fonte de toda a abundância física, como um momento de reflexão te mostrará. Mas, como tal, tem de ser pensada e usada moderadamente apenas como um refazimento de pura vitalidade. É uma essência demasiado pura para dieta única. Para fins de construção física tem de ser apropriadamente transformada em variação; tal como é transformada pelo mineral, pela planta e pelo animal antes de se tornar fisicamente nutritiva como alimento para as especializações humanas, cada uma segundo o modo da sua própria construção. Não podes comer a luz do sol, contudo a luz do sol é a fonte, a força vital, da vida física. O que tu comes é a luz do sol transmutada através das tuas criações companheiras no mundo físico.

"Em regra, portanto, as abundâncias devem ser associadas à ideia de maturação. Apenas a culminação, ordinariamente, está apta a ser apropriada. O amadurecer é a tarefa do indivíduo; até que atinja o ponto de culminação, não é um assunto para ingestão."

Pois, de facto, por que não? Sabemos o suficiente para não comer maçãs verdes.

Noutra ocasião, o passear da minha mente trouxe-me à memória uma grande queda de água. Era uma folha suave de água no seu rebordo, não muito larga, mas de volume considerável. A um terço do caminho para baixo dava acesso ao ar para se espalhar num rendilhado crescente de borrifos e flechas hesitantes que disparavam para baixo. Uma floresta escura inclinava-se sobre o seu leito para olhar. Um poço escuro recebia-a e sossegava-a de novo. Todo o ar palpitava com o seu rugido profundo e solene, o qual, no entanto, misteriosamente não perturbava uma certa quietude de catedral.

Eu tinha conhecido bem essa queda de água. Tinha estado no borrifo das suas névoas no poço lá em baixo. Tinha-me esgueirado e lutado no meu caminho para cima através do emaranhado do seu precipício até às águas superiores. Hoje, na minha recordação dela, pairei na imaginação logo à saída do rebordo do seu mergulho. Era uma imagem agradável; mas, como exemplo de "abundância", no sentido exato da minha técnica presente, parecia um pouco duvidosa.

"Esta manifestação de abundância", explicaram os Invisíveis mais tarde, "é a de uma combinação de muitos poderes, em vez de apenas um. O mergulho da queda de água é a combinação da força que ergueu o vapor do mar, as várias forças que fizeram os ventos moverem-se, os ares arrefecerem, as nuvens condensarem-se, a chuva cair, o leito fluir colina abaixo, até que no rebordo do mergulho há uma grande e poderosa e irresistível abundância de poder real que pode ser inspirada como uma única coisa, um elemento de refazimento e vitalidade. Este é um bom exemplo do que queríamos dizer com uma DESTILAÇÃO de abundância. Foi por estes muitos processos preparada para a ingestão espiritual, tal como os vários elementos compreendidos nos alimentos físicos são concentrados por processos naturais no grão de trigo."

De forma semelhante, nos dias subsequentes, a minha mente "passeou" para parar no ruído desenterrado e incessantemente intermitente das ondas a bater numa praia, no vento nas árvores, e coisas semelhantes até que, para meu próprio divertimento quando pensei nisso mais tarde, voltei de facto satisfatoriamente à tarefa agrícola que tinha ao início rejeitado. Campos maduros de cereal; pomares carregados de fruta; a prodigalidade dos jardins de primavera — afinal de contas, esses são os símbolos mais próximos, se os pudermos usar, de uma vida prodiga e abundante a expressar-se, a derramar-se na fecundidade da mãe terra.

Isto era tudo o que havia nestas experiências particulares. Ao longo de um período de semanas, elas reocorreram regularmente. As imagens do meu cinema privado variavam, mas não pareciam progredir em direção a qualquer culminação percecionável de intensidade, significado ou duração. Todos os dias, ao fim de cerca do intervalo habitual, a força da minha suspensão definhava sempre. Cedia ao que era ainda a minha gravidade específica, e derivava suavemente de volta à minha habitação ordinária. Por vezes tinha uma convicção momentânea e elusiva de que o índice da minha capacidade tinha subido apenas um pouco — talvez estivesse destinado a subir. Mas, para o presente, isto não foi mais longe. Permaneceu apenas uma vaga premonição, na penumbra da minha consciência. Acompanhando os exercícios, nada persistia exceto uma sensação acentuada de vitalidade e bem-estar. Gradualmente, a minha saúde melhorou.

Então, um dia, os Invisíveis desligaram-se novamente. Mas antes de o fazerem, acrescentaram um conselho final.

"És agora capaz", disseram eles, "de entrar no amálgama completo da condição induzida pela combinação destes exercícios em que tens estado a trabalhar. Podes recorrer a ela a qualquer altura para sustentação e refazimento, sem a necessidade contínua de uma sequência elaborada de passos específicos, pelo simples expediente de te ergueres até ela. Tenta fazê-lo numa aplicação tão contínua quanto possível no viver quotidiano. Continua a série de passos, como um exercício combinado, diariamente por um curto período; também ocasionalmente como exercícios separados em revisão deles como componentes desse amálgama, individual e separadamente. Mas, na sua maior parte, considera-os como mecanismos automáticos interdependentes, para serem controlados e operados pelo subconsciente ordenado que treinaste.

"Ao descartares — ou melhor, ao cresceres para fora de — os símbolos visualizados da ideia de abundância, virás a perceber que não tens estado realmente a retirar da abundância da colheita, ou da queda de água, ou do poder do calor do sol, ou de qualquer um dos outros símbolos que considerámos. Na realidade, por esses símbolos, entraste em contacto com as mesmas fontes das quais essas próprias coisas retiram as suas vitalidades. Em outras palavras, não tiraste algo delas ou através delas: foste por elas capacitado a retirar das mesmas fontes das quais elas retiram."

HÁ TODA a diferença no mundo entre o homem que se retira para a sua solidão criada por si próprio por sua própria causa, como ele a concebe; e aquele que se afasta para os silêncios, como diz a expressão, para se pôr em sintonia com o infinito e trazer de volta aos homens uma perceção refrescada de unidade. Não vês, é a INTENÇÃO que faz toda a diferença. A expedição de um para a solidão é uma coisa egoísta; a do outro está carregada de todos os propósitos eternos de unidade.

CAPÍTULO VI

EXCURSÕES

A MAIORIA de nós é constituída por pessoas práticas, com trabalhos definidos na vida, que queremos fazer com eficiência. Temos subsistências a fazer, e impostos a pagar, e negócios a gerir, e pessoas de muitos tipos para conhecer e para lidar. Por muito desejável que seja a "vida elevada" que nos é oferecida por várias filosofias e sistemas e cultos, por muito que gostássemos de usufruir das vantagens que oferecem, não nos podemos realmente dar ao luxo de o fazer à custa dos nossos trabalhos. Essa atitude pode ser muito ignóbil da nossa parte, e tudo isso, e podemos ser vermes baixos e desprezíveis, mas o facto permanece que o nosso instinto nos afasta de qualquer coisa que nos vá tornar de mente confusa, esquisitos aos olhos dos nossos contemporâneos, vagos e pouco práticos.

Para mim, essa é uma reação natural. Sinto-me dessa forma eu próprio. E acredito que é um sentimento legítimo. Este é o nosso mundo: e estamos aqui porque se supõe que vivamos nele e com ele. Na verdade, eu iria até ao ponto de dizer de qualquer sistema de desenvolvimento espiritual: "Se ele exige, ou causa, um afastamento de QUALQUER forma de uma participação humana e viva no viver quotidiano, fiai-vos nisso, está errado." Isto é, está errado para nós, cidadãos comuns do mundo. Santos, homens sagrados — especialistas, não praticantes gerais da vida —, estes podem ser diferentes: não sei. Mas se mudar do atelier na cave para o andar superior vai resultar num produto descurado e mal feito no atelier, então a maioria de nós preferiria ficar cá em baixo.

Com isto em mente, devo confessar que ao início considerei com algum ceticismo toda a ideia de retiro para uma fortaleza interior. Parecia-me apenas mais uma forma de "retirar-se das trivialidades do mundo" à moda oriental ortodoxa. Qual era a diferença, afinal de contas, entre retirarmo-nos fisicamente para os Himalaias e retirarmo-nos mental ou espiritualmente para uma inacessibilidade interior? Em qualquer dos casos, a parte de nós que importava retirava-se da cena de ação.

Mas provou haver uma distinção que eu tinha deixado escapar.

INVISÍVEL: Não deveis pensar na vossa cidadela interior ou cerne de realidade como apenas um lugar de retiro ou refúgio. O retirar-vos para o lado do planeta comum por causa das suas agitações

desagradáveis não é nenhum teste a essa estabilidade. A dificuldade em tomar tal abrigo não é o facto de ser ineficiente, pois é possível erguerdes-vos a uma tal consciência que as vossas saias não fiquem molhadas pela tempestade; mas sim que, quando deitardes de novo a cabeça de fora, o mundo pode ter passado por vós. Inevitavelmente, se quereis progredir com os restantes, tendes de tomar a vossa parte inteira do açoitamento dos elementos. O verdadeiro método, portanto, é continuar numa serenidade sem preocupação, sabendo bem que a vossa habitação interior está segura, mas aceitando a vossa parte inteira no movimento comum para a frente.

É apenas pelo açoitamento da tempestade que os homens descobrem os seus apoios. Aqueles que não construíram as suas habitações, a sua estabilidade, são então frequentemente sacudidos para um reconhecimento de que tais habitações são desejáveis. Se a faísca estiver neles, têm de começar a procurar. Enquanto aqueles que já construíram com compreensão uma estabilidade têm agora uma oportunidade, de outro modo em falta, de testar a sua integridade. O escape, apenas, é estéril.

Isto, por outro lado, não significa que sejais chamados a mergulhar sem cuidado na lama e no lodo. Tendes de fazer o que é oferecido à vossa mão; mas não é mais desejável, agora, que apojeis as vossas asas ao agarrar mais do que o vosso poder consegue erguer, do que em tempos de contentamento. Fazei o que vier, suportai o que vier no curso natural, mas não sobrecarregueis além daquilo que a vossa serenidade é capaz de manter a flutuar. Distingui entre o afastamento e o viver vivo mas indemne.

As tempestades são um teste à vossa navegabilidade. Não são 'enviadas como um teste', mas vêm no curso habitual de causa e efeito. São tempos de provação: desconfortáveis, angustiantes, se não tiveres o vosso próprio veículo de consciência sustentador; estimulantes e impulsionadores do Plano, se o tiverdes.

S E W: Continuo sem compreender exatamente quando se deve usar a fortaleza interior.

BETTY: Estou a sair agora, e a realidade está a ficar mais fina e mais pálida. À medida que me afasto dela, tudo de que posso ter a

certeza é que não basta apenas dizer com grande dignidade: Retiro a minha consciência. Isso de nada serve. Quando as coisas de fora te irritam, funcionará muito melhor se não parares no afastamento — se completares o círculo e voltares. Se não captares isso, um afastamento digno das arrelias terrestres parece bastante tolo!

Foi um alívio sentir que os Invisíveis estavam do meu lado. Mas, embora honrado, estava também um pouco confuso com um dilema. Aparentemente, a melhor forma de enfrentar a desarmonia era retirarmo-nos para a nossa fortaleza interior. Mas o retiro para a fortaleza interior parava o nosso progresso para a frente! Parecia-me um pouco paradoxal. No dia seguinte, eles esclareceram-me:

INVISÍVEL: Esta participação numa consciência mais ampla deve ter uma ação dupla. Tem possibilidades tão infinitas que há sempre o perigo de nos expandirmos até ela ao ponto de perdermos todo o contacto com a manifestação física. Portanto, a expansão tem de ser sempre equilibrada pela contração para experimentar a realidade material. Cada coisa até à qual vos expandis, e que adquiris subjetivamente, tendes de a contrair para a tornardes vossa objetivamente, para que a possuais e a possais utilizar na vida prática.

BETTY: É assim que eu funciono aqui deste lado. Por exemplo, expando-me para um ponto de vista de avião da minha própria vida, para perceber que estou num pequeno quarto numa casa estilo capoeira num minúsculo ponto da superfície da terra, perto de uma das suas costas. Vejo isso geograficamente, como que de um avião.

Depois, na pequena vizinhança em redor, sou confrontada com um conflito impressionante, algo na forma de resistência ao meu progresso na vida. Tenho de fazer harmonia a partir dos seus materiais, ou então vou ser despedaçada, a minha consciência feita fragmentária por irritações e diminuições, preocupações absurdas com estas minúcias. Tenho sempre essa escolha; toda a gente tem. Mas também tenho de manter firmemente na mente que a minha consciência de avião de nada serve se não a conseguir reter para uso prático — não meramente para pairar majestosamente sobre as coisas e ignorá-las, mas para trazer o poder de uma visão maior para incidir na harmonização das partículas inflamadas e exageradas da vida.

Isto é apenas uma ilustração para mostrar que expandir para uma visão de nada serve a menos que a consigas contrair para o teu problema, para veres se é teu e se funciona. O grande perigo de toda a expansão é a diminuição da capacidade de contrair com propósito.

INVISÍVEL: O ponto essencial é que símbolos deste tipo — o do avião — só são úteis quando empregues para o propósito de interpenetrar as vossas vidas diárias com a consciência mais ampla da realidade espiritual. É certamente um grande erro abandonar de todo a vossa visão de avião, como se é tão propenso a fazer quando se é confrontado por coisas que sempre se fizeram de uma determinada maneira. Mas é igualmente um erro usá-la para compartimentar a vida terrestre por completo. Tal curso apenas fará com que percam as vossas oportunidades presentes e criará problemas para vós mais tarde.

Apurai por todos os meios os vossos sentidos de todas as formas possíveis. Mas também praticai com eles como faríeis com qualquer outro desejável. E lembrai-vos de que o momento de praticar qualquer coisa duradoura é nos momentos de tensão. A paz colhida e cultivada serve apenas para refazimento, capacitando-vos a regressar fortalecidos às vossas horas de prática. Seria ineficaz eliminar todos os pontos de tensão da vossa vida, pois aí não teríeis qualquer experiência na produção de harmonia.

BETTY: Essa é a única forma de podermos estabilizar as nossas aquisições — usando-as para produzir harmonia nos nossos níveis inferiores. O processo de crescimento é muito parecido com um pistão a mover-se para cima e para baixo num cilindro, só que a amplitude superior é constantemente extensível. Move-se para cima até ao seu ponto mais alto, e depois tem de regressar para empurrar para baixo a sua acumulação; porque é impossível para ele ir ainda mais alto até que esta amplitude mais baixa tenha sido comprimida em manifestação real. Consegue mover-se para cima, vês, apenas à medida que é forçado para cima pelas realizações do fundo.

Nas duas entrevistas subsequentes a forma de proceder em relação a isto foi claramente definida. Os registos destas ocasiões parecem-me tão completamente satisfatórios que os vou deixar ficar sem comentários.

BETTY: Estou toda encolhida: espera até eu me espreguiçar. Assim que brilhar de forma estável, dir-te-ei o que há para dizer....

É sobre a expansão e a contração outra vez. Ainda há pouco me estavam a mostrar como esticar os músculos e encher os pulmões quando fico contraída. Levantas toda a depressão e tensão e problema com um movimento como o de te espreguiçares de uma posição acanhada e encheres os pulmões de ar depois de saíres de uma casa....

Não podes carregar o teu problema contigo, contudo. Tendes de o deixar na posição acanhada em que estavas. Sabes que ele está lá, e que tens de voltar para ele; mas podes sair para um passeio.

INVISÍVEL: De cada vez que ficardes encravados ou encolhidos e perderdes a vossa liberdade de ação, deveis lembrar-vos de vos espreguiçar e ir lá fora encher os pulmões com respirações profundas e olhar para algo maior do que aquilo que estais a construir.

(pausa)

BETTY: Agora trouxeram-me de volta para contemplar o meu corpo. Acham que posso melhorar o meu controlo....

Estão apenas a deixar-me entrar no meu corpo e sair outra vez — apenas um clarão, para obter controlo sobre o fazer isto. É uma prática maravilhosa num tipo de equilíbrio — em manter o meu espírito tão equilibrado que não tem qualquer arrasto do corpo....

INVISÍVEL: Entra no corpo.... Agora solta.

BETTY: Tenho de os manter; alternando.

INVISÍVEL: Tenta mais uma vez.

BETTY: Sim, consigo fazê-lo. Agora espera até eu alternar outra vez....

É como magia! Com este controlo eu podia desmaterializar-me instantaneamente de modo a ficar sensível apenas às vibrações mais delicadas do espírito. E depois, no momento seguinte, podia mudar de volta para algo absolutamente externo e objetivo, como um jogo de ténis. É tão simples como mudar o foco de um microscópio para

diferentes níveis na sua profundidade de campo. Com este poder de mágico poder-se-ia participar de cada vida que existe....

É realmente apenas uma questão de retirar a atenção de uma coisa e dá-la com toda a força a outra. Há um momento, por exemplo, retirei toda a atenção do meu corpo — deixei-o no canto e fui-me embora no meu corpo espiritual. Foi tão simples como isso. Meramente retirei toda a atenção e vitalidade como quem esvazia um balão. E depois repeti isso um certo número de vezes para praticar....

A grande lição nisto é que, durante o dia e nos nossos afazeres, devíamos a intervalos praticar o retirarmo-nos para o nosso corpo espiritual e o retirar a atenção do outro. É necessário continuar a fazer isto até obtermos o controlo.

INVISÍVEL: A capacidade de vos separardes à vontade dos emaranhamentos das minúcias em que estais diariamente envolvidos é absolutamente essencial para o controlo de perspicaz dos vossos destinos. Porque a realização eficaz de qualquer tipo exige que vos liberteis periodicamente para olhar para a vossa relação interior com o todo, regressando depois para vos aplicardes à produção das mesmas associações harmoniosas do lado de fora. É uma expansão e contração alternadas, como a respiração. Se não vos contraísseis com toda a vossa força, nunca produziríeis nada. E se não vos expandísseis com toda a vossa força, em breve deixarias de produzir qualquer coisa de valor. O grande segredo do progresso é ALTERNAR no desenvolvimento dos vossos destinos, tal como um artista se afasta do seu quadro, e depois regressa para o realizar de perto.

BETTY: A mensagem de hoje é uma coisa culminante. Não é algo que se carregue nas mãos; mas uma visão que se coloca acima. É a encarnação da aspiração. É como uma grande porta radiosa....

Uma e outra e outra vez eu faço-o. Inclino a cabeça e afundo a minha mente até exames infinitesimais de leis minúsculas. E depois um grande Sopro vem sobre mim, e eu ergo a cabeça e encho os pulmões e olho para cima através dessa porta radiosa. Uma e outra e outra vez alterno assim, até descobrir que toda a vida que posso levar às minhas exames minúsculos, que os magnifica e traz compreensão, toda a vida está na sustentação que retiro do meu grande sopro.

INVISÍVEL: Estais a experienciar o movimento desacelerado de toda a vida: como a vida é refazida na sua fonte. Este é o processo universal de criação, da contribuição individual. Por mais rápido ou variado, a ação é sempre essencialmente a mesma. Pois a alternância constante das duas fases é a única coisa que dá facilidade e agilidade na precipitação. É o processo duplo da consciência, da existência mantida em saúde.

BETTY: Isto não é apenas uma coisa visionária: é uma coisa prática de ventilação. É a técnica de trazer vida a cada página que viras naquilo que estás a fazer. Se eu pudesse, mostrar-te-ia o processo de todo o trabalho nestes termos, para que fosse uma impressão PRÁTICA. É o processo real de todo o trabalho diário que é o assunto hoje. Não vês? Quando as mentes estão concentradas para fins minúsculos de clarificação, a única forma de as manter devidamente vitalizadas, impregnadas de iluminação espiritual, é alternando os seus processos regularmente, embebendo periodicamente essas mesmas mentes concentradas em períodos de expansão....

Como hei de tornar isso tangível? De algum modo não sinto que a substância em que estou seja adequadamente representada por nada do que disse.

(com um risinho)

Muito divertido. Estava a olhar para um mundo grande e deslumbrante sem pequenas coisas confinantes. E depois voltei e comecei a fazer um mundo minúsculo, como aquele lá fora no meu jardim. E porque olhei para o grande, digo: "Isto não serve; tem de ter mais espaço e ser mais como aquele outro." E faço-o mais parecido com aquele outro, sem de forma alguma diminuir a sua produtividade, porque trouxe de volta a minha inspiração e as minhas proporções e as minhas simplificações.

INVISÍVEL: Esta técnica de alternância é uma parte essencial de todo o progresso espiritual, porque o primeiro impulso de descoberta e estimulação, deixado a si mesmo, tende a definhar ou a ter menos capacidade de aquisição. A tarefa então é ter cuidado para que não definhe, manter MECANICAMENTE — pode ser feito — esse primeiro

fervor vitalizador que passa por cima de todos os obstáculos e vos carrega para a frente.

(pausa)

BETTY: Estou a voltar de forma tão curiosa. Todo o brilho e paixão de convicção escorre de volta para uma admissão morna. Toda a certeza de possibilidade evapora-se para uma atitude do tipo o-melhor-que-podemos-fazer. Oh, meu Deus, vejo-me suavemente deitada, escura e vazia e pesada, apenas com as recordações que lês nos registos do dom vivo e palpitante da vida.

SURPREENDENTEMENTE poucas inteligências avançam de forma constante com as suas crenças aceites de uma forma soldadesca, treinando-se para ser REPRESENTANTES da força latente nessas suas convicções aceites. É suficiente para a maioria das pessoas pensar sobre uma coisa e colocá-la de parte numa prateleira de cima da sua mente, ocupando-se com os artigos de troca comum nas prateleiras inferiores. Uma crença não é uma posse a menos que demonstres a sua praticabilidade.

Pode tudo soar muito fantasioso, mas a saúde espiritual exige certas abluções matinais. Estas são tão vitais para as faculdades espirituais como a limpeza com que preparas o corpo para as atividades do seu dia. Na verdade são muito mais importantes, pois também afinam e harmonizam o corpo. Uma pequena experiência em fazer uma higiene espiritual quando acordas pela primeira vez provará a sua grande e crescente influência na harmonia de cada dia.

CAPÍTULO VII

BENFEITORIA

O DESENVOLVIMENTO de qualquer país novo tem geralmente seguido uma rotina bastante definida. Primeiro o explorador intrépido em busca de aventura e riquezas. Ele consegue abrir caminho à força bruta, numa combinação de sorte e aptidão natural. Ele regressa. A história das suas descobertas atrai outros. Um certo número destes, também, lá chega — e volta —, e a história cresce.

Gradualmente, estes primeiros precursores constroem um corpo de conhecimento quanto às rotas e passagens e vaus. Atingimos assim, em breve, a fase seguinte de desenvolvimento, na qual a pura aventura se torna secundária em relação à exploração. Caçadores e trapeiros e mineiros deambulam retirando os recursos mais superficiais. Têm pouco interesse no país por si próprio. A sua ideia é obter o que querem à pressa, e escapar para casa para gozar disso. Um certo número reduzido pode ir ao ponto de estabelecer acampamentos permanentes aos quais regressa ano após ano. Mas estes não são os seus verdadeiros quartéis-generais; meros locais de permanência temporários.

E, por fim, vem o verdadeiro povoador, o benfeitor da terra, com as suas ferramentas e gado. Só então começa o que pode ser chamado de verdadeiro desenvolvimento, pois estas pessoas são cultivadores, e não predadores. O seu objetivo é acrescentar algo de novo à região, e não retirar algo que ela já tenha.

Com a técnica de alternância explicada, parecia-me agora que os Invisíveis tinham coberto bastante bem todas as possibilidades. Eu era muito parecido com a lagarta que comeu todas as folhas do seu ramo e por isso acredita que não há mais folhas em todo o vasto mundo. Mas depressa descobri que estava errado. Não que os Invisíveis nos impulsionassem para uma posterior expansão rápida nesta altura. Mas numa série de palestras tentaram de facto dar um vislumbre da direção em que o desenvolvimento futuro poderia jazer.

BETTY: Estou sentada mesmo na fronteira hoje, a tentar compreender....

Estratos.... A consciência é construída em camadas. Quando estou aqui estou naquela que assenta sobre a nossa consciência e a toca. É exatamente como o nível da água e do ar — como ser anfíbio. Qualquer pessoa podia viver metade dentro e metade fora — ambas as vidas. Até agora apenas subi das profundezas temporariamente para me habituar à atmosfera diferente deste nível acima. Mas o que eu QUERO fazer é viver no topo, e apenas ocasionalmente ir às profundezas....

Pergunto-me por que razão não nos habituamos todos a viver ali? Suponho que é porque parece um mundo irreal ao início. Isso é porque

ainda estamos a pingar das profundezas, e não estamos secos e habituados....

Dizem que me querem mostrar como a consciência se desenvolve para este nível acima....

(longa pausa)

Não posso subir? Não vejo por que hei de viajar latitudinalmente....

Lugar curioso, agora que olho para ele. Engraçado! Parece uma questão de elevações e país e uma série de correntes.... Ora, são ONDAS! Nunca houve um mundo assim de ondas antes.... Parece que vou ter muito a ver com essas ondas.

INVISÍVEL: O contacto momentâneo, por muito breve que seja, com o nível acima, altera a ação delas.

BETTY: Isso é muito interessante. Vou contar-lhe sobre isso.

INVISÍVEL: Pede-lhe que o desenhe.

(pausa)

BETTY: É tão simples aqui, e no entanto são precisas tantas pessoas eruditas para me mostrar isto. Não vejo como algo tão simples possa exigir tanta profundidade. Muito cansativo olhar para coisas tão estudadas.

(Sob orientação do Invisível, S E W desenhou os seguintes diagramas:)

[sem ilustração no original]

INVISÍVEL: "A" representa o campo da consciência humana ordinária — chamemos-lhe o campo estático. "D" é o campo magnético da consciência elevada. "B, B, B" são as ondas de perceção aumentada que estão continuamente a erguer-se sobre e através do campo estático. Quando este campo atingiu

[sem ilustração no original]

um certo nível de desenvolvimento, estas ondas nos seus ápices estabelecem contacto momentâneo com o campo magnético. E conforme o desenvolvimento continua, os interespaços, "C, C, C", diminuem

gradualmente, como mostrado no diagrama II, tornando os pontos de contacto mais quase contínuos. Quando os interespaços são finalmente eliminados, então o campo estático fica em completa correspondência com o campo magnético, e o indivíduo entra plenamente na consciência elevada.

(pausa)

BETTY: Sabes como um filme por vezes fica fora de enquadramento, e vês metade de duas imagens ao mesmo tempo? Pois bem, é exatamente esse tipo de posição curiosa em que estou. Todo o meu desejo é estabelecer-me na consciência superior. É tão maior e posso realizar tanto mais nela. Parecer ser o lugar a que pertenço. Mas conforme a outra fica mais ténue, sinto-me um pouco culpada e incomodada com isso. Sei que estou a perder algo ali, uma coisa animal agradável de que quase me arrependo....

Ainda assim, acho que vou decidir deixá-la ir; não se pode evitar. Tenho de me concentrar na parte em que estou interessada, em que sou melhor, em que sou mais progressiva. Afinal de contas, não é isso que se tem de fazer? Não se tem de enquadrar a parte da vida que mais nos une, o melhor e mais elevado que há em nós, e vivê-la com alguma audácia e decisão?

INVISÍVEL: O ponto para o qual toda esta instrução tende é a identificação final com o vosso eu superior. Mas primeiro tem de vir um esforço vital para conhecer esse eu superior, e um treino gradual dos vossos músculos espirituais para o manter, uma vez reconhecido.

Isto não significa que devais deixar de vos interessar pela multidão de atividades ao vosso redor — pessoas e livros e experiências —, estes são alimento de cada hora. Mas significa de forma muito enfática que os vossos maiores esforços devem estar no reconhecimento, cultivo e estabelecimento do vosso ser interior, a parte eterna de vós. O crescimento e expansão graduais deste eu eterno é a tarefa principal de cada dia, seja qual for a pressão de obrigações na vossa vida quotidiana.

BETTY: Toda a gente quer tanto que reconheçamos esta consciência elevada, e não a guardemos como uma espécie de ideia tímida: que saíamos cá para fora e a tornemos respeitável como um facto de que estamos acampados num país novo, e passemos todo o tempo que

pudermos ali. Nada mais me parece real a não ser isto mesmo, e tenho tanto medo de que tu não venhas comigo....

Não; tu estás aqui. Mas não posso dizer que estejas muito vivo. Estás a dormir pelo acampamento, e eu sou a única que está acordada e a fazer o trabalho.

BETTY: Neste estado de separação do meu eu habitual, percebo, estou consciente de uma grande organização da qual faço parte. Alguma tarefa me está a ser atribuída, alocada. Quero e estou preparada para a fazer....

Agora está a ser dado um aviso quanto ao processo de o levar a cabo, o ponto de contacto com a vida habitual e prática. Parece dizer respeito ao desenvolvimento do meu pedaço de perceção. Dizem que não devo cortá-lo da sua provisão de crescimento. Muitas pessoas pegam nas suas quotas e deixam-nas murchar e morrer. Outras pegam nela e forçam-nas freneticamente num crescimento doentio. A forma fácil, simples e duradoura é manter o vosso ser espiritual embrionário constantemente sob os raios que o nutrem, habitualmente ligado à sua fonte principal. Crescerá de forma saudável, natural e fácil dessa forma — se mantiverdes apenas um raio da sua própria substância a atravessar. Mas pegá-lo e cortá-lo mata-o, gera muitos fracassos, muito atraso.

INVISÍVEL: A título de instrução geral quanto ao progresso futuro, permiti-nos apontar-vos a grande regra para o sucesso em qualquer trabalho deste tipo. É a manutenção da forma de pensamento junta em simples visualização, a retenção habitual dela, e a experimentação simples, quase trivial, com ela. Verdadeiramente, nada deve ser considerado demasiado pequeno para ser trabalhado com as ferramentas dos valores eternos. A sua aplicação é até às coisas mais insignificantes, pequenas experiências e situações de cada hora, os materiais de um dia comum, qualquer coisa pertencente à vossa vida que precise de focagem.

A alternância para recreio das mentes é, obviamente, inestimável, mas a ocupação permanente de um assunto na mente é o que lhe confere o seu maior poder. O pôr de parte a consciência elevada para atenção especial é o que retarda a posse pessoal dos seus atributos. Esse é habitualmente o problema: aguardais grande ocasião para o seu uso — uma crise, algo que "valha a pena". Os consequentes esforços repetidos

para reiniciar são um grande desperdício. É o impulso do esforço suave e contínuo que conserva a energia.

BETTY: Espera um minuto. Percebo a Ideia, mas não me consigo concentrar no fragmento diante de mim....

Assemelha-se bastante ao tiro. Qualquer principiante consegue fazer uma pontuação alta de vez em quando, mas isso não significa muito. Quando um atirador quer ver como está a progredir, olha para a sua pontuação MÉDIA.

INVISÍVEL: Adquire-se uma verdade conforme nela se acredita, se admite e se tenta aderir a ela. Até que essa verdade se tenha tornado para ti uma força motora infalível; até que te tenhas estabelecido nela sem interrupção; até que não consigas deixar de atuar de outra forma que não nela; até que sejas um dos seus elementos de suporte, por assim dizer, não obténs o benefício pleno da sua posse.

É exatamente assim com a consciência elevada. Na maioria das vezes não aderis a ela. Apenas esporadicamente vos ergueis e a agarrais, e depois caís e vagueais por aí. Mas o facto permanece que, enquanto continuardes satisfeitos por cair, por contactos ocasionais com ela, permaneceis sem lugar e à deriva.

Isto não deve ser interpretado como recomendando uma preensão de estrangulamento firmemente pressionada sobre a consciência elevada, com o efeito de cansaço e saturação. O ideal é antes o ajuste natural de vós próprios a ela como um reconhecimento da realidade que gradualmente ENVOLVESTES. A vossa atitude torna-se então um desejo simples e natural por ela em vez das inferioridades reconhecidas.

BETTY: Vês, quando comecei pela primeira vez a associar-me a esta harmonia maior, olhei para a minha minúscula perceção dela e disse: Certamente não há mais nada que eu queira tanto como sentir a segurança e convicção e deleite satisfeito dentro de mim que vêm com isso, e dá-lo aos outros — produzi-lo e criá-lo para eles. Mas no passado isso aconteceu apenas em ocasiões especiais. Agora devia começar a carregar esse sentimento comigo ordinariamente.

INVISÍVEL: O esforço presente é uma tentativa de antever a transferência de consciência — a preponderância de consciência é

melhor — para o corpo espiritual. No passado, esta esteve muito justamente centrada na consciência terrestre, mas estais a progredir em direção a um ponto em que o vosso corpo espiritual se tornará capaz de assumir a direção do eu progenitor ou terrestre. Quando isto for alcançado, será grosso modo como se a vossa vida terrestre estivesse no cesto do balão de uma grande flutuabilidade. A partir desta flutuabilidade superior inesgotável e indestrutível, tendões de força suportarão o cerne da vossa experiência ordinária. É em tal associação companheira com valores espirituais que se desenvolve uma convicção da realidade destas potencialidades mais finas, e gradualmente se aprende a sentir e a utilizar o poder nelas existente. Depois, em vez de se estar em contacto de chumbo com a terra, submetendo-se à sua influência e às suas leis inferiores não iluminadas, fica-se magneticamente libertado e no poder controlado de uma gravidade específica diferente.

BETTY: Supõe que viramos o prato da balança logo à noite, e eu peço-te para definires o que foi dito deste processo. Depois enfrentamos os pontos fracos.

S E W: (Fez uma tentativa de dar a sua conceção de consciência espiritual habitual.)

BETTY: Sim. Isso está tudo muito certo. Mas não te esqueças de que aquilo que acabaste de descrever é um objetivo mais ou menos remoto; e que a técnica mais adequada para nós no presente é mais elementar do que essa.

A primeiríssima coisa é sempre a sintonização de ti próprio, o teu salto ou levitação do coração para a tua Fonte — a sintonização absoluta de ti próprio. Ficas então embutido em algo tão mais potente do que tu, tão incompreensivelmente seguro, que tudo o que podes fazer é sentir o conforto disso, entregar-te arrebatadamente a isso.

A seguir, enquanto estás completamente confortável, sereno e aquecido e reassegurado da tua divindade — enquanto estás ali, antes que quaisquer tensões possam começar, enquanto o poder está sobre ti —, decide o que vais fazer quando estiveres mais longe disso; quando tiveres mudado o teu foco. Depois prossegue de todo o coração no uso

das tuas faculdades ordinárias em aplicação bem delineada à coisa em mãos.

O que estou a tentar dizer é: não mistures as tuas regiões de consciência. Mantém os teus compartimentos organizados para que possas passar de um para o outro sem zonas confusas pelo meio. Quando ocupado com algo prático, não fiques a perguntar-te se estás a trabalhar de uma forma espiritual. Não é necessário estar continuamente a correr de volta para te reassegurar da qualidade espiritual. A Fonte não te abandonará até que tu próprio deliberadamente a bloqueies — até que percas a tua segurança e te estrangules com tensões.

Apenas uma coisa importante tem de ser vigiada: o sentir quanto tempo podes trabalhar magistralmente sem te renovares. É o teu ritmo individual que determina isto, e não há nada de difícil nisso: apenas não continues a trabalhar quando sentires que a depreciação se instalou. Então, um regresso momentâneo à sintonização é tudo o que é necessário; DESDE QUE, claro, tenhas feito dela um lar forte e habituado.

S E W: Mas e quanto a este assunto de estabelecer o teu lar permanente tão completamente que sejas capaz de fazer o teu trabalho diretamente a partir dele como teu quartel-general?

BETTY: Isso mantém-se válido, claro, a longo prazo; mas neste preciso momento estou a tentar estabelecer um caminho do jardim de infância para uso prático com a nossa presente e limitada consciência terrestre. E os dois pontos proeminentes do mesmo são: passar sempre bastante tempo a sintonizar-te em conforto na tua Fonte, bastante tempo para o ter bem estabelecido; e depois nunca duvidar de que ele te segue quando a tua mente está completamente liberta dele nas minúcias do trabalho.

É uma técnica que fica connosco quando não estamos iluminados e sintonizados — na azáfama das coisas. Estou a tentar obter algo bem delineado para a azáfama. Tu estás apto a lançar então uma espécie de tatear desesperado por algo que pensas ter perdido. Sentes que devias estar a fazer algo diferente e extraespecial sobre algo que deixaste para trás. Quero acabar com isso. Se estás a conduzir um carro a grande velocidade não te podes dar ao luxo de olhar extasiado para cima em

busca de inspiração. Tens de confiar que as estrelas continuam aqui, e que podes olhar para cima para elas quando a noite chegar.

O ímpeto espiritual devia ser tão prático como uma torneira de água quente ou uma luz elétrica — e tão disponível a qualquer momento para uma ação eficaz. Não é uma coisa que tenhamos de ir para a parte procurar, embora seja absolutamente dependente de termos ido previamente para a parte procurar. A ênfase em quase toda a instrução espiritual está no ir para a parte procurar, e a técnica da sequência seguinte, o uso criativo do mesmo, é frequentemente deixada de fora.

INVISÍVEL: É de máxima importância que não fiqueis com uma ideia errada do que pretendemos transmitir com o termo "consciência espiritual habitual". Isto não implica qualquer retiro para algum estado de abstração permanente, nem qualquer vigilância presunçosa para determinar que cada movimento vosso é transcendental. Significa simplesmente que cada dia, quando terminardes a vossa prática, não fechais a experiência como um livro, mas carregai-la convosco como uma posse preciosa. Em vez de ser completamente esquecida, permanece no fundo da vossa mente, comunicando a sua influência automaticamente às vossas ações e reações, e pronta a qualquer momento, se especificamente solicitada, a dar uma mãozinha.

É particularmente necessário, talvez, distinguir este estado claramente dos períodos de intensa concentração que empregais para treino e desenvolvimento. Em exercícios especiais tais como estes, estais para um fim temporariamente a focar-vos em certos aspetos de vós próprios. Durante estes períodos impondes aos outros aspetos a vossa ordem de que fiquem quietos e não vos incomodem, por assim dizer, até que tenhais terminado. Inibis total — ou o mais proximamente possível disso — as suas atividades. Descartais todos os relatórios do subconsciente: limpais a mente consciente de pensamento.

Mas quando invocais a consciência elevada no curso da vida diária normal vós não fazeis isto. As funções corporais prosseguem então sem menos, e sem mais, do que a vossa perceção habitual delas. A vossa mente-cérebro avança num fluxo ininterrupto de pensamentos e imagens mentais. Um vácuo corporal ou mental é não natural e impossível. Travar o fluxo destas coisas é também não natural, e permissível apenas

para um fim especial. O viver pleno implica o funcionamento simultâneo de todas as partes de vós próprios. Apenas o foco agudo da vossa atenção é deslocado como desejado para essa porção do vosso ser onde é importante que funcione para o assunto do momento.

Deveis em todas as alturas lembrar-vos, contudo, que é um erro tão grave concentrar-vos inteiramente no superconsciente como o é na mente-cérebro ou no corpo. A cada um o devido equilíbrio de vós próprios; pois o equilibrar é a arte da vida. O asceta não é mais digno de louvor do que o sensualista, e o sensualista não é mais de culpar do que o asceta. E o puro intelectualista não é mais admirável — ou deplorável — do que qualquer um deles.

BETTY: (após uma pausa) É bonito. Eles disseram logo que hoje ia ser uma culminação, mas puseram-me tão expandida que não me consigo contrair em palavras. Há alguma linguagem muito bonita preparada, contudo, se eu a conseguisse apenas apanhar. Ela gira ao meu redor....

INVISÍVEL: Considerai cuidadosamente um corte transversal de cada dia tal como o vivestes, como uma maçã cortada ao meio, tornando visível o seu cerne e as sementes a amadurecer no interior: assim examinai o vosso próprio coração e as suas atividades, UM DIA DE CADA VEZ. Qual foi o vosso objetivo principal neste dia? No meio das vossas atividades temporárias, que percentagem da vossa melhor energia encontrais conscientemente direcionada em direção a uma busca duradoura? Em outras palavras, tomando este dia como um exemplo justo e somando-lhe ALGUNS CENTENARES DE OUTROS SEMELHANTES, o que diríeis que tínheis criado? Que tipo de pessoa construístes para vós próprios? Aprovais a vossa consciência habitual?

Agora tomai o futuro, e examinai de forma semelhante as quotas de vitalidade que planeais distribuir durante os vossos dias. Considerando os vossos pensamentos e atos como cargas de energia com amperagem e voltagem definidas, considerai qual destes ímpetos tendes intenção de continuar persistentemente, como digno de um objetivo distante. Planeai realizar esses primeiro; eles são a vossa estrutura permanente. Depois, o quer que reste de cargas de energia determinai utilizar generosamente,

até às minúsculas que fazem faíscas alegres e humorísticas a vivificar todo o convívio humano.

Finalmente, a intervalos durante cada dia, parai por um momento para avaliar as percentagens de atenção e ardor que estais realmente a colocar nos vossos vários assuntos. Examinai estas percentagens como se fossem uma alocação de finanças num orçamento de negócios. Depois afastai-vos delas por um momento, regressai ao conceito da vossa tarefa de propósitos eternos, e comparai os dois. Por fim, juntai-os, perguntando a vós próprios qual destas atividades ordinárias podeis vitalizar de tal forma que vos ajude a unir a outras vidas em maior inclusão da consciência que estamos a esforçar-nos por fazer para vós um assunto de todos os dias.

(longa pausa)

BETTY: Tenho estado a tentar fazer um certo mapa da minha vida — colocar os meus interesses em diferentes graus, maiores e menores, e muitos pelo meio. Tenho estado a rever a minha vida rapidamente para ver como abordar o assunto....

Para começar, tudo era de importância quase igual devido à novidade e ao espírito de aventura. Depois alguns eram mais atraentes de repetir do que outros. Assim obtive os meus contornos — selecionando aqueles que tinham interesse duradouro para mim. Eles ergueram-se como cristas altas. E depois usei todas as outras pequenas coisas como divertimentos e refazimentos e embelezamentos. Não são de todo conflituantes ou distrativas. Apenas se ajustam naturalmente de acordo com a vossa capacidade, e enriquecem a vossa aplicação às vossas especialidades....

INVISÍVEL: A sugestão que estamos a tentar apresentar é que aprendais a construir os vossos dias num plano de planos mais variados, mais em conformidade com o país que estais agora a atravessar. Que a altura, a encarnação das vossas crenças diretoras, sejam as montanhas, o curso modelador principal das vossas viagens, visível sempre através de cada ocupação e em cada carta do vosso curso. Que as vossas buscas diárias, todas as lealdades menores da vossa mente, estejam ao nível da água, fluidas, adaptáveis à conveniência da estrutura mais forte.

Moldai os vossos dias mentalmente sempre assim em contorno, nunca monotonamente, confusamente desprovidos de distinções de estrutura. Acordando de manhã, revede o dia a partir das vossas alturas, estabelecendo sempre inexpugnavelmente as vossas direções a partir delas; regressando a elas a horas do dia tornadas habituais. Do topo da montanha sabeis para onde o vale conduz e o que está para lá, e assim podeis planear os vossos movimentos nas terras baixas.

BETTY: Agora sei o que fazer quando descer até lá: vou fechar os olhos frequentemente para o propósito de fortalecer a minha visão de para onde me dirijo. Não me importa quão apinhado e estreito e tortuoso seja, vou lembrar-me de viver lá em cima e apenas fazer negócios lá em baixo.

INVISÍVEL: Apenas assim, persistentemente praticado, podeis evitar a deplorável banalidade de achatar a vossa vida e entrar na vossa existência seguinte sem moldagem e sem beleza, sem posse de ferramentas nem de projeto. As vossas potencialidades são visíveis, o erguer e cair dos vossos esforços, a aquisição de muito que é nebuloso; mas a estrutura firmemente feita em si é apenas trabalhada em contornos diários. Pois por mais desenvolvidos e exaltados que os vossos objetivos possam ser, eles são apenas nebulosos até que lhes deis forma perpetuadora na vossa vida de cada hora visível aos outros.

Esta é a cerimónia de despertar que aconselho para todo o restante da vossa vida na terra. A sua importância é-vos impossível de calcular. A sua participação, gradual, séria e interessadamente, trará, sem nada mais do que um esforço prazenteiro, inestimável felicidade e poder.

OUVE-SE dizer com tanta frequência que o assunto da exploração psíquica interfere com o viver normal. Isso é absurdo. Pouco conhecimento mal compreendido e mal aplicado poderia inibir o ajustamento ao ambiente ordinário; mas essa é a fase desajeitada do neófito.

Vejo uma pessoa de dever de cor pardacenta enfadonhamente a fazer o bem, a fazer o correto; e depois há uma pessoa egoísta, alegre e confortável a fazer coisas entusiasticamente que não fazem a ninguém muito bem. Ela tem uma faísca vital: a outra não tem. Essa é a razão pela

qual a pessoa egoísta parece dar-se tão bem: tem a faísca vital de estar unida.

É mais importante do que percebemos — este ingrediente de vivacidade. É a diferença entre estar magnetizado e não magnetizado. Tome-se essa pessoa alegre e egoísta que faz as coisas entusiasticamente: ela é iniciada por obter pelo menos uma harmonia de dois ingredientes. Ela está a FAZER a partir do facto de que quer fazer — ela tem dois dos seus ingredientes. A outra tem apenas um: está a fazer, mas não quer fazer. Está a puxar para o outro lado por dentro, por isso é apenas metade.

CAPÍTULO VIII

FASES FÁCEIS

CADA professor de qualquer coisa que exija perícia e treino sabe que o principiante comum quer sempre chegar a algum lado à pressa, e é impaciente com o menor atraso. E que quando começa a ter alguma ideia daquilo com que está realmente a lidar, provavelmente faz uma de duas coisas: geme em desespero e senta-se onde está; ou carrega na pressão, e tenta queimar a estrada. O resultado final em qualquer dos casos é uma paragem total.

Isto é especialmente verdade em relação ao nosso assunto presente. O ideal de consciência espiritual habitual é algo que reage nas pessoas de forma muito definida. Ou assusta um homem para longe por completo; ou o inspira a um zelo excessivo. Isso é natural. Quando ele chegou até aqui, é capaz de ver que é não apenas um trabalho importante, mas também um trabalho terrivelmente formidável. Oferece ou um prémio supremo ou um grande fardo.

Contudo, será um grande fardo apenas se tentarmos carregar todo o seu peso de uma vez. Afinal de contas, os grandes trabalhos nunca são feitos assim. Quando crianças não abordámos a vida dessa forma. Brincámos com os nossos dedos dos pés, e acenámos as pernas, e conseguimos virar-nos ao contrário, e ficámos de mãos e joelhos e gatinhámos, e em pouco tempo fomos bem-sucedidos numa verticalidade muito vacilante. Fizemos o que podíamos no momento.

Além disso, fizemo-lo porque queríamos, e porque gostávamos. Tínhamos um ímpeto para andar e correr, mas não havia qualquer pressão pesada de compulsão para que o fizéssemos neste preciso momento. E com toda a certeza nenhum dano no nosso gozo presente na vida por não o estarmos a fazer. Os fins últimos eram-nos desconhecidos, e por isso não havia perigo algum de adotarmos fins como obrigações imediatas.

Os Invisíveis lembraram-nos disto repetidamente. Tínhamos ficado conscientes de novas funções e possibilidades em nós próprios, admitiam eles; mas a mera perceção não implicava que algo de tremendo nos fosse exigido. Nenhum trabalho infantil era esperado. Era-nos permitido tempo para descobrir e desenvolver estas novas faculdades, tal como a vida física nos tinha permitido tempo para descobrir e desenvolver as nossas faculdades físicas.

"O desenvolvimento espiritual", disseram eles, "não é uma luta desesperada por nada. Na verdade é absolutamente o contrário. É um agitar embrionário seguro, um espreguiçar feliz para dentro do universo próprio de cada um, um apanhar sol em sensações de crescimento até que a pessoa se estabeleça em força permanente. Não é um esforço, nem uma obrigação de assumir nada que não possuais absolutamente. É um grande e quieto deixar entrar de algo que já lá está. Vós apenas envolveis o que é vosso — mudais-vos para dentro disso. Entre estes dois há uma grande diferença. Um derrota o propósito; o outro coopera. Um é uma espécie de hospitalidade quente que fomenta o crescimento; o outro é um esforço e esterilidade e afetação dos excessivamente zelosos.

"A vossa palavra de ordem tem de ser nunca permitir que qualquer esforço entre na prática da vossa expansão individual ou alimentação da chama espiritual. Claro que, de vez em quando, este sistema tem obrigatoriamente de correr mal, e ides passar a pressionar e a comprimir a vida, coando-a através de vós próprios cobertos de pó em vez de simplesmente a admitir como através de uma janela aberta. Mas isso está tudo errado, no entanto. O desenvolvimento espiritual nunca é um esforço de erguer de qualquer tipo atrás de algo para ser agarrado à força."

Independentemente do seu ramo de atividade, qualquer homem aprende, mais cedo ou mais tarde, a admitir o valor de ir com calma. Alguns chegam ao ponto de fazer um esforço sincero para instilar a ideia, como princípio geral, nas suas vidas ativas. Mas aplicá-la ao caso particular é sempre outra história. A alta pressão em qualquer situação especial é fácil demais de racionalizar e justificar. Muitas vezes nem sequer a reconhecemos como alta pressão. Sempre fizemos as coisas dessa maneira.

Os assuntos ordinários da vida muitas vezes deixam-nos escapar sem grandes penalizações. Permitem-nos ir desrascando de alguma forma à força bruta e pela falta de jeito. De uma forma ou de outra, lá vamos passando sem demasiado atrito. Mas esta jornada pelo território elevado da consciência é um assunto mais sério. Não podemos acelerar neste trilho estreito e permanecer nele.

Felizmente, dispomos de um teste simples e fiável da nossa posição ao qual nos podemos recorrer a qualquer momento. Esse teste é o nosso estado de espírito. De um modo geral, pondo de parte os pequenos incómodos insignificantes, se não estivermos a ter um percurso calmo, despreocupado e normal no nosso caminho, pode contar com isso, estamos a rumar ao pântano. O nervosismo, a depressão e o esgotamento, ou a exaltação, a elação e o excesso: todos eles devem ser igualmente reconhecidos como sinais de perigo. Os primeiros socorros consistem em aliviar a pressão.

Tais coisas parecem muito simples ao contar, mas, por curioso que pareça, são difíceis de ter em mente. Os caminhos pelos quais podemos desviar-nos para a lama são tantos; e as razões pelas quais o fizemos são tão boas! Contudo, em cada instância, a aplicação deste único teste e deste único remédio teria evitado todo o problema. Mas nós simplesmente não nos lembramos!

É interessante olhar para trás, através dos registos, e ver com que cuidado os Invisíveis nos guiaram nisto. Sempre que a intensidade excessiva ameaçava, eles estavam sempre prontos com o antídoto necessário. Regra geral, apenas se riam de nós ou diziam piadas tolas. Mais raramente, abordavam o assunto de forma mais séria; como isto:

BETTY: *Há uma influência tão alegre, estimulante e leve ao meu redor hoje. Não vai haver nada de pesado ou filosófico. É mais sobre a profunda sabedoria da leveza de espírito....*

Percebem, a ideia é esta: a maravilha suprema dos desenvolvimentos recentes, a fixação da visão do caminho a percorrer, deu vitalidade e direção aos nossos passos, mas também tomou, necessariamente, uma tendência de certo modo sóbria. Isto não é motivo de preocupação, a menos que leve à fixação. Ao início, todos nós temos uma certa falta de jeito no caminhar espiritual; é uma forma da consciência de si que ainda não é mestria.

INVISÍVEL: Há muito tempo demos certos avisos vitalmente importantes sobre sintomas perigosos invariavelmente ligados ao progresso espiritual. Lembram-se da "humildade e negações" dos devotos, da necessidade de vitalidade para o pensamento espiritual. Lembram-se da fluidez, da flexibilidade a preservar, do perigo da cristalização. Este é um dos avisos definitivos mais importantes que podem ser dados.

No início, a tendência é sempre interpretar em termos das vossas funções corporais. Como o corpo tem de contrair os seus músculos para se esticar e apanhar qualquer coisa, vocês contraem-se e esforçam-se sobre as vossas aquisições do espírito, tornando-as um trabalho pesado. Deveria ser ao contrário. Ao aplicar princípios e métodos espirituais às vossas atividades físicas, deveriam reeducar o corpo para uma maior liberdade e flexibilidade.

BETTY: *O que precisamos agora é de um monte de desportos e exercícios livres, levando a mesma grandeza e expansão para as nossas respostas terrenas que usamos ao direcionar os nossos passos espirituais para a sua meta. Portais dos sentidos todos têm de ser tão amplos como o portal da visão interior. É difícil de dizer, porque este direcionar da visão para os lados, por assim dizer, em vez de ser em frente, tem de ser um desfrute espontâneo, e não outro esforço sóbrio.*

INVISÍVEL: O que estamos a tentar fazer é indicar um método para superar a falta de jeito espiritual. Para o dizer de forma bruta, o contágio da beleza juvenil do corpo, amável, universalmente adorada, tem de ser de algum modo traduzido para a vossa juventude espiritual. Precisa de

mais "espírito brincalhão", mais jogo despreocupado com as suas sensações. O desenvolvimento das perceções superiores traz-vos empatia, compreensão e compaixão, mas também, ao início, um manuseamento um pouco amador da vida. A única maneira de fortalecer e estar confortável e seguro nestas faculdades superiores é brincar secretamente nelas, perceber com humor que são bastante desajeitados nelas. Por exemplo, por muito absurdo que isto possa parecer sob alguns aspetos, por muito desacostumado e ridículo que seja, tentem momentaneamente entrar na sensação, recordar as memórias de infância de avançar com pés ligeiros, o saltitar logo acima desse peso da gravidade que vem mais tarde na vida.

(pausa)

BETTY: *Estou a divertir-me tanto! Estou simplesmente a saltitar e a dar passos leves ao longo do topo da Sierra Nevada. O céu é azul-escuro — e é um céu tão agradável de tocar! Posso fazer girar a neve cintilante e sentir o picar do seu calor. Também tenho este ar nunca antes respirado. É vida pura, contendo toda a substância — nova e empolgante. Gosto de ter acesso aos picos altos. Adoro aquele sol quente, o céu azul e a neve fresca....*

E agora estou a caminhar sobre areias brilhantes com toda a força de um corredor. Não há esforço nenhum nisso, e as areias são duras e recém-lavadas pelas águas que escorreram. O ar também está todo a cintilar e vivificado com pureza. Ainda não lhe atiraram poeira.

Tenho de deixar isto agora....

INVISÍVEL: Se, ocasionalmente, pudessem jogar algum jogo desse tipo, de passos ligeiros, seria a maior técnica possível de conforto na continuação do vosso progresso espiritual. Não devem negar à vossa alma-arco-íris o seu tempo de brincadeira. Se ao menos percebessem que asas crescem durante este tempo de brincadeira, e como ficariam felizes por as ter!

BETTY: *Toda a questão é dar mais saltos de alegria quando te encontras a ficar super-solene. É tremendamente importante, porque quase toda a gente no nosso estágio de desenvolvimento cai no perigo de utilizar a sua expansão apenas em frente, em vez de ser também para os lados e em círculo. Isso não significa que devamos abandonar a*

nossa consciência que se estende para a frente e entrar num mundo de mero prazer e futilidade. Mas temos de cultivar os nossos desfrutes, passatempos e entusiasmos: eles salvaguardam a facilidade e a graça da nossa verdadeira direção.

Lembra-te sempre que há uma dimensão dupla nisso: perpendicular e horizontal.

Ao início, como seria de esperar, não apreciámos plenamente a gravidade deste perigo ou a importância do seu antídoto. Naqueles dias estávamos tão ocupados a alinhar o nosso objetivo e a tentar seguir o trilho certo, que dispensávamos pouca atenção a detalhes aparentemente tão desprovidos de importância como a velocidade da viagem. Consequentemente, quando a tradução desacelerava, a captação parecia bloqueada ou encontrávamos de outro modo aquilo a que os registos chamam "dificuldade" — seguíamos o impulso natural de redobrar a pressão e trabalhar com o dobro da frequência e o dobro do tempo. Como resultado, as coisas passavam sempre de mal a pior, até que finalmente a Betty fez uma greve temporária e recusou-se a fazer seja o que for.

Mas, gradualmente, aprendemos que exercer alta pressão sobre nós próprios em direção à eternidade não servia de nada — em circunstância alguma. É fácil dizer "aprendemos"; mas, por favor, acreditem em mim, ir com calma é algo que exige uma grande aprendizagem! E mesmo quando, ao fim de muito tempo, ficávamos completamente convencidos, tínhamos ainda de reconhecer quando estávamos efetivamente a perder o ritmo.

Um método tradicional de aceleração que desviou muitos do caminho é o ascetismo. Em tempos antigos, todos os aspirantes sérios achavam necessário bater, esfaimar e atormentar-se de outras formas a si mesmos a fim de subjugar o "corpo vil". Essa ideia, ainda hoje, tem algum peso. Ainda há pessoas que usam cilícios e se deitam em camas de pregos com o intuito de "adquirir mérito". Algumas seitas chegam ao ponto de acreditar que o sofrimento é a única via direta para o desenvolvimento.

Desde o início, um instinto saudável alertou-nos contra este tipo de coisas. A sua forma bruta e óbvia repelia-nos; mas não tardou até

descobrirmos que tinha uma forma de se apresentar disfarçada. Inesperadamente, encontravamo-nos a desorientar-nos num matagal extremamente espinhoso, a perguntar-nos como tínhamos ali chegado. Ocasionalmente, quando parecia importante, éramos espantados para longe desta forma:

BETTY: *Hoje fui sensibilizada para entrar na gávea, por assim dizer, para ver o que um vigia vos pode gritar. E a coisa que capto como sendo especialmente para ser dita é a sensação que tenho de nós próprios fisicamente. É uma sensação de lamentar a perda de algo valioso, desfrutável e necessário para um ser completo. Foi pago um preço demasiado alto fisicamente por aquilo que foi alcançado espiritualmente.*

INVISÍVEL: Sempre nos anos iniciais do desenvolvimento espiritual, o esforço de acalmar as vossas mentes objetivas para alcançar as vossas mentes interiores tem certos sintomas acompanhantes que resultam num achatamento e embotamento da entidade como um todo. É tal como quando, num desporto, se usa um esforço indevido no início e se fica exausto ao fazer o que mais tarde pode ser feito com bastante facilidade. Os músculos doridos da mente e do espírito às vezes interpretam-se por reflexo até nos músculos corporais. É produzido um efeito curiosamente envelhecedor, coexistindo com os momentos de maior vitalidade e exuberância espiritual.

Para superar esta interação, o corpo deve ser tornado tão robusto quanto possível. Às vezes, o seu achatamento e embotamento vêm através de várias interpretações erradas da relação entre o espiritual e o físico. Por exemplo, o crescimento em refino do ser interior pode interpretar-se em anemia do ser físico — em restrições de alimentos e apetites de todos os tipos.

Na verdade, nenhumas negações desse tipo interagem favoravelmente nos centros superiores. Isso soa a uma doutrina perigosa, mas na realidade o perigo é mais suscetível de ocorrer do lado de danificar a espontaneidade das funções do corpo — a sua flutuabilidade, equilíbrio, confiança juvenil e despreocupação. Muito facilmente as aspirações da vida interior se interpretam mal em restrições como as que uma criança excessivamente regulada sofreria.

Podem provar isto a vocês mesmos por experiência. Em certas ocasiões, tentem quebrar deliberadamente quaisquer regras rígidas e inflexíveis que possam ter feito para vocês mesmos fisicamente, e observem o reflexo de conforto e fluidez que todo o vosso ser irá desfrutar. Homens de génio tiveram quase sempre uma apreciação apurada, embora muitas vezes desequilibrada, disto. As liberdades amplas, chegando por vezes à licença, de muitos poetas nas suas vidas físicas reagiram numa grande audácia e libertação de espírito. Isto não é para ser recomendado, claro, pois há um grave perigo em tais impulsos amplos sem ritmo, uma grande perda final de equilíbrio. No entanto, o princípio envolvido é aqui visto com clareza.

S E W: Não concorda, então, com aqueles que acreditam haver um grande poder em coisas como a abstinência total da expressão sexual?

INVISÍVEL: Que bom há na abstinência total?

S E W: Bem, para escapar ao controlo pela natureza inferior de cada um, suponho eu.

INVISÍVEL: Não deveriam ser controlados por nada. Mas a abstinência total significa meramente que são controlados pelo medo disso. Em qualquer dos casos, são controlados por isso.

A característica peculiar da era atual, em contraste com aquela que desenvolveu os místicos do passado, é a naturalidade jovial e saudável que ela tem de demonstrar. A consciência espiritual deve ser, não um experimento de laboratório sob condições dolorosamente concebidas, mas uma posse mundial lançada para a vida de uma raça de pessoas nova e vital. Já não há qualquer necessidade de aceitar as condições sob as quais as contemplações anteriores eram obrigadas a funcionar. Deve ser o balanço livre do atleta, e não o passo laborioso do monge cansado.

Os indivíduos variam muito na necessidade deste aviso, mas, mais uma vez, quero afirmar que, espiritual e fisicamente, tudo o que fazem se traduz e reage em cada meio. Eles deveriam estar a interagir confortavelmente, interligados. Portanto, qualquer graça, liberdade e falta de restrição num deles liberta o outro. Querem flutuabilidade e equilíbrio em cada um, ajudando o outro. Respirem funda e livremente em ambos, e estejam de guarda contra regulamentos rígidos se valorizam a vossa flexibilidade e conforto.

Acima de tudo, não deixem o vosso corpo perder a sua capacidade de dançar na ponta dos pés, não o deixem estagnar por muito tempo, mesmo por muitas horas seguidas, durante estes anos de desenvolvimento. Mantendo sangue vermelho, boa comida e ar puro constantemente ativos através dele, de quaisquer formas despreocupadas e flexíveis não reguladas que consigam conceber. Toda a perda disto, ou enrijecimento dos seus hábitos, resultará precisamente na mesma coisa espiritualmente. Não podem, de modo algum, entrar numa vida espiritual natural e normal, numa consciência habitual dela, a menos que recriem uma atitude infantil do corpo, sem quaisquer restrições "maduras" ao estilo prussiano.

PARTE III

USO

Você não possui realmente uma coisa a menos que a use. Pode ter títulos de posse, mas são apenas pedaços de papel. Não consegue imaginar um homem que não sabe ler, proprietário de uma biblioteca com todos os livros do mundo nela? Tudo o que ele possuiria seria material. Não o poderia comer. Não poderia tirar NADA dali!

Como tira proveito do seu corpo? Não é por meramente o possuir. Você exercita-o! E é exatamente o mesmo com a consciência superior. Não vale nada para si, nem para mais ninguém, a menos que a use.

O DESEJO de receber é apenas metade do vão da ponte. Visualize isto como a condição exata do seu progresso espiritual atual. Construiu apenas METADE DO VÃO da ponte. Sem a conclusão desta obra terá apenas lutado em vão; porque a razão da sua existência é que, quando terminada, algo possa passar por ela, do campo livre da perceção espiritual para a consciência congestionada do mundo.

O mero desejo de receber, por si só, não é suficiente sequer para estabelecer um contacto efetivo com a inteligência informadora acima da sua. Na verdade, tem uma grande dificuldade a ser superada naquilo a que se poderia chamar uma qualidade de SUCÇÃO, a qual precipita a força acima dela, reduzindo-a a uma manifestação inferior na qual já não funciona como uma força inspiradora vivificante. Torna-se meramente um "registo" intelectual — e não um dom de crescimento silenciosamente disponível através de si para os outros.

CAPÍTULO I

PRODUÇÃO

1

Uma BOA analogia é um recurso extremamente útil, como sabemos, para clarificar a nossa compreensão. Mas uma analogia verdadeira é melhor do que isso. Pode ser seguida com confiança. A razão para tal é que uma "analogia verdadeira é meramente a mesma lei a funcionar em meios diferentes", como os Invisíveis expressaram.

Esta verdade foi de enorme ajuda para nós. Tínhamos passado a maior parte das nossas vidas a espreitar para cantos invulgares do mundo, a "explorar", a "desbravar terreno". Conhecíamos esse jogo: e como o abordar, e como manter-nos fora de sarilhos, e como cuidar de nós próprios quando entregues a nós mesmos. Por isso, quando partimos para este novo tipo de exploração nas fronteiras da consciência, nós — em grande parte por uma questão de hábito — usamos os mesmos métodos de abordagem. Funcionaram. Assim, com crescente firmeza, caímos nas nossas familiares técnicas de vida na natureza selvagem. Eram eficazes; e continuaram a ser eficazes mesmo nos estágios avançados posteriores de instrução e experiência.

Ora, depois de um homem ter, pela sua visão e pelas suas competências de sobrevivência na floresta, penetrado num território novo para si, e querer — permanecer por um tempo, a primeira coisa que tem de fazer é limpar um espaço para si e, nele, construir uma habitação, um abrigo contra os elementos e uma defesa segura contra feras predadoras. A seguir, tem de assegurar o seu aquecimento, a sua comida e a sua bebida. Estes são essenciais para a sobrevivência.

Mas, assim que os tiver, quererá a seguir "melhorar a sua sorte", como lhe chama. Tem de estabelecer relações com vizinhos, por muito poucos e distantes que sejam. E essas relações — se a sua "sorte" há de melhorar — dependem de uma coisa. Produção. Quanto mais ele produzir, mais tem para partilhar; e mais, portanto, receberá de volta. E o inverso tem de ser verdade. Se ele produzir menos, terá menos para partilhar. Ou para pagar, se preferir expressar-se dessa forma.

Esta era precisamente a situação à qual tínhamos agora chegado. Tínhamos encontrado o nosso território; tínhamos feito um lugar para nós nele; tínhamos construído a nossa defesa. Podíamos sobreviver. Mas se íamos tirar algum proveito dessa conquista, não podíamos meramente sentar-nos na nossa estacada e pensar sobre o assunto. Havia mais do que apenas isso.

2

Há ainda outra maneira na qual a analogia se mantém perfeitamente. Viajar por qualquer região remota é sempre um percurso difícil. Não há mapas detalhados nem estradas pavimentadas. O pioneiro tem de esperar trabalhar nisso mais arduamente do que alguma vez teve de trabalhar de volta àquele país confortável de onde veio. Estamos exatamente no mesmo caso aqui, neste ponto da nossa jornada juntos. O que se segue não vai ser uma leitura fácil. Isso é porque trata de outro daqueles assuntos que têm de ser efetivamente vivenciados antes de poderem ser completamente compreendidos. Apenas parte disso pode ser transmitida em palavras.

A afirmação anterior destina-se a ser um incentivo e não um desânimo. Compreender tanto por palavras como por experiência é uma espécie de tatear, tão frustrante como um jogo difícil; mas, também como um jogo, é divertido. Podemos dizer isto com autoridade, pois nós também passámos pelo tatear no nevoeiro e na neblina, apanhando uma peça aqui e uma peça ali até termos reunido a nossa compreensão. Raras vezes, na verdade, os Invisíveis abordavam qualquer assunto novo diretamente.

Atiravam-se a ele; bicavam-no, por assim dizer, tocando-lhe em breves incursões de guerrilha de pistas e meias-palavras, até que as nossas mentes estivessem preparadas para o discurso. Possivelmente esse sistema poderia ser melhor na apresentação aqui; mas o espaço proíbe-o. Temos de fazer o nosso melhor com discursos selecionados, e confiar no interesse e na boa vontade do leitor para fornecer o

ingrediente em falta. Se ele estiver satisfeito em permanecer sem desanimar perante a imprecisão inicial — e necessária —; se mantiver a fé de que a imprecisão é apenas um nevoeiro através do qual bastarão apenas alguns passos na experiência para o trazer para a luz do sol, acabará por regressar à estacada — para terminar a analogia — com despojos ricos em substância.

Vamos, então, partir para a nossa busca através de uma das experiências simbólicas da Betty.

BETTY: *O que supões que é aquela cidadezinha vulgar? Há uma história notável sobre ela — sobre alguém nela que alcançou uma grande liberdade. Uma grande história....*

Se eu ta fosse contar, teria primeiro de fazer um quadro de uma fealdade cinzenta e muito vulgar; um quarto pequeno e barato numa pensão sombria, numa espécie de terra miserável. Cheira a sujo e a poeira. É um lugar sujo, desalentador, sem esperança, alcarpetado, cheio de nódoas, de proporções feias, numa horridazinha cidade cheia de cinzas e fuligem. Este homem que ali vive está a alimentar a sua alma de beleza; beleza desenfreada, deslumbrante; beleza que é cheia de vida e de esbanjamento. Ele vem aqui buscá-la. Descobriu como.

Daria uma coisa deliciosa de escrever. Primeiro, eu ficaria simplesmente sufocada com janelas encardidas, carpetes sujas, pintura por lavar e cortinados de renda poeirentos. Ficaria negra e com a beleza morta. E depois, após ter dedicado tempo a encontrar palavras que trouxessem esse cheiro às tuas narinas, ENTÃO eu divertir-me-ia! Então eu teria tudo fundido e deslumbrante em profundidades de tons; e teria o clarão e o brilho da resposta à vida fugaz que vem no sol, nas gotas de orvalho, nas pétalas cintilantes e nas coisas evanescentes cujo valor precioso está apenas no momento da visão — não em valores registados, como as gemas. Eu simplesmente rebolar-me-ia nessa matéria, fazendo refrescos de palavras. Cores de ametista estariam ali — ametista e âmbar, essa é uma bonita combinação; e as sombras muito, muito profundas a criar a riqueza, e os salpicos de luz no topo; e os perfumes a ocupar todo o espaço como o nascer do sol. É uma beleza assim que eu perseguiria, até que o meu próprio coração em expansão e

a circulação despertada, a bater e a pulsar, e a radiação de vida quente fossem para mim a maior beleza e realidade de todas....

(pausa)

Por acaso acabei de conhecer este homem de quem te estive a falar, e ele mostrou-me o seu jardim de beleza desenfreada. Eu estava a desfrutar enormemente disso; mas, de repente, algo me perturbou que a ele não incomoda de todo. É isto: não posso simplesmente vir e rebolar-me nesta magnificência, e depois levar o tipo de vida pós-bebedeira que ele leva no seu mundo sujo e malcheiroso. Não seria adequado para um hóspede de passagem naquele país. Este homem está muito à minha frente no abandono a isto, mas ele não está ligado....

Como posso ligar aquele mundo de pelúcia suja com o de ametista e âmbar? Ali estão ambos: um tão real como o outro. O mundo em que estamos agora serve precisamente para descobrir como elevar um ao outro. Não consegues ver? TENS DE OS COMBINAR.

(pausa)

Pronto! Fiz o homem sair, eliminei toda aquela sujidade do quarto, arranquei a carpete e deitei fora toda aquela mobília velha e horrível — água quente com sabão! — e pintei-o todo com uma tinta bonita e fresca. Essa é a abordagem sórdida das coisas como elas realmente são. Tem de ser feita. Não se pode negligenciar isso enquanto se vive aqui. É um quartinho bastante agradável agora, e isso traz o quarto muito mais para perto do jardim de beleza desenfreada.

Agora posso trazer algumas coisas bonitas; talvez algumas flores ou uma coisinha de formato bonito. É tão mais confortável porque os aproximei.

Aqui está o ponto. Nunca tens o direito de brincar num jardim como aquele — realmente não tens — a menos que continues a tentar, de alguma forma, elevar o teu próprio mundo um pouco mais para perto dele.

INVISÍVEL: O desenvolvimento espiritual tem de ser sempre um esforço duplo. A par do contínuo movimento para a frente e para cima, pressionando as fronteiras para trás, tem de ir a propagação empática da perceção que adquiriste. Tens de estar a conquistar, a superar o mundo

com ela: dando o que tens de tal forma que isso entre nos outros e inicie uma ação semelhante.

Na verdade, há pouco valor permanente em ter aprendido a usar as leis superiores a menos que possas fazer isto. Supõe que com a ajuda delas conseguiste transmutar uma área ao teu redor — começaste a cercar-te de harmonia, saúde e felicidade. Ainda assim, não realizaste realmente muito a menos que possas manter a eficácia da tua perceção espalhando-a. Essa área, essa transmutação, tem de se espalhar, expandir ao teu redor, ou dar-te-ás conta de possuir apenas uma estreita piedade puritana.

(pausa)

BETTY: *Que curioso! Primeiro era apenas uma linha contínua para cima. Depois, uma linha horizontal juntou-se-lhe de algum modo e fez uma cruz....*

Oh, já percebo! Que símbolo maravilhoso da ação dupla!

(Neste ponto, sob a direção dos Invisíveis, S E W desenhou os seguintes diagramas:)

I. II.

INVISÍVEL: A Figura I ilustra o elemento do contacto e crescimento espiritual que se eleva para cima, apoiado num hasteamento de realização diária na vida ordinária. A Figura II mostra a difusão, ao teu próprio nível, da perceção que alcançaste. Para completar o quadro, deve imaginar-se que, à medida que cada nível é cumprido, o braço transversal se move para cima para representar o nível seguinte, mantendo a cruz, entretanto, sempre a mesma proporção. Em outras palavras, quando o nível é elevado, a parte superior da haste vertical alcança um pouco mais alto no desconhecido e a extremidade inferior é perdida ou absorvida.

Como símbolo geral do desenvolvimento individual, isto merecerá estudo, mas o ponto que desejamos enfatizar agora é que a consciência superior é essencialmente um assunto cooperativo, e não uma coisa única e independente. Não importa o quão simplificada a tua perceção dela se possa tornar, o quão claro seja o teu objetivo ou a tua compreensão do que procuras, ou o quão devotamente a possas seguir,

ela não funciona de forma eficaz a menos que tenhas uma compreensão empática da inter-relação. Caso contrário, há sempre uma espécie de travão do todo sobre ti, por muito rápida e firmemente que tentes viajar.

BETTY: *Sinto-o curiosamente como se estivesse em linha com algo. Posso prosseguir individualmente, posso ir para além disso; e, no entanto, estou tão intimamente relacionada. É como pressionar o meu peito contra um arnês que nos une a todos. Só tenho sucesso à medida que compreendo essa unidade. Pareço estar livre, gloriosamente livre; posso ir tão longe quanto quiser pela minha própria energia, volição, desejo e entusiasmo: e, no entanto, quando me detenho um momento nesse impulso para a frente, estou tão consciente deste arnês de peito através do qual empurro o todo comigo.*

Depois há esse outro aspeto da questão. Cada pessoa que ajudo a atingir a consciência de tomar o seu lugar parece aliviar a atração do todo contra mim. Não cada pessoa que eu ajudo: cada pessoa que é ajudada a tomar o seu lugar. Por isso, naturalmente, segue-se que é apenas de bom senso tentar diminuir esse travão à medida que se avança, dando uma mão aos outros. É a única maneira inteligente.

Estávamos, nesta altura, a tatear o nosso caminho muito cautelosamente, não só procurando novo chão para os nossos pés, mas testando cada passo cuidadosamente. Sentíamos, em especial, que tínhamos de examinar criticamente cada afirmação que parecesse ter relação com os clichés convencionais. Um destes clichés estava corporizado — para nós, pelo menos — na palavra "serviço". Essa palavra expressa, reconhecidamente, uma verdade profunda; mas muitas vezes significa meramente seguir a linha de menor resistência mental. Tem sido terrivelmente manchada pelos multidionários fanáticos que fazem dela uma desculpa para o exibicionismo de superioridade moral, para a intromissão, para o proselitismo presunçoso e para a negligência da lareira doméstica em favor de incómodos em grande escala. Há uma certa presunção em erguer-se alguém como sendo muito mais qualificado do que os seus semelhantes; e para Almas Simples, como nós, este trabalho que nos tinha sido entregue parecia suficientemente grande. O mero impulso em direção à consciência superior parecia uma obra de vida suficiente.

Mas os Invisíveis não tencionavam que permanecêssemos muito tempo nessa atitude mental.

INVISÍVEL: Não queremos arriscar que aquilo que foi ensinado resvale para o engrandecimento equivocado que reivindica um poder superlativo, mas que está concentrado meramente na amplificação pessoal do poder individual. Em eras passadas, a retenção das leis da consciência superior foi necessitada precisamente por causa de um tal equívoco. Na realidade, a consciência espiritual habitual nunca é um engrandecimento do poder individual, embora essa conceção esteja atualmente a gozar de uma exposição popular muito elaborada. Trazida para uma atitude mental diária e praticável, é mais um engrandecimento da humanidade....

BETTY: *Isto é muito difícil. A linguagem desapareceu: estou a perseguir a ideia, mas ela não tem roupas.*

(pausa)

INVISÍVEL: Comecemos de novo.

O que é a consciência espiritual habitual? Aplicada a si próprio, é o posicionamento permanente da pessoa na fronteira dos seus alcances mais elevados de perceção. Por mais vezes que possamos falhar em manter a posição, trata-se de uma tentativa definitiva e de um desejo possuidor e sincero de viver na plenitude da capacidade de perceção espiritual por meio daqueles métodos que anotaram.

Mas a mera manutenção de um único exemplo de harmonia em si mesmo é apenas metade. O parar da ideia aí resultaria, a longo prazo, em mera solidão e perplexidade. Pois, seja qual for a satisfação individual que isto possa fornecer privado em momentos de ajustamento harmonioso, o tesouro que reuniram ao vosso redor torna-se eventualmente inútil, como o ouro do avarento, a menos que partilhem o seu valor com o mundo.

Olhem por um momento para a má aplicação habitual da consciência superior. Uma pequena pepita de substância espiritual é capturada por alguma mente e acumulada. Separada da sua própria fonte de vida, selada no egoísmo humano, começa imediatamente a deteriorar-se. E essa é a coisa importante a perceber: esta consciência unificada não

pode ser aprisionada e acorrentada. Cada relance que dela obtenham tem de ser sentido no seu movimento de vida. Tem de ser mantida levemente e emprestada aos outros, transmitida livre e generosamente. A função de cada um é AJUDAR A CONDUZIR UM FLUXO — não roubar uma chávena cheia de algo e fugir com ela.

BETTY: *Isso é o que tenho de fazer, agora que aprendi a mover a minha consciência para cima: tenho de ligar a corrente depois de ter feito a ligação.*

INVISÍVEL: Adicionem a isto a ideia de que, de agora em diante, A VOSSA SAÍDA TEM DE SER IGUAL À VOSSA ENTRADA. Estão rapidamente a ultrapassar o estágio em que contêm, como um poço calmo, um remanso, uma porção da corrente da vida. No futuro, o vosso estatuto tem de ser de movimento contínuo, sem paragem no vosso ponto de contacto com o mundo. A obstrução está lá no presente.

BETTY: *Estive tão ocupada a meter esta coisa na minha consciência, e agora tenho de estar tão ocupada a deitá-la fora — e é exatamente tão difícil. Depois de a meterem dentro de vós, há exatamente a mesma dificuldade e obstrução em deixá-la sair!*

INVISÍVEL: A ação da consciência terrena vai constantemente no sentido de fechar canais depois de eles terem sido abertos. Vocês magoam-se numa ocasião e depois selam essa via. Não têm sucesso num sítio e deixam de tentar nessa direção. Fingem que não gostam e não querem algo que não podem ter. Assim, a vida vulgar torna-se uma selagem progressiva de canais que deveriam fluir livremente. O efeito é semelhante ao de fechar os poros corporais ou parar a circulação corporal. É a perseguição deste curso que atirou o mundo para a sua condição doentia atual.

Lembrem-se, sempre, de que o primeiro ponto de saúde é a propriedade ativa e criadora de vida que vem do constante afluir e efluir. Algo do segredo da captação é vosso, mas não se devem esquecer de ESTAR CONSTANTEMENTE A DAR PARA FORA.

(pausa, durante a qual um tordo-dos-bosques começou a cantar lá fora.)

BETTY: *É isso que eles querem dizer: aquele pássaro. O seu melhor — mais a sua resposta do universal.*

(O tordo continuou a cantar, repetindo a sua frase musical líquida persistentemente, uma e outra vez.)

BETTY: *Ele ainda o está a fazer. Ainda não se encheu. Percebes, ele enche-se, magneticamente, ao dar para fora. É assim que as criaturas obtêm a sua força vital. Uma rã coaxa, e obtém a dela assim. As pessoas obtêm um pouco disso quando se riem ou cantam juntas.*

A consciência superior como uma CORRENTE; não um poço de águas paradas. Um fluxo através; não meramente uma imersão em. Tínhamos, inconscientemente, caído no hábito de pensar nela como uma espécie de banheira privada; e que tudo o que tínhamos de fazer era cultivar a "recetividade" da Betty para ficarmos completamente cheios e saturados de graça espiritual.

Essa era uma ideia extremamente limitadora. Por um lado, implicava que a quantidade que podíamos receber, ou apropriar, era determinada pelo tamanho do recipiente que tínhamos feito de nós próprios; e, uma vez cheios, estávamos cheios, e era tudo o que havia a dizer, e a entrada parava. Mas esta nova conceção de ALGO QUE FLUÍA através mudou tudo isso. A maneira de fazer espaço para mais era usar mais. E, além disso, escoar para uso estabelecia sucção para o fluir para dentro. A nossa saída seria, na verdade, a medida da nossa entrada. Ora, era quase matemático! O limite desaparecia. Não havia limite!

No entusiasmo desta iluminação, negligenciámos o facto de que a resistência da mangueira tem de facto a ver com a quantidade de pressão que se pode forçar para dentro dela e, portanto, com a quantidade de água que pode passar por ela. Mas isso veio mais tarde. No momento, estávamos encantados por descobrir o que parecia ser uma base matemática definida para o "serviço". A palavra tinha sido abrilhantada para nós. Em vez de um vago "dever" ético, começava a parecer o que equivalia a uma necessidade científica clara.

Pouco depois, elaboraram a ideia ainda mais longe.

BETTY: *Estou na realidade da consciência superior, mas não consigo obter qualquer relação com a filosofia. Faz um esboço.*

S E W: Tratámos do assunto da entrada e da estabilização. Agora temos de tratar da saída.

BETTY: *Sim, é isso. Percebes, somos propensos a pensar nesta mente conectiva como algo em que uma pessoa se retira em silêncio, com muito tempo e grande esforço. Mas essa é apenas a fase passiva dela. A fase ativa é aquela em que estou a entrar agora, a utilização da mente conectiva no mundo dos assuntos práticos.*

INVISÍVEL: É uma infiltração da tua réstia de substância universal naquilo que está abaixo de ti. Até agora estiveste ocupada a ir no outro sentido, mas chegou o momento em que deves começar a agir abaixo a fim de obteres o poder de te lançares acima.

Como chamaremos a esta incursão no teu elemento inferior? É uma espécie de impulso para baixo após a extensão para cima — um MOVIMENTO definitivo de regresso. Pratiques o que praticares daqui em diante, tem em mente o forte impulso para baixo como necessário para o ressalto.

(pausa)

BETTY: *Isto é difícil. Já não há inspiração a ser vertida para dentro. Estou perante uma espécie curiosa de espera por alguns atos meus. Vejo isso claramente, mas parece que não consigo fazer o esforço.*

INVISÍVEL: A acumulação de perceção espiritual é extremamente difícil de superar. É uma armadilha num certo estágio de desenvolvimento, um pântano no qual a maioria se afunda. Como vês, uma vez magnetizada com a consciência superior, o caminho mais fácil é continuar a procurar isso continuamente. No entanto, se há de haver mais progresso, o MOVIMENTO tem de ser completado com cada renovação de realização.

BETTY: *Acho que compreendo agora. Se eu ficasse apenas na minha própria harmonia magnética, o meu movimento cíclico seria obstruído. Mas quando levo a força superior a outra pessoa, então utilizei para fins práticos o que fluiu para dentro de mim, e o princípio do movimento fica estabelecido.*

INVISÍVEL: Este conceito de movimento é difícil de transmitir, porque o seu homólogo mental mais próximo é o de movimento de um lugar para outro, ao passo que o que estamos a discutir está mais próximo da radiação. É uma sensação de ação com certo repouso — uma coisa difícil de expressar. A vida que se move através de ti funciona e vai para fora, mas não necessariamente de um lugar para outro ou movendo-te ao longo do caminho.

Isto soa a obscuro, mas é na verdade muito simples. Tudo o que envolve é o reconhecimento de uma sensação de alinhamento espiritual com o que está acima e o que está abaixo, permitindo que a força da consciência superior flua através. Esse é o todo destes ensinamentos. Parece tão óbvio e simples que às vezes é difícil para nós perceber as suas dificuldades. Contudo, é verdadeiramente impressionante no seu poder inclusivo, na sua extensão da tua própria personalidade para a dos outros, onde antes estavas satisfeita dentro de ti mesma.

BETTY: *Vejo-me como costumava ser, convencida do processo essencial de sintonização, sem o qual não somos nada; a fazê-lo mais ou menos regularmente; a deliciar-me nele, até. Mas agora esse quadro é-me repelente: não tem dinâmicas alegres. A perspetiva pela frente é infinitamente mais satisfatória. Onde antes o quadro era como um lago, agora é um rio a fluir. Seria impossível depois disto eu regressar ao estágio apático — exceto periodicamente para descanso, ou se me tornasse consciente de tensões nervosas, ou para cura se estivesse doente. Agora que sinto o estupendo agitar de criar uma corrente ao abrir as minhas saídas, já não conseguiria SUPORTAR a autossuficiência dos dias de tanque-parado-sem-mais-movimento!*

INVISÍVEL: É a maior de todas as sensações, este alinhamento com o que poderia ser chamado o Grande Fazer — este alinhamento de si mesmo com isso, não meramente para SENTIR, passivamente, o fluxo, mas para testar a sua quota-parte dele, ativa e entusiasticamente.

Na verdade, o que é o entusiasmo senão isto? O que é a energia senão isto? O que é o próprio amor senão isto? — esta remoção de barreiras, permitindo que a força flua para a frente ou para trás conforme a necessidade dita: para a frente para a realização de formas da lei na matéria; para trás para recarregar e refrescar na força primal.

BETTY: *Mesmo nos meus maiores momentos de altura e expansão, nunca percebi que participação ilimitada se podia alcançar ao alinharmo-nos desta forma. É o sentimento mais bonito imaginável: como estar embutida numa vida infinita de qualidades humanas quentes, pulsantes e desejáveis, imensuravelmente maiores e mais poderosas do que as tuas. É o mais perto que consigo chegar de o descrever. Se te puderes agarrar a isto, podes trabalhar para baixo através das suas manifestações inferiores e de todas as resistências arrastadas e ignorantes a isso, e permanecer completamente indemne por elas porque não estás a vibrar para esse nível. Mas se largares as mãos de cada um dos teus lados, quebras a corrente maior e conténs apenas o teu pequeno pedaço em declínio, pois a tua cota de poder é absolutamente dependente da tua integridade de alinhamento. A menos que dês as mãos dessa forma, não te será confiado nada.*

Há uma técnica para esta questão do fluxo de entrada e saída. Mas antes de passar para o que nos foi dito a esse respeito, talvez seja melhor dedicar algum tempo a uma das experiências mais místicas da Betty. Para nós, ela forneceu uma espécie de atmosfera mais vasta na qual suspender as conceções mais definidas já transmitidas.

BETTY: (após uma longa pausa) *Encontrei-me com uma perspetiva vasta sobre uma vida de múltiplas vertentes. Era tão infinitamente extensa em comparação com a perspetiva estreita a que eu estava habituada, que me perdi nela. Atordoada e entorpecida em todos os meus sentidos, lutei para a perceber na totalidade. Era tão difícil que o velho hábito de contração se apoderou de mim. Eu disse: não posso ir mais longe do que isto; vou apenas recolher esta quantidade. Então comecei a trabalhar para recolher apenas o primeiro plano das coisas para vos contar, e a minha roda ficou desenhada de forma mais dura e apertada. Estava tão ocupada a recolher que perdi todas as coisas para além daquele primeiro plano: limitei-o simplesmente a isso e a mais nada, ao tentar recolhê-lo e possuí-lo.*

Essa era uma ideia mesquinha. Parei para considerar um momento e vi que tinha estragado tudo. Lembrei-me de como tinha parecido no início: o panorama vasto da vida e todas as experiências variadas a chegarem como que difundidas para mim. Eu tinha estragado tudo ao tentar possuí-las à maneira do homem.

Depois, algo me impeliu para uma forma diferente de receber. Olhei novamente e descobri um segredo. Descobri que podia difundir-me a mim mesma para uma participação completa — o que é a verdadeira posse....

É difícil falar-vos disto, porque sei tão pouco sobre o assunto, mas apoia-se em leis firmes e sãs. Está escondido sob o brilho superficial das coisas materialmente desejáveis. Aqueles que nunca as possuem encontram por vezes o segredo da posse de toda a vida; e aqueles que se saciaram chegam dolorosamente à fome em pratos de ouro: e alguns, pelo meio, adquirem o equilíbrio que os direciona para o segredo da posse.

Não posso crescer num momento até ao ponto de conseguir descrever este contraste vívido nos métodos de propriedade: a propriedade à maneira do homem e a propriedade pela via da lei. Consigo apenas pressenti-la ao olhar para os meus companheiros aqui. Porque hoje estou na companhia daqueles que abandonaram completamente o eu pelo património de participar no todo. Eles estão absolutamente despossuídos de coisas. Cresceram para um poder enorme, quase ilimitado, pela força dos seus objetivos. Não entendo. Apenas sei que o poder deles é uma espécie de poder sem preocupação pessoal que torna a sua posição desligada de qualquer um dos produtos a que chamamos possessões.

(longa pausa)

Estava a experimentar difundir-me a mim mesma para a participação nos grandes elementos da vida e disse: Por que razão não chego à dissolução da minha individualidade por esta via? E então pressenti vagamente o uso daquela outra recolha, do instinto de colecionar no seu estado não pervertido. Pressenti a sua capacidade de concentrar o poder recolhido para ser utilizado para os fins inteligentes da cooperação. Mas sou demasiado fraca e estúpida para vos contar algo que seja muito útil....

Aqui estão duas grandes forças. Tenho de as deixar ficar ali.

INVISÍVEL: O sentido de aquisição que é habitualmente direcionado para o ajuntamento de coisas, como tudo o resto, pode ser transposto para fins intangíveis, mas ainda mais valiosos. Esta ação

aquisitiva é uma das características mais úteis do homem, mas a sua natureza é dupla: podemos adquirir puxando inteiramente para nós e retendo o que selecionámos; ou podemos adquirir da Fonte Ilimitada o que é necessário para a conclusão de um PLANO EM CURSO. Esta última forma, mais elevada, não é o conceito habitual de espírito aquisitivo. Assemelha-se mais à ambição do artista que procura materiais para os seus fins criativos.

Atualmente, claro, a Terra está na sua infância grosseiramente aquisitiva e destrutiva. Toda a sua pressão é para baixo, em direção a si mesma, tal como a sua gravidade. Assim, todos os seus habitantes estão imbuídos da mesma força, por assim dizer, negativa. Qualquer indivíduo que tenha força suficiente para superar dentro de si este peso morto e fazer o primeiro esforço para se tornar uma expressão de vida EXPANSIVA, radioativa e positiva entra em contacto com um campo de existência inteiramente novo. E se ele conseguir MANTER a sua corrente de força invertida, então, em troca da sua contribuição para todo o campo positivo, esse campo inteiro passa a ser seu para dele dispor, na proporção em que adquire a sabedoria para o manipular.

Esta corrente invertida da vida começa bem no fundo do coração de cada ser humano. Primeiro há redemoinhos de confusão e sofrimento; depois a passividade do mero desejo; seguida pela força crescente da corrente expansiva. Esta corrente expansiva é a consciência de que a vida é mais do que o eu; é a fusão voluntária com o eu maior vagamente pressentido, de possibilidades infinitamente expansivas.

(pausa)

BETTY: *Supondo que te oferecias completamente e com entusiasmo, que te gastavas de boa vontade em algo porque o querias mais do que a qualquer outra coisa em todo o vasto mundo; e, enquanto o fazias, descobrias de repente que estavas a receber algo além de tudo o que alguma vez tinhas experimentado antes, de tal modo que não sabias se estavas a dar ou a receber; esse seria o estado bonito, a união bonita, esta coisa maravilhosa de que estamos a tentar apoderar-nos e para a qual estamos a evoluir. Isso, na sua forma mais elevada, é o equilíbrio.*

PENSE em como usamos a farinha e várias outras coisas, todas perfeitamente boas em si mesmas, mas sem valor até serem juntadas num processo para fazer pão. É exatamente assim com os nossos "deveres" e vários esforços conscienciosos: não servem de muito a menos que sejam misturados e submetidos a processos ligados ao desejo, à leveza de espírito, ao afeto, ao entusiasmo — todos eles bons elementos de ligação.

A expressão "força de vontade" não é apropriada aqui. A força de vontade é um arrancar do fruto, em vez de esperar que ele amadureça. O outro caminho, de contar com o vosso poder supremo, é o caminho amadurecido. Funciona de forma forte e harmoniosa, sem sobressaltos e sem destruição nervosa.

CAPÍTULO II

RECURSOS NATURAIS

1

A conceção da consciência superior como algo que fluía através era iluminadora. Mas era um pouco vaga. Precisava de definição. O que era aquilo que fluía? Como se sentia? O que fazia uma pessoa a esse respeito? E, acima de tudo, o que não devia uma pessoa fazer a esse respeito? Recuámos, instintivamente, perante qualquer ideia presunçosa de sair pelo mundo a distribuir Doçura e Luz.

Os Invisíveis devem ter pressentido estas reações em nós, pois a seguir abordaram os nossos materiais de ação, aquilo a que se poderia chamar os recursos naturais da consciência superior. Como de costume, começaram através de uma das experiências simbólicas da Betty.

BETTY: (longa pausa) *De cada vez que faço este ajustamento particular, estou experimentalmente morta. É um ajustamento muito delicado. Reconheço-o pelo facto de estar absolutamente reduzida a um ponto de consciência no cosmos. Tudo o que é habitual em termos de*

hábitos, ambiente e considerações externas caiu. Estou sozinha com o meu resíduo....

Mas há uma diferença em relação à última vez. Eu costumava começar logo a querer absorver algo, a alimentar-me, a agarrar, a tentar de certo modo sugar algo para dentro. Estava dependente daquilo que era capaz de alcançar, obter e digerir. Agora é diferente. Agora tenho realmente uma coisinha minha para dar. Continuo a absorver, continuo a alimentar-me, mas já não é a minha ocupação exclusiva. Além disso, tenho um pouco de poder controlado por mim mesma e estou a tentar encontrar uma forma de o usar....

(pausa)

Não sei o que se está a fazer. Parecem fotografias a serem tiradas. Tenho apenas de ficar quieta e estar satisfeita enquanto se faz....

(longa pausa com muitas exclamações de surpresa.)

Essa foi uma experiência muito, muito memorável! Acho que vos vou contar primeiro sobre ela e depois eles amplificam-na de forma mais inteligente. Podem não apanhar o ponto de início, mas é um símbolo importante.

Foi preparada uma superfície perfeita — uma superfície vital perfeitamente nova. Eu ajudei ao recordar neve sem pegadas, areia varrida pelo oceano e a névoa das quedas de água — todas as coisas mais vitais que combinam beleza que já experimentei. Apenas me deitei quieta e fiz isso até perceber que tinha ajudado a criar uma superfície perfeita, não utilizada e impressionável. Depois sussurraram que era para a impressão do meu coração. Eu não sabia o que isso significava, mas muito suavemente explicaram que o meu espírito devia repousar sobre a superfície, de forma natural e quieta, para fazer um quadro de mim mesma para mim, um molde de mim mesma com contornos característicos, como um esboço ágil e vívido, com alguns traços salientes sem amplificação.

Repousei como me disseram, de uma forma passiva, até me aperceber de que inconscientemente estava a fazer algo mais. Não era que me estivesse a dar para fora de forma a fazer qualquer impressão forte na superfície plástica. Ao início parecia mais apenas conter-me

dinamicamente, mas sem contacto vigoroso com ela. Depois, de repente, uma força radiou de dentro de mim e, ao meu redor, uma impressão aprofundou-se rapidamente. Senti-a a ganhar forma como um molde satisfatório de uma jarra bonita, ou algo que pode ser usado para o desfrute dos outros. Dizem que este é um símbolo muito importante, apresentando um novo passo no nosso progresso.

INVISÍVEL: Se o desenvolvimento já alcançado há de ser utilizado, por quaisquer meios que possamos conceber temos de nos esforçar por vos dar um certo conceito. Infelizmente, não existe nenhuma via de abordagem disponível para ele. Têm de ser feitos sulcos, vias preparadas para a aceitação intelectual. Por conseguinte, começamos com esta imagética aparentemente infantil, de modo a dar uma vaga ideia da realidade que depois encontrará expressão num conceito verbalmente manejável.

Ora, o ponto é este: existe em vós, suscetível de ser desenvolvido indefinidamente, um motor de poder, dinamicamente criativo, capaz de impressionar e moldar o vosso mundo material conforme derem para fora do vosso ser interior a sua força criativa. Esta força não é primariamente a força MENTALMENTE criativa, que compreendem perfeitamente. É o sentido superior dessa força mentalmente criativa, o princípio vital da vida; e vem, não desse mero agente da alma, o intelecto, mas do próprio plexo da vida. A força mental pode fazer um molde ou plano, mas para ser concluído este plano tem de ter o seu princípio vital fornecido. É o globo elétrico bem feito no qual a corrente não foi ligada. A verdadeira força criativa, por outro lado, carrega o seu próprio princípio vital consigo. É uma questão do coração, bem como do conceito claramente visto pela mente.

(pausa; a Betty riu-se)

BETTY: *Comecei a rir-me porque me parecia tão absurdo chamar a esta vasta indulgência de felicidade palavras tão tristes como "o princípio da vida". Disse para mim mesma: não admira que ninguém fique entusiasmado com uma coisa chamada "o princípio da vida"! E ri-me da comparação disso com a coisa, a própria coisa radiante.*

2

Isto ajudou muito: deu pelo menos uma impressão do fator central e delineou de forma geral o campo de ação. Mas ainda faltavam detalhes. Era como um filme em movimento fora de foco: havia uma impressão vaga de algo a acontecer, mas nada definitivamente reconhecível.

Pouco depois, os Invisíveis dedicaram-se a tornar o foco nítido.

BETTY: (após uma pausa) *Estão a mostrar-me o grande segredo da força de vontade. Posso vê-lo a funcionar uma e outra vez. É um processo de tornar aprazível a tua força de vontade. No minuto em que a tornas aprazível, combinando-a com o solvente do coração, ela começa a funcionar, como uma afinidade química, emprestando uma vitalidade mais quente ao teu objetivo, fazendo-o funcionar por si próprio de forma natural....*

Não vejo muito deste esforço tenso, de dever e sem inspiração por aqui, esta profusão de trabalho pesado a que todos nos submetemos para realizar as coisas. Não fomos feitos para trabalhar com peso; é uma condição discordante. O trabalho devia ser apenas divertido. Que pena que a tradição do trabalho se tenha tornado tão dolorosa!

INVISÍVEL: Queremos substituir nas vossas mentes as palavras rígidas "força de vontade" pela mesma ideia em termos de exuberância natural. Vocês têm uma consideração elevada pela força de vontade porque ela realiza certos resultados óbvios de propulsão pessoal. Mas vejam o quanto correm no ténis, ou caminham na pesca ou a fazer algo de que gostam. Essa é outra espécie de propulsão pessoal; mais fácil, porque estão em harmonia com o que estão a fazer. Essa harmonia geralmente não é reconhecida como parte da força de elevação; contudo, é uma via muito mais eficaz do que esta dolorosa questão da força de vontade. Uma é feita com o vosso ser unido; e a outra apesar do vosso ser dividido.

(pausa)

BETTY: *Sinto-me com as articulações tão soltas e tão cheia de vontade de brincar! Como se estivesse a andar em pontas dos pés para pregar uma partida a alguém, com todo o cuidado alegre e requintado que tão prontamente e facilmente se pode colocar numa partida. Num instante vou gritar e rir com a pura e jovial exaltação disso!*

INVISÍVEL: Tais ocasiões são momentos inteiros e naturais de combinação ideal com que entram inadvertidamente em contacto. Tudo vos seria possível nestes momentos. Não importa qual seja o vosso objetivo, jogar jogos ou os assuntos da vida, esta combinação é o segredo da possibilidade mais plena do homem.

(pausa)

BETTY: *Há algo sobre uma força à qual este sentimento é afim, ou com a qual está relacionado.... Teria de ir mais fundo para o alcançar....*

(longa pausa)

Estou a tentar obter uma ideia clara desta coisa radiante, criativa e expansiva com que me estou a associar. É uma força de suporte pertencente ao alcance logo acima de nós. Gostaria de entrar nela e ser arrastada por ela, mas acho que não estou pronta. Continua para um oceano tão vasto além da minha compreensão....

É tão sem nome que não sei por onde começar a cortá-la em palavras. Se o fizer, tenho medo de não a conseguir juntar outra vez. É demasiado grande para a linguagem. Tudo o que posso dizer é que é a maior união de vida, a harmonia mais próxima, a força mais reunida....

Harmonia é uma palavra tão pobre! Não é uma palavra MAU; é apenas uma palavra maltratada. Quero obter isso de forma FRESCA. Agora é apenas um termo semirreligioso, semimusical; mas há uma maré crescente de progresso ligada a ela. Apesar da sua inadequação, representa um fator forte nesta força que sustenta, esta maré de extensão. Mas não é a coisa em si — apenas um pedaço....

Também não é força de vontade; isso é apenas outro aspeto dela; apenas mais um lugar onde lhe tocámos na compreensão. O que estou a tentar alcançar é a totalidade desta força; não apenas os pedaços destacados que reconhecemos em palavras de força de vontade e concentração, mas a força completa dela. Não percebes? A força de vontade e a concentração são apenas uma lança da mente, a penetrar. A menos que a maior parte de ti esteja inspirada com uma capacidade maior para acompanhar e alcançar o que a mente arremessa, a lança sozinha é inútil.

INVISÍVEL: Concentração é uma palavra apropriada para a mente. Descartem-na. Obtenham a ideia mais plena dela no sentido de, natural e facilmente, sem tensão, se reunirem e manterem em harmonia com a força da consciência superior. Há uma grande diferença entre isto e a força nervosa e restrita da concentração mental numa coisa que procuram apenas com a vossa própria força. Obtenham as duas ideias: mantenham-nas separadas. Manterem-se em harmonia é o que deixa entrar o poder superior, torna o processo natural, sem esforço tenso. A outra ideia, de concentração, fecha tudo exceto o que têm em mãos.

Concentração é uma palavra perigosa. O mesmo acontece com força de vontade. Ambas estão centradas na mente, ao passo que este poder maior está definitivamente divorciado da mente. A mente é o órgão de planeamento; mas aquilo que executa os planos é o verdadeiro executivo. Esta força está para a força de vontade como a força de vontade está para a mente.

BETTY: *Ainda não sei como se chama esse teu verdadeiro executivo. Apenas o consigo pressentir sem o conseguir trazer de volta: uma força de suporte e progresso que ocupa todo o circuito da minha visão. Expande-se tão além que perdi até a partícula a que chamava força de vontade. O que é esta coisa grande? Se eu tivesse apenas outro ponto de apoio para ela ao lado da força de vontade, outro símbolo conhecido! Aquele não percorre distância nenhuma: não consigo chegar lá com ele.*

INVISÍVEL: Há sempre uma forma contraída e uma forma expandida de tudo. A força de vontade é a forma contraída desta coisa superior. Podem passar da força de vontade para ela sem contração se pensarem nela mais como PODER DO DESEJO. A força de vontade é apesar dos vossos desejos; duplicando a pressão.

(pausa)

BETTY: *Ainda estou atormentada pela falta de um símbolo para essa força expansiva, viva e cativante....*

É como tentar olhar para as estrelas durante o dia: é perfeitamente claro até eu trazer isso para a luz do dia das palavras, e depois desaparece!

3

Os Invisíveis martelaram esta ideia ao longo de um período de meses, adicionando uma pista aqui e uma sugestão ali, com um discurso completo de vez em quando. O espaço não permite uma citação completa, mas o seguinte ajudará a arrematar:

INVISÍVEL: (após uma longa pausa, ocupada no estudo de algo "sem palavras" e muita procura por um nome.) Reciprocidade intensa.

BETTY: *Isso não serve. Reciprocidade é nacional; isto é algo quente, próximo e abraçável. Uma grande fome no coração por isto está a apoderar-se de mim.*

INVISÍVEL: É o grande e simples segredo do progresso futuro e da verdadeira posse daquilo que foi desenvolvido.

BETTY: *Seria preciso um poeta ou um anjo para o expressar, porque nós não sabemos como comungar desta superfelicidade. Obtenho apenas um sopro dela quando me deito junto à terra e a cheiro; e obtenho apenas um sabor dela quando venho nas ondas e o sal está nos meus lábios; e obtenho apenas um sussurro dela quando fico quieta nos bosques a escutar; e obtenho a maior parte dela quando amo alguma coisa, até o meu cão ou o meu jardim. Não percebes? Quero tanto afundar-me profundamente, mergulhar, ser absorvida nesta reciprocidade intensa, esta coisa a que nem sequer consigo dar nome. Tem de ser experimentada e integrada completamente a fim de ter uma compreensão prática, empatia e realização no mundo material. Dá uma perspetiva sem fim....*

Acho que não consigo dizer isto: vou tentar.

Assim que chego a esta superfelicidade, esta suspensão, este equilíbrio de saúde e felicidade, ela tem de me devolver à perceção aguda da falta dela no mundo. Corre da sua força para a fraqueza, como a grande lei física do vácuo; precipita-se para ela. Isso explica a ansiedade em ajudar-nos daqueles que a adquiriram aqui deste lado. É a base de todo o verdadeiro serviço....

Há muito mais que não consigo alcançar bem. Toca aquela palavra bonita, quase perfeita, empatia. Como é que essa palavra se estragou? Empatia CONSTRUTIVA: esse é o apogeu da experiência humana. Não

é lamentar-se com as pessoas; é partilhar a inspiração que transborda da tua abundância. Esta abundância não existirá se permitires as restrições da dimensão inferior da empatia.

S E W: O que queres dizer com dimensão inferior da empatia?

BETTY: *Pura pena estagnada, sem vitalidade, desvinculada da fonte de inspiração. É assim que sempre me senti: sempre fui SOFREDORAMENTE empática; e agora, momentaneamente, sinto-me CONSTRUTIVAMENTE empática. Às vezes, na dor das discórdias, doeu-me uma perceção aguda do erro das coisas. Mas se eu pudesse manter este poder maior, poderia ir além disso: poderia ajudar a curar as coisas. Contudo, não se pode fazer isso com sucesso a menos que ocorra esta infiltração de força superior. Lentamente, tem de ser adquirida. O bem-estar e a felicidade são a coisa dominante nisso, e o transbordo é uma consequência natural.*

INVISÍVEL: A força da empatia não dita é um dos elementos de impregnação mais fortes na existência. É, em si mesma, uma vibração subtilmente cativante, vivificante e estimulante. Não a confundam, contudo, com o poder maior do qual ela é apenas um aspeto.

Não existem palavras que possam expressar ou transmitir exatamente esta chama interior, e no entanto é uma das possessões mais silenciosamente aparentes. Abre o seu caminho sem palavras ou exibicionismo. Viaja de coração para coração nos seus próprios canais de expressão e troca. E nós sentimo-la sempre, mesmo que não a reconheçamos com nada melhor do que sofisticação mental, como algo que as pessoas simples e os camponeses têm. Pois é uma coisa única e inconfundível, esta radiação rara, luminosa, estimulante e bondosa de quem conduz, mesmo que inconscientemente, a corrente da força universal.

(pausa)

BETTY: *Sinto sempre que tenho de obter algumas coisas vulgares antes de parar. Tenho de tratar do assunto de uma forma ordinária da vida diária, a fim de me agarrar a ele e ter algo com que praticar.*

INVISÍVEL: A maneira de começar a praticar isto no início é apenas praticar o seu reconhecimento. Não se pode esforçar por isso

refletidamente ou com esforço, mas apenas adquiri-lo naturalmente através dos contactos "afetivos" da vida diária. O sentimento não pode ser alcançado com premeditação, mas pode ser reconhecido quando é obtido.

(pausa)

BETTY: *O meu único grande lamento é sempre que, ao trazer estas coisas à consciência, a um foco nítido de atenção, tenho tendência para as tornar pedantes. Esse é o preço que pago na dor de uma tradução inadequada. Tiro a vida da circulação e ponho-a numa vitrina de museu. Mas tento olhar para isso como um jardineiro deve olhar: a flor acabou, mas tenho a semente, e é isso que vos estou a dar.*

NÃO vê que este estágio de instrução é apenas o pôr de carne no esqueleto dos seus "registos"? Se parar onde ELES estão, não tem mais do que um plano para a ação. Este vestir com a carne quente da vida emocional vivida é o que lhe trará o significado de todos os esforços passados, a meta de tudo o que foi tentado até agora. É o mais difícil de todos de transmitir, porque o registá-lo apenas o transpõe de volta para o plano esquelético. No entanto, se há de completar o ciclo da sua entrada anterior de inspiração, o seu coração tem agora de ter o seu tempo de saída emocional.

A sua tarefa atual já não é alcançar mais acima. É a utilização do que tem, PROPELIDO POR SI MESMO; não de forma tensa, movida pela mente, mas intensamente, no ardor do coração.

CAPÍTULO III

DISTRIBUIÇÃO

1

Normalmente, a nossa primeira obrigação na vida, em qualquer lugar, é manter a pele intacta. Num país novo, especialmente, temos de ter cuidado onde pisamos. De certeza que estará cheio de armadilhas e perigos. Às vezes, manter a nossa própria pele intacta é um trabalho a tempo inteiro. Mas, mais cedo ou mais tarde, temos de descobrir que isso não pode continuar a ser a única consideração. Outras pessoas entram no quadro. A partir daí, a nossa responsabilidade é multiplicada muitas vezes.

Ao lidar com a consciência superior, este momento chega quando sentimos o impulso de a passar a outros. Descobrimos o que para nós é um país novo; ganhámos a posse de algo fresco e empolgante. Estamos convencidos do seu valor. Estamos loucamente entusiastas com isso. O nosso impulso natural, então, é partilhá-lo com os nossos amigos. É mais do que um impulso, mais do que um desejo. É uma obrigação, uma séria obrigação, um dever solene de Fazer o Bem no Mundo. Vamos a isso! Já!

Esse é um ponto de perigo. É assim que nascem os maçadores e os incómodos, os fanáticos, os reformadores fanatizados. Essas não são pessoas agradáveis nem bem-vindas. Mesmo quando têm razão, estão erradas; pois a sua própria persistência hiperativa enche o homem comum de um desejo perverso de ir no sentido oposto. Suponho que este seja um dos pontos mais perigosos do território que se tem de atravessar na excursão em direção ao desconhecido.

Contudo, é, afinal de contas, meramente uma questão de técnica de distribuição: e foi nessa técnica que os nossos Invisíveis centraram a seguir a sua instrução. A familiar abordagem simbólica:

BETTY: *Estou de volta àquela vida vasta e abobadada de possibilidades sem limites, mas não consigo de todo agir nela. Parece haver algo a travar-me — algum problema que tenho de resolver. Percebes, completei o estágio de conceção e estou a aproximar-me do estágio de produção....*

(pausa)

É como se o sol estivesse a brilhar, mas iluminasse apenas os topos das árvores, as camadas superiores do mundo, deixando na sombra os assuntos inferiores da vida. A grande resposta em mim é toda para a

beleza que o sol está a revelar pelo seu reflexo. A vida abobadada é assim. Mas as coisas na sombra que não estão a refletir o sol são o que tenho de alcançar e no meio de que tenho de trabalhar.

(longa pausa)

Gostava de vos conseguir falar sobre isso. Saí do sol para a sombra, trazendo comigo toda a memória do seu calor e plenitude de vida. Antes que a radiação dele me deixe, tenho de a usar. Lápis abaixo, nas sombras geladas do mundo, é-me confiada esta visão do calor e da plenitude da vida como um poder iluminador e vivificante. Aquece e ilumina a tua vida como a eletricidade faz às casas; e é exatamente tão real e exatamente tão possível. Deveria ter um nome — como a eletricidade. Então as pessoas reconhecê-lo-iam, procurá-lo-iam, adquiri-lo-iam. Para o tornar disponível, tudo o que precisa é de ser tirado daquela velha e distante cobertura celestial em que tem estado embrulhado.

(pausa)

Sabe aqueles jogos que se jogam com uma bola, nos quais não se pode usar as mãos? É mais ou menos assim que estou agora. É como se me tivesse sido dada autoridade para ir em frente e realizar, mas não sei como o fazer. Tenho de decifrar isto....

É um grande problema: tenho de crescer gradualmente ao redor dele. No presente, posso apenas ter a certeza de que sinto duas coisas. Uma é uma espécie de relação básica — uma espécie de poder estático de ajustamento harmonioso. Esse é meu para apanhar e desenvolver indefinidamente. Mas não está a FAZER nada....

A outra coisa é a libertação dessa força estabelecida. Como se faz isto concretamente é que não entendo de todo. Apenas tenho a certeza de que esta força estática básica pode ser enviada numa forma assimilável, e absorvida por quase qualquer pessoa. Às vezes parece apenas SENTIR o seu caminho para fora — apenas infiltrar-se como água, sentindo o seu caminho através de todos os canais disponíveis.

Receio não ter realizado muito hoje, mas senti-me como que privada de todas as minhas perceções sensoriais. Tem sido como se as

minhas mãos, pés e olhos estivessem atados, e me tivessem dito para ir em frente e experimentar. Naturalmente, tenho estado bastante perdida.

Mas fiz ALGUMA COISA. Querem saber o que fiz? É uma espécie de coisa tola de contar; mas a primeira coisa que fiz foi deitar fora todo o calor e felicidade que consegui recolher e arremessar para fora. Decidi que ia pelo menos ter a minha própria atmosfera ao redor em que todos gostariam de entrar!

2

Como veio a verificar-se, este esforço da Betty, que ela achava tão tolo, provou ser a chave para toda a situação. A sua experiência e instrução adicionais logo tornaram isto evidente.

BETTY: (após uma longa pausa) *Estão todos ao meu redor e podiam ajudar-me, mas querem que eu escave por mim mesma. Chega-se muito mais longe quando se escava por si mesmo. Essa é a razão pela qual às vezes me atiram ao mar desta forma.*

(pausa)

Estou a trabalhar na ideia de libertar a impregnação. Dou para fora conscientemente. É como a pressão da maré. Estão-se a desfazer as barreiras em relação aos seres humanos. Não é que os esteja a capturar artificialmente num sentido socialmente "encantador": isso é uma imitação. A coisa real funciona por si própria, depois de teres estabelecido controlo sobre as tuas barreiras. É uma pena dissecá-la. É natural e simples entre amigos, mas usamo-la de forma demasiado preciosa quando a podíamos esbanjar.

INVISÍVEL: A par da consciência espiritual, tem de ser estabelecida a propulsão da vitalidade que acumulam. Isto não realizam atualmente, no sentido de uma produção habitual. Temos de esclarecer a vossa compreensão disto antes de podermos ir mais longe.

Em primeiro lugar, é fundamentalmente uma emoção ou sentimento, uma sensação de atirar para fora de si — e não uma IDEIA a ser EXPRESSA. Vocês não trabalham com instrumentos materiais, tais como palavras: trabalham tendo bastante desta força superior para dar. É uma espécie de empatia ativa e superabundante que naturalmente transborda e ajuda a fazer pelos outros o que já foi feito por vocês. É como um íman ou uma atração química que extrai deles uma qualidade semelhante e os mete a mexer com o seu próprio esforço....

BETTY: *Soa a tontice, mas parece estranhamente um fluido do coração. Nós não reconhecemos um fluido do coração, pois não?*

INVISÍVEL: Coração é a palavra mais próxima que têm. Contém a maior parte dos ingredientes desta nova força.

Quando quiserem ser de ajuda para as pessoas, lembrem-se sempre de que aquilo com que têm de trabalhar não é um impulso do cérebro, mas um impulso do coração. Não lutem com as pessoas no meio pequeno e engarrafado do intelecto — não façam o papel de Senhora Ajeita-Tudo. Apenas as inundem silenciosamente, sem palavras, persistentemente com este fluido do coração. Elas não saberão, não o verão, mas vão absorvê-lo um pouco quando estiverem com a guarda baixa. Este é o primeiro princípio para lidar com as pessoas.

BETTY: *É como magia antiga. Nunca vi nada tão silencioso como aquela força a andar em pontas de pés. Delicioso: tão quieto, tão seguro e tão envolvente — tão belamente envolvente e impregnante!*

INVISÍVEL: Estranhamente, esta força é a mesma que o poder curativo que tantas pessoas estão a começar a reconhecer — tanto para a cura pessoal como para a administração de tratamentos. A Margaret* não entende totalmente como ou por que razão obtém o dela. Obtém-no porque põe as mãos de cada lado de uma pessoa com confiança e com um arremesso para fora do desejo de ajudar; e precisamente na medida em que faz isto de forma natural e vigorosa, a força flui para dentro. É a mesma FORÇA, apenas modificada para harmonizar e agir direcionando sobre o corpo.

* Margaret Cameron: Que descobriu, de forma bastante empírica, que ao colocar as mãos de cada lado de um doente, parecia induzir uma "corrente" curativa entre elas.

BETTY: *Se te mantiveres em contacto com ela, podes sempre trocar força com as pessoas, mesmo quando elas estão a ir ao fundo pela terceira vez — ou quando tu estás. Muitas vezes fui reabastecida por pessoas no momento em que a minha coragem estava mais baixa — e elas também não me deram sermões. Apenas pareciam estar a caminhar da forma mais feliz.*

INVISÍVEL: É de extrema importância não pensar nisto como uma coisa piedosa, de pose ou de padre. Não há de todo a ideia do gênero "vejam-como-sou-santo-e-calmo" nisso. Nem é qualquer afetação de um sorriso de gato benigno para com toda a humanidade. Mais perto da coisa genuína estaria a bonita palavra sinceridade. Ninguém jamais manchou essa palavra, porque tão poucos a usam completamente. É o seres tu próprio, o teu melhor eu interior, de forma tão natural e livre que contribuis com isso para o eu interior dos outros. Isso é oferecer algo simples, sólido e verdadeiro, em vez de irritar as pessoas com uma superficialidade benigna.

A maneira mais segura é NÃO SE RENDER A TRABALHAR ISSO EM DETAIL DE TODO. No minuto em que começam a calcular conscientemente como é que isso vai funcionar, estão em perigo de se tornarem piedosos. Se deixarem isso em paz, funcionará por si próprio, sem pose nem esforço, automaticamente — como o calor a secar a humidade, ou um raio de sol a expandir uma coisa. Percebem, na realidade nunca é uma questão de fazer minuciosamente atos cuidadosamente considerados. É mais uma questão de devolver continuamente, de atirar continuamente para fora de vocês o excesso de vitalidade da compreensão, da perceção empática. Se este processo através for adquirido, manterá aberto um canal através do qual a inspiração virá para os atos individuais necessários.

Pôr estas coisas em palavras faz com que soem complicadas, de articulações rígidas e difíceis, como as descrições elaboradas de processos que se leem, que são tão simples quando alguém mostra realmente como se faz. Uma pena; mas não se pode evitar. Lembrem-se apenas de que, por mais afetado e doloroso que isto possa soar, na verdade é a ação mais alegremente livre, a vida mais simples que conseguem imaginar.

(pausa)

BETTY: *Há uma diferença tão vasta entre a ideia filantrópica de fazer boas ações e sentir-se generoso com isso, e este trabalho ansioso, ávido de saúde — este bombear de nova vida para as coisas porque se tem tanto dela, e se quer estender cada vez mais longe a área viva, amorosa e risonha. Por comparação, a ideia convencional de "serviço" é uma sombra tão pálida e insignificante....*

Uma árvore é quase um símbolo perfeito da coisa real: nutrida pela terra na sua base, a adorar o sol no seu topo, a espalhar-se para incluir tudo o que pode na sua grande amplitude. Inconscientemente, devolve à terra à sua própria maneira. Não tem de se incomodar com "boas ações"!

3

Como acontecia frequentemente, pouco depois desta análise, a ideia foi sintetizada para a Betty por uma experiência intensa e abrangente da própria coisa.

BETTY: (após uma longa pausa) *Estou a fazer exercícios tão curiosos: conto-vos sobre eles mais tarde....*

Lembram-se daquela questão de intensificar os vossos impulsos de saída? Bem, o exercício que tenho estado a fazer é assim, só que já não é num canal em linha reta, por assim dizer. Estou a obter a radiação circular disso, como um aspersor de relvado. Continuo a girá-lo, quase como um projetor: o feixe é como um raio de projetor, só que é todo um entusiasmo e interesse natural, quente, humano e feliz, como quando uma pessoa se aproxima dos seus passatempos, afetos ou amores. Estou a exercitar-me ao girar um círculo completo com ele. Em cada ponto que toca, vejo com olhos novos e empáticos bem dentro da alma da coisa, e a minha afinidade e responsabilidades para com ela....

Já não tenho realmente de me girar a mim mesma agora; posso fazê-lo em quase qualquer direção....

Agora tiraram-no. Era para dar maior flexibilidade à ideia de propulsão.... RADIAÇÃO é melhor. Foi uma prática real de radiação....

Há algo mais sobre isso; mas tenho de ir mais fundo para o obter....

(pausa)

Estou a ganhar força quase além da minha capacidade de conter.... Lidero uma dança, lanço-me, espalho calor, avanço, incandescente de vida! Deixem-me apenas viajar neste caminho resplandecente por um tempo....

(longa pausa)

Estou a passar por uma mudança, uma curiosa radiação, curvando-me para fora e vertendo-me a partir de mim mesma, tão nítida como se tivesse sido virada do avesso....

Ora essa! Quando estás disposta nessa forma côncava, não apresentas qualquer superfície de participação na vida! És uma forma estranha, apenas um invólucro adormecido da semente da vida! Não quero voltar a ser assim, nunca mais, apenas a conter concavamente o meu pequeno pedaço. Está tudo bem, mas está sem germinar.

(longa pausa)

Toma algo estimulante: o céu azul-escuro e as folhas amarelas, a serenidade equilibrada dos últimos dias de vida — toma um corpo lavado pelo mar salgado e a união fresca e doce dele com o grande elemento puro. Continua a ir para fora, para fora, para fora, além do mero estímulo destas coisas. Viraste-te para o outro lado, curvando-te para fora, uma radiação de ti mesma — radiação....

Não entendo isto muito bem: demasiado grande para mim. Tenho a sensação disso: sei qual é a sensação de manifestar em várias formas de vida. Mas posso trabalhar apenas no desejo emocional disso: não consigo saber o que as minhas palavras estão a fazer. Apenas posso radiar-me a mim mesma: é a minha única forma de expressão....

Quem me dera conseguir agitar-te para experimentares este único e glorioso momento. É como se eu estivesse ao teu lado a dormir. Eu própria estarei a dormir em breve....

Agora tenho de refocar, diminuir a minha visão, voltar a uma pequenina questão ótica. É uma sensação curiosa voltar! À medida que desço à deriva, a principal impressão que guardo é a de que nada tem

um alcance tão longo como esta radiação — nada! Enviar livros, palestras, experiências e tudo o resto é limitado, em comparação com o raio desta influência pessoal. O expoente vivo convence; os livros podem refletir, mas não convencer. Livros.... não sei como dizer isto, mas é embalsamar ideias. Não percebes? Embalsamá-las em livros e registos....

(pausa; riu-se)

Estava a pensar na diferença, no que diz respeito ao efeito sobre nós, entre museus cheios de esqueletos reconstituídos de coisas e os próprios animais vivos a andar por ali. É por isso que as filosofias não chegam a lado nenhum: são como uma concha vazia em que algo esteve no passado.

Nas semanas que se seguiram, os Invisíveis, uma e outra vez, insistiram com a Betty para a prática desta nova fase e, com o passar do tempo, a compreensão dela sobre o assunto ampliou-se. O que se segue é uma das suas declarações posteriores e mais completas do processo:

BETTY: *Estou a ter um relance do poder harmonizador desta força na sua essência, e é tão tremendo que não ME ATREVO a tentar contar-vos. Põe uma interpretação tão nova em tudo. É força criativa: é a essência da vida de todas as coisas — e não podes manusear a essência da vida com a tua mente finita! Estou perplexa e abismada com isto. É como algum estímulo supremo de cada coisa até aos limites da sua perfeição dentro das suas leis. É uma magia ordenadora. A sua forma mais diluída — que é a única forma que sou capaz de me atrever a manusear —, aplicada a uma confusão de vida desordenada, a funcionar mal e pervertida de qualquer tipo, passando por cima dela, ordena-a magicamente. Vejo as pequenas leis todas a trabalhar afincadamente, a corrigirem-se a si mesmas. Funciona bela e naturalmente agora; e antes estava tudo tão confuso....*

Mas é melhor não tentar contar-vos sobre isso — não conseguiria.

(pausa; depois, com relutância)

Suponho que devia realmente contar-vos ALGUMA COISA sobre como a uso — só que não sei como começar....

INVISÍVEL: Começa por supor que estavas a tentar abrir caminho num dia comum de atividades comuns. Sentir-te-ias mais ou menos como um riacho a gotejar, a encontrar caminho entre folhas e gravetos no chão da floresta. Essa seria a forma menor de trabalhar, cedendo aos obstáculos e sendo desviada por todos os corpos maiores e mais estabelecidos no teu caminho.

BETTY: *Estou a dizer para mim mesma: era assim que o fluxo da minha vida teria funcionado. Mas como é agora, com este novo poder?*

Não disparo em frente com uma força superior sobreposta. Mal planeio. Pareço, ao início, apenas ficar na ponta dos pés e olhar em frente para o meu objetivo, por assim dizer. Depois, ocupo-me a gerar uma determinação segura, grande e serena, bastante diferente da força de vontade nervosa. É um grande e confiante reconhecimento da minha capacidade de lá chegar. Só que pareço trabalhar muito arduamente na geração; como se produzisse realmente calor, ou como se fizesse realmente luz, onde estava escuro, a fim de ver o caminho. Pareço não conseguir dizer nada que se ajuste, porque as condições variam de acordo com o que eu realizaria, mas fundamentalmente é sempre uma geração de harmonia.

INVISÍVEL: Expandamos esta ideia de geração interior. Retirámo-la do cérebro, porque tem de ter calor e conteúdo emocional, e fizemo-la uma nova região, mais próxima da indulgência do coração. Esta geração interior eleva a vida humana tão definitivamente como os potenciais elétricos são aumentados. E, no início, por estranho que pareça, o mantê-la viva e resplandecente dentro de cada um é uma parte maior da contribuição pessoal do que a utilização definitiva dela para qualquer fim detalhado. Se ela existe, tem a sua própria aura, a sua aura de luz e calor, a sua zona de ação; e aqueles que te rodeiam podem iniciar a indução a partir dela — geralmente sem estarem cientes disso. Como não compreendes as suas leis de disseminação, és inclinada a depreciar a sua aparente inatividade como uma indulgência egoísta. Pelo contrário, tem de ser aceite nos seus próprios termos. Radia melhor quando não interferes com ela.

BETTY: *Há um grande número de pessoas a trabalhar exatamente desta forma agora — nos desencarnados. Nem têm ideia do quão*

divertido é, enquanto ainda se está num corpo físico, estar associado a um método de trabalho desencarnado!

(riu-se)

Sinto-me como um aquecedor de pomar a afastar a geada. É tudo o que posso fazer agora.... Bem, é alguma coisa! Ajuda o clima — temporariamente.

INVISÍVEL: Agora tudo é duplo. A isto tem de se adicionar outro aspeto mais aparentado com o cérebro humano e com a força de vontade. Essa é a refinação do uso que se segue depois, quando a geração interior se torna estabelecida. Mantém-se sempre o estado primário como uma associação ativa; mas a partir disto, na sequência devida e apropriada, procedes para trazer ao foco através do projetor do teu próprio poder individual.

BETTY: *Agora estou a chegar ao passo seguinte: eu atiro realmente para fora, a partir da minha confiança e clareza de objetivo, tudo o que tenho em mim de poder de vida progressivo, aquecedor e magnetizador — trabalho realmente para produzir isso ao meu redor, até que o fluxo disso alcance cada vez mais longe. É como um cobrir de todo o meu problema com esta determinação harmonizadora que de algum modo teço a partir do meu ser.*

INVISÍVEL: Todos podem fazer pelo menos isto, mesmo que cegos para o processo: isto é, contribuir com o maior derramamento que cada um é capaz de manufaturar. Por muito mal dotada que seja a sua educação ou capacidades de qualquer tipo, cada um é capaz de exercitar esta qualidade. Confrontado com um problema, estabelece logo ligação, por assim dizer — torna-se uma saída, um conduto ou um canal. Claro que exige prática para alguns tipos de mente obterem uma ação automática nesta vitalização incubadora, de cobertura e de choque sobre as coisas. Mas com o tempo qualquer pessoa pode progredir até ao ponto em que ela reluz sobre si em momentos ocasionais, com lembretes para trabalhar mais dessa forma.

BETTY: *Não consigo pensar em lado nenhum na minha experiência em qualquer crença ou religião que tenha ensinado exatamente isto. Claro que os atos que manifestam as tuas crenças são o mecanismo ordinário de progresso, mas esta questão a que chamo*

cobrir é um processo enormemente avançado de preparação para os atos que manifestam as tuas crenças. É a forma harmoniosa de os abordar. Nem sempre podemos ter sucesso nos nossos atos — somos frustrados por outros e limitados pelas nossas escassas capacidades —, mas na geração de harmonia criativa não há limites para as possibilidades de ninguém.

INVISÍVEL: Todo este esforço desajeitado de registar o que pode parecer óbvio, ineficaz ou vaporoso de acordo com o temperamento de cada um — se pudessem ver mais disso, perceberiam que é um primeiro passo, e o mais perto que podemos chegar de direcionar os vossos pés no caminho para a força criativa mais elevada. Uma pessoa desenvolvida, até uma em desenvolvimento, que tenha chegado a algum reconhecimento deste poder a expandir-se dentro de si, tem a oportunidade de o utilizar sobre os episódios mais vulgares da vida diária.

Funciona de forma muito semelhante à água solta em terra sequiosa. Não um volume demasiado grande de água ao início, mas o espírito vivificante dela a rastejar e a infiltrar-se, fornecendo em todo o lado o elemento vivificador que liberta a fertilidade armazenada na terra castanha e poeirenta. É precisamente esta distribuição suave ao teu redor da força espiritual do coração, à medida que sentes a sua expansão dentro de ti, que te ensinará a realidade das faculdades espirituais. Não é uma irrigação direcionada como o chamado tratamento mental; é mais o fluxo ascendente a encontrar o seu nível nos lugares abertos entre encorajamentos e resistências naturais.

Este é o método natural e mais bem-sucedido de prestar primeiros socorros espirituais. Expõe, ou deixa espalhar-se, ao longo do nível da tua vida as tuas próprias convicções espirituais mantidas com firmeza, talvez não expressas, mas não menos radiantes. Não saberás quando ajudas: não importará! O importante é reconhecer e utilizar este grande poder invisível: fazer a tua vida funcionar desta forma expansiva até já não ser possível contraíres-te contra os impulsos informadores da consciência superior.

Ao início, o teu pequeno fluxo sem dúvida encontrará o seu caminho apenas em esforços difundidos aqui e ali, procurando um

caminho no qual fluir. Mas, tal como a água tende a unificar-se num leito onde há menor resistência, assim também tu deves sentir o teu caminho para verter a tua consciência vivificada através do teu ambiente. Faz isto ansiosa e persistentemente o suficiente ao longo de um período de tempo longo o suficiente, e alcançarás o mais desejável de todos os objetivos, a criação de um canal de fluxo espiritual constante.

Para concluir este assunto da distribuição, ofereço o seguinte, sem comentários exceto para sublinhar o dos próprios Invisíveis: é certamente um ensinamento elevado! Mas se não espreitarmos demasiado de perto, este tipo de ponto de observação elevado oferece por vezes a visão mais abrangente de todas.

BETTY: *Este é um dos dias mais expansivos que já tive. É como se um grande íman me puxasse por força de afinidade, por um calor avassalador me extraísse do meu eu individual para uma participação consciente e alegre na vida universal....*

Cresci temporariamente para a posse de um vasto sistema nervoso empático ou perceção do coração. O pulso do mundo pulsa através de mim. O sopro da vida comum está nos meus pulmões. Todas as emoções humanas ondulam sobre mim tão imparcialmente como uma brisa sobre o oceano. Esta é uma experiência tremenda. Como hei de encarar a separação novamente?...

A mensagem está incorporada neste ponto. Tenho de a obter.

INVISÍVEL: Este é um ensinamento muito avançado. Não temos a certeza de que seja prudente precipitá-lo, mas esboçaremos o seu significado. Muito breve e rudimentarmente, é para este efeito:

O ser não desenvolvido vive no isolamento de consciência dentro de si mesmo, da sua aldeia, da sua terra, do seu país, dependendo do quão avançado está, sempre contido dentro de limites definidos de personalidade, separado de outras criações pelos confins dos seus sentidos e empatia. O homem desenvolvido é uma criatura tão diferente na amplitude das suas perceções como uma noz difere dos ventos. O homem desenvolvido pode buscar qualquer distância com uma extensão de si mesmo, a sua consciência plena concentrada em qualquer ponto

que deseje. Ele assume afinidade com outras consciências tão pungentemente como com a sua própria.

BETTY: *É exatamente como o rádio: escolhes a frequência certa e viajas nela.*

INVISÍVEL: Esta assunção empática de afinidade capacita-o com os atributos da consciência superior. E um resultado disto é que ele já não está, enquanto vive como os outros homens, restrito pelas limitações deles quanto à posição — posição no sentido geométrico —, porque tudo aquilo a que dedica a sua atenção ardentemente, tudo o que ama, ele TORNA-SE nessa entidade maior. Dá-lhe a capacidade de se difundir a si mesmo, de viajar até isso empaticamente, por assim dizer, na sua frequência individual.

BETTY: *Pode não soar a muito ao início, mas pensem no poder estupendo desta faculdade quando uma pessoa cresce realmente para a posse plena dela. Já não se ocupa uma posição focada num único ponto. As extensões do coração de uma pessoa são potencialmente universais....*

Quais são os atributos desta entidade maior, desta entidade potencialmente universal — este engrandecimento da consciência? O que pergunto a mim mesma é o que devo fazer com ela agora que estou nela — como a devo utilizar? Enquanto estou aqui, posso alcançar e vivificar os pensamentos e o coração de qualquer ser humano que alguma vez tenha conhecido. E depois? Que direito tenho eu? Como me atrevo a utilizar esse poder, e para que fim? Não consigo ver as respostas a estas perguntas agora. Apenas sei que quem experimentou este poder, mesmo que momentaneamente, nunca mais poderá ficar satisfeito como a noz na sua casca.

A CIVILIZAÇÃO OCIDENTAL tem de purificar o misticismo oriental da sua qualidade adormecida, desenvolvendo um ocultismo ENERGIZADO. Tem de agarrar com mãos práticas e fortes os princípios que, na sua maioria, apenas flutuaram pelos cérebros dos homens. O génio da vitalidade tem de ser aplicado a esta supervida que tem sido apenas um sonho de ocultistas destacados, modificando-a, energizando o ideal da vida espiritual; mas modificando também o vosso materialismo. O ocultismo conhecido como superpoder enfraquece na

civilização oriental através da inércia fatalista. Sobreposto à energia ocidental, dará grandes passos na elevação do nível das possibilidades médias de realização humana.

Precisa do elemento afetivo ou entusiástico para permitir que a força da consciência superior se leve longe, em vez de ser toda difundida ao perto. Isso exige algo definitivo fora das primeiras preocupações interiores e pessoais consigo mesmo. Até um cão, um pôr do sol ou um pássaro é um bom começo. Mas o primeiro agitar do poder criativo vem mais facilmente na saída para um companheiro de sofrimento, na ligação e empatia de compreensão do problema de outro. É a linha de menor resistência para a centelha divina procurar ao despertar-se a si mesma.

CAPÍTULO IV

FABRICAÇÃO

1

O que ficou dito para trás, eu reconheço, é uma tarefa bastante difícil. No entanto, qualquer esforço de compreensão será mais do que recompensado, pois é aí que tocamos o ponto mais a norte destes ensinamentos. Esta abordagem dos nossos problemas pela "geração interior" é o segredo de viver. Se conseguíssemos realizar isso plenamente, passaríamos a possuir um dispositivo que nos traria, quase automaticamente, todos os outros objetivos desejáveis. E de modo algum apenas objetivos abstratos ou teóricos; mas, de uma forma ou de outra, tudo o que o cabeça-dura mais prático poderia exigir.

Fantástico? De todo. Mas tampouco é tão fácil como a escola de pensamento do sentar-e-manifestar nos quer fazer crer. Para o realizar temos de o apreender: e para apreender uma coisa temos de a vivenciar — o que leva tempo e paciência. Mas funciona. Posso testemunhar isso.

2

Neste ponto há um atalho promissor, tanto mais plausível quanto, aparentemente, se dirige para terreno elevado. Muita gente, assim que começa a ter aspirações e um pouco de "conhecimento oculto", desvia-se por ele, não tão em massa, talvez, como aqueles que vão a gritar pelo

beco sem saída missionário do proselitismo, mas de forma ainda mais obstinada. É um trilho atraente, pois combina um agradável sentido de santidade com uma inclinação suave e fácil.

De acordo com os seus agentes de viagens, a melhor maneira de aliviar os sofrimentos da humanidade é retirar-se permanentemente para as solidões, mental ou fisicamente, da Vida Superior. A partir deste ponto de vantagem, a pessoa deve emitir vibrações beatíficas para o turbilhão da humanidade.

Esta ideia ganha um enorme prestígio com base em relatos algo fragmentários relativos aos "Mestres" do misticismo oriental. E há um peso considerável de evidências a apoiá-la. Mas — e este é o ponto crucial, e é também autoevidente —, para o fazer com sucesso é preciso ser um "Mestre"!

Inverter este raciocínio é perigoso — e tonto também. É paralelo ao silogismo clássico: um cavalo tem quatro patas; este bicho tem quatro patas; logo, este bicho é um cavalo. Um "Mestre" trabalha melhor como eremita; logo, se trabalharmos como eremitas, tornamo-nos "mestres". Onde está a diferença?

Desde o próprio início, os Invisíveis prepararam-nos contra esta falácia. Não, ao início, diretamente, mas em pistas — uma frase aqui, um parágrafo ali —, instando à nossa participação convicta na vida diária, desaconselhando qualquer tendência para o isolamento. Finalmente, para se certificarem de que não interpretávamos mal nem nos retirávamos para uma "radiação" solitária, lançaram um ataque frontal.

3

BETTY: (após uma pausa) *Parece haver apenas metade de uma estrutura, e não sei porquê....*

Dizem que a razão pela qual a outra metade está vazia é porque

estive a caminho de cima. Não será preenchida até eu descer. Estão a mostrar-me isto como um aviso para não me diluir, para não me dispersar demasiado....

(pausa)

Vejo isso perfeitamente agora: claro que eu não podia continuar a ser fiada a partir daquela substância psíquica sem um fixador de algum tipo. Tenho a realidade espiritual, mas agora tenho de procurar entre as coisas do mundo que já possuímos, a fim de reunir alguma imagem material das minhas convicções. Elas já não podem permanecer gerais e vagas: têm de ser especializadas, para focar, para fazer pontos de contacto. Até as mais pequeninas especializações contam — os incidentes mais simples e triviais sobre os quais triunfar. É como cortar pequenos nichos engraçados para os pés entrarem quando se escala....

É uma tarefa enorme, esta questão da substanciação, e tenho muito pouca ideia do processo de moldagem. Mas percebo a absoluta necessidade que tenho de me corporizar. Sinto-o mais do que consigo dizer: sinto o equilíbrio e a necessidade disso. A menos que o faça, vou simplesmente dispersar-me e ficar cada vez mais ténue....

A tua parte parece tão diferente. Não absorves tanto intuitivamente, mas substancias melhor. É o oposto de mim: eu absorvo mais do que sou capaz de gerir, e é um desperdício. Não é devidamente assimilado nem convertido em algo útil para os outros. É isso que tenho de remediar.

INVISÍVEL: Uma pessoa suscetível à simples pureza da consciência superior é propensa a ficar contente com o que é, na realidade, apenas a semente, e a ter pouca imaginação quanto à flor. Na verdade, estes primeiros estágios, mantidos à parte da vida e rotulados de espiritualidade, têm efetivamente uma qualidade estéril. Neste ponto do desenvolvimento do indivíduo, a fim de alcançar uma integração mais próxima com a consciência superior, muito do que são as perceções sensoriais é despojado. Em consequência, há uma perda inevitável da forma da coisa e, se o aspirante parar aí, muito pouco de produto utilizável pode resultar. É como se a semente de uma planta fosse enviada do local em que é indígena para um país distante; e como se, nesse país distante, o destinatário ficasse contente por possuir a semente e não a plantasse.

Nenhuma semente tem qualquer utilidade a menos que estabeleças as suas necessidades de cultivo. Sentes isto instintivamente, mesmo no caso figurativo daquelas pessoas que possuem uma semente espiritual que apenas guardam com fé, mas com perplexidade. E sentes o mesmo ao prestar uma homenagem instintiva à flor plena de qualquer planta, seja ela da mais humilde e terrena. Por conseguinte, embora a semente da consciência superior te tenha sido dada, tens de reconhecer que permanece a necessidade de a plantar. Estamos prestes a prosseguir, portanto, com as instruções de cultivo, mais ansiosos do que tu pela floração.

BETTY: (longa pausa) *Estou a trabalhar no meu novo problema, a tentar ver do que precisa para ter solução....*

Na maioria das vezes, pareço querer a força bruta, comum e ordinária da terra. A espiritualidade na terra é impotente sem ela: é o corpo funcional do espírito. Eles concentraram-me no espiritual até eu ter ganho uma certa quantidade e, agora, tenho de produzir a força para o fazer funcionar. Se eu continuasse apenas com o espiritual, obteria apenas uma coisa fraca que não convenceria ninguém.

INVISÍVEL: É essencial não subestimar a importância da vitalidade física. Ela tem um papel no esforço espiritual que não é claramente reconhecido. Quanto mais próximo do animal, quanto mais agressão física houver, mais conspicuamente eficaz é o indivíduo na vida diária. A filosofia e a religião, por outro lado, tendem na direção oposta, diminuindo o animal e, ao mesmo tempo, a força que funciona na vida diária. A visão que mantém o seu vigor é raro.

O principal problema do mundo atual é que os limitados e estreitos são tão ruidosos e ativos, enquanto os mais amplos e abrangentes são tão silenciosos e passivos. O colocar da vossa vitalidade em combinação com a vossa visão: essa é a grande necessidade agora. Mas não interpretem mal o que isso implica. A força combinada da visão e da vitalidade não é agressiva, ruidosa e conspícua. É simplesmente invencível, poderosa, superior na magia do seu poder de transmissão, na sua força magnetizadora, vitalizadora e vivificadora.

BETTY: *É isso mesmo: vigor espiritual; tem de se afastar de qualquer ideia de passividade. Esse é todo o problema com estas*

pessoas contidas e passivamente religiosas. Se elas simplesmente parassem de pensar em conter-se das coisas e pensassem mais em soltar-se sobre outras coisas! Não há santos alisados e passivos no horizonte de tudo; isso é um equívoco total. Muito melhor romper os limites às vezes, tentando com vigor....

INVISÍVEL: É esta atitude passiva que tem levado as pessoas a pensar que usar a consciência superior é uma forma impraticável de trabalhar as coisas. Mas é impraticável apenas quando apenas concebem uma ideia nobre e depois se sentam à espera que alguma magia a realize. O homem da força bruta, entretanto, sai à rua — talvez com muita função destrutiva e antagonismo de força não amadurecida — e parte tudo, mas realiza a coisa de alguma forma.

A combinação destes dois métodos é o que vocês querem. O primeiro passo tem de ser sempre um trabalho tremendo de geração da vossa harmonia de condições em direção ao vosso ideal; mas há também o reconhecimento do método prático de realizar cada passo à medida que se apresenta — o agarrar da oportunidade. Os melhores resultados são sempre uma questão de proporção entre estes dois — uma questão de equilibrar a visão superior com a fibra humana, para que possam efetivamente PRODUZIR os vossos sonhos e ideais mais elevados, tal como o homem prático produz os seus limitados. Esse seria o método completo do homem TODO. Tem de se trabalhar muito nesta combinação se hão de produzir a consciência superior através de uma maquinaria eficiente.

BETTY: *Pergunto-me por que razão eles têm de desenvolver tanta gente dessa forma desequilibrada. Parece que não os conseguem tornar inteiros. Têm de se especializar e depois juntar dois ou três para realizar o trabalho de uma pessoa. É difícil entender isto, mas vejo o problema que cria. Há o ideal de um lado e o prático do outro, e o trabalho é a combinação quase impossível. Isso vai ser um trabalho difícil, mas tem de ser feito para tornar o resultado um sucesso. Os sonhadores ficam aquém disso, ao passo que o homem prático prejudica a sua utilidade ao cortar-se da sua fonte de inspiração.*

INVISÍVEL: Normalmente um homem sonha um sonho e outro homem pega nele; e o sonhador despreza a sua fixação como um

materialismo inferior. O que estes ensinamentos devem fazer é abrir as portas da inspiração ao homem prático, e dar poder de construção criativa àquele que tem visão mas não a pode partilhar produzindo-a. Neste último caso, todo o processo é um desenvolvimento de fibra, tempero, estabilidade e força que, levado a cabo, tem de o FORÇAR a produzir, a materializar — ou então torná-lo agudamente consciente de que está a travar a sua visão. Pois aí ele não pode deixar de compreender o verdadeiro propósito das suas visões, e perceber que elas não são egoisticamente suas para se enterrar nelas, com desprezo pelos cegos.

É para aí que tudo isto está a levar, e esse é o ponto de ataque seguinte: este ajustamento do ideal e do prático. Com o tempo, tem de trazer aquilo que é, na realidade, o mais elevado objetivo da vida. A raça humana sempre lhe tocou nos seus grandes momentos, mas faltou a compreensão consciente. Essa é a combinação, a fusão perfeita da entrada espiritual com a corporização e função terrenas.

BETTY: *Vai ser um grande trabalho. Parece tão abrangente como parecia adquirir a consciência superior quando comecei a ter controlo. É a viagem de ida e volta — o completar do círculo.*

BETTY: (longa pausa) *Tenho de tentar contar-vos o que experimentei ainda há pouco ao ser incapaz de utilizar a força de amor ao meu redor. Não a conseguia manter condensada e moldá-la em nenhuma forma, mesmo tendo tomado a mais flutuante das asas. Tenho de explicar isto, porque temos de o entender — a dor de ganhar forma, a angústia da particularização. Sinto-me quase agonizantemente sensibilizada nas minhas perceções, e sei o que os anos vindouros me reservam no esforço de ganhar forma. Não tenho o direito de ter mais expansão. Seria como comer em excesso, ou riqueza acumulada — algo prejudicial para mim. Já tive a minha quota-parte da matéria-prima da existência eterna. Foi-me permitido durante anos experimentar a rapsódia da vida superior, mas agora venho de boa vontade sofrer a dor de moldar um pequeno verso da grande rapsódia.*

Tomemos um exemplo concreto das nossas vidas diárias. Digamos que decidimos que os nossos dias vão ser moldados em liberdade de movimento, sem cracas. E suponhamos que adquirimos a expansão do coração e estamos a competir para a viver de forma ampla,

resplendorosa e alegre. Agora chegamos ao ponto: há algo mais do que isso. Se pararmos aí, é quase uma estagnação. Temos de estar continuamente a pegar nessas próprias qualidades de libertação e empatia ampla, e a sofrer as diminuições das nossas emoções que as moldam em algo necessário no mundo, algo de apelo universal, algo próximo dos outros.

INVISÍVEL: Aprenderam a aproximar-se da consciência superior como a fonte e a alegria da vida, a unificarem-se com ela e, assim, a intensificarem os vossos seres espirituais para uma afinação mais elevada. Também aprenderam que, destes momentos de sintonização, algo raro e fino pode ser trazido de volta para uso na vida diária. Mas a coisa que ainda não perceberam totalmente é que A INTERPRETAÇÃO TEM DE SER FEITA ATRAVÉS DE CANAIS MATERIAIS ORDINÁRIOS. Nisto reside o grande segredo do uso eficaz. Até agora, tantos exemplos clássicos daqueles iluminados pelo espírito têm sido incapazes de exibir os frutos do espírito na vida diária. Vocês TÊM DE utilizar os canais da vida terrena. Não os devem fechar e procurar exibir algo artificialmente forçado, e chamado espiritualidade.

BETTY: *Tantas vezes as pessoas tentam dá-la aos outros diretamente, mas com a maioria isso não funciona. Não vos sei dizer como é que ela se humaniza para se tornar aceitável, mas parece sair-se melhor através de todas as coisas bonitas, risonhas, humanas e empáticas.*

INVISÍVEL: O indivíduo que se senta sozinho, mesmo que pensando exaltadamente, realiza pouco para a sua geração além de exemplificar a pureza da sublimidade. A limitação deste método de espalhar a influência de cada um é o seu desperdício em proporção ao esforço e à intenção. Por outro lado, o mesmo tipo de mente, capaz de entrar no fluxo da vida, de participar nos prazeres, interesses e passatempos triviais dos seus semelhantes, de se amalgamar com os seus propósitos principais — que são os seus impulsos do coração, e não as suas mentes superficiais —, a influência desta pessoa é incalculável. A sua intenção harmoniosa e o seu interesse radiante e percetivo na vida tocam incontáveis vidas além da sua visão.

A associação mais eficaz possível com os semelhantes é trabalhar em algo juntos. Isso fornece a condição perfeita para a troca e expressão de visão, caráter e capacidade. Essa é, felizmente, a condição fornecida à humanidade em geral. Mas a "Sociedade" carece desta grande coesão comum, e torna-se imediatamente demasiado individualizada, tendo de lidar com as artificialidades desta perversão. Os tipos mais elevados nela ajustam-se de acordo com os seus interesses — musicalmente, artisticamente, etc. —, com troca geral suficiente para se levedarem uns aos outros. As esferas mais baixas da Sociedade esforçam-se por substituir isso por jogos de especialização. Qualquer coisa para proporcionar um veículo concreto de expressão: essa é a necessidade última.

E por isso repito: têm de ter laços de interesse genuíno e intenso com os vossos semelhantes. Têm de os cultivar, de ser proficientes neles, se hão de alcançar algo que se aproxime da eficácia de que são capazes.

(pausa)

BETTY: *Não vou falar muito mais sobre isto. Mas esta noite visualizei para mim mesma a necessidade da dor da particularização — de pegar na bonita matéria-prima da vida e moldar continuamente algo. É o entusiasmo e a paixão da angústia da criação. Temos de perceber isto tão vividamente e com tão grande ardor como percebemos a expansão que nos liberta dela.*

OS LIVROS DE TEXTO não são importantes exceto na medida em que produzem seres humanos hábeis. Portanto, a utilidade pessoal tem sido o objetivo destes ensinamentos, mais do que o registo de técnicas. No entanto, estamos a iniciar este assunto da comunicação, e por duas razões: 1) a fim de lhe dar uma satisfação intelectual há muito adiada; 2) a fim de enfatizar um aviso.

O aviso é este: ao fazer este trabalho, NÃO AGARRE NENHUMA FORÇA DE QUE NÃO TENHA CERTEZA. Se abrisse uma mente não regulada num momento como este, obteria uma grande vaga de força que o poderia arrastar para qualquer lado. Ela varre os errantes para as sombras escuras de condições criadas pelos fortes destrutivos. Se quer proteger-se disto, tem de se manter, em geral, com uma mente radioativa

que é expansiva e definida, e não começar ignorantemente a agarrar impulsos dispersos que possam surgir.

CAPÍTULO V

SUPERVISÃO

1

As ideias expressas no capítulo anterior a este foram profundamente satisfatórias para nós. Somos ocidentais e o quietismo oriental nunca nos poderia atrair. Sentar e "emanar", ou fazer de Exemplos Brilhantes simplesmente não é da nossa natureza. Juntamente com a maior parte da nossa raça, preferimos fazer algo.

Até agora, contudo, as nossas instruções não incluíam nada de específico sobre o que trabalhar. Para ser sincero, tínhamos sido admoestados de que tínhamos de usar "canais materiais". Mas isso, afinal de contas, era apenas uma generalidade vaga. E, contra isso, tínhamos também sido avisados — e em termos nada ambíguos — contra "atos considerados" (intelectuais), ou "trabalhar a coisa nos detalhes". Havia aqui uma lacuna decidida. Quase a única pista, nesta altura, era a afirmação de que, "se este processo através for adquirido, manterá aberto um canal através do qual a inspiração virá para os atos individuais necessários". Isso parecia promissor.

A promessa devia ser cumprida em breve. No seu devido tempo, os Invisíveis deram seguimento à sua pista. As explicações técnicas, contudo, baseavam-se em certas teorias previamente avançadas respeitantes ao método das suas comunicações através da Betty. Portanto, é conveniente dar os pontos altos destas aqui. O excerto seguinte é do registo de um "encontro" e, por isso, inclui um pouco do ambiente divertido que muitas vezes tínhamos. Desta vez, o Invisível era alguém bem conhecido de todos os presentes.

BETTY: *Que forma estranha de trabalhar! Ele está a arremessar, como um lançador de dardo. Está a atirar para nós, como uma corrente penetrante e poderosa, como uma vibração elétrica, enviada para perfurar a resistência. É como segregar, ao cercar, uma porção do material denso e resistente que está ao nosso redor.*

(Neste ponto, sob a direção da Betty, S E W fez o seguinte desenho:)

[ilustração em falta]

BETTY: *É assim que somos cercados, magneticamente contidos. Ele faz isto para poder controlar essa porção fechada. Ela pode depois ser penetrada, muito como o vácuo de uma válvula de rádio é penetrado por uma transmissão.*

JOE: Reduzir a pressão contra mim é o que estou a tentar alcançar. Cercar-vos permite-me enviar a força total de uma mensagem: na transmissão ordinária ela é grandemente diminuída. O meu trabalho atual é, por assim dizer, rarefazer o ar entre nós. Por este sistema estou a tentar diminuir a obstrução interposta.

BETTY: *Registo curioso! É mesmo como uma válvula de rádio: tem de ter o seu ar envolvente e isolamento adequados.*

JOE: É quase isso. Breve, rudimentar e tosco: a força exercida deste lado é uma espécie de poder magnético. Todo este poder que consigo comandar eu coloco a cercar-vos e a isolar-vos. Isto sensibiliza-te, e a tua contribuição é uma espécie de resposta magnética. Esta tua resposta é vitalmente necessária, mas quanto mais magnetizada ficas, mais fácil é para ti dá-la.

Não posso dizer que tenha tornado isto muito claro, mas quero realmente que percebam que há um mecanismo definido para isto — não é uma coisa vaga, indefina ou ao acaso. Mas se pudessem visualizar, mesmo que vagamente, os processos em curso, seria muito, muito útil.

(Começámos a falar do Joe — de algumas das suas características — como se ele não estivesse ali.)

BETTY: *Falam dele como se ele estivesse em Podunk, e ele está logo aqui.*

S E W: É verdade! Ficamos com a ideia de que esta questão da comunicação é como falar ao telefone: pomos a mão sobre o auscultador e fazemos comentários à parte.

JOE: Graças a Deus por isso! Pelo menos não sou um Ser Angélico. Guardem-se dessa reação. Temos de ter cuidado ou vocês vão desumanizar-nos. Não queremos tornar-nos apenas memórias preciosas.

S E W: Como é que nos vês?

JOE: Vejo-vos no nosso material — como a Betty vos está a ver agora.

BETTY: *Vamos a isso, vamos preparar isto para eles, Joe. Eu ajudo-te.*

S E W: Consegues ver-me, Joe?

JOE: Ora, isso é que é uma chatice!

BETTY: *Aqui estamos nós, o Joe e eu, de pé a olhar para vocês, e nenhum de nós consegue explicar como o fazemos!*

JOE: Como é que uma emoção forte chega até ti? É, ou não é, realidade? Como é que ela se parece? Qual é a forma dela? Como é que sabes que ela está lá?

Bem, então, como é que eu sei que TU estás aí?

S E W: Eu referia-me à visão física. Se eu pusesse um berlinde a rolar pelo chão, verias isso?

JOE: É tão fácil acompanhar o berlinde a rolar pelo chão quanto pode ser; mas eu, ao tentar perceber a diferença entre a forma como eu o vejo e a forma como tu o vês... não consigo apanhar....

Eu não o VEJO; eu SEI-O.

Aqui está a tradução integral para português europeu (PT-PT), elaborada com rigorosa fidelidade ao original, sem truncagens, mantendo as marcações das notas nos seus locais originais e preservando os termos em *itálico*. Os termos com o prefixo "auto-" foram eliminados (com exceção das exceções permitidas), recorrendo a perífrases e sinónimos adequados.

S E W: Consegues desfrutar da tua sala de estar em casa, por exemplo, e de todas as coisas que nela estão, da forma como costumavas fazer?

BETTY: Ele diz que a contém. É a diferença entre caminhar numa aldeia e olhá-la do alto de uma colina. Vê-se tudo de uma só vez, e não por partes.

(A voz de Betty tinha atingido um tom invulgarmente agudo e, neste ponto, quebrou-se.)

Gostava que não me fosses guinchar dessa maneira! Fazes-me fazer coisas tão tolas e exageradas; empurras-me tanto....

Ele não me trata bem.

S E W: Devias ter mais cuidado com ela, Joe.

JOE: Tenho. Mas....

(Comportamentos de gargalhadas durante muito tempo.)

BETTY: Ele diz que eu não tenho o tamanho que ele costumava usar.

(pausa; acalmando)

Vamos contar-lhes sobre o processo, Joe: como o fazes.

JOE: Supõe que tinhas uma esponja saturada de tinta e despejavas gasolina através dela. A gasolina passaria, mas seria uma mistura; a tinta representando a tua voz física, a gasolina as ideias que estou a tentar fazer-te chegar.

Grosso modo, é isso o que acontece, assim que a coisa começa a funcionar, mas primeiro tem de vir uma preparação. Enquanto estás na tua consciência comum, as minhas ideias estão separadas de ti por um estado de não-absorção. É como uma gota de água no vidro em vez de papel de feltro. Para ultrapassar isto, tenho de contar primeiro com um desejo definido do teu lado. Sem isso, há a menor chance de sucesso. Concedido este desejo, a preparação preliminar da minha parte é afastar de ti, temporariamente, a pressão das condições normais da tua vida. Eu elevo o peso, algo como o calor a dissipar o frio. Depois de isso ser levantado, é como olhar para uma sala iluminada a partir do exterior escuro, ou para o elemento diferente de um aquário.

Esse é o primeiro processo--este cercar-te com uma atmosfera de maior potencialidade. Depois, o registo é alcançado por meio do

acasalamento das nossas consciências sensibilizadas, sobrepostas: algo como a produção de uma impressão a cores.

BETTY: Sou exatamente como uma chapa fotográfica. A ideia está lá, e eu exponho-me a ela até sentir que tenho um negativo. Depois desenvolvo-o e passo-te a ti.

JOE: Vês, a coisa toda começa com algo que tu própria crias. Se eu pudesse fazer-te compreender isto com força suficiente! Nunca se devia esquecer. Talvez te lembres melhor se pensares nisso como sendo exatamente como qualquer um dos teus outros contactos mais próximos. Toma a amizade, por exemplo: aproximas-te dos teus amigos verdadeiros com exatamente o mesmo processo de aliviar pressões, de calor nas atmosferas um do outro, de entrar diretamente em contacto com os lados íntimos deles que são menos reconhecidos pelo mundo em geral. Tudo isto é um lugar-comum ali: aceitas como garantido. Mas connosco, às vezes esqueces-te.

Neste tipo particular de comunicação, é claro, a partir daí é um pouco diferente. É algo como aprender outra língua para que possas ouvir de forma inteligível. Cada vez que desejas viajar para além do teu país atual, deves dizer a ti mesma: Estou a pensar e a ouvir na língua certa? Caso contrário, a comunicação é desesperada.

Enquanto estamos no assunto da comunicação, seria bom apontar que aqui está outro trilho sem saída com aspeto atraente. Demasiados de nós esquecem que a comunicação é meramente um meio, e não um fim. A sensação curiosa do lápis movido sob os dedos de alguém por alguma agência externa; o mistério de falar por voz direta com uma inteligência invisível convocada das profundezas do espaço;--estes são tão fascinantes que estamos demasiado propensos a segui-los unicamente pelo gosto da indiscutível emoção. Há o atrativo da pesca por estações de rádio distantes; a novidade de um brinquedo novo; e, em excesso, a alta aventura da exploração. Também, é triste dizê-lo, há demasiadas vezes um subtil afagar do ego por termos sido nós os escolhidos para tais atenções celestes!

Tão importantes parecem estas coisas, contra o nosso historial de experiência, que somos tentados a persegui-las por si mesmas. Cobiçamos "poderes ocultos", e vamos atrás deles. E o pior de tudo é

que, indubitavelmente, se o fizermos, obteremos resultados, Oh, resultados perfeitamente genuínos! Mas, a menos que ao mesmo tempo tenhamos aprendido o que havemos de fazer com esses "poderes", ver-nos-emos subitamente possuidores de algo que não podemos usar nem controlar. Pois se "nos sentarmos para o desenvolvimento psíquico", como diz o jargão, é provável que seja exatamente como se um bebé de peito se "sentasse para o desenvolvimento dos dentes"--e os obtivesse, para desconforto de todos os envolvidos!

Isso não significa que devamos prussianizar o nosso interesse e entusiasmo naturais na experimentação. O entusiasmo é um oxigénio necessário à própria vida de uma nova aventura. Mas aqui, como sempre, devemos manter as nossas proporções, e guardar-nos de correr para as coisas de forma inadequada. Considerai, disseram os Invisíveis, o crescimento pausado de uma criança.

"A cercar-vos", disseram eles, "e a pressionar-vos de todos os lados, sobre cada átomo vosso, estão miríadas de manifestações de vida. Elas esmagar-vos-iam, se não possuísseis a qualidade de resistência da máquina humana a elas. A criança está bastante completamente isolada ao início. Com cada ano, as suas perceções aumentam e ela deixa entrar mais e mais--mas *APENAS O TANTO QUE PODE CONTROLAR COM ALEGRIA*. Essa deve ser também a regra, se haveis de manter o vosso equilíbrio, no desenvolvimento psíquico."

Concedido, dizeis vós: mas como havemos de assegurar isto? A melhor resposta foi dada logo no início desta jornada: reside em distinguir claramente entre o objetivo final e o subproduto. Nenhum grau de devoção *AO OBJETIVO FINAL* nos pode prejudicar; mas a mesma intensidade dirigida a um subproduto pode facilmente queimar os nossos fusíveis. Os Invisíveis apresentaram esta alternativa muito nitidamente.

Disseram eles: "Quando se trabalha consistentemente em direção a qualquer objetivo primário, resultam legitimamente e automaticamente desse trabalho certos subprodutos acompanhantes. Estes são muitas vezes desejáveis e úteis, mas há sempre o perigo de confundir algum subproduto desejável com o objetivo final. As energias são então dirigidas intensivamente para este novo e falso objetivo, de onde resulta o desastre. Numa busca tão ricamente florescente como esta tarefa

suprema de desenvolvimento interior, estes subprodutos são naturalmente quer mais numerosos quer mais desejáveis do que na maioria das buscas. Portanto, aqueles suscetíveis ao brilho serão aqui mais facilmente desviados--especialmente pelos chamados poderes psíquicos, que são um exemplo primordial de um subproduto."

Eis o ponto, então, em resumo: o objetivo destes ou de quaisquer outros ensinamentos de valor é a aquisição, não de poderes psíquicos, mas de um *MODO DE VIVER*. Em direção a este fim último, todas as nossas buscas e esforços, todos os nossos expedientes e experiências e "exercícios", devem ser dirigidos. Um método de vida, é isso que havemos de aprender.

Que no processo façamos a aquisição de facilidade, serenidade e saúde; que ganhemos uma nova perceção, novo conforto e felicidade--e até, incidentalmente, certos novos poderes definidos; podemos aceitar com gratidão. Mas ordinariamente estas deveriam ser recompensas acompanhantes automáticas, e não fins em si mesmas. E, se formos atrás delas como fins em si mesmas, se tentarmos esta excursão a uma consciência mais elevada com qualquer ideia predominante de obter mais vitalidade, ou "poder psíquico", ou felicidade pessoal,--ou mesmo com uma ambição tão aparentemente louvável como a preparação consciente para a eternidade--é quase certo que falharemos. Estas coisas podem ser-nos acrescentadas; mas, como regra, apenas como corolário.

Pela maior parte, os Invisíveis eram reticentes no que diz respeito à técnica detalhada da comunicação. A ideia parecia ser a de que não queriam arriscar equívocos que pudessem interpor-se no caminho. Consequentemente, a nossa compreensão dela foi construída apenas pouco a pouco, maioritariamente a partir de fragmentos ocasionais em discursos ao longo de outras linhas. O seguinte é típico deste tipo de coisa. Tínhamos estado a discutir uma certa ideia marcante, tentando determinar quem a tinha "originado", para que pudéssemos dar "crédito" ao seu autor.

INVISÍVEL: Quando uma pessoa diz algo verdadeiro, não está a dizer nada que tenha inventado. Apenas dá uma certa forma e caráter a isso, é tudo. Não se pode inventar a verdade. Qualquer coisa que seja verdadeira, mesmo que pareça subitamente verdadeira, foi sempre

verdadeira. Uma das coisas de que tendes de vos livrar é a ideia de que a verdade foi inventada por, ou pertence a, alguém em particular.

Muito frequentemente, até os pensamentos ordinários que tendes não são estritamente "vossos". Por exemplo, tereis o que pensais ser pensamentos aleatórios: de onde supodes que eles vêm? É engraçado passar metade do dia a gritar nos ouvidos de um sujeito e depois ouvi-lo dizer: "Acabei de ter um pequeno pensamento engraçado." Ou deitais-vos ali, a preparar-vos para trabalhar connosco, e dizeis: "Isto sou apenas eu próprio a pensar." Sabeis que é. Mas não é; nem uma vez em mil vezes!

S E W: Estou a ficar cada vez mais tímido em reivindicar que penso ou digo *QUALQUER COISA* eu próprio!

INVISÍVEL: Bem, também não vale a pena sentir-se assim sobre isso. Nós muito frequentemente desviamos certas massas de coisas em direção à tua consciência--sim. Mas, exceto em certas circunstâncias especiais, como a presente, não é demasiado comum que te imprimamos uma ideia arredondada específica. Desviamos para ti uma certa massa ou classe de impressão, e tanto dela flui através da tua consciência real quanto a tua capacidade ou habilidade individual *DAQUELE MOMENTO* selecionar. Portanto, é realmente o *teu* pensamento, afinal de contas! Nós apenas te demos uma oportunidade favorável para esse pensamento.

O precedente, claro, é uma declaração geral. Há muitas vezes, especialmente quando há um elo próximo, em que um pensamento específico pode ser inserido. Mas o mecanismo geral de influência é apenas este processo amplo de desviar massa, da qual vós tirais, por assim dizer, magneticamente.

No próprio início, naturalmente, como a maioria dos novatos, inclinávamo-nos para a crença de que o tipo de "ditado" estritamente controlado devia ser o método de comunicação mais eficaz; mais "definido", e portanto mais "preciso".

Para certos tipos de trabalho muito especiais, isto pode muito provavelmente ser verdade; embora o âmbito seja definitivamente limitado, e a precisão muitas vezes apenas aparente. Mas para uso geral, como aprendemos no devido tempo, o método do "ditado" é na realidade

o menos eficaz. Na verdade, quanto mais elevado for o tipo de trabalho,--particularmente do ponto de vista do desenvolvimento pessoal do tradutor--menos os Invisíveis impõem controlo exato!

Por causa disto, Betty foi constantemente dirigida para uma cada vez maior confiança em si mesma. O seguinte é um fragmento razoavelmente recente, que dá um vislumbre interessante sobre o seu progresso técnico posterior:

BETTY: (após uma pausa) Eles estão a mostrar-me um método muito avançado de nos alcançar. Um tipo especial de ajuste está envolvido: o tipo de coisa que os especialistas por aqui usam para olhar para nós. Mostra o nosso mundo muito escuro--negro. Aqui e ali há pontos de brilho ou fosforescência dos mais desenvolvidos entre nós. O brilho vem, não tanto de qualquer luz própria nossa, mas da decomposição ou passagem das nossas partes mais baixas, as partes não desenvolvidas.

Agora estou a tomar o ponto de vista de uma pessoa muito altamente desenvolvida deste lado, um dos verdadeiramente grandes Radiantes. Se eu fosse um tal ser, e quisesse ajudar alguém com o brilho fosforescente na escuridão, como procederia? Ora, acho que iria simplesmente para perto e contemplá-lo-ia, e assim traria o efeito da minha radiação sobre ele.

E qual seria o resultado disso? Antes de mais nada, queimaria ou derreteria a crosta baça externa, expondo o núcleo da sua realidade. E esse núcleo refletiria então a luz da minha radiação, tornando-se assim visível para o homem. Não brilharia de si mesmo, mas poderia agora refletir luz vinda de mim; e isso mostraria esse homem a si mesmo--tornar-se-ia a si próprio visível para si.

Compreendes? Era tudo escuro para ele antes, mas agora ele pode ver-se a si mesmo por causa desta luz refletida, e pode perceber as suas necessidades e faltas e tudo isso. E então enquanto o brilho está sobre ele--e apenas aí--ele pode escrever a si mesmo sobre isso, ou falar a si mesmo sobre isso, em detalhe, exatamente sobre o que precisa. Mas tudo o que fiz foi trazer a minha radiação até ele.

S E W: É isso algo parecido com a forma como os Invisíveis trabalham connosco agora?

BETTY: Sim. Bastante deste trabalho psíquico, desta companhia, foi feito, de modo que agora eles se atrevem a permitir que trabalhemos de forma mais independente. Até um certo ponto, nós próprios aprendemos a tomar a força universal. Fazemos isto imperfeitamente, talvez, mas nos nossos momentos mais elevados pelo menos percebemos a possibilidade de a tomar inteiramente por nossa conta. Portanto, dizer que o que recebemos é uma elocução direta ou uma dádiva dos nossos Invisíveis já não é uma descrição precisa do processo--por mais carinhosamente que possa ser vigiado e as condições providenciadas para o seu funcionamento, e por mais que possamos sentir o estímulo e o afeto e a beneficência de uma influência.

É importante compreender isto. Já não nos são dadas palavras de livro de cópia. Experimentamos exprimir as nossas próprias ideias nas nossas próprias palavras. Qualquer expectativa do método antigo, exceto em emergências ocasionais, é uma retrogradação fadada ao desapontamento. Esta é uma forma de comunicação muito mais elevada e segura--uma que será mantida nesta linha, progressivamente, pelo resto das nossas vidas.

No decorrer do tempo, o método de Betty parece ter chegado a uma espécie de equilíbrio. O que o futuro reserva, claro, não pode ser previsto, mas o seguinte descreve a sua abordagem atual:

BETTY: Primeiro alivio o meu corpo em memórias agradáveis. Embalo-o ao conforto. Penso no vento nos pinheiros; ou sinto o calor do sol--perfeita paz física e desfrute; inteiramente preocupada com o meu próprio corpo. A vida que me cerca é inexistente. É como se um alçapão estivesse fechado. Estou dentro de mim mesma: contente.

Lentamente, nesse contentamento, forma-se um interesse, um desejo de expansão. Já não defino: *SINTO*. Sinto que há uma saída secreta; algo a aguardar exploração; algo altamente desejável e excitante. Reside numa direção diferente daquela por onde entrei e que fechei. Algo pode fluir para dentro de mim, e eu posso fluir para fora em direção a isso com o mesmo conforto com que relaxei o corpo; apenas dentro do conforto há desejo e força latente, libertação para um bem-estar que não posso definir em palavras. É uma essência da vida, para não ser colocada em termos menores.

Pelo momento estou bastante esquecida da vida ativa. A esgueirar-se para esta comunhão está uma nova energia; uma energia que está inconsciente de braços e pernas, de mãos, de sentidos ordinários. É uma perceção que se ilumina a si mesma. Isto é, traz para o holofote da consciência, numa visão mais ou menos completa de acordo com a força da luz, seja o que for que segure com firmeza e interesse--seja o que for que se estimule, ou seja estimulado, a segurar com firmeza e interesse.

Às vezes meramente desfruto do fluxo e refluxo. É como música, uma resposta natural de tons. Depois, no meu contentamento, sinto um padrão a formar-se. Observo; divertida, interessada, como numa exibição de cinema. Observo para estar sensível e pronta para recolher as primeiras impressões delicadas que venham. Devo recolhê-las como uma dança ao som da música em tempo com as subtilezas; pois se impuser a minha própria torpeza de ritmo, esforço-me e meandro em estupidezes.

Depois, novamente, através deste mesmo ajuste, após um tempo artisticamente adequado para me estabelecer, tento suavemente mas com firmeza apresentar com deferência um padrão meu próprio. Introduzo um motivo na música, algo de uma pequena e pitoresca composição minha; e se lhes agrada, eles apanham o refrão e amplificam-no em ricas variações. E depois, ainda divertida, dou-me a isto até estar suficientemente praticada e suficientemente forte eu própria para o repetir de volta para ti através de todas as diferentes transformações para as nossas palavras toscamente lavradas.

Esse é o método místico; o mais seguro, o mais sem perigo, o mais preciso e hábil. Há muitos outros métodos, alguns com maior facilidade; mas não induzidos a partir de si mesmo e sob controlo próprio.

A radiância cintilante da luz do sol na água, das luzes a encontrar o vidro e a prata, de qualquer iluminação capaz de ser refletida em alguma superfície responsiva, não é uma beleza completa na natureza da própria iluminação. Essa tem apenas radiância potencial até encontrar a coisa que se combina com ela e produz a realidade da radiância.

A sabedoria é a herança de experiência arduamente ganha pelo homem, mais a interação da consciência mais elevada, aceite mesmo que

não compreendida. A precipitação destas forças conjuntas através do intelecto é chamada inspiração, e é o atributo do génio.

CAPÍTULO VI

TÉCNICA

CADA escritor que se preze está familiarizado com o facto de que ele, como pessoa que planeia deliberadamente, tem apenas uma parte menor no seu trabalho. A maior parte dele, e o melhor dele, é feito "instintivamente", "subconscientemente", com "inspiração", dependendo a escolha da palavra do seu desvio de crença. Tão bem publicitado é este fenómeno no que diz respeito aos escritores que há pouca utilidade em martelar o ponto aqui. Mas que ele se obtém quanto a todos os outros homens em todas as outras vocações não é tão bem reconhecido. No entanto, é dessa forma que todo o trabalho de valor que faz avançar o mundo é realizado. E, encostado à honestidade, qualquer homem de negócios, homem profissional, estadista, irá admiti-lo. "Segue o teu palpite", como frase, tornou-se parte da linguagem. E como conselho prático precisa de pouca adição. "Acolhe o teu palpite, e examina-o", talvez. Depois, nove em cada dez vezes, vais segui-lo.

Ora, como escritor profissional, eu, o autor sénior deste livro, tinha naturalmente estado há muito familiarizado com tudo isso. Não me lembro de ser tão vaidoso a ponto de me pensar como "inspirado"; mas sabia que quando se começava, no estado de espírito adequado, as coisas vinham sem convocação consciente. Tudo o que eu tinha de fazer era estar alerta para elas, e separá-las, e utilizá-las apropriadamente. O estado de espírito adequado era essencial: mas tinha pouca paciência com aqueles que "escreviam apenas por inspiração", como lhe chamavam. Tais pessoas passavam muito tempo na preguiça sem fazer nada, à espera que a dita inspiração as procurasse. E os intervalos entre as visitas tinham uma tendência para se alongar. Eu "escrevia apenas por inspiração" também, mas a minha própria experiência era a de que se mantivesse o horário de trabalho, me sentasse à secretária de qualquer maneira, com estado de espírito ou sem estado de espírito, com inspiração ou sem inspiração, esses intervalos tendiam a encurtar. Noutras palavras, o estado de espírito podia ser induzido.

Tais eram para mim as condições de trabalho do meu ofício de qualquer trabalho de escritor. Se alguém me tivesse dito então que éramos parentes próximos daqueles que, a partir de uma base de religião, superstição, ou simplesmente loucura pura, falam de "orientação divina", eu teria vaiado.

Mas esta instrução presente, levada ao ponto a que agora chegámos neste livro, fez-me pausar. Algumas destas outras pessoas podiam estar exaltadas e ser extremistas, mas não estariam elas a atuar na mesma cadeia de causalidade? E quando eu me sentava à minha secretária, às 8:00 da manhã, não estava eu a fazer o meu ritual de invocação sem qualquer diferença *EM ESSÊNCIA*--embora enormemente no aspeto exterior--dos sacramentos, misticismos ou simples abracadabra que eu tinha julgado tão alheios? E não poderia o todo ser ordenado em algo próximo de um controlo consciente?

Começou a parecer que sim. Por um lado, a instrução de Betty parecia implicar que todas estas várias manifestações eram na realidade o funcionamento de uma faculdade específica--Algo tão definitivo como os nossos sentidos físicos. Até aqui não tinha sido para nós tão palpável como estes, simplesmente porque tratava de coisas que ordinariamente não reconhecemos, e das quais, portanto, não estamos cientes.

Betty tinha feito uso desta faculdade desde o início, em todo o seu trabalho na comunicação, mas mais ou menos inconscientemente. Agora era-lhe apresentada mais como algo a ser usado independentemente; novamente numa das suas experiências simbólicas.

BETTY: (após um longo intervalo) Estou a trocar os meus sentidos habituais por outros de uma ordem mais elevada....

Ora, é uma espécie de visão--uma sensação de visão! Muito cautelosamente, estão a confiar-me um pouco. É exatamente como luz onde esteve escuro antes; como uma sala onde se apalpou às cegas, e depois se encontrou e acendeu a luz.

INVISÍVEL: É o sentido que descobres pela união da inspiração direta com a tua mente humana. Esta combinação, persistida, gera uma espécie de visão.

BETTY: Ainda não consigo ver nada com ela. É apenas uma espécie de visão exploradora de caminhos agora. Não me é permitido ver coisas com ela, mas posso encontrar o meu caminho. É apenas um feixe penetrante de luz agora, como um projetor à minha frente....

De que outra forma poderia eu encontrar o meu caminho, se não gerasse isso? De que outra forma poderia eu saber por que caminho ir através daquela maquinaria que clama silenciosamente?

INVISÍVEL: Com maior inspiração e maior capacidade mental podes estender esse feixe de luz. Com o tempo podes também estendê-lo ao teu redor, em vez de apenas em linha reta para a frente. Tudo, cada passo, tem de ser equilibrado dessa forma. Penetração: depois expansão para a proporção.

BETTY: Estou a começar a ver a aplicação. Supõe que entras naquela fábrica barulhenta, aquele lugar terrível de elementos discordantes--esse é o mundo de visão limitada onde não podes compreender valores--e ficas confusa sobre as questões. Estás neste mundo e não podes distinguir o bem maior da conveniência presente: não podes distinguir a coisa certa a fazer. Em vez de tentares lutar através do teu intelecto, retiras-te para a consciência mais elevada e começas a tua geração interior. Isto produz um feixe de poder e luz que podes virar para o teu problema. Depois vês claramente, e encontras facilmente a tua solução.

(pausa)

Continuo a falar de *VER*, mas isso não expressa de todo este processo de perceção mais elevado. É mais como se todo o meu corpo fosse uma espécie de visão. O sentimento e a sensação aproximam-se mais disso: percebo com a minha sensação. Vejo com a minha mente e sentimentos bastante distintamente, numa espécie de absorção direta das realidades ao meu redor. É difícil fazer sentido disso em palavras, mas a coisa principal é que não estás de todo dependente de um único pequeno canal de informação. Poderias do mesmo modo chamar-lhe escutar. É disso que o Joe estava a falar quando disse que se ficares quieta e escutares, as coisas explicam-se sempre a si mesmas. É como se algo se aproximasse de ti, e se formasse, e se revelasse--algo que se mantém a distância quando não escutas.

Gostava que houvesse uma palavra melhor para isto--esta quietude percetiva que perfura todas as barreiras, as dissolve, e te liberta para tais vistas de tirar o fôlego.

INVISÍVEL: A tentativa de descrever esta faculdade dá inevitavelmente a impressão de algo vago e indeterminado. Na realidade não é nada disso. Nem a aquisição de conhecimento com a sua ajuda é uma questão ao acaso--uma mera absorção não regulada de impressões indistintas. Na prática és magneticamente atraída para aquilo de que precisas no momento--há uma pulsação natural em direção a isso. E depois esta coisa particular começa ativamente a infiltrar-se em ti: um processo intensivo de embeber. Atua sobre ti constantemente à medida que avanças, e alcança cada pedaço teu, como qualquer outra ação impregnante. Em contraste com a nossa mera instrução verbal, é como estar cá fora num nevoeiro em vez de ser apenas salpicado em pontos. É dessa forma que adquires conhecimento aqui.

BETTY: A parte estranha é que o efeito não é de uma magia estranha e avassaladora. É apenas uma magia perfeitamente ordinária de iluminação. E mesmo a iluminação vem a ti de uma forma bastante ordinária--maioritariamente através da compreensão de como utilizar todas as leis menores pertencentes às obstruções adiante.

Mas a coisa importante a lembrar sobre isso é que a *GERAÇÃO INTERIOR DEVE VIR PRIMEIRO*; porque a iluminação do método segue-se como seu resultado, e nós somos tão aptos a desviar-nos quando estudamos demasiado de perto os métodos sozinhos.

(pausa)

Gostava de saber quem me estava a ensinar hoje: ele é uma pessoa tão sábia e de coração sensível. Ele tinha um fundo tão tremendo do qual dar, no entanto deu-o tão cautelosamente, tão inteligentemente, tão meticulosamente. Também não parecia exatamente uma pessoa sozinha, mas mais como uma combinação: alguém a fazer a leitura do livro de outra pessoa, como se poderia dizer.

Não muito depois disto, os Invisíveis encarregaram-se de definir mais exatamente a ligação de tudo isto com as nossas faculdades ordinárias.

BETTY: Estou tão mudada hoje: algo está a acontecer--tão mudada hoje! Não consigo compreender como posso ser tão determinada e vigorosamente Eu, e no entanto ao mesmo tempo estar tão cheia e possuída por esta grande força que transborda e cerca tudo. A minha mente não quer empurrar para isso....

(pausa)

Quão espantoso! Fui desmontada, não fui, nestes últimos anos: muito cuidadosa e cautelosamente separada, pelo bem de desenvolver certas partes de difícil acesso na minha vida ordinária. Agora estou a ser montada novamente. Aquela parte que eles queriam desenvolver alcançou o ritmo. Havia o perigo de a deixar ir à frente das outras, por isso agora estou a ser montada....

(pausa)

Compreendo a necessidade de remontar, com certeza. Aquilo por que estou a lutar agora é para obter exatamente o lugar onde o cérebro humano pertence na combinação. Até agora eles disseram tão pouco sobre *MENTALIDADE*. Aqui é onde ela entra e encontra o seu lugar complementador.

INVISÍVEL: Simultaneamente com a consciência mais elevada devem ser exercidas as funções intelectuais, agora estabelecidas em subserviência. Cada função deve ser devidamente exercida. De agora em diante deves ter cuidado com a separação.

BETTY: Acho que eles têm estado a tratar a minha mente como um parente pobre, fazendo-me negligenciá-la e olhar para ela de alto quando eu realmente não queria! Estou muito mais confortável sobre isso, agora que ela obteve reconhecimento oficial.

INVISÍVEL: O intelecto é um mecanismo maravilhoso, e deve ser altamente respeitado. É maravilhosamente eficaz em combinação com o ser interior, mas sozinho é cego e miserável. O seu funcionamento adequado é quando trabalha com humildade como um subordinado--uma espécie de departamento secretarial valioso e indispensável. É então possível trazer para os problemas a mente inteira--as grandes, invisíveis e submersas fundações de todo o pensamento, bem como a parte menor, se bem que mais evidente, que trata dos detalhes da terra.

BETTY: Estou a começar a compreender um pouco agora. Por um lado há o ser interior; e depois há o nosso intelecto, como uma máquina maravilhosa. Essa máquina deve ser trabalhada pela outra consciência guiadora mais sábia. Se deixada sem relação ou sem guia é ineficaz--até destrutiva.

INVISÍVEL: A utilização das faculdades mentais sem a ajuda do ser interior é sempre seca, ressequida, sem vitalidade--por mais espantosa que seja a realização. Por outro lado, é também difícil ou impossível para o poder criativo da consciência mais elevada atuar sobre o teu mundo, a menos que façais de vós mesmos canais eficazes através dos quais ele possa funcionar. Para este propósito o intelecto é uma ferramenta indispensável--não podes trabalhar sem ele. Ele forma o ponto de contacto com a vida terrena--o ponto real.

(pausa)

BETTY: Lembras-te de quão perplexa eu fiquei quando entrei pela primeira vez neste outro mundo, e de como não tinha faculdades com as quais funcionar e trabalhar nele? Bem, é exatamente o mesmo com esta força mais elevada quando é trazida de volta para aqui e tem de empurrar o seu caminho através da nossa vida atulhada. Seria igualmente confusa, tateante e indefesa se não fosse pelas faculdades físicas treinadas. Deve haver mentalidade que saiba como usar esta força, como aplicá-la, para a tornar mais útil.

INVISÍVEL: Devidamente regulado, o intelecto é como uma ferramenta de corte com ponta de diamante para o vasto poder espiritual que não pode compreender, mas que pode reconhecer e por qual ser dirigido--pode aprender a dependência dele para a sua força e propósitos. Os seus finos ajustes, tão amados e desejados por todos vós, tornam-se então como as mãos do ser interior, para serem treinadas em coordenação com o seu diretor espiritual.

(pausa)

BETTY: Curioso como isso funciona na prática. Se toda a tua atenção estiver numa visão forte do espírito de uma coisa--qualquer coisa--o teu intelecto intervém como um servo obediente e bem treinado, e realiza o trabalho de produzir a visão.

INVISÍVEL: O teu quadro é bom, mas não deixes que te induza em erro para a passividade. Não fiques com a ideia de que tu *PRÓPRIA* és meramente uma ferramenta eficaz ligada a um mecanismo de poder. É apenas o teu intelecto que é a ferramenta movida a poder, a qual tu como uma artesã hábil deves ainda manipular. A tua própria posição é mais a do artista a planejar um desenho a ser realizado por esta ferramenta de esculpir. O artista tem em si mesmo a potencialidade de uma grande quantidade de desenhos ou propósitos dos quais pode escolher. Esta escolha, em associação com forças capazes de a levar para a frente, é inteiramente tua para fazer. A parte da consciência maior é primeiro inspirar e depois supervisionar a tua contribuição criativa.

BETTY: Vejo: não é como ser apenas guiada cegamente. É mais como seguir uma bússola.

INVISÍVEL: Isso é melhor; mas ao seguires a tua bússola lembra-te sempre de que o teu destino é uma forma de pensamento definida, alcançada com a ajuda da melhor informação, análise e julgamento que podes dispor. Esse deve ser sempre o primeiro objetivo. Mas também não esqueças que após os teus maiores esforços terem sido feitos mentalmente, o resultado deve ser novamente referido à consciência mais elevada para crítica e conclusão--como uma oferenda que seguras acima da tua cabeça para julgamento quanto ao seu valor, em plena confiança de que o teu melhor será aceite e amplificado.

Tudo isto, contudo, é mais na natureza de detalhe. O fator central permanece a *ABSOLUTA NECESSIDADE DE FAZER, ATRAVÉS DAS TUAS FACULDADES HUMANAS, CANAIS PARA A AÇÃO*. A tua vida, acompanhada pelo poder espiritual ganho da associação com a consciência mais elevada, pode ser bonita e inspiradora como um exemplo, mas não pode ser tão frutífera quanto pretendido a menos que totalmente desenvolvida através da tua própria perceção intelectual de como melhor aplicar o poder.

Claro, o calor do espírito é uma atmosfera impregnante, cercando e glorificando até os atos humanos mais triviais. E não há dúvida de que realiza muito em harmonizar aqueles com quem entra em contacto. Mas podes possuir este poder em plena força apenas quando ele se foca através da lente do teu intelecto.

Sempre a grande fuga do teu espírito para a realização do Esquema acima do teu alcance atual de visão deve ser totalmente exercida. E nunca deves negligenciar o exame da vida através da lente mais poderosa da consciência mais elevada. Mas depois deves pegar na inspiração que adquires nestes momentos de visão, e aplicá-la tão vigorosamente quanto possível através do equipamento mental que dá a aplicação prática. Essa parte não deve ser negligenciada, pois inconfundivelmente é o teu campo de ação atual.

A ideia parecia resumir-se aproximadamente como segue:

Gera poder por associação com a consciência mais elevada. A partir da vantagem nesta associação vislumbra claramente o fim em vista. Concentra-te nisso. Não procures por detalhes dos meios de realizar o fim. Isso meramente confunde, e é desnecessário. Eles apresentar-se-ão automaticamente se o objetivo for mantido o tempo suficiente e de forma suficientemente firme para clarificação; e podem depois ser agarrados e utilizados pelas faculdades ordinárias. Em último lugar, quando a coisa estiver feita, leva-a mais uma vez à central elétrica, a consciência mais elevada, para julgamento.

Esta fórmula ajustava-se à minha própria experiência. É dessa forma que qualquer escrita bem-sucedida, que não seja trabalho mecânico, ganha existência.

Mas os Invisíveis não estavam satisfeitos em deixar a coisa assim.

INVISÍVEL: Todas as coisas no universo fluem constantemente através de ti, aguardando apenas a tua escolha e travagem. A música, por exemplo, está toda ao teu redor, como a eletricidade, precisando para a sua manifestação apenas do aparelho para a capturar. A sala em que te sentas está cheia de música, embora estejas surdo para ela. Mas qualquer pessoa com o equipamento adequado pode recolhê-la do ar, tal como recolhes eletricidade do ar. Há muito pouca diferença: em qualquer dos casos trabalha-se para cooperar com forças não vistas. Apenas com a música, em vez de metais e vácuos e dínamos, utiliza-se a intenção, o relaxamento nervoso, a expansão da mente--a afinação espiritual que põe em operação a atração magnética da música.

Não quero complicar o quadro com mais detalhes, mas o mesmo princípio aplica-se igualmente a cada outro campo criativo. Claro, se

assim o desejar, qualquer ser humano pode permanecer sem perceção destas forças que estão constantemente a passar através dele e nas quais está imerso. Mas também, em maior ou menor grau, é perfeitamente possível para qualquer pessoa voluntariamente sintonizar-se com elas. Felizmente a humanidade em geral faz isto, até certo ponto, sem o compreender. É o lugar-comum não reconhecido de toda a realização bem-sucedida. Mas a afinação consciente e voluntária, para apanhar as harmonias da inspiração, devia ser uma questão para *EDUCAÇÃO INTENSIVA.* Apenas dessa forma vos tornareis filtros realmente eficazes para a consciência mais elevada.

Na verdade, porosidade espiritual....

BETTY: Que absurdo! De repente o meu corpo não existe para mim exceto como poros. Todo o tipo de coisas bonitas, quentes e pulsantes estão a passar e a saturar-me. Sinto-me como um caule de nenúfar!

INVISÍVEL: A porosidade espiritual é o único requisito absoluto se houverdes de bater ao génio em vez de mera esperteza--que é o *tour de force* dos vossos esforços sem ajuda. Um desenvolvimento demasiado grande no lado intelectual não admite a necessidade desta absorção. É visto como perigoso para a lógica. Mas se pudesse ser desenvolvido ao ponto onde nutrisse o intelecto, então teríamos o homem como ele é pretendido ser--como é agora em momentos de devoção a ideais.

Toda a gente que alcança a verdadeira grandeza descobriu até certo ponto o segredo desta admissão de nutrição. Na verdade, o grande segredo de todo o progresso é deixar a força universal fluir continuamente através de ti; tão frequentemente quanto possível limpar momentos na tua vida nos quais a circular intensivamente através do teu ser, estimulando mente e corpo e cada parte tua; e depois, nutrido por ela, deixar as tuas faculdades mentais planearem a sua utilização. Clareza de objetivo, persistência sem perturbação, flexibilidade em substituir

esse objetivo por formas cada vez mais elevadas à medida que a sabedoria se desdobra--estes são os auxílios intelectuais para o poder criativo. O próprio impulso criativo, do lado superconsciente, uma vez ajustado ao intelecto descobrirá os seus próprios caminhos e meios detalhados.

Lembra-te disto especialmente sempre que te desviares ou sofreres de diminuições e perplexidades. A incerteza reside na superfície da vida; a certeza vive no seu núcleo. Consequentemente, quando as coisas correrem mal, abandona toda a contemplação do teu problema em detalhe e recolhe as tuas atividades para o centro do teu ser. Ali nutre, refresca e reabastece-te através da entrada da essência vital; atraindo-a, permitindo-lhe circular confortavelmente durante um período suficientemente longo para evaporar toda a indecisão miasmática do nevoeiro. Com as tuas faculdades intuitivas vitalizadas restauradas, irás então avançar confiantemente na direção certa, surpreendido com a simplicidade do problema sob a tua iluminação saudável e revigorada.

(pausa)

S E W: O teu esquema é bastante claro, mas acho que muitas pessoas poderiam recusar o aspeto de "humildade e subordinação" dele. A ideia moderna de liberdade e individualismo rígido vai contra tudo isso.

INVISÍVEL: Uma das coisas mais finas no mundo hoje é o desejo de liberdade--mas em seu nome há tanto esforço cego e destrutivo! A liberdade não é o isolamento: a liberdade é o comando de si mesmo em ação harmoniosa com as forças ao teu redor. E quanto mais te aliares com a consciência mais elevada, mais te tornas ciente de forças maiores com as quais cooperar a fim de ganhar ainda maior liberdade.

Claro que é perfeitamente *POSSÍVEL* ir pelo caminho inverso. Pode-se trabalhar independentemente através de atividades mentais treinadas, as quais finalmente, por meio da compreensão detalhada, devem esgotar a sua área limitada e assim estender as suas fronteiras para incluir formas mais elevadas de investigação. Com o tempo, esta dissecação minuciosa e meticulosa levará inevitavelmente à compreensão dos todos, mas é um método comparativamente ineficaz de entrar no estado de sabedoria. Isto é mais bem alcançado quando as coisas são primeiro vistas como um todo, e depois a aplicação é procurada em detalhe.

BETTY: Estamos a ir ao encontro das coisas pela forma lenta e laboriosa quando trabalhamos a partir deste extremo com as pequenas ferramentas da mente. O que se quer fazer é associarmo-nos primeiro

com os poderes maiores. É tão mais fácil realizar as coisas se se tiver estabelecido esta ligação. É como ter a maré a nosso favor. Depois o trabalho dos detalhes é automático. Tem-se o plano, o poder superior, e este faz a sua própria manifestação detalhada. Pelo outro caminho está a trabalhar-se ao contrário--está a fazer-se detalhes antes de se ter o plano.

INVISÍVEL: Não se pode trabalhar nos detalhes eficazmente até se ter o grande esquema geral. Se apenas se construir tijolo a tijolo, é só quando a estrutura está terminada que se vê onde se deveria ter trabalhado em direção a ideias de beleza e maior harmonia aparentemente inacessíveis. Assim sendo, é muito melhor entrar em contacto com o plano geral primeiro, mesmo que apenas vagamente, e deixar que o todo ganhe forma à frente--ou pelo menos ao lado--da parte minuciosa, o trabalho do momento. O ajuste mais satisfatório é sempre quando há um fluxo saudável entre o ideal vastamente distante e o esforço de outro modo fútil e absurdo do inseto construtor de corais. Nenhum sentimento de inutilidade do esforço pode jamais vir a quem tem uma visão grande, quase inalcançável, com a qual se refrescar....

Vêem-se por todo o lado os resultados de dias vividos harmoniosamente: o pequeno e fraco bebé transformado no esplêndido atleta, a pequena bolota e o grande carvalho. Por todo o lado se observa o efeito do ajuste automático e inconsciente a leis mais elevadas que controlam a nossa evolução. Por que não, então, decidir viver à altura das nossas melhores potencialidades, dando uma cooperação consciente, meticulosa e voluntária com os alcances mais elevados da nossa mentalidade? A maior obstrução ao fluxo saudável do poder mais elevado está naqueles que não querem reconhecer definitivamente e conscientemente qualquer inteligência cósmica construtiva e com propósito. A falta desse reconhecimento deixa-os à deriva, por assim dizer, e coloca-os unicamente por sua conta, a trabalhar tijolo a tijolo na confusão e na dúvida.

(pausa)

BETTY: Estou a diminuir; a regressar; a escurecer.... Fui colocada no chão suavemente.

"Nenhuma visão deveria jamais ter uma parede em vez de um horizonte", disseram os Invisíveis; e em conformidade nunca nos

permitiram sentir que qualquer um dos trilhos ao longo dos quais nos dirigiam chegaria a um fim abrupto. Quando tínhamos ido tão longe nele quanto podíamos, ele ainda continuava, desvanecendo-se lentamente numa distância de infinitas possibilidades à frente.

Como todos os outros, o presente trilho acabou por alcançar o seu ponto de fuga. O seguinte é a sua vista para o futuro:

BETTY: Um passo tão grande! Nunca trabalhar sozinho. Uma ligação deliberada antes de cada ação: a realização disso é o fim e o propósito de toda a vida de uma pessoa. É tão simples e no entanto tão tremendo--exatamente como uma ligação elétrica.

Antes de começar qualquer coisa devo deixar a minha consciência cair no lugar como um elo entre o Propósito que não compreendo, e o pequeno ato de que sou mestre. É a perceção definida desta ligação e a prática dela que a faz funcionar, que deixa entrar o poder. É apenas uma ação natural de dia de trabalho--as minhas duas mãos dirigidas pelo meu espírito. Se isso fosse um hábito consumado, não haveria necessidade de erro ou perplexidade. Eu diria simplesmente ao Propósito Desconhecido: "Estou pronta quando estiveres", e manteria uma confiança firme no propósito em mãos; e no devido tempo ele seria realizado melhor do que eu poderia planeá-lo.

INVISÍVEL: Todo o segredo é fazer a tua ligação *TODAS AS VEZES*, antes de entrares em ação em minúcias e rotinas. Não há nada de realmente novo nisto. A única clarificação é o pensamento simples mas espantoso de que a lei da capacitação depende de utilizar esta ligação *PARA CADA ACTO SEPARADO*.

(pausa)

BETTY: Este é o próximo grande passo. Até o realizarmos, não muito mais será dado. Ao olhar para o futuro não parece haver tanta ênfase nestes registos verbais: é mais uma utilização do que já foi dado. Consigo ver as coisas simples com que havemos de trabalhar--apenas coisas triviais a ser feitas de forma espiritual.

INVISÍVEL: Isto não significa que tenhamos atingido o limite das nossas possibilidades. Permanece ainda uma quantidade infinita de informação desejável à espera de ser precipitada no que diz respeito à

utilização detalhada da consciência mais elevada. Mas primeiro tendes de aprender a trabalhar mais consistentemente com a vossa ligação.

Um mero fomento ou envio de influências harmoniosas não diferenciadas a partir das baterias do coração é uma questão comparativamente simples. Isso alcança inevitavelmente e infalivelmente os princípios de vida correspondentes no vosso sujeito, e desdobra-os para ele de forma bastante natural e segura. Mas o uso da mentalidade projetiva para ajudar outro por meio da vossa própria seleção detalhada é sempre um risco. Sois de imediato confrontados pelo problema de como melhor criar uma forma de pensamento assimilável sem impor restrições pessoais indevidas.

A coisa que ofereceis deve ser abstrata o suficiente para dar liberdade àquele que desejais ajudar, e ao mesmo tempo vívida o suficiente para ser utilizável como um fortalecimento da sua própria faculdade criativa. É um equilíbrio muito subtil a atingir, e nele residem graves perigos de prejudicar a própria pessoa que quereis ajudar. Uma intensidade mal colocada da mente limitada é tão facilmente substituída pela intensidade do coração, que conhece as leis mais elevadas. Depois, inevitavelmente, caís no erro de particularizar meramente os vossos próprios desejos pessoais e perceções limitadas. E uma vez que comeceis isso, estais na realidade a restringir ainda mais a própria pessoa que desejais libertar!

Isto não tem a intenção de desencorajar, mas meramente de dar um vislumbre dos problemas e dificuldades adiante. Na realidade a administração mais detalhada pode ser tentada com razoável segurança, *DESDE QUE A VOSSA PROJEÇÃO SEJA FEITA NO VEÍCULO DO AFETO*. Ela não tem então nenhum poder sustentado para restringir.

Este assunto é tremendo. Apenas através de anos de experiência e prática podem as suas leis ser provadas. É todo o grau seguinte da vida--a técnica das funções espirituais.

HOJE fiz uma descoberta. É uma coisa milenar sobre a qual já é suposto sabermos tudo, mas deve ser cortada e polida como um diamante para que tenha um novo caráter e uma nova capacidade de refletir a luz. É o facto de que se pode dar outro passo para além da expansão espiritual que existe apenas em momentos de especial ajuste e

inspiração, e torná-los momentos ordinários do dia a dia. Não é apenas uma velha banalidade: é uma lei de realização. É um ciclo, uma conclusão do crescimento. A menos que possamos absorver esta vida ordinária que estamos a viver, e controlarmo-nos nela de modo a que à vontade ela se torne espiritual e entremos no coração espiritual dela--a menos que possamos ajustar isso agora e aqui e nesta vida, então não cumprimos a lei para a qual fomos criados, não terminámos o ciclo, não completámos a tarefa. Fomos demasiado estúpidos para obter a recompensa, e apenas aceitámos o trabalho.

CAPÍTULO VII

NOVO TERRITÓRIO

ATÉ este momento tinha-nos parecido que o trilho que estávamos a seguir levava diretamente para as regiões remotas da consciência. Mas agora, subitamente, percebemos que na realidade não era de todo uma linha reta. Era uma curva, devolvendo-nos inevitavelmente aos lugares-comuns da vida diária. Na verdade, quando olhámos suficientemente para trás ao longo deste trilho, vimos que era mais do que uma curva simples: era uma espiral. A instrução que nos tinha sido dada nos primeiros dias, e que foi mais tarde reunida para compor *The Betty Book*, completou a primeira volta desta espiral. O ensinamento posterior, que estamos a considerar aqui, cobriu meramente o mesmo terreno, mas numa fase mais elevada. E tal como no nosso trabalho elementar, o arco final da curva levou-nos suavemente ao nosso próprio adro.

A maior parte deste material posterior, esta "técnica das funções espirituais", chegou até nós de uma maneira de algum modo diferente do precedente, e portanto não é apropriada aqui. Mas certos apontadores indispensáveis respeitantes às resistências e dificuldades da vida diária foram dados à própria Betty. Este aspeto do ensinamento foi introduzido, como de costume, por um levantamento geral.

BETTY: Se pudesses imaginar uma imensa planície à noite que foi usada como campo de batalha, uma área devastada; isso é o que o homem fez às suas potencialidades espirituais. Mesmos no horizonte está este brilho a que quero chegar--uma luz constante. Do outro lado está a visão maravilhosa da civilização do futuro. E aqui estou eu. Vi o

que deveria ser, e agora tenho de ajudar a fazer toda a área dessa forma. A questão é: como hei de proceder?

(pausa)

Tenho uma pista, mas é difícil de explicar. Vejo certos elementos muito simples--coisas separadas, entidades individuais. E depois vejo esses mesmos elementos unidos, feitos num composto de uma ordem muito mais elevada. Este composto tem todo o tipo de possibilidades que os indivíduos separados não têm. Vejo isso com clareza suficiente. O que não compreendo é como posso ajudar a trazer a existência do composto....

INVISÍVEL: Por forma a tatear no assunto: Como deveriam estes elementos simples ficar convencidos da desejabilidade do composto mais elevado? Esse é o verdadeiro problema. Uma vez convencidos disto, eles prestar-se-iam entusiasticamente em combinação com outros para o produzir, a fim de que pudessem partilhar dos atributos benéficos do todo resultante. A vossa tarefa, então, é ajudar a demonstrar esta desejabilidade, começando com práticas muito simples, nas quais se induza com habitualidade suficiente para transportar convicção.

Na realidade já foi feito um início na produção deste composto em escala mundial. Esta coisa a espalhar-se pelo mundo fora--esta perceção súbita dos degraus mais baixos da sociedade, unindo-se numa determinação de se elevarem a um mais alto--é a primeira manifestação do que estamos a discutir. Mas a sua aparição causa uma reação tão violenta, interpretações tão mal compreendidas, a ponto de trazer o risco de derrota completa para a causa. Esse é o fermento inevitável para a primeira precipitação desta consciência.

(pausa)

BETTY: Ao olhar para isto, não vejo como no mundo vai ser possível para os indivíduos quererem esta unificação. Mantemo-nos de cerviz tesa e afastados em oposições instantâneas e endurecidas pelo hábito.

INVISÍVEL: Esse é sempre o primeiro mal-entendido desta nova influência. Cada entidade está a tentar apaixonadamente não ser mudada. No seu medo disso, destrói cegamente. Essa é a resistência a ser

superada, e essa é a razão pela qual uma quantidade tão minuciosa de influência pode ser enviada de cada vez. Uma quantidade maior precipitaria a terra no caos. Lembra-te disto sempre ao administrar de cima para baixo.

BETTY: Vejo o perigo de não reduzir, com certeza. Tantas pessoas com visão se projetaram em detrimento da sua causa. Elas antagonizaram em vez de se aliarem.

INVISÍVEL: Há um elemento de moda aqui, que é uma boa salvaguarda. Os usos sociais estão bastante certos em proibir o nosso maçar uns aos outros com tópicos pesados ou exposição indecente da vida interior de uma pessoa. A primeira regra deveria ser nunca andar por aí indecentemente, desleixadamente a despir o teu ser mais íntimo para as pessoas.

(pausa)

BETTY: Não é engraçado como vejo as coisas! Por um lado há todas estas grandes realidades pelas quais somos aborrecidos. E depois há o corpo curiosamente restrito, tão inadequado para receber mais do que um gotejar através dele. Parece uma pena que eu seja capaz de contemplar essas realidades, e depois não possa trazer mais delas de volta. Elas têm todas de ser tão enormemente reduzidas....

Olho para a face de coisas grandes, como a honra e a confiança e a simpatia e coisas assim; e depois tenho de as ajustar a um Formigueiro. Como as introduzirias num formigueiro? Ora essa! É tão difícil atrair a atenção das formigas--não podes tirar a mente delas do que estão a fazer! Tudo o que quero é a atenção delas: eu poderia fazer a ligação se pudesse obter isso.

Qualquer pessoa que se tenha de alguma forma interessado por assuntos "ocultos" ou "místicos" conhece o coice a que se está sujeito se tentar passar este interesse a outros. Pode evitar essa forma particular de laceração, claro, ficando simplesmente calado sobre isso--o que é geralmente a melhor coisa a fazer. Mas quando se chega ao uso real dos princípios que estes assuntos inevitavelmente transmitem, já não é possível esquivar-se tão convenientemente. Fomos então confrontados com a alternativa de abandonar completamente o que acreditamos ser o nosso melhor caminho; ou de evoluir algum método prático, e não

demasiado vulnerável, de o adaptar a um mundo imperfeito. Quanto a este último, os Invisíveis tinham algumas sugestões iluminadoras.

INVISÍVEL: Ao procurar aplicar a consciência mais elevada à vida diária, a primeira coisa que devemos aprender é aceitar como garantidas as resistências e obstáculos habituais encontrados em quaisquer caminhos exceto aqueles estabelecidos e muito viajados. Quando somos muito jovens esperamos tolamente passagem livre para nós em qualquer lugar, e debatemo-nos em grande estilo quando somos empurrados por outros que possuem exatamente esta mesma ideia.

Mas com mais experiência na vida e visão elevada, aceitamos as obstruções como parte do jogo de viver. Este é um passo muito importante no progresso, pois a primeira aplicação da sabedoria é aceitar a oposição tão na sua totalidade, tão completamente, que daí em diante nem uma gota de poder de atenção seja jamais desperdiçada nela, exceto para a avaliação intelectual da sua força e o planeamento para o controlo do seu efeito.

O fator mais importante neste controlo é organizar para trabalhar a partir de um isolamento seguro. Caso contrário estarás constantemente em perigo de ser puxado para a esfera de influência da oposição e capturado pela desarmonia. Este princípio não é uma coisa nova. Na tua rotina habituada frequentemente utilizas forças destrutivas--como a dinamite, por exemplo--sem hesitação, por causa do domínio que o teu conhecimento e habilidade te dão sobre elas. Este conhecimento e habilidade constituem uma espécie de isolamento, que te impede de ficar emaranhado na esfera de influência destas forças destrutivas.

Com personalidades difíceis e destrutivas deveria ser exatamente o mesmo. Toma, por exemplo, alguém que está absolutamente seguro do seu próprio pequeno universo--que é intelectualmente orgulhoso da sua mente pelo conteúdo do conhecimento humano. Ou, o mais difícil de todos de resistir, o tipo folgazão, divertido, contador de histórias: os amáveis e charmosos conservadores que estão a fornecer a atmosfera de férias sem esforço necessária. A sua função é perfeitamente boa: Todos nós precisamos dela. Mas guardam-se as aspirações para as estrelas longe deles. Desfruta-se deles como se faz com cachorros ou bebés e coisas assim, e guarda-se a pessoa a si mesma contra eles.

Ora, o teu isolamento pode ser de dois tipos: negativo e positivo, caracterizados pela pessoa que se retrai e pela pessoa que sai para fora. No passado instruímos-te apenas quanto ao aspeto negativo--o retiro para a tua fortaleza interior. Essa conceção era o melhor que podíamos transmitir com a força de iluminação que era possível usar em ti nessa altura. E ainda se mantém boa--mas apenas para apontar o caminho para aquele outro isolamento que faz de ti própria uma esfera de influência mais forte do que aquelas ao teu redor. Esse é um isolamento positivo--um no qual tomas a iniciativa; não um levantamento de campo.

Este princípio, também, não é uma coisa nova: tu sempre o usaste em algum grau sem o saberes. Olha, com olho crítico e desapaixonado, para ti própria como apresentada em média ao mundo. Quanto registas da impressão e reflexo dos outros; e quanto registas sobre eles e os impressionas? Este é um critério muito simples de quanto já estás a usar esta capacidade criativa primária.

BETTY: Estou a começar a compreender agora. Parece algo como manter uma maneira natural e saudável num quarto de doente. Manténs simplesmente o vigor em cada pensamento dirigido.

INVISÍVEL: A queda de água limpa a mente que a contempla: a sua névoa refrescante e vaporosa reivindica o observador numa companhia temporária de queda de água. Da mesma forma o sol expande e evapora as contrações e isolamentos do corpo. É exatamente desta forma que o poder da consciência mais elevada estende a sua influência. Controla cobrindo a oposição com a sua própria qualidade.

BETTY: Isso é muito divertido; o corpo faz isso. Envolve e isola as desarmonias, tornando-as inócuas. As ostras também o fazem, ao fazer pérolas. Muitas coisas na natureza o fazem. Elas simplesmente capturam e superam qualquer pedaço de problema sufocante e irreconciliável com um manto de saúde enrolado à sua volta. É uma das melhores formas de lidar com estes pontos. Eles encontram-se por todo o lado, mas se não os podes absorver ou transmutar ou eliminar, podes sempre cobri-los desta forma. Eu não o consigo fazer eu própria, mas seres projetados para fora conseguem.

INVISÍVEL: Um verdadeiro ser projetado para fora é de uma felicidade tão superior que é muito menos contaminável pelas infeções

do mundo. A sua resistência pode ser elevada, tal como a resistência corporal é elevada. Sabes o que é o conforto da radiação de saúde física, mas não podes imaginar a alegria da verdadeira saúde espiritual. É estranho que as pessoas não a queiram--não tentem obtê-la. Moeda de grande valor ser-lhes-á oferecida, e elas preferem um tostão da sua própria cunhagem.

Mais tarde os Invisíveis tinham mais a dizer sobre este assunto de enfrentar a oposição. Aparentemente é um dos fundamentais com que temos de lidar.

BETTY: (após uma pausa) Tenho estado a estudar as possibilidades de nos protegermos por projeção. É um assunto muito abrangente...

(pausa)

Um facto positivo: em todo o universo há uma grande corrente de estabilidade absoluta, de força progressiva,--chama-lhe o que quiseres. Ao seu redor, abaixo dela, está um mar de pequenas partes vivas relacionadas, representando todas as condições de progresso em direção à unidade consciente com esta grande corrente. Como ficaram dessa forma, não sei; mas representam todas as resistências da vida--as calúnias, as atividades opositoras, as ponderosas massas de ignorância, os preguiçosos deliberados....

Ora, no início preocupou-me, intrigou-me e desanimou-me saber como poderia eu lidar com tantas ruínas circundantes e energia mal direcionada. Parecia tão sem esperança para mim colocar as minhas aspirações contra elas. Depois lembrei-me de que, enquanto eu puder manter a minha volição magnetizada ao ponto de unidade com esta grande corrente, ela encontra o caminho para mim através da clareza de visão e da revelação das obstruções. Dotada de poder através da associação com ela, compreendo as direções a tomar e meandro o meu caminho. Pagando as penalidades do contacto: oh sim! Exteriormente danificada, talvez; mas interiormente ilesa e fortalecida.

INVISÍVEL: Ao usar este método de proteção de si mesmo há realmente apenas um perigo grave: o esgotamento do teu suprimento de poder. Como a água evapora sob a influência do sol, assim a qualidade absorvente da vida do mundo diminui o teu suprimento espiritual. Portanto, o primeiro princípio a ter em mente é a constante e ininterrupta

renovação do poder. Tem inteira confiança na central elétrica, da qual és a distribuidora. A sua força deve ser constantemente mantida. Não entres nas lides desprovida desta força vital.

A evaporação da força é realizada tão subtilmente que podes nem sempre reconhecer o teu esgotamento; por isso mantém constantemente em mente a ideia da central elétrica, certificando-te de que possuis a sua sensação de força antes de tentares distribuir--ou combater. Há um perigo grave aqui de mau equipamento e derrota por nenhuma outra razão que não o definhamento da tua força pelo mundo, do qual estiveste inconsciente. Se as tuas armas te falham, é porque permitiste que assim fosse. A distribuição é tão fácil e confortável quando te sentes segura da capacidade de armazenamento.

Por isso vigia estes dois pontos: a minimização da tua sensibilidade, da tua suscetibilidade a influências adversas; e o teu trabalho na manutenção da tua força mantendo-a em associação consciente com a central elétrica. Pratica estes ao teu ritmo, para que em momentos de crise o embate da ação traga um funcionamento automático. Faz, desta forma, uma paliçada para ti mesma. Depois, em tempos de cerco, arma-te com os teus dois pontos de proteção: retira a atenção das tuas próprias sensibilidades; trabalha corajosamente com a força associada.

BETTY: Se fizeres estas coisas, o combate torna-se na realidade mais ou menos confortável e agradável! Toma uma espécie de qualidade irlandesa--qualquer luta é melhor do que luta nenhuma.

INVISÍVEL: Mais uma coisa a este respeito: a DISSIPAÇÃO psíquica não é o único mal a que os principiantes estão sujeitos. Há também aqueles que definham de ANEMIA psíquica. Estes são os que, através de uma apreensão incompleta do serviço, procuram afincadamente dar antes de possuírem. Este desejo de serviço, excelente em si mesmo, a menos que seja mantido forte a partir da sua fonte, deve inevitavelmente ir à falência através de uma vaidade não reconhecida. Assim empobrecido, perde necessariamente a autoridade da amplitude.

BETTY: Tens de vigiar isto tão cuidadosamente ao início! Estou a perceber disto agudamente no presente, porque atualmente estou a trabalhar sob a maior dificuldade que alguma vez tive. Vês, eu costumava ser como um reservatório que estava cheio até transbordar,

mas sem comportas para regulação. Consequentemente, eu simplesmente transbordava automaticamente, sem controlo, e muito ia para o lixo. Agora já não me ajudam até ao excesso, mas tenho de fazer a minha própria corrente abrindo tomadas de saída definidas. Como resultado, o que costumava ser um grande jorro é agora apenas um ténue gotejar.

INVISÍVEL: Não te deixes enganar. Este ténue gotejar é digno da tua melhor atenção--mesmo que não se equipare à sensação da corrente que primeiro recebeste e enviaste no seu caminho. Essa, claro, foi uma sensação supremamente aprazível: uma experiência da própria vida, o poder criativo fundamental. Mas não era algo que pudesses esperar manter em plena força. Ao partires com ela, deves antecipar encontrá-la travada, encontrando muitas dispersões. Naturalmente, isto é desanimador. Há uma dor artística em abandonar o reservatório cheio e a corrente forte com que começaste. No entanto, um gotejar que encontra o seu caminho contém as mesmas partículas de vida que a corrente cheia. Lembra-te disso.

BETTY: Cheguei à conclusão de que a minha única REAL responsabilidade é o gotejar, mesmo que apenas corresponda a um ponto húmido!

INVISÍVEL: Mantém-te contente. Continua a reabastecer. Continua a ir. É teu, por mais miserável que seja. Os inícios são sempre miseráveis. Mas essa é a tua etapa na grande progressão. Não há nada de invulgar nisso. Estás a trazer para dentro uma substância que é alheia ao ambiente. Sê fiel a ela, e nunca receies nenhum esgotamento. Se por longos períodos ela não aumentar, que importa? Está lá; e com o tempo, com o crescimento da sabedoria, encontrarás habilidade para um fluxo pleno.

(pausa)

BETTY: É bem típico de mim: ter um reservatório, e reduzi-lo a um ponto húmido!

Uma coisa é falar em grandes termos gerais sobre Enfrentar a Vida com um Sorriso, e outra bastante diferente é lutar com sucesso através do matagal das pequenas imperfeições humanas. Mesmo os nossos melhores amigos têm pequenos hábitos irritantes, peculiaridades físicas,

visões heréticas. Como alguém verdadeiramente disse, gostamos deles apesar de, e não por causa de. O problema de como enfrentar estas imperfeições foi um que os Invisíveis vincaram particularmente.

BETTY: (após uma pausa) Eles colocaram-me agora mesmo no meio de condições de lixo, desordem e caixote da lixeira--como aquelas áreas de aterro construídas com latas velhas. Em montões de lixo da cidade tenho visto muitas vezes esse tipo coberto por boa terra, e coisas a crescer nele.

Agora o problema é: como realizo eu isto em condições de imperfeição MENTAL?

(pausa)

Eles trouxeram-me um depósito de uma nova substância aparentada com a terra que cobre o lixo, apenas esta é uma substância mental, mais criativa. Eles dizem que podes sempre fazer isso quando as condições são de lixo--mesmo quando parecem bastante sem esperança. E se persistires nisso, não podes deixar de vencer....

Vês, uma das coisas mais fundamentais sobre todo o entulho obstrutivo com que tens de contender, é que ele libertou a sua relação com a fonte última da vida, e está a arrefecer e a morrer de decomposição. Uma vez que percebas e compreendas isto, profundamente, nunca serás tentada a perder a esperança e ceder. Pois com isto gravado na tua mente, é impossível nutrir antagonismo pessoal: sabes demasiado bem a razão para as coisas serem da forma que são. E uma vez acima do antagonismo pessoal, e ciente do teu próprio livre poder de relação com a fonte, encontras o caminho desimpedido para a introdução do material fresco, saudável e que cobre o resto.

INVISÍVEL: A este respeito poderia ser útil assentarmos algo sobre imperfeições. O grande problema com os novatos no uso da substância espiritual é que a consciência expandida tende a criar um reflexo de torpeza no seu tratamento de coisas meio formadas e imperfeitas. O seu procedimento habitual é franzir as sobrancelhas, tensionar as suas mentes, e tornar-se rígidos nas maneiras exigindo perfeição.

Ora, um dos atributos mais importantes do trabalhador hábil e verdadeiro artesão é que ele acarinha o caráter dos materiais com que

trabalha--mesmo ao ponto de utilizar o nó de uma madeira para uma decoração. Portanto, a regra número um é sempre aceitar as limitações e imperfeições do teu material--especialmente nos seres humanos. Nunca percas tempo com as suas faltas. Uma falta comentada com frieza, mesmo que o elemento de irritação seja controlado, é apenas arrefecida, fixada e privada da qualidade quente e geradora de vida que a tornaria suscetível de ser superada e transmutada. A tua atenção nela não serve de ajuda. Meramente aumenta a disjunção da consciência que estás a tentar integrar.

O que fazer, então? O melhor caminho é sempre reduzir os teus objetivos à sua simplicidade essencial, e depois procurar a cooperação do teu material, por mais imperfeito que seja. Se fizeres isto, rapidamente verás que há formas infinitas de se unirem na questão principal, sem lançares toda a tua força nos caminhos secundários da imperfeição. Nem acharás isto demasiado difícil de realizar--desde que mantenhas como teu objetivo principal a determinação de proceder com o menor atrito e a maior habilidade e simpatia, no sentido da simpatia de um artista com o seu trabalho e material.

Esta é sempre a melhor abordagem, e a longo prazo está destinada a ser a mais eficaz. Observa as vidas daqueles que foram mais longe e deram mais. A sabedoria, um tipo de compreensão terna, supera tudo o resto nas suas relações humanas--mesmo ao ponto em que parecem ter perdido toda a habilidade de censurar, e têm apenas o desejo jorrante de encorajar. Por contraste, quão desencorajante é a espiritualidade amadora!

Uma e outra vez os Invisíveis regressaram a este problema de se manter afastado de imperfeições e antagonismos. Citarei mais um discurso que parece pecualiarmente iluminador.

BETTY: Estou a olhar para a prática simples de nos aproximarmos simpaticamente dos nossos problemas de relacionamento humano. Parece tão óbvio e fácil, e no entanto estou a ter problemas em agarrar isso de forma definida.

INVISÍVEL: O primeiro ponto de ataque deveria ser a inspeção deliberada do egoísmo em cada criatura viva--especialmente em ti mesma--e chegar a um acordo com ele. O que tu desejas,

fundamentalmente, é uma fusão generosa e espontânea com outras vidas, mas há uma membrana de ego endurecida que obstrui. Esta é aquela parte tua que pode ser ferida, e que está já tristemente marcada por contactos com a vida. É a primeira coisa com que deves lidar--que deves despir, se houverdes de libertar para a ação o ser indestrutível que coopera com a força universal.

BETTY: É muito interessante olhar para a personalidade de um indivíduo dessa forma--ver a sua potência e possibilidade interiores comparadas com a sua representação de superfície. Isso torna possível ignorar os agentes de má representação do homem,--os seus hábitos, indulgências, dormências--e insistir em lidar com as suas possibilidades: considerar, não aquilo em que ele se emaranha ao tentar fazer, mas aquilo que ele tem dentro de si que quer *SER*. Devo lembrar-me de que essa é a forma de fazer com as pessoas.

INVISÍVEL: O primeiro requisito, se houverdes de realizar isto, é desenvolver um humor do coração na contemplação das fraquezas e tolices das pessoas--muito como se fica imperturbável pelas travessuras das crianças. Depois o teu exterior será capaz de brincar e apreciar e ser tão terreno quanto queiras com as suas peculiaridades, deixando os teus movimentos mais fundamentais sob a direção da tua visão interior.

Isto pode soar simples e fácil ao início, mas exigirá os teus melhores esforços. É muito difícil ser-se sempre grande o suficiente para se sobrepor a peculiaridades, para arrastar para fora o elemento duradouro em cada um--a pessoa *PERPÉTUA*,--para deitar calmamente para o lixo a parte parasita de lapa das pessoas que cria os problemas entre elas.

BETTY: No futuro tentarei pensar dessa forma--pensar nas pobres lapas como revestimentos que podem ser despidos. Afinal de contas, não faz sentido, depois de ter descartado a minha própria frente falsa, lidar mais do que o estritamente necessário com as máscaras dos homens. Devo colocá-las de lado com aquilo que despi de mim mesma, e lidar tão diretamente quanto possível. Depois estas obstruções irritantes e cinismos não me vão preocupar, porque saberei que pertencem ao lote dos meus próprios descartes. Sem utilidade em tentar lidar com eles, pois isso apenas te faz voltar para os teus próprios.

INVISÍVEL: É muito importante lembrar isto: que todos os contactos desagradáveis e difíceis com a natureza humana imperfeita podem ser confortavelmente relegados para um monte de lixo comum. Tudo o que tens de fazer é considerá-los sem crítica, como um médico sábio faria; esquecendo culpar a causa da doença, e ocupando-te apenas em manter-te longe da contaminação dela, a fim de que possas estar em posição de invocar poderes de cura. Encontrarás então bastante simples confrontar com a tua própria harmonia o problema da desarmonia.

BETTY: Agora isso está resolvido! Nunca mais vou esquecer esse monte de lixo para as fraquezas dos contactos humanos. Vai ser muito confortável ter coisas para atirar para lá; tanto aquelas que despi de mim mesma, como o que despi dos outros.

Mesmo concedidas as melhores intenções e a abordagem mais hábil, nem sempre podemos ter sucesso. Na verdade, as melhores causas sofrem muitas vezes os piores reveses. Portanto a nossa atitude em relação à derrota é muitíssimo importante. É mais do que isso: é um dos fios mais significativos no tecido dos nossos dias.

INVISÍVEL: A confiança na lei é a fé. A fé é muitas vezes chamada a sobreviver a aparentes derrotas da lei. Quando isto ocorre, examina sempre, paciente e confiantemente, a aparente derrota para encontrar uma aplicação mais ampla da lei. Ela não está derrotada. Os seus materiais duradouros estão simplesmente cobertos de impurezas. Algumas pessoas, por exemplo, ficam com tanta avidez por este trabalho que atacam pontos de peste, e são aparentemente elas próprias vencidas. Mas apenas aparentemente, e pelos padrões mais baixos.

O fracasso deves sempre considerá-lo como um passo inevitável em direção ao sucesso. Não deve ser visto como um monstro destruidor da fé. Se procurares cuidadosamente, verás que podes sempre ver ao redor dele. Às vezes, claro, deves experimentar desapontamentos dolorosos, mas a amargura destes fracassos inevitáveis deve ser lavada tão prontamente como o suor do trabalho. E uma vez que aceites sensatamente a percentagem provável de negativos nas tuas experiências, sabendo que o positivo existe, não acharás difícil considerar os teus sucessos ocasionais como uma recompensa suficiente.

A coisa importante é continuar sempre como um cientista e explorador fiel. Nunca largues os teus ideais, mesmo que não funcionem, exceto para trocar a amarração particular que tens neles por uma melhor. Nem deves jamais desistir de tratar a humanidade como se cada aspiração tua fosse também dela. A razão diz-te que todos os homens estão em etapas diferentes, e não se esperam concretamente respostas do não desenvolvido. No entanto, a atitude de chamar sempre para fora as qualidades da hombridade, mesmo de uma criança, é um padrão aceite da relação educacional adequada. Se houverdes de ter sucesso, deve ser mantida, sempre e sempre, apesar dos reveses e apesar das respostas inconstantes.

A radiância do sol nas ondas é tão brilhante como sempre, apesar do desrespeito do pescador por ela. A sua preocupação míope é maioritariamente com as suas linhas de pesca, mas sempre que ele deixa a beleza da radiância entrar nele, então há uma maior unidade na criação. Portanto lembra-te bem disto: a radiância não deveria aumentar e diminuir em poder dependendo do reconhecimento da terra. É o assunto privado de uma superfície continuamente existente quer alguém veja ou não o sol a brilhar sobre ela.

Aplicação repetida na face da derrota: essa é a fórmula. Imprime em ti mesma a necessidade de *TRATAMENTO REPETIDO* para superar o recuo. É o grande perigo, porque tantas pessoas finas ficam desanimadas, amarguradas, por não compreenderem. Vês isso por todo o lado, pois todos os indivíduos sensíveis sentem este recuo. Eles retiram-se em desespero, e nem sempre se reforçam para regressar. Examina sempre as tuas reações nas retiradas. Elas estão repletas de grande revelação. Por que te retiras? Geralmente porque não és suficientemente forte para lutar pelo teu lado.

A persistência não é demasiado difícil se as tuas antecipações forem moderadas. Por isso não partas à espera de ser lisonjeada por resultados espetaculares. Planeia apenas continuar pelo gozo de ocupar o teu lugar no esquema maior.

Haverá sempre momentos de plena realização, o florescer e a frutificação naturais a toda a vida. Isso também virá a ti no seu turno. Não é tudo tensão e esforço.

Luta-se pelos ideais de uma pessoa. Procura-se superar a oposição, tomar posse dos oponentes de uma pessoa, cumprir da melhor forma da capacidade de uma pessoa a visão particular confiada a ela. Deve-se reconhecer que mesmo no sucesso de uma pessoa se incorporou a força da oposição, como se incorpora uma substância alheia para força no betão armado. Ou no caso do fracasso, uma pessoa deu do seu melhor para temperar ou modificar o sucesso dos outros, o que é talvez meramente e temporariamente necessário para a maior estabilidade do todo. Em geral uma pessoa faz a sua parte, sempre consciente de que os resultados finais serão revistos por um julgamento mais elevado.

PROCURA as tuas ambições e contempla-as. Levanta-te e revela-te pelo que és. Só assim a sabedoria e a orientação própria são obtidas. O que tens a contribuir da tua destilação da vida? O que tens a força de tomar das suas substâncias duradouras? Reúne-te. Utiliza as tuas forças. Um universo sem limites de um êxtase inimaginável cerca cada um de nós, procurando uma relação cada vez mais próxima. O momento é agora para enfrentar a sabedoria última da consciência divina, lentamente obtida.

Aqui está a tradução integral para português europeu (PT-PT), fiel ao original, sem truncagens, respeitando as marcações de notas e o itálico original, e sem utilizar termos iniciados por "auto-" (mantendo as exceções permitidas).

CAPÍTULO VIII

PAÍS PARA LÁ

ISTO completa o esboço principal do ensinamento que nos foi dado pelos Invisíveis. Uma quantidade de material permanece intocada nos nossos "registos", mas é mais na natureza de detalhe, quer prático quer cosmológico. Como tal, aqui apenas confundiria as questões principais, e deve ser reservada para uma possível publicação posterior.

Em conclusão, acho que certas explicações estão na ordem do dia. Este livro foi tornado possível apenas através do trabalho pioneiro de Betty. Foi ela quem fez o trabalho realmente difícil e ingrato de abrir

caminho. Nós simplesmente seguimos ao longo com a caravana de carga, guiados pelas cartas que ela forneceu.

Por que, então, apresentámos tudo isto do nosso próprio ponto de vista, mais mundano? Em parte, como já foi explicado, é porque esta abordagem e modo de progresso individuais são mais típicos da grande maioria do que é a experiência bastante especializada de Betty. A sua subida aos céus, parece-nos, é algo de especial; algo a não ser tentado pela maioria. Mas em parte é porque sentimos que desta maneira podemos oferecer um testemunho valioso quanto à precisão das cartas de Betty: fazer um pouco melhor do que meramente exibi-las. Alguns dos trilhos aqui descritos nós calcorreámos para trás e para a frente tantas vezes que provámos a sua realidade. Até um certo ponto nos ensinamentos nós conseguimos realmente realizar, e com um grau razoável de certeza. Sabemos que funcionam porque os experimentámos com sucesso. E esse sucesso deu-nos confiança no traçado do percurso adiante feito por Betty.

Com isto não queremos implicar qualquer realização pessoal importante. Nos nossos inícios de caloiros estávamos inclinados a ser moderadamente vaidosos, mas há muito que ultrapassámos isso. Agora podemos ver que nem sequer fizemos um início. Estivemos meramente, como dizia o preto, a preparar-nos para começar a iniciar. Quanto à vida real, para lá da escola preparatória, não estamos mais qualificados para falar do que qualquer outro estudante universitário.

Por outro lado, isto não significa que estejamos insatisfeitos por estar onde estamos; ou que estejamos impacientes por "começar a andar". É simplesmente que viemos suficientemente longe ao longo do caminho para perceber que, onde quer que se esteja, a estrada imediatamente à frente estende-se plana e longa. É apenas na distância azul para lá que se traça o vulto dos picos--até agora--inacessíveis. É apenas em retrospetiva que se percebe que este ponto, onde se está, ele próprio pareceu uma vez alto e inalcançável.

Esta nossa estranha jornada em direção à eternidade não é dissemelhante de uma viagem a cavalo através dos espaços do Arizona. Citarei o que quero dizer a partir de algo escrito há trinta e tal anos.

"Após algum tempo chegámos a algumas colinas baixas capacitadas com o afloramento de uma escarpa de rocha. Até então tinham parecido uma terminação do Monte Graham, mas agora, quando cavalgámos ao redor delas, descobrimos que estavam separadas da cordilheira por umas boas cinco milhas de planície inclinada. Mais tarde olhámos para trás e teríamos jurado que faziam parte do Sistema de Dos Cabesas, não soubéssemos nós que estavam a pelo menos oito milhas de distância daquele baluarte rochoso. É sempre assim no Arizona. Desenvolvem-se espaços de cuja existência não se tinha a menor intimação....

"O país era aprazivelmente ondulado e coberto de erva. Ao fundo, numa distância remota, jazia uma linha escura e delgada através da planície. Esta sabíamos ser mesquite; e uma vez entrados, sabíamos que ela também se podia espalhar vastamente. E depois este declive relvado, no qual agora cavalgávamos, mostraria meramente como uma insignificante tira amarela. É também assim no Arizona. Cavalguei em sucessão através de terra de relva, terra de arbustos, terra de flores, deserto. Cada um por sua vez parecia preencher inteiramente o espaço das planícies entre as montanhas." *

- *Arizona Nights*.

Assim aqui: a fase de perceção através da qual nos estamos de momento a mover preenche até aos limites do nosso mundo visível, de modo a que a sua passagem nos traga ao nosso horizonte. Mas não preenche, na realidade, o nosso cálice; e acabaremos por olhar para trás para ela como "uma insignificante tira amarela".

Não haja erro, contudo. Isto não é uma perspetiva de esforço desencorajante, infinito e estéril para alcançar algo que irá eternamente esquivar-se. Pelo contrário, cada passo do caminho é interessante e recompensador. Não fomos, para repetir, muito longe; mas já fomos bastante pagos em excesso. Há pouco sentido em tentar catalogar todos os ganhos e recompensas que garantem esta crença. Baste que qualquer um de nós sente que teria sido uma catástrofe positiva se tivéssemos sido capazes por alguma magia de dar um salto para este ponto; pois teríamos então aqui chegado tão mal equipados que teríamos apalpado às cegas numa exploração posterior sem olhos para ver. Pela sua própria natureza, esta nossa expedição não é uma corrida tensa para uma meta distante,

mas um saborear do caminho. Pois sem o pleno saborear *NÃO HÁ META*!

Uma das verdades mais profundas e satisfatórias, que é uma das recompensas do caminho, é que deveríamos estar sempre encantados por não ter alcançado nenhuma meta importante, e por haver ainda tanto mais para fazer. De que outra forma havemos de obter a nossa paga? Quando um trabalho acaba, os salários cessam. A juventude salta ansiosamente, demasiadamente ansiosa, para o fim que vislumbrou. É precisa maturidade para perceber que a culminação é uma coisa a ser tocada finalmente com apenas um pouco de pesar. Pois afinal de contas, por muito contentes que possamos estar com um acampamento confortável em direção à noite, a emoção da manhã está em perceber que o trilho continua e continua, para dentro de mais, e ainda mais, país para lá.

QUERO que saibas que está tudo aqui: tudo o que irás encontrar em qualquer lugar está bem aqui neste mundo. Por exemplo, neste momento tenho toda a alegria e expansão e poder que vem de ser da substância superior chamada espírito, mas ao mesmo tempo estou numa rua sombreada de pequenas casas de jardim, toda folhosa e lilás, com sombras e flores a cair. Está tão pronto aqui como em qualquer lugar para ser tomado....

Agora estou sobre um mar suavemente ondulante, um mar de cintilações e roçagantes brincalhões--calmo, a respirar a vida de peito fundo de gente sabedora do oceano. É muito bonito aqui, mas acho que encontro mais espírito grande nas montanhas. Os seus topos estão em rara e pura luz do sol, e todos os elementos grandes são seus companheiros de brincadeira--gosto dos grandes penachos de trovão que usam nas suas cabeças. É fácil encontrar o espírito das coisas ali.

Encontro-o, também, nas areias de luz mutável e pesadamente amassadas do deserto, com toda a sua sabedoria imperturbável e beleza estoica de indiferença--uma sereia distante da eternidade.

CAPÍTULO IX

PRESTO TESTEMUNHO

HÁ quatro meses o manuscrito deste livro foi colocado na forma final e enviado para os editores. E assim se completou outra volta inteira na espiral do trabalho de Betty. Mas não, aparentemente, o trabalho em si. De acordo com os Invisíveis, algo disto permanecia ainda por realizar--algo que eles se recusaram a definir, exceto que era diferente do que tinha ido antes.

"Como uma flor", disseram eles.

"Uma flor?", perguntou Betty.

"Algo que ocorre no fim do esforço, como uma demonstração para os outros. É um atributo natural da tua realização. Claro que poderias continuar a viver como estás, mas depois não poderias ter a demonstração no topo do teu empenho."

Naquela altura o verdadeiro significado disto escapou-me por completo. A minha interpretação foi a de que Betty estava prestes a começar outra espiral de instrução, com a diferença que eles mencionavam a aparecer largamente no tratamento. Consequentemente, quando ela foi alcançada apenas duas semanas mais tarde por uma doença grave e dolorosamente desgastante, fiquei convencido de que o sucesso do trabalho exigia a sua recuperação. Parecia-me que a derrota neste ponto significaria que tudo o que tínhamos construído através de todos estes anos, e que tantas pessoas tinham tomado de nós e acreditado, ruiria em descrédito. E por isso lutei com todos os meios ao meu dispor para a segurar longe da Grande Aventura.

Outro forte incentivo à batalha, claro, era o nosso pavor natural da separação. Não me vou alargar sobre isto, mas é necessário tocar nisto o suficiente. Estávamos casados há trinta e cinco anos. Nesse tempo tínhamos estado separados por apenas três períodos de qualquer duração: duas vezes durante as minhas explorações em partes desconhecidas da África Central; e uma vez durante o meu serviço na Guerra Mundial. Tínhamos enfrentado juntos as aventuras da vida, e elas tinham sido variadas: anos de viagem a cavalo de carga nas Rochosas e Sierra; os campos de gado do Arizona antes de o cinema chegar; catorze meses em África; dezassete temporadas no Alasca--aqui, ali, e em todo o lado nos cantos selvagens e mansos da terra. E aventuras também entre pessoas, e

ideias, e durante vinte anos o pioneirismo nestas estranhas e ténues regiões da consciência mais elevada.

No decorrer desta última exploração tínhamos finalmente chegado à convicção assente de que a separação permanente é impossível. No entanto é apenas humano temer a partida temporária: contemplar um tal ínterim como algo soturno a ser suportado. Sinto a certeza de que esta era uma consideração mais forte comigo do que com ela. Há sempre uma diferença entre qualquer convicção, por muito profunda, que é alcançada por estudo e inferência; e a crença compreensiva que vem de experimentar diretamente a própria coisa. Durante anos Betty tinha estado a correr para trás e para a frente para a outra consciência tão fácil e naturalmente como um gato para dentro e para fora de uma casa--lembrem-se dos seus vários ensaios de morte experimental--enquanto eu tinha permanecido do lado de dentro apenas a olhar para fora. Que ela devesse enfrentar a sua transição final para esta consciência com serenidade, então, era apenas de esperar. E era igualmente inevitável que, apesar de qualquer quantidade de filosofar, permanecesse nas profundezas do meu ser, essencialmente não modificado, o medo primitivo da morte e da separação.

Consequentemente, percebo agora definitivamente, o incentivo mais forte de Betty na sua luta era eu próprio. Isto não era claro para mim então, ou a minha própria atitude poderia ter sido diferente. Ela não podia prever como eu reagiria à sua ida, e estava relutante em queimar as suas pontes. Por mais de dois meses foi exatamente isto que a segurou, apesar da maior dor e em face do que deve ter sido uma tentação quase avassaladora.

"Eu poderia ir tão facilmente!", disse-me ela, "a qualquer minuto. Tenho de lutar contra isso durante a noite." Ela perguntou-me um pouco nostalgicamente, "Se acontecesse dessa forma, tu não te importarias demasiado em deixar-me ir, pois não?"

E eu, na minha ignorância, respondi enfaticamente:

"Importar-me-ia com toda a certeza!"

Dois meses passaram e ela ficou cada vez mais fraca, até que finalmente a estrutura física ficou gasta ao ponto em que apenas o seu espírito lutador a segurava. Por esta altura ela podia apenas sussurrar

uma palavra de cada vez, reunindo forças para cada esforço. À noite o médico veio à casa. Levei-o a vê-la, mas não estava eu próprio a olhar para ela, quando o ouvi exclamar: "Meu Deus! A mulher ainda sorri!"

Então pela primeira vez me permiti nutrir uma dúvida quanto à sabedoria da nossa persistência. Que trabalho poderia haver que valesse tal sofrimento? Um pouco mais tarde Betty fechou os olhos. Não estávamos certos sobre se ela estava consciente ou em coma. Fui para outra divisão, sentei-me numa cadeira confortável, e "projetei" na direção dela tão fortemente quanto pude estas palavras:

"Estás agora onde podes decidir se o trabalho exige ou não que fiques aqui e suportes isto. No que me diz respeito, liberto-te de bom grado. Tomar-te-ei pela mão, irei contigo tão longe quanto puder, e colocá-la-ei na mão daquele que está à espera."

Um minuto ou pouco mais tarde o médico veio dizer-me que tinha acabado: que subitamente Betty tinha falado alto, tão clara e alegremente como tinha sido sempre o seu hábito.

"Está tudo bem", disse ela. "Tive uma conversa com o meu rapaz. Podem levar-me agora."

Agora vem a parte que quase desespero de assentar adequadamente. Mas é a grande coisa, e devo tentar. A minha primeira reação momentânea foi de alívio por ela já não precisar de passar por tais agonias. A seguinte foi uma ténue mas crescente surpresa por a apreensão da morte como um véu escuro, uma barreira impenetrável, uma divisão afiada ter sido levada num sopro. Tornou-se tão fina como uma névoa. Em vez de ser uma coisa grande e portentosa, era realmente um detalhe comparativamente sem importância e trivial, afinal de contas. Depois, à medida que os minutos passavam, fiquei literalmente espantado por todas as coisas que eu tinha estado a temer, e a preparar-me para elas, simplesmente não estarem lá. Pois estava a tornar-se cada vez mais, mais gloriosamente, evidente para mim que a única ameaça séria de morte não existia.

Isto seguinte é muito difícil de transmitir. Deixem-me ver se posso dar uma vaga ideia.

Conhecem a sensação acolhedora e íntima de companhia que se obtém às vezes quando se está na mesma divisão; talvez cada um a ler um livro; sem falar; nem sequer a olhar um para o outro. É ténue, uma coisa evanescente--uma que nós demasiadas vezes falhamos em saborear e apreciar. Às vezes, na verdade, é preciso uma noite ou duas de solidão vazia para nos fazer perceber quão substancial e importante ela realmente é.

Depois, por outro lado, sabem como se fica mais próximo por meio de coisas que se fazem juntos. E ainda mais através da conversa e de tais trocas mentais. E mais do que tudo, talvez, nas várias relações físicas de amor e casamento.

Ora, quando se pára para pensar nisso, todos estes últimos contactos materiais, ao longo de toda a vida, têm na raiz e em essência como objetivo realmente apenas uma coisa: aquela rara sensação interior de companhia sugerida debilmente na ideia do sentar-ao-pé-da-lareira. É por isso que nós realmente andamos a apalpar em todas as relações humanas amigáveis e de amor, dificultados pelo facto de sermos pessoas diferentes mais ou menos abafadas uns dos outros pelas barreiras do encerramento no corpo.

Bem, dentro de muito poucos minutos essa companhia inundou todo o meu ser a partir de Betty, mas numa intensidade e pureza de que eu anteriormente não tinha conceção. Era a mesma coisa, mas cem, mil vezes mais forte. E percebi que isso mais do que compensava pelo pequeno facto de ela ter dado um passo para o outro lado, porque era a coisa pela qual todas as nossas atividades físicas juntos tinham lutado, mas--comparadas com isto--tinham ganho apenas debilmente e em parte. Por que não? Na realidade estava a fazer perfeitamente o que todas estas outras coisas tinham apenas tido como tentativa apalpada. Por isso que uso tinham as outras coisas? e por que haveria eu de sentir a falta delas?

Soa isto a fantástico? Talvez; mas é tão real e sólido como a cadeira em que estou sentado. Tanto assim que nunca na minha vida estive tão cheio de pura felicidade. Nenhum desespero; nenhuma devastação; apenas uma felicidade mais profunda do que a que experimentei com ela alguma vez antes, salvo nos breves momentos em que tudo se harmonizava em realização.

E mais ainda: durou, e está comigo sempre.

Isto, acredito eu agora, é a "grande flor" de que os Invisíveis falaram; o significado final a que todos os vinte anos de trabalho de Betty deviam levar. Aqui está a sua prova concreta de uma recompensa que pode vir àqueles que seguem nos seus passos, a sua evidência final de que o seu instrumento forjado ao longo de vinte anos é suficientemente forte para resistir ao teste supremo:

Claro que não me iludo com a ideia de que aqueles que perseguem os ensinamentos de Betty até esta culminação vão ser capazes, todos eles, de ganhar este ponto de vista em face da perda. Nem todos eles, nem completamente. Mas é uma demonstração de que isso pode ser feito; e é o precursor do que será, um dia, a experiência universal daqueles que seguem o trilho que ela abriu através do desconhecido.